3 1761 07045886 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/searanova00rapo

SEARA NOVA

NOTA — *O título dêste livro estava escolhido desde 1919 e tornou-se público na resposta a um inquérito literário, na edição do* Diário de Notícias *de 5 de Março de 1920.*

Nenhuma sugestão o autor poderia, pois, ter recebido da designação idêntica por que se tornou conhecida uma sociedade comercial de livraria que ha poucos meses se constituiu na praça de Lisboa.

DO MESMO AUTOR:

COIMBRA DOVTORA (1910).
BOA GENTE (1911).
A EXPRESSÃO NO TEATRO (1912) - fóra do mercado.
LIVRO DE HORAS (1913).
SENTIDO DO HVMANISMO (1914).
A QVESTÃO IBÉRICA — A LINGVA E A ARTE (1916).
OVTRO MVNDO (1917).
ANA MARIA (1918).
CARAS E CORAÇÕES (1921).

A seguir:

AREIAS DE PORTVGAL.

HIPÓLITO RAPOSO

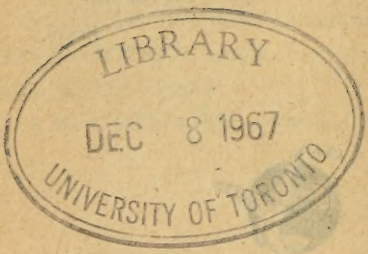
SEARA NOVA

On ne doit jamais écrire
que de ce qu'on aime.

RENAN.

LVMEN
EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA
LISBOA — PORTO — COIMBRA
Sede, 132, Rua do Ouro, 138
—
1922

PQ
9261
R32S4



Composto e impresso nas oficinas da "LVMEN,,
R. Ferreira Borges, 103 a 111 — Coimbra

LVDIBRIA·VITÆ

Á MEMÓRIA
DE
MEV IRMAO FRANCISCO
QVE POR SVA MÃO
ME ENSINOV A ESCREVER:
Á ALMA DE AQVELE
QVE EM MIM ACREDITOV E ESPEROV,
DANDO-ME EM SEV EXEMPLO PVRO
A VIRTVDE DE AMAR
A TERRA DO NOSSO BERÇO,
EM ACÇÃO DE GRAÇAS
O EX-VOTO DÊSTE LIVRO
CONSAGRO.

I

VASCO DE BRITO

I

AQVI SE VÊ LISBOA

Naquele entardecer de Março, Vasco de Brito cortou o ruido e a poeira do Chiado por entre dois risonhos chapeus de primavera, entrando na Pastelaria Marques com um livro na mão.

Salvo, por milagre, das rodas e dos encontrões, praguejando ainda surdamente contra o tumulto, viu erguer-se de uma mesa com dois brados de alegria, os braços robustos como barrotes, do seu condiscípulo Bernardo de Mendonça:

— Oh! Vasco! Tu em Lisboa?!

— Eu mesmo, sem procurador, desta vez...

— Podias ter morrido ou apareceres aclamado rei da Etiopia, já ninguém o estranhava!

Estás belo, sólido! Senta-te, homem.

Ah! — os meus amigos António Saldanha, Vaz Ramos.

— Muito prazer.

— Creio que ainda fomos contemporâneos em Coimbra.

Vasco de Brito que nenhuma lembrança tinha de António Saldanha, limitou-se a dizer:

— Sim, é possível. Eu formei-me há uns oito anos. Sete ou oito, Bernardo?

— Sete, homem. Sete! Vai para oito. Não pretendas correr mais do que o tempo. É em prejuízo teu...

Na primeira aberta que teve para introduzir a sabedoria clássica, sentenciou, sorrindo, Vaz Ramos:

— *Fugit irreparabile tempus*... É de Fedro.

— Quere dizer o seu latim que ninguém excede o tempo em velocidade, não?

— Não é bem isso: o tempo é irrecuperável, ninguém o prende à passagem, porque o seu destino é fugir, sem parar.

— Ah! sim. Aí está um profundo pensamento.

— Tomas chá? Outro chá, ó rapaz. *Profundo pensamento,* dizes tu. Êste Ramos é um chavão em letras latinas. Has de gostar dêle. É capaz de te recitar aqui o Lucrécio, de ponta a ponta.

— Juro-lhe que não o destinarei a tamanho suplício. Exageros do Bernardo.

Por sua vez, António Saldanha, ageitando o monóculo, confirmou:

— É o padre-mestre cá do grupo. *Homo doctus dicendique peritus...*

— Mas tu em Lisboa?!, continuava Bernardo. De onde vens? Para onde vais, ó cavaleiro andante?

— Da Beira. Da Beira venho, para a Beira volto.

Estou no Ingarnal, ha seis meses.

— Ha seis meses! Oh! monstro inconcebivel e ingrato! Todo êsse tempo encovilado nos penhascos, sem uma letra aos amigos! Parece impossível! Não tinhas ocios? Não entrou o tédio nos teus sentidos? Espécie resistente, a tua! Vamos lá! Ou será tão espessa a camada de parisina que resista ao roçar do granito?

No seu sorriso frio, Vasco de Brito ia suportando esta tempestade de admiração.

Por último, com submissa indolência, esclareceu:

— Sei lá! O que te digo é que não escrevi nem li nada. Mas trabalhei, isso é que é verdade.

Não li nada, não é exacto. Bastante li e reli, mas coisas que não interessam vossa intelectualidade, livros e revistas de agricultura, catálogos...

— Oh! Vasco, tu vens absurdo!

Gozando o espanto do amigo, no mesmo sorriso reservado, Vasco de Brito insistia: sim, estava mudado, feito um labrego, um grosseirão ao contacto da leiva; e por isso

queria anunciar-lhe que agora era lavrador, que se sentia sinceramente lavrador.

Viera a Lisboa por causa de uns arados de ferro, ia romper umas junqueiras virgens, secar um pantano, para que a lama fôsse trigo. De caminho, mandara fazer uns fatos, via-se andrajoso, com a roupa no fio.

— Bem, bem. Se entraste na vida séria...

— E isto também é agricultura? — perguntou António Saldanha, voltando curiosamente o volume que Vasco trouxera da Livraria Bertrand.

Os olhos de Bernardo iam estoirando de pasmo:

— Oh! Tu compras isto? Vocês reparem nêste desperdício: *Como elas enganam... Como eu engano,* é que deveria ser. Êste indivíduo é um filisteu execrável, um retalhista das letras...

Vaz Ramos que detestava Costa Lemos, o autor, pela irreverência dos galicismos, acudiu a informar:

— Ouvi dizer que já tinha fechado contracto com um jornal qualquer para escrever um folhetim intitulado — *Mulheres de armas,* sôbre duas marafonas que também na revolução foram heroínas.

— Êle é capaz de tudo!, rematou sonoramente Bernardo de Mendonça. A literatura está falha. Falha como a moeda e as ideias. Um pavor!

Relendo o nome, para se certificar, Vasco de Brito perguntou então:

— Mas êste rapaz Lemos não era o plumitivo que as indicações da Academia impunham para redigir clamorosos manifestos ao País?

— Era, mas nunca deveria passar daí. E não passou, nota, a não ser algum dinheiro para o bolso: o preço dos alugueis. Mal empregada pecúnia que tu deste!

— Oh! filho, mas, se te ofendes, vou lá trocar por outro livro. Não quero o contágio desta pestilência...

Todos riram, emquanto António Saldanha convictamente afirmava:

— O sr. Vasco de Brito chega de fora, não sabe o que por aí vai. A chamada geração nova, nos elogios oficiosos dos jornais, divide-se em duas matilhas, uma a lutar pelo sceptro do Eça, outra pelo do Fialho. Como quem disputa um osso.

No seu desejo de confirmação, Vaz Ramos ia dizendo:

— Gente sem cultura humanista, rebelde a toda a disciplina, sem simetria de formas.

— É verdade. Uma grande miséria. Lisboa está impossível. Só se vêem mulatos e deputados!, bramava Bernardo de Mendonça.

Sem perder um momento para desacreditar os poderes do Estado, António Saldanha acudiu:

— E mulatos deputados. Quási todos. A soberania do povo mudou de côr. É parda. Outras vezes côr das trevas, por dentro e por fora. Um charco!...

— Mas desviemos a vista do charco e conversemos à borda, cortou Bernardo. Demoras-te em Lisboa?

— Talvez uma semana. Já cá estou ha três dias, no Hotel de Inglaterra. Tenho-me aborrecido temerosamente. A rua de Lisboa é só água suja, a marulhar.

Não se descobre uma cara conhecida. Foi redentor o teu encontro.

E tu, que tens feito? Tua mãe, tuas irmãs?

— Não sabes? Minha mãe ha dois anos que morreu. A Laura casou com um rapaz do Porto, o Joaquim de Castro. Deves lembrar-te, um grande jogador de *tennis* que se formou em matemática, no nosso tempo.

— Sim, tenho ideia.

— A Elisa, essa vive comigo. Comigo e com a *Miss*. Como vês, sou chefe de família, encargo que tu não conheces nem desejas por certo.

— Olha, estás enganado: hoje sou teoricamente pelo casamento canónico, pelo aconchego do lar.

— Tu, o cosmopolita?

— Eu, o regenerado...

— *Teóricamente*, sim. Literatura. Moda de eterno disfrutador...

E sem atender ao gesto sincero de Vasco, Bernardo de Mendonça continuou:

— Sabes quem às vezes me tem escrito, a saber de ti? As Maias, as senhoras Maias, de Coimbra.

— Pois ainda vivem?!

— Musgosas como a Sé Velha.

— E já tornaste a ver a espada do mano general, insígnia gloriosa de que ainda ha lampejos heroicos no sertão?

— Deixa-as, coitadas. Bem bastam cinco anos de flagelo. Mas olha que, apesar de tudo, eras tu o menino querido do grupo das quartas-feiras.

— Sabes? Tudo isso me parece tão longe como a eternidade!

— Lembras-te da noite em que sacrílegamente lhes furtámos a espada e o chapéu armado e os dois abalámos, tu de general, eu de veste de penitente, pelas vielas da Alta, à procura da Idade-Média?

— Perfeitamente. Tu parecias um

duende, a boiar na sombra. Que maluqueira! Depois, a perseguição da polícia, o cabo 7, o discurso do comissário, quando da nossa rendição...

Foi um belo e saboroso escandalo!

— E a nossa *Teoria da Tristeza,* arquitectada na alegria e no esplendor dos vinte anos?

Eu deixei de a professar na inteligência, mas cumpro-a fielmente na prática.

E tu, Vasco?

— Para mim, converteu-se no prazer da acção. As ideias só valem pela sua capacidade de realização. Tudo o mais é poeira do espírito.

— Bravo, rapaz! Já era tempo de desceres da tôrre do conceito puro.

Vaz Ramos, tradicionalista devoto, diplomado do Curso Superior de Letras, que sempre se lastimava de não ter vestido *lôba e manteu* em Coimbra, à lei dos estatutos de Dom Filipe, rematou com sincero desgôsto:

— Os últimos escolares de Coimbra...

— Os últimos, podes dizer com certeza, apoiou António Saldanha. Eu também andei a procurar a Idade-Média, mas já não a encontrei, tinha passado...

Interessado pela vivacidade de António Saldanha, Vasco de Brito perguntou-lhe a sorrir:

— E no seu tempo, que havia então por lá?

— A República.

— Ah!...

E no silêncio que caíu entre êles, para não ressuscitar um assunto desagradável, Bernardo de Mendonça, com o relógio diante dos olhos, declarou que eram quási sete.

— Jantas hoje comigo, disse Vasco. E êstes senhores, com o maior prazer.

— Não posso. Tenho à minha espera o jantar da família. Depois, vou acompanhar minha irmã ao teatro. Ha hoje aí uma récita elegante, de caridade...

— De elegante caridade, será melhor, sublinhou Antonio Saldanha.

— Pois eu não sabia. Dignamente ignorava êsse facto, o perfeito selvagem que agora sou.

— E se tu viesses também? Era uma ideia!

— Uma triste ideia, meu caro. Posso lá aparecer diante de gente! Tinha primeiro de fazer tirocínio. Nem me interessa, cuido que já não conheço por aí ninguém.

— Tambem eu não. Mas está decidido que vens ao teatro. Tens logar na nossa frisa. É a três. Suponho que a Elisa só convidou a Mariana de Sampaio. Somos cinco. Vens, está visto que vens. Fazes-me até muita conta para entreter toda aquela humanidade, venho a dizer, toda a *feminidade* que me acompanha.

— Obrigado, amigo, mas deixa-me antes repousar os ossos no catre do albergue. Sinto-me moído da jornada, dos arados, dos móveis, dos alfaiates. Só encomendas! Pareço um recoveiro.

Bem hajas, rapaz.

António Saldanha que interessadamente

vinha pensando na festa dessa noite, entendeu dever informar:

—Vai hoje a peça da Virgínia Brandão. Deve ser interessante. Não digo a peça, mas as intérpretes, as espectadoras. Há por aí agora uma duzia de pequenas engraçadas.

Já meio convencido, Vasco de Brito, resolveu-se a perguntar:

— Quem é essa Virgínia Brandão?

Bernardo de Mendonça, querendo acordar-lhe a lembrança:

— Não conheces tu outra coisa! É a Virgínia Beça. Até um verão lhe fizeste a côrte no Bussaco.

— Ah! Sim. Agora me lembro! É verdade. Mas ainda ha gente em Lisboa para estas funções? Não emigrou tudo?

Vaz Ramos, cuja paixão humanista o levava a defender os mais quiméricos exageros, rugiu imediatamente:

— Para rebaixar o teatro, há gente de mais em Lisboa. Nunca passam de brejeirices, essas peças da sociedade, quando

seria tão belo e tão consoladoramente português ressuscitar um auto de Gil Vicente. O da *Alma*, por exemplo.

Mais vivído nos grupos mundanos, António Saldanha encontrou razão para intervir:

—Ora... Ora... Tudo se quere no seu meio natural. Para toda essa gente, o pobre Gil Vicente não passaria de um mazorro intoleravel e ridículo. Êste Ramos tem ilusões...

— O senhor tem razão, disse Vasco. Seria preciso contar com uma consciência literária que as raparigas só muito raras vezes terão. Conhecimento da lingua, do espírito da época...

Verificando que o seu projecto tinha naufragado, Vaz Ramos limitou-se a confirmar:

— Conhecimento da lingua! Pois se elas aprendem sete idiomas com optimas professoras e o português com as criadas!

— Por isso é que cada asneira de menina portuguesa vale por sete. É uma multipli-

cação pouco animadora, mas a que pode tirar-se a prova real, dizia Bernardo.

Fiel ao pensamento oculto de Elisa de Mendonça, António Saldanha observou:

— Ha excepções. Aparecem ainda raparigas cultas, com quem se pode conversar. Mas poucas. É uma penúria mental que aflige. E os rapazes são ainda piores, não é certo, ó Bernardo?

— É verdade. Nós os três e o Bento Coutinho somos execrados por essa subtil canalha de clubistas. É o vacuo por todas as cabeças, por muito que antigos sábios falassem no horror que lhe tinha a natureza...

Seguindo o fio do seu interêsse pela récita, Vasco de Brito perguntou:

— Mas como se chama a peça, afinal?

— *Vitoriosa,* disse Bernardo.

Prontamente, António Saldanha começou a explicar:

— Eu vi um ensaio: uma dama da roda fina que tem a elegância de burlar o marido e dois amantes no prazo de um ano.

— Oh! diabo!

— Mas não se espantem! Tudo muito amavel, tudo côr de rosa. Depois, umas tintas roxas: a heroina mata-se por expiação.

Num entre-acto, ha também a conferência do Soares de Carvalho.

— Quem é o Soares de Carvalho? — perguntou Vasco de Brito.

É um que foi republicano?

Já de pé, tomando as luvas e o chapéu, Bernardo informou:

— Êsse mesmo. Um aventureiro a quem já ouvi deslocar João Sem Terra para o século XV e mandar o glorioso Rei Artur para o séquito de Carlos Magno. Aqui o António também lá estava.

— É verdade. Logo verá. Um charlatão conversador, com piadas de sol em tardes de Algés.

— Um Isocrates de pacotilha, rematou Vaz Ramos.

Aproveitando o último momento, Bernardo de Mendonça pôs a mão no ombro do amigo:

— Então está decidido que vais. Ora bem!

Até logo, rapazes. Lá te deixo a senha da frisa na bilheteira. É a três.

Para assistir à representação da *Vitoriosa*, estreia de Virginia Brandão no Teatro Olimpia, um agudo sobressalto penetrou os pensamentos, as conversas da rua, as mais recolhidas reuniões de família, desde o Campo Pequeno até ao Estoril.

Nas modistas subiu a impertinência e o talento da autora servía para debate entre contendores inflamados em litigio diário, nos mais conhecidos chás de Lísboa.

Em casa da condessa de Reveles, nessa mesma tarde, D. Maria do Céu Abrantes declarava solenemente que a *Vitoriosa* era uma peça imoral e que, a pretexto de andar um pouco fraca, impedira a filha, a Rosinha Abrantes, de tomar parte na representação, logo depois do primeiro ensaio.

— Imoral, porquê?, perguntou entre a nuvem do seu charuto, o conselheiro Luís Vidal.

Isso de moral tem de acabar um dia. Há muita falta de compreensão da arte, senhora D. Maria do Céu. Muita...

A grave senhora, tolhida no embaraço de tão rude interpelação, gaguejou conciliadoramente:

— Eu, por mim, acho imoral, porque aquelas scenas não me parecem decentes. Lá para o sr. conselheiro não sei. Ao menos, não me ficará o remorso de ter comprometido nelas a inocência da pequena.

Não é verdade, sr. padre Liberato?

— V. Ex.ª tem razão, minha senhora; é seu dever de mãe cristã livrar sua filha dos perigos.

Sentindo-se menos forte contra aquela aliança da Igreja, o conselheiro Luís Vidal redobrou de calor contra o padre:

— Mas quais perigos? O sr. padre Liberato conhece a peça? Já a leu?

— Eu também não sei o que é a peça, declarava a condessa. Logo é que hei de ver.

Padre Liberato, com as faces mais rosadas, seguro do seu propósito, interveio de novo:

— Basta-me o escrúpulo da sr.ª D. Maria do Céu, uma senhora piedosa e inteligente.

Então o conselheiro Luís Vidal, espalmando os dedos refulgentes, apregoou com desdem:

— Aqui está o que é um director de consciências! Vejam!

— Oh! conselheiro! Por quem é!, suplicava a condessa.

— Faço o que posso no meu dever de padre. Mas, desde que a sr.ª D. Maria do Céu mostra tão fundadas dúvidas, prefiro fortalecer o seu escrúpulo a estimular um êrro possível.

— Sempre a acção do clero, a tramar na sombra contra os fulgores da inteligência! Moral... escrúpulos... Histórias! Velhas histórias!...

E charuteava com mais insistência,

quando a intervenção da condessa, aproveitando o silêncio embaraçoso, acudiu a cortar a discussão:

— Tenha respeito pelas opiniões do sr. padre Liberato. Para mais, êle está dentro da sua freguesia, fala a sua autoridade de pastor. Depois, você é um ateu, um libertino...

— Perdão, minha senhora, *libertino*, não; liberal, liberal... Faz sua diferença. Muita diferença mesmo. Por isso é que eu respeito, mas contesto o modo de ver do sr. padre Liberato que muito estimo e que até foi meu correligionário no tempo da Monarquia. Eramos ambos progressistas e mais liais não os tinha o chefe. Não é isto verdade?

— É certo, confirmou o padre. Três vezes trabalhei na eleição de V. Ex.ª.

— Ora, por tudo isso, porque não posso confundir o antigo correligionário com muitos outros padres que conheço, é que me permito esta discordância amigavel, na qual vai a minha maior consideração.

A esta expansão cordial não tardou a condessa a dar aplauso:

— Bem, bem! Amigos é que eu os quero em minha casa.

— Pois decerto, concordou D. Maria do Céu.

— Porque aqui, de todas as pessoas que estão na sala, só eu ouvi ler a *Vitoriosa*, só eu, portanto, posso apreciar a sua moralidade.

Então o padre Liberato, já risonho e irónico, observou-lhe em tom afavel:

— Mas, se V. Ex.ª entende que a moral tem de acabar um dia...

— Acabar, é modo de dizer. Modificar. Temos de ir com os tempos que são outros, menos propensos à invasão da Igreja no seio das famílias, como já o foram à intervenção do clero nos negócios do Estado. Laicisar é que é preciso. Aí está uma coisa que a República fez bem feita: a neutralidade do ensino.

D. Maria do Céu Abrantes suspirou devotamente, antes de perguntar:

— Então acha bem as escolas sem religião e sem Deus?

— Mas prefiro sinceramente as escolas alheias a Deus.

— Oh! conselheiro, você parece que se prepara para aderir!, sorriu a condessa.

— Sempre foram estas as minhas ideias, continuou êle, empertigando-se. O êrro dos republicanos foi suporem que a Monarquia era incompatível com as mais amplas conquistas liberais e por isso a derrubaram, causando esta anarquia em que se vive e que ha de levar-nos à intervenção estrangeira. Não quiseram perceber que a Monarquia Constitucional era a melhor das repúblicas...

D. Maria do Céu que não podia acompanhar o conselheiro nas altas razões da sua filosofia política, de novo o chamou ao ponto da questão:

— Mas diga-me cá, sr. conselheiro: que lhe parece a peça da Virginia? Acha-a um bom exemplo para raparigas?

— Bom exemplo, para evitar — sem dúvida.

Naturalmente, a sr.ª D. Maria do Céu só assistiu ao 2.º acto onde era possível a Rosinha entrar.

— Exactamente.

— Nêsse caso, não pode bem ajuizar o desfecho final, o castigo da adúltera.

— Mas ela não se suicida com morfina?

— Suicida. É êsse o castigo. Vêr-se forçada a pôr termo à existência no esplendor da sua mocidade.

— Ora a tola!, comentou a condessa. E por questões de amor que são sempre as mesmas! Vale lá a pena!

— Mas notem V. Ex.as que a peça está bem escrita, bem pensada e tem tecnica. Verão. Até o Ramos d'Almada me afirmou a mim só, no corredor, que seria uma das melhores estreias que tem visto. E êle tem autoridade. Foi até comissário do govêrno no Teatro de D. Maria. A paixão pelo primeiro amante é muitissimo bem estudada. A maneira de ela caír é um primor!

A condessa que não invejava o talento, mas a mocidade de Virginia Brandão, cortou num sorriso despeitado:

— Até parece cópia do natural...

Mais afoutamente, o conselheiro preparava a defesa:

— A malícia das mulheres! Muita deveria ter a mãe Eva para chegar para tantas! Da mulher nasceu o primeiro pecado...

— E por ela foi que veio o Redentor, acrescentou amavelmente o padre.

— Pois foi. Lá diz a Biblia. Olhe que eu também sei a doutrina da Igreja... Conheço-a muito bem.

— Para melhor evitar pratica-la, ao que estou vendo.

— Sim, lá isso... Mas deixemos agora essas questões que está aqui a sr.ª D. Maria do Céu e voltemos à peça. A Virginia é uma rapariga esperta. Esperta e ilustrada. Conheci e fui amigo do pai dela que morreu capitão de mar e guerra. Conheço-a a ela, desde pequena. Trato-a de tu. Mas V. Ex.as não podem imaginar o talento

com que ela estuda o desenrolar daquela primeira paixão adúltera. Há ali consciência psicológica, verdade e muita acção...

— Muito má acção, sublinhou o padre. Parece-me que os receios da sr.ª D. Maria do Céu tinham bom fundamento. Se a peça não visa a defender a dignidade de uma esposa, casada à face de Deus...

— Defende-se e muito bem a dignidade do sentimento humano, que é livre.

— Que não é livre, quando desordenado, contrário à lei moral.

— São casos triviais. Vêem-se todos os dias. Está mesmo no sangue humano.

— Combate mais constante, maior urgência no remédio...

— Enfim, não me fadou Deus para santo, mas cá tenho a minha religião. Sou pelo conselho do bispo de Viseu, que foi grande liberal e um prelado exímio: *A Religião deve ser como o sal na comida. Nem muito, nem pouco. Só o preciso...*

Sim, concordo, é bom que se tenham algumas crenças, ao menos para nos dis-

tinguirmos das alimárias. Mas basta que a Igreja nos dê o seu sinal ao nascer, ao casar e ao morrer — de manhã, ao meio-dia e à noite, concluía o conselheiro.

Para desviar em gracejo o tom irritante que poderia de novo animar a conversa, a condessa, naquele momento de triunfo, quís atacar o conselheiro com a sua habitual zombaria:

— O sacramento do meio-dia já Você dispensou, seu solteirão! Agora, só se juntar os dois, como costumam os homens da sua moral.

— E por êste modo se publica a certidão de idade de um mortal que, por emquanto, só pensa na vida! Por caridade, sr.ª condessa! Ora vamos ao nosso *bridge* e deixemos em paz as coisas tristes. Venha, sr. padre Liberato.

E entre o riso de D. Maria do Céu e da condessa, todos rodearam prontamente a mesa verde onde alguém esquecera, entre dois baralhos, um solitário de prata, erguendo um lindo velário de anémonas.

Quando Bernardo de Mendonça entrou em casa, ao Campo de Sant'Ana, encontrou logo no corredor de azulejos, o desespêro e a censura de Elisa, já pronta para o teatro: eram quási oito horas e tinha ainda de se vestir e de jantar!

Desviando-se, a inclinar-se numa grande curvatura irónica, Bernardo começou:

— Senhora, concedei ao criminoso o momento sagrado de alegar sua justiça e deixai que êle vos contemple na majestade dêsse lindo vestido côr da chama!

Elisa, desarmada com a lisonja, abrandou-se em sorriso:

— Deixa-te de palermices! Por tua causa chego a todas as coisas fóra de tempo. A Mariana ali está, esperando, há mais de uma hora!

— Pois então, eu ajoelharei a implorar o seu perdão. Ela será magnânima.

— Sim, tens de lhe pedir desculpa, arranjar qualquer razão séria.

— Bem, bem! Ainda havemos de esperar. É sempre assim. Onde está ela?

— Na sala, com a *Miss*.

— Dize ao José que me vá tirando o fato. Depois, visto-me num ai. Vinte minutos. Dá ordem para o *chauffeur* jantar já.

Entrando na sala apainelada e severa, onde o brasão dos Mendonças se esmaltava num retábulo da parede, Bernardo risonhamente ia pedindo a Mariana mil desculpas pela sua demora. Já a Elisa o saùdara à entrada, como vadio, descortês para as visitas e autor, sem cúmplices, de todos os escândalos de atrazo com que ela aparecia em toda a parte. Considerava-se, por tão poderosas razões, um irmão cruel, e, desde que o progresso extinguira a instituição dos pais da mesma espécie, assim era preciso, para não se acabar a virtude no mundo. E acrescentava:

— Coitada da minha irmã! Se a *feira da ladra* não estivesse tão por baixo, iria

lá trocar-me por um traste mais útil. Assim, não tenho coragem de a prejudicar. Chegar sempre tarde às funções!...

— Mas nem por isso deixa de ficar à frente de todas as outras... Não dizem lá os Evangelhos — são os Evangelhos? — que os últimos serão os primeiros?

Como Elisa viesse entrando, Bernardo acudiu logo:

— Agradeça, sua tirana, que o elogio é todo para si. Esta Marianinha é uma flor de bondade. Acaba agora de te dar a recompensa por eu vir tarde.

— Ora! Tolices! Se te fôsses arranjar, Bernardo...

— A outra recompensa, o prémio da sorte grande, quero eu dá-lo, quando estivermos à mesa, a ti, à Mariana e à *Miss*. A todas. Coisa rica! Ainda me hão de agradecer a demora, quando souberem a grande causa, a razão suprema.

Elisa, descobrindo na voz do irmão qualquer novidade de importância, correu para êle, infantilmente:

— Que é? Que é, Bernardo? Dize lá....

— Logo digo. Falta pouco.

— Olha os mistérios! Êste rapaz ás vezes é tão implicativo! Ah!...

— Então que vem a ser êsse segredo? — perguntava Mariana.

— Só lhes digo que é uma notícia de estalo. Até já. Não devo continuar aqui de jaquetão, no meio destas três graças. E deitem-se a adivinhar.

Na sua curiosidade fogosa, Elisa tornava a insistir:

— Mas, ó Bernardo, isso é coisa que nos interesse?

— Alguma zaragata de escândalo, a mais, conjecturava Mariana.

— Nada disso. Muito melhor. O inacreditável! E a *Miss* não quere saber? Muito pouco curiosas são estas inglesas!

— O suficiente para não mostrar aos homens que o somos. Mais nada.

— Bela resposta, aí tem.

— Bom, a gente saberá. Vai-te arranjar, Bernardo. Deixa-te de mais graças!

— Não é nada, não é nada. Um príncipe que chegou incógnito.

— Que é? Que dizes?

— Então, ainda agora não havia pressa... Ai! estas raparigas! Também me demorei por saber que nada é mais encantador numa mulher do que a facilidade em perdoar; e as meninas perdoam, não é verdade, *Miss* Dryden?

— Nós perdoaremos, se o sr. Dr. voltar em vinte minutos. Fico a olhar para o relógio, rematou ela, erguendo o pulso.

Bernardo de Mendonça calculara que em Lisboa se chega sempre cêdo a uma récita de caridade. Quando o automóvel voltou para a rua do Teatro Olímpia, logo Elisa notou a falta de movimento, exclamando em sòbressalto:

— Querem ver que já começaram e que perdemos o primeiro acto!

— É lá possível! Vocês esquecem-se de que a festa é promovida por senhoras...

— Mas que amável! — comentou Mariana. Êste Bernardo é um flagelo!

— Preito à justiça, amor da verdade.

No sorriso atencioso dos porteiros, logo leram a decepção da sua pontualidade. Os corredores, ainda mal alumiados, esperavam. Na sala e pelos balcões, alguns vultos apenas fitavam os olhos com enfado nos anúncios do pano.

Elisa, para quebrar o silêncio frio, declarou convictamente:

— Eu gosto de chegar a horas, para evitar encontrões à porta.

— E para termos a honra de esperar pelos que jantam em casa com descanso.

Mariana também interveio:

— Antes assim. Ao menos, vemos tudo desde o princípio. Escusamos de jurar falso.

Vasco, sorrindo, zombava de todas as justificações:

— Só me cumpre lastimar que ninguém visse a nossa entrada triunfal. Sosseguem. Para a outra vez, daremos a nossa con-

tribuição ao tumulto da elegância. Aí vem a luz. Alegrem-se as três graças!

No mesmo instante, Mariana e Elisa desabrocharam de entre o veludo dos agasalhos, na claridade dos vestidos. Mariana, de pé, abria o binóculo, espalhando em toda a volta o esplendor azul do seu corpo de deusa. Vinte e dois anos em flôr, uma pele setinosa e translúcida de loira, toda sensível ao sôpro do inverno que ainda estremecia na vastidão da sala.

De penteado às ondas sóbrias, ao rigor de um mármore, com lentidão nobre se lhe movia a cabeça, observando o despertar inquieto do teatro.

Já por entre acenos de vizinhos e risos abafados, a plateia confidenciava que a peça ia abaixo. Em muitos olhos de senhoras casadas podia ler-se a clara esperança do fiasco da *Vitoriosa*. António Saldanha que assistira invisível à entrada do grupo, espreitando a aparição de Elisa, ao passar à beira da frisa, informou que

depois do primeiro acto, seria feita uma modificação no cartaz.

As duas raparigas dobraram-se de curiosidade:

— Qual? Qual? Diga lá!

— No título. Só no título. Oiçam. Alguém entendia que a peça deverá chamar-se então a *Derrotada*...

— Alguém! Você mesmo! — increpou Mariana.

— Pela luz dos meus olhos!

— Oh! l'espiègle personnage!, dizia *Miss* Dryden.

Bernardo, saboreando o gracejo, comentou:

— Deve ser chalaça de subscrição. Houve aí colaboradores.

Elisa achava graça ao trocadilho, declarando-o de mau agoiro, emquanto *Miss* Dryden cândidamente lastimava:

— Graça portuguesa, só feita de maldade.

No rumor que se ampliava, o pensamento das duas raparigas ia para a reve-

lação que Bernardo lhes fizera ao jantar. A sua admiração pelo amigo levara-o a iluminar o perfil mental de Vasco de Brito, consagrando-o como o mais belo espírito da sua geração. Acrescentava ainda que as viagens e a longa permanência no estrangeiro lhe haviam dado um ar alheio, uma sedução calma que se desprendia largamente dos seus olhos castanhos.

Então Elisa, como quem descrê de uma certeza, foi levada a notar:

— Ó Bernardo, o teu amigo parece que não vem!

— Não me admira nada. É capaz de ter ficado pelo caminho a comprar carros de bois. Pareceu-me tão abstracto, tão quimérico, esta tarde! Para às meninas é que é pior...

— Ah! — por mim, não se aflija Você. É menos uma ave que fico conhecendo.

— *Ave*, se fôr, ponha-a entre as águias. Pelo menos, e sem favor.

Quando a atmosfera se adensava em perfumes e desabridamente se levantavam

comentários contra a autora, porque a récita só podia terminar a desoras, sem eléctricos, aproxima-se em dois passos aprumados, a figura correctíssima de Vasco de Brito.

— Ora viva, sua alteza! Toda esta gentilíssima companhia a arder em curiosidade de ver o mais estranho fenómeno da elegância humana...

Vasco, sem atender ao discurso, justificava-se, emquanto ia sendo apresentado. Fôra uma imposição do Bernardo, andava fóra dos seus hábitos...

Elisa tranqùilizava-o:

— Deixe lá. Êle não tem autoridade para abrir bico. Chega muito a tempo. Tem a sorte de esperar menos do que nós.

— E o desgôsto de ter perdido até agora a companhia de V. Ex.as.

— Muito amável...

Bernardo, no gôsto de atear a intriga, cortou para informar:

— E olha que já fôste tratado aqui pelo carinhoso epíteto de *ave*.

— Oh! Bernardo! — suplicou Elisa.

— Fui eu que exigi que te incluíssem entre as águias, por justiça.

Miss Dryden, muito receosa desta imprudência, procurava atenuá-la:

— Mas ninguém lhe quere mal aqui, sr. Doutor.

— Oh! decerto, eu creio na sua palavra, *Miss*.

Não tem que desculpar-se. Estimo até ter-lhe dado causa a um dito de espírito, para não me considerar de todo inútil.

Mariana que enrolava nos dedos, nervosamente, a correia do binóculo, decidiu-se a falar:

— Mas quem deve acusar-se, sou eu. Êste Bernardo é atroz! Uma simples brincadeira.

O sr. Vasco de Brito desculpa, sim?

— Oh! minha senhora! Eu conheço-o bem. É um delegado efectivo de Lucifer tentador. Cá me parecia que o denunciante era o principal dos réus...

Emquanto Bernardo gozava o efeito do

seu plano, na scena foram cessando as marteladas, e dali por instantes, sôbre uns compassos ligeiros, abria-se o interior em que ia revelar-se o primeiro acto da *Vitoriosa*.

Ainda se prendia na sala o rumor de má-criação das plateias de Lisboa e já a artista amadora, toda alagada num vestido côr de cana, poisava no regaço, com indolência, os versos *à Ninon* que abriram asas à sua paixão e agora repetia, de olhos no tecto:

J'aime, et je sais répondre avec indifférence;
J'aime, et rien ne le dit; j'aime, et seul je le sais,
Et mon secret m'est cher, et chère ma souffrance;
Et je fais le serment d'aimer sans espérance,
Mais non pas sans bonheur; je vous vois, c'est assez.

Vinha a seguir um vasto monólogo em que a pobre pecadora despia a alma na presença, já atenta, do público, ao fio de uma voz que a sua mímica de ensaio se dispensava de acompanhar.

Casada aos vinte anos, sem filhos, *sem*

a redenção de um filho, como em bom estilo dizia a prosa de Virgínia Brandão, quási abandonada e incompreendida a toda a hora, assim caminhava ao encontro do braço forte e do coração fiel a que pudesse encostar a sua vida estéril, quando a criada veio anunciar-lhe a chegada do sr. Armando Fonseca.

Era êste Fonseca a atracção e o perigo desta espôsa aspirante a infiel. Êle o anjo e a tentação, a *chère souffrance* dos versos de Musset.

Bernardo olhava curiosamente para o sorriso de Vasco de Brito:

— Parece que regressámos a 1850! Que maçada!

— Deixa ouvir, deixa ouvir, pedia Elisa.

Recuando na frisa, levemente, Vasco de Brito perguntava:

— Quem é esta mulher, ó Bernardo?

— A actriz ou a autora?

— Ambas.

— A autora é casada com o Eugénio Brandão, sócio de uma grande empresa

de navios. Homem activo e esperto. Anda quási sempre pelo estranjeiro.

— E esta mártir?

— A Luísa Bandeira. Deves lembrar-te.

— O quê?! Mas está uma ruína centenária! E foi linda, esta mulher. Muito falada na côrte. Lembro-me até de meu pai se referir a ela.

— Pois é o que resta. Aí tens.

— E que ninguém aproveita já...

— Estás enganado. Antigos devotos, numerosos. Hás-de conhecê-la qualquer dia.

— Só se fôr para castigo. Obrigado, rapaz.

Entretanto, o acto ia-se desenrolando em declamações empoadas, fiéis ao estilo da literatura de alcôva:

«Queria acreditar-te, mas não mo consentia o coração, dizia Fonseca, muito arrebatado, tomando nas suas as mãos de Luísa Bandeira. Pensava ver nas tuas palavras o disfarce com que evitavas o meu amor. E era horrível!»

Com os olhos fixos e húmidos, Lúcia Bandeira exteriorizava-se também:

«— Oh! não! Tu sabes... É sempre perigoso confiar tudo ao nosso desejo. A minha recusa pôde exaltar o teu sentimento. Sem ela, seria eu para ti uma mulher fácil. Tu poderias rir-te da minha virtude. E, bem vês, agora serei uma mulher que... que não é séria, mas só por ti e para ti! Sou tua. Que tem o mundo conosco?

— Meu amor! Que tem o mundo conosco?» — assim repetia o sr. Fonseca.

Depois, enredava-se por aqueles dois sêres um diálogo exaltado de protestos e juras em que se recordavam três anos de batalha contra aquela tôrre de marfim. Receios, denúncias, suspeitas, sinistros projectos onde chegavam a cair manchas de sangue, vieram a ter naquele sofá acolhedor, a pausa longa de um beijo.

E se o pano desceu ràpidamente, desconfia-se que foi por pudor, para não

ter de se apagar a luz ou mandar sair os espectadores . . .

Toda a sala, excepto alguns camarotes despeitados, aclamou Virgínia Brandão, erguida no palco em triunfo, naquela grande festa de caridade.

Por todos os lados flutuava um acalorado rumor de interêsse.

António Saldanha aproximava-se agora, confiadamente, para a conversa, e foi Elisa quem primeiro o incitou:

— Então, *vitória* ou *derrota*?

— Não sei. Venho recorrer à decisão do supremo conselho, à mesa censória . . .

Vasco e Bernardo acudiam também para declarar que a peça, se pelo terço podia avaliar-se a unidade, tinha ali uma audácia heróica: aquilo prometia . . .

Mariana em quem se ligava sempre o desdém pelas letras de Virgínia Brandão à desconfiança pelo talento que lhe atribuíam os íntimos, apenas fez uma observação irónica:

— Ao menos, deve ser perdoável pelo fim que tem.

António Saldanha ignorava ainda os fins da récita. Bernardo e Vasco olharam-se. Também não sabiam. Foi Elisa que esclareceu:

— O produto é a favor das famílias dos afogados nas últimas inundações do Tejo.

Então, António Saldanha, mais confiado, pôde dizer:

— Aqui se prova mais uma vez que há males que vêem por bem . . .

— Lá está Você com os trocadilhos!, cortou Elisa.

Procurando o monóculo, António Saldanha dispunha-se a justificar o seu pensamento, quando Bernardo o atalhou:

— Mas o mal está na peça ou nos afogados? Não percebo.

Vasco de Brito, que até ali estivera calado, olhando a curva dos balcões onde assentavam, sòlidamente, pintadas e reluzentes como faianças, algumas madamas de outro tempo, resolveu-se a intervir:

— Eu, por mim, acho que o mal veiu por mal.

E emquanto Mariana reparava nêle, enleando-o de curiosidade, Vasco concluia, a sorrir:

— . . . Não se salvaram os afogados e afogaram-se as letras numa torrente de banalidade. V. Ex.ª terá paciência, mas . . .

— Importo-me lá! Os órfãos dos afogados nunca os vi. A Virgínia conheço-a, mas acho que a literatura passa bem sem ela. Há aí tanta gente a escrever . . .

— E tão pouca a escrever bem, rematou António Saldanha.

De um camarote de primeira ordem inclinava o binóculo para a frisa, uma senhora opulenta de carnes e de joias. Notando-lhe a demorada insistência, Vasco quís saber:

— Quem é aquela gente, além defronte?

— Onde está um velhote? Não sei.

— Não. A seguir, aquela dama gorda, o consorte e o herdeiro.

— Também não sei.

António Saldanha acudiu logo vivamente:

— Sei eu. É a Isaura Nunes. Mora lá para o meu bairro. Gente de dinheiro. Agora, com a guerra, o marido fez uma fortuna louca em tubos de borracha.

— Mas quem são?, perguntava Elisa, tocada pela avidez atenta com que o filho Nunes nela punha os seus grandes olhos negros.

— Não é conhecida. Filha de um cangalheiro ali próximo de S. Bento. Herdou do pai uns trinta contos. Agora tem mais de oitocentos e a consideração geral, sublinhava a voz de António Saldanha.

— Há por aí casos dêsses, às centenas, disse Bernardo.

Vasco, cuja elegância, desconhecida em Lisboa, levantava em rumores o interêsse da plateia, concordou:

— É como em França. Rebrilham os ricos novos. Vivemos em plena idade de oiro da Democracia.

— Que se traduz em lixo nas notas do banco, rematou António Saldanha.

Elisa, muito penetrada do seu dever de dona da frisa, exagerava polidamente a sua tristeza:

— Cada vez se vê menos gente conhecida. É uma invasão de caras novas em toda a parte! E um luxo!...

Toda interessada no seguimento do espectáculo, *Miss* Dryden perguntou:

— A conferência é agora?

Estendendo-lhe o programa, António Saldanha informou:

— Agora é a conferência. Sim, vamos ouvir: *Mulheres e Flôres.*

Vasco de Brito, espiando com ôlho fino, a inquietação dos movimentos de Maríana, inclinou-se a perguntar-lhe:

— Então está muito ansiosa por esta conferência?

— Deve ser interessante. Êle tem imensa graça. O papá acha-lhe um grande talento. Todos dizem que é mal empregado ser assim, pouco sério.

Mais de perto, à bôca da frisa, Vasco pôde sentar-se e contemplar Mariana, a sua face desdenhosa, clareando num sorriso amável.

Disse-lhe brandamente o seu prazer de encontrar Bernardo na tarde daquele dia, por acaso, devendo-lhe só a êle estar agora ali num convívio tão gracioso e certamente mais apreciavel, por ser raro ou mesmo único em Lisboa. Mariana, prendendo conversa, informava-o da sua intimidade com Elisa de Mendonça, amiga de infância e a quem queria como a uma irmã.

Por alguns instantes, as palavras ali se encadearam, de indecisão em embaraço. Vasco exaltou-lhe a beleza do vestido. Mariana, protestando, lisongeava-se.

E quando António Saldanha se levantava, ao retinir para a conferência, estava vencido o retraimento, a desconfiança, e já entre Vasco e Mariana havia a certeza simpática de duas pessoas que pressentem uma convivência deleitosa.

Soares de Carvalho, o conferente agora em voga na boa sociedade, era um advogado moreno, esperto e miúdo, em cuja cabeça constantemente se alternavam o lustro da calva e os reflexos dos óculos profissionais.

Mal se voltara para os conservadores, logo os seus ditos de espírito ganharam fama, porque êle, sendo ainda *republicano pela inteligência e português pelo coração,* segundo a fórmula que então usava, rendosamente ia cultivando a indústria da oposição, vulgarizando em confidências a toda a gente, os ridículos e a penúria mental dos ministros seus amigos.

Assim lhe foram subindo os créditos forenses e também brotando fartos amores nos salões monárquicos, onde numerosas damas de quarenta e cinco anos sinceramente se lastimavam de que êle ainda fôsse republicano.

Por condescendência elegante ou por ambição secreta dos seus planos (nunca a história o averiguará), Soares de Car-

valho, num banquete de amigos, entre a comoção espumante dos últimos vinhos, decidiu-se a declarar a República uma traição colectiva e a erguer um brinde ao Rei de Portugal.

Nesse momento, foi um alvorôço em casa do Dr. Borges de Matos, antigo par do Reino. As senhoras levantaram-se numa apoteose em que tiniam cristais festivos; da cozinha e da copa vieram cabeças espreitar aquela exaltação ruidosa.

No dia seguinte, já os telefones segredavam a boa-nova por toda a rêde, porque ali ficara assente que aquela resolução só seria tornada pública numa profissão de fé definitiva e retumbante.

Mas logo nos clubes do Chiado, nas casas bancárias, nas redacções, o rumor foi passando entre risos de vitória, como se a restauração monárquica, sempre malograda nos conflitos das armas e na delacção das conjuras, estivesse à mercê da palavra, dos óculos e da calva do Dr. Soares de Carvalho. Repetiam-se em

sua honra os jantares de gala, para os quais, em certos dias de aniversário, êle era disputado com empenho zeloso.

Por seu lado, Soares de Carvalho multiplicava o seu desejo de se tornar indispensável; escrevia nos albuns, dava conselhos sôbre os achaques de velhas damas e com mais resultado do que um médico, entretinha os anseios indefinidos de meninas de dezóito anos, falava, ria e pontificava, no senhorio absoluto de todos os olhares.

Êle seria o melhor dos ministros da justiça, dos estranjeiros ou da pasta que lhe destinassem. Alguns admiradores, porém, faziam patriòticamente restrição das finanças...

Se o Rei o não escolhesse logo, haviam de impôr-lho em nome da Causa.

Estava ali um homem de valor. Êle, só por si, com o seu talento, era a mais segura esperança da restauração, afirmava sempre o Dr. Borges de Matos, a quem o queria ouvir, à porta da Havanesa.

Quando algum assistente malicioso lhe observava que era preciso resolver dentro dêle, prèviamente, o conflito da sciência e da moral, logo êle, com o aplauso dos outros circunstantes, resumia a sua apreciação benevolente:

— Se tem *umas coisas* na vida, isso pouco importa. O que se pretende é que êle trabalhe. Tem inteligência para ser um grande homem de Estado, para ombrear com Rodrigo da Fonseca ou Aguiar. Quanto ao mais, vigia-se: lá está o parlamento para o vigiar. Em todos os actos do executivo, êle tem de responder diante dos representantes da Nação. Seria eu o primeiro a metê-lo na ordem, se êle se fizesse fino. E olhem que sou bastante amigo dêle.

Os outros submetiam-se às intimativas e à grande autoridade do Dr. Borges de Matos, concordando.

Com assentimento geral, Soares de Carvalho fez parte de juntas revolucionárias, foi encarregado de graves missões junto

do Rei e da Raínha-Mãe, empolgou assembleias de antigos influentes, tornando-se em Lisboa e nos hotéis da Galiza, o homem-símbolo da esperança, o pensamento e o verbo da Restauração.

Como elemento de esplendor seguro na noite da sua estreia, a êle recorrera a sagacidade de Virgínia Brandão. Pouca resistência tivera de vencer, ao convidá-lo, quando, para lhe desarmar a última desculpa — falta de tempo — o intimou a falar de improviso sôbre as mulheres e as flôres, por exemplo.

Soares de Carvalho, sentado à mesa do seu escritório, por detrás da pápelada, aceitou o assunto, confessou o sacrifício, tendo verificado que faltavam já só dez dias.

Ali estava agora, reluzentemente, para cumprir a sua promessa.

Quando entrou em scena, a descalçar lentamente as luvas, os óculos sorriram-lhe de bom agoiro às primeiras palmas festivas, que eram agradecidas com a cla-

que em ternas curvaturas que iam morrer no coração.

E desdobrando uns papéis sôbre a pequena mesa onde tremia um copo de água, Soares de Carvalho separou-se dos objectos necessários à sua compostura, mas inúteis para a sua eloqüência. Guardou as luvas na claque e com hesitação procurou para ela um apoio, até que a depôs polidamente sôbre o tapete do palco. Por último, fez oscilar num gesto de comodidade o tronco roliço, descobrindo os canos das suas botas de elástico, e assim logo começou a gorgear, dirigindo-se às senhoras e senhores:

— Antes de entrar pròpriamente no objecto da minha ladração... Não se riam, façam favor. Permitam que lhes notifique que estou aqui, não por má fé ou dolo, mas por coacção da sr.ª D. Virgínia Brandão, pessoa a que ninguém póde resistir, sobretudo um homem que ainda não abdicou dos seus mais agradáveis direitos. Assim, quero conseguir uma

forte atenuante para a minha responsabilidade em vir mais uma vez mostrar esta linda cara a uma assistência tão querida, onde sorriem os mais feiticeiros olhos da Europa, e toda a graça feminina, aristocrática, parisiense, ennobrece as mulheres da nossa raça, mostrando que há já entre nós quem saiba ajustar um colete, sem prejuízo da maternidade e escolher um penteado que não esmague os ombros. Como eu me sinto bem aqui, nesta atmosfera embalsamada de perfumes caros, longe do contacto das turbas da Democracia, tão sanguinárias e audaciosas, como mal lavadas . . .

Um riso sufocado começava a sacudir as espáduas morenas das mais fieis admiradoras do Dr. Soares de Carvalho que ocupavam as primeiras filas. Em segrêdo, os homens comentavam aquela declaração de amor feita em público a D. Virgínia Brandão.

Sentindo a sala aquecer-se, como sempre acontecia, ao impulso feiticeiro da

sua palavra, o conferente, banhado de ventura inefável, prosseguiu:

— Não se riam, porque eu também sou democrata, sem poder deixar de ser aristocrata. Sou pela maior expansão das energias individuais, numa realização do perfeito equilíbrio entre a liberdade e a ordem. Por isso é que a República falhou entre nós. Matou-a a incompreensão dos valores sociais e, por isso, o que para aí está, não passa de uma comunidade de orangotangos que todos comem à mão, como se ainda andassem nas florestas.

Olhem que lhes estou dizendo a verdade: o grande mal da República não é comer, é não saber comer. Os seus ministros, as suas respectivas damas não sabem distinguir o garfo do peixe do da carne...

Na surpresa dêste intróito humorístico em que o contentamento de todo o teatro parecia denunciar uma forte oposição ao regímen, Vasco de Brito perguntou com enfado:

— Ó Bernardo, então êste Soares é que

faz de mentor no meio da sociedade antiga?

— Aí tens: não é mais do que isto e vê como toda essa gente delira!

— Mas êle não passa de um graduado charlatão.

— Não digas isso a mais ninguém, porque podes ter algum dissabor! Não imaginas, tem por aí fanáticos temerosos, geralmente os maridos das suas paixões...

— Eu é que não sei se poderei suportar esta catástrofe. E se nós, com qualquer pretexto, saíssemos, emquanto êste animal vocifera?

— Sim, póde ser. É uma fórma de protesto tácito. As meninas cá ficam a gozar esta delícia. Nós voltaremos depois do dilúvio.

Mariana, pondo olhos demorados em Vasco de Brito, já lhe estranhava a lembrança daquela retirada.

Elisa acudiu também:

— Ó Bernardo, olha que podem repa-

rar. Parece mal. Vão logo dizer-lho. Estão ali as Baptistas que são todas dêle.

— Há uma certa classe de rapazes que não podem com o Dr. Soares de Carvalho. Até parece despeito!, insinuou Mariana.

Pegando no chapéu, já de pé, Bernarnardo ia dizendo:

— Ora aí está. Confesso o meu pecado. Despeito?! Mais e melhor: ciúme raivoso, quási homicida, é que eu sinto cá dentro, quando as vejo a Vocês todas pelo beicinho. Adeus, adeus...

Os dois rapazes furtivamente se escaparam para o corredor, emquanto o conferente, dispondo-se a reùnir num ramo (êle dizia *bouquet)* as mais célebres flôres do mundo, ia colhendo as capelas das virgens de Atenas, a açucena de Sam José, as flôres que Cleópatra desfolhou sôbre o cadáver de António para o *consórcio da morte,* a flôr de lis, as duas rosas que deram o nome a uma grande guerra na Grã-Bretanha, a orquídea neurasténica, o cravo robusto, atleta dos jardins, as *flôres*

de alma de Tomás Ribeiro e ainda a flôr que sorria no decote de uma senhora que êle, Soares de Carvalho, agora estava vendo . . .

Neste instante, todos os olhares se voltaram invejosamente para as irmãs Baptistas que sorriam de ventura.

E, a propósito, contava anedotas, alternando jovialmente a erudição fresca do Larousse com ditos de espírito do *Almanaque dos Palcos e Salas,* combinação oratória do mais seguro efeito sôbre o seu público.

Passavam depois as mulheres, santas, heroínas, cortesãs, a que êle chamava irmãs das flôres, pois que nelas também se encontravam espinhos e carícias, a doçura do mel e o travor do veneno.

Ia correndo mais de uma hora, quando Bernardo e Vasco voltaram à sala, onde a voz de Soares de Carvalho, mais erguida em estridências de cobre, estava proclamando o sonho que êle tivera na véspera e tanto exaltara o seu orgulho de filho

de duas pátrias, França e Portugal: o casamento místico de Nun'Álvares e Joana d'Arc.

— Sonho impossível! — lastimava êle, impetuosamente — falaz quimera! Mas é de aspirações impossíveis que são feitos os grandes milagres colectivos, os movimentos de redenção! O nosso Herói, maior que Galaaz, era bem mais digno da libertadora de Orléans do que o cavaleiro francês que lhe arregalava o ôlho, lá pela côrte de Carlos VII.

Pois bem, se êsse consórcio não póde celebrar-se entre o Herói de Aljubarrota e a Pucelle de Domremy, que em breve estarão sôbre os altáres, procuremos nós realizá-lo em símbolo, para nossa gloriosa libertação, casando as energias virís dos Almadas, dos Gamas, dos Albuquerques, com a graça delicada e forte de Santa Joana Princesa, de Isabel de Aragão, de Filipa de Vilhena, de todas as mulheres belas, de todas as mulheres heróicas, de todas as mulheres santas de Portugal!

As aclamações atroaram o teatro. Sôbre a calva vermelha e a claque de Soares de Carvalho caíam agradecidamente as flôres que suas irmãs mais velhas, as mulheres, mandavam a beijar-lhe a fronte iluminada. E prolongava-se em delírio o entusiasmo tempestuoso, como se nêle fôsse o protesto contra aqueles dois rapazes que, de braços caídos, assistiam a tão definitiva glorificação.

Então Bernardo, imóvel e risonho, maliciosamente inquiria:

— Vasco amigo, que decretas ao dono desta prenda, em nome da alta justiça?

— Para as galés, meu velho! Sem agravo, nem remissão. E ainda acho brandura. Que gente! Que homem! Que maçada!...

II

LARÁRIO DE VIRTVDES

A castelania e solar do Ingarnal, sítio agora frondoso entre penhascos e moitas floridas, dera raíz e tronco à geração dos Britos, das mais nobres famílias de toda a Beira serrana.

Dali partiam, cantando ao sol, as águas de três ribeiras, as mesmas nuvens se alongavam pelo céu de dois reinos, por onde, em tempo dos Afonsinos, a ousança brava dos seus bésteiros alargara a jurisdição dos mais remotos donatários.

Terra escrava de Moiros, depois que

aos Godos a tomaram para seu assento e atalaia, ali ficaram acesas as almenaras durante os cinco séculos em que durou a noite do crescente, sôbre a geral perdição de Espanha.

As mesmas pedras de que floriram milagrosamente os musgos, sentindo-se sagrados pela bênção de Menafonso, Bispo de Egitânia, ao voltar do Concílio de Toledo a que presidira a santidade do Arcebispo Juliano, reinando Ervígio — viram passar a maldição agarena, como nuvem de fogo, os cristãos da planície abrigando-se na protecção da Gardunha, no tempo em que o flagelo dos inimigos prostrava em ruínas fumegantes, casais, sementeiras e armentios.

Quando outra vez se ganhou a terra, El-Rei Dom Sancho cuidou bem de reparti-la em guarda e galardão por aqueles todos que entre Douro e Tejo andaram por filhá-la na hoste de seu pai e rei, e o Castelo do Ingarnal coube a Mendo de Brito, companheiro de Paio Guterres, a

quem ajudara a erguer as muralhas de Almeida, à vista da terra de Lião.

Com o bravo barão, golpeado no corpo por lança traidora, entraram uma noite na Guarda, aonde viera El-Rei, os bèsteiros de sua mesnada e trinta escravos agarenos com suas mulheres, azêmolas e alfaias que o esforçado cavaleiro havia colhido, por vingança de uma cilada, em terras de Riba-Côa.

Entrando no castelo e sendo aí bem acolhido pela lembrança e honra de seus feitos, na presença de escudeiros e filhos de algo, El-Rei lhe quís entregar por suas mãos a carta de doação.

Mendo de Brito curvou-se, ouvindo ler no pergaminho as palavras do Rei: *Do vobis ipsam meam hereditatem et castellum de Incarnale* . . ., e logo dali se foi na tenção de assentar naquela terra sua moradia, mandando deitar pregão pelas vilas em que poisava para que se juntassem à êle no minguante da lua, para o fossado do verão às terras de Alem-Tejo.

E andando caminho com seus homens, solarengos, mancebos e escravos, como fôssem tocando a buzina, a gente dos casais e vilares vinha trazer-lhe suas oferendas de flôres, aves e frutos, devidas ao senhor da terra, festejando em cantigas e bailos de adufe, sua aparência de riqueza e poder de armas.

Depois, como assim era convinhável a serviço de El-Rei, alargou a cinta das muralhas, alevantou uma face da tôrre e ficou dentro dela a morar, por muito tempo, no respeito e amor de todo o senhorio.

As terras eram vastas entre rio e serra, e dos mais altos cumes corriam tributos de águas, a alagar fartamente as várzeas e alqueives, pelo moiro abandonados, desde que a contenda fôra ali ganhada, à voz dos barões de Dom Afonso Henriques.

Subindo as colinas em procissão de gigantes, bracejavam castanheiros, enleados de vide frondosa, espessos fenos e juncos alastravam por sôbre a terra

inculta das searas, e brandamente fugindo à linha de água, as filas de oliveiras cresciam agora mais alegres, na paz da terra cristã.

Para conhecer nos limites do senhorio a grandeza do benefício de El-Rei, tomou sua mulher Dona Berengária na garupa da sela, e seguido então dos maiorais com dois alões à dianteira, Mendo de Brito arrojou-se a percorrer o termo do Ingarnal, metendo-se por veredas de assalto onde cada passo das mulas descobria um perigo de morte.

Certa madrugada, depois de andarem perdidos o espaço de uma noite por entre um bosque de medronheiros, vieram poisar a Vale de Urso, terra fresca e amena de pomares e horta. Os braços das noras ali erguidos pelo cultivador árabe que nela fôra dono e senhor, anunciavam a Mendo de Brito a esperança de poder renovar, no amanho cuidadoso da leiva, a criação de mimos para regalo de sua mesa, que dêles muito era escassa pelo rigor da sazão.

Sentados todos no eirado do casebre, tendo já os maiorais arraçoado as mulas, trouxeram os alforjes de lã, e logo ali desatando os grossos farnéis, mataram a fome em duas lebres assadas e outras iguarias, com abundância de vinho e de mel branco.

O coração do cavaleiro, emquanto estavam comendo ao sol de Março, levantava-se amorosamente de sôbre a terra, que ganhara, para os olhos pretos de Dona Berengária, que tão bem merecera e dois anos havia lhe fôra dada, à bênção da missa, num alto castelo de Riba-Dão.

E contemplando nela a ventura presente no desejo e esperança de ver em sua carne florescer a virtude do seu sangue, assim o seu enlêvo lhe disse:

— Olhade, Senhora, que grande foi, por nosso bem, o dom de El-Rei.

— E vosso ânimo ousado e trabalho de tantos anos menos o houveram por graça do que o mereceram por justiça, respondeu com orgulho a nobre dona.

Na plenitude da felicidade, porque o amor descia dos olhos de Dona Berengária como a paz das oliveiras, assim continuaram êles sua prática, esquecidos do tempo que corria, ao cantar das águas por entre as joinas da encosta.

Tendo agora acabado a refeição, emquanto os alões iam roendo os ossos, levantaram-se para rezar a Deus, no silêncio e paz do ermo que alongava por mais de dez léguas, a ambição e o domínio do irmão de armas do primeiro Rei de Portugal.

Andando então sôbre as relvas novas, um ao lado do outro, Mendo de Brito, em seu júbilo, ia colhendo das árvores em festa ramos tenros e floridos que deixava cair no chão, em geito de cerimónia; outras vezes, dobrava-se para tomar punhados de terra que lançava ao ar, como semeador, voltando-se para sua mulher:

— Tomade assim da terra, boa dona, e dela fazei que vos prouver, que terra e fruitos nossos são.

E desta maneira, entrando no uso e posse das suas terras de donatário, em campos afastados que já não eram vistos do castelo, pelos aspectos verde-negros dos montes se alargava o orgulho dos senhores do Ingarnal, que só conheciam maior do que o seu o poder de El-Rei, e, como encargo da própria vida, a honra de o bem servir até à morte.

Para seguir o rasto do cervo, os maiorais subiam a encosta com os alões a corta-mato, e já quando se tinham muito alongado, aquele que se deteve a beber na fonte de uma clareira, erguendo os braços, bradou para os que adiante iam:

— Ás azêmolas! Ou lá! Ás azêmolas, que nos roubam ladrões!

Então, maravilhados seus olhos, os outros viram do alto, à luz do sol, três salteadores querendo desprender as mulas e tomar os alforjes, dependurados na parede.

Ao alarme aflito da buzina, acudiu logo Mendo de Brito, sabedor de tais embustes,

que já de longe vinha ordenando em gritos aos servidores:

— A ellos, moços! A ellos!

— Por Sant'Iago que moiros sejam!

— Como perros morram!

— Perdição do demo! A ellos!

Contra tamanha ousança dos roubadores, correm homens e cães, abrindo por entre urzes e estevas, a vereda do eirado. Mas à vista de Mendo de Brito que primeiro chegou, os albornozes já branquejavam entre os salgueiros do rio. Correndo nas mulas folgadas, sua esperança era entrarem na água, e logo salvos seriam dos alões que no couce já lhes ladravam, raivosos como lobos esfomeados.

Á vista do rio, a braveza da corrente desespera os rafeiros, seus lombos eriçados em arco e as línguas pendentes de cansaço, ali se torciam e saltavam de desespêro. Sôbre os roubadores assobiam os arcos, e tão direita como um castigo, a primeira flecha se cravou no pescoço de

um moiro que pela dor é derrubado da mula em que ia.

Subindo para os rochedos brancos, os alões puderam ganhar a outra margem, saltando sôbre um pego onde as águas, profundas e mansas, se tinham deixado adormecer.

Da outra banda, duas béstas ligeiras procuravam cortar o avanço, despedindo tiros para os cristãos.

Mas os homens conheceram e seguiram o trilho dos cães e o que depois foi acontecido, narra-o fielmente um passo do livro primeiro da obra intitulada — *Vidas de sete Varões insignes da Casa do Ingarnal, famosos por sua eximia Sciência, exemplar Religião ou poder de Armas, com outras memórias, &.*

Assim reza êsse precioso manuscrito que desde o XVII século foi guardado num armário da livraria:

« E como os moiros, mui contentes da presa que levavam, certos iam de não serem alcançados pelos cristãos a tal

distância que já mal eram vistos, havendo ainda a protegê-los o mór perigo das àguas, entraram de afrouxar na caminhada como quem seu dia ganho tinha e apetece ao fim dêle o merecido repoiso.

« Em Vale de Urso se ficara Dona Berengária, sem outra guarda mais e defesa que a do seu Anjo; e da própria fraqueza feminil, fortalecida pela virtude e poder da oração, veio do céu o auxílio que lhes valeu a todos em tão difícil apêrto.

« Ajoelhada por terra, invocou a nobre Dama o patrocínio da Virgem Santa Maria das Graças, fazendo voto de ali erigir uma ermida, se fôssem salvas as mulas das mãos dos moiros e tornassem com vida ao eirado Mendo de Brito e os seus servidores. E com tanta fé soube implorar que o rôgo de Dona Berengária foi ouvido no céu onde uma nuvem brança se rasgou para dar passagem a um clarão propício no meio do qual Nossa-Senhora aparecia, manando-lhe de suas mãos torrentes de resplandores que maravilhavam os olhos

da sua devota. No mesmo instante, os moiros foram alcançados pelos podengos que começaram logo, com fôrças superiores às da sua natureza, a rasgar os fatos e as carnes dos três roubadores, e porque muito bem os conheciam (ou já era mandado do céu ao instinto dos brutos), não lhes consentiram que dali um passo se arredassem, esperando a chegada de Mendo de Brito e dos seus.

Desta maneira bem guardados e cativo um dêles pela dor da ferida que recebera, humilhados e caídos em terra se deixaram prender pelos Cristãos que já tinham passado para além das águas.

«Vendo êles tão estranho caso, acontecido fóra de toda a lei, benzeram-se por maravilha, dizendo:

«—Assim nos salve Deus, que só o céu nos aqui valeu!

«E amarraram logo as mãos dos moiros com as correias das mulas, trazendo-os assim para o eirado aonde Dona Berengária ainda estava em oração, e tanto que

os viu chegar, logo lhes disse com alegria:

« — Sede ora bemvindos, que a Virgem Santa Maria cá vos trouxe!

« Todos ali entenderam e ficaram sabendo pelo que a nobre dama narrou, que o favor divino fôra com êles no perigo daquele instante.

« Prometeram logo ambos levantar a ermida de Vale de Urso que dali por diante, em memória desta aparição, se ficou chamando de Santa Maria do Vale das Graças, e a sua festa é no último domingo de Maio. »

Foi com êste aplauso celeste, *favor divino,* como diz o manuscrito, que o lar de Mendo de Brito, guerreiro e lavrador, se consolidou naquela parte da Beira, cuja raia para o Sul era ainda oscilante, pela grande audácia das sortidas moiras; e dêste caso tomou lição de proveito para avivar seu cuidado de defesa e sua constância contra novos perigos.

Dera-lhe El-Rei a terra, mais à honra de a guardar do que ao gôzo de a fruir, e

tendo-o assim entendido, em todos os anos de sua vida, que muitos foram ainda, nenhuma incursão em terra resgatada pela cruz pôde ser feita, sem que a vida dos inimigos fôsse o preço de sua ousança.

Entre o Monte Hermínio e o Tejo, por casais e vilares ou na extensão párda das solidões, a lança apendoada do velho rico-homem fazia conter em respeito o alfange nas escuridões do mato.

Muitas vezes, as searas semeadas no Outono pelo labor e cuidados dos moiros, eram colhidas pelos homens do Ingarnal no comêço do Estio. E vinha o grão ensacado, trazido em cargas por filas de mulas, quando nas ribeiras já baixavam as correntes e podia ser levada a algara até ao coração da terra ainda cativa, entre os rumores dos aduares.

Quando El-Rei Dom Sancho, para fortalecer e honrar a Guarda, dela fazendo sua côrte, mandou consagrar ao culto de Santa Maria a primeira Sé para o Bispo, das terras do Ingarnal foram homens e

carros, alguns moios de grão e três alcofas de moeda, acudindo logo ao pregão que fôra lançado aos concelhos vizinhos, para serem levantadas na linha das muralhas as paredes da casa de Deus.

E para todas as empresas que firmavam para as partes do Tejo o domínio da Coroa, sempre os bèsteiros de Mendo de Brito se aprestaram ao primeiro aviso da buzina ou do tambor, correndo às praças e aos muros das vilas, avançando depois bravamente pelo campo, de áscuma erguida.

O resto de seus anos, decorridos na paz criadora do reinado de Dom Sancho, o Povoador, foram mais para a relha do que para a espada.

Limpos de toda a moirama, eram quietos e firmes os seus limites.

De entre moitas ou sôbre a cinza das selvas que ardiam, levantavam-se casais onde balavam ovelhas, pela solidão sombria das colinas, e pela primeira vez as penhas da serra se dobraram em arqui-

voltas e se animaram em esculturas à glória da outra vida, na meditação dos altares e dos túmulos.

Abria-se a terra ao sorriso farto das searas, no rápido das correntes cantavam noite e dia os moínhos de água, e por sôbre os vilares que renasciam entre castanheiros floridos, o fumo das lareiras e dos fornos levantava aos céus os louvores da abundância e da paz.

Na sua velhice longa, a certeza da morte não traria a Mendo de Brito a ameaça de um remorso, por ter sido menos cuidadoso em usar das fôrças do corpo e da luz do entendimento.

A terra, ganhada para Deus e para o Rei, com o seu braço a defendia e fecundava, para que sôbre o brasão dos Britos do Ingarnal, a justiça de um neto seu viesse um dia a escrever a melhor tenção de honra e orgulho para um barão português: *Ense et Aratro.*

No lar do castelo, fortalecido por seu cuidado com as obras da tôrre e a cinta

das muralhas novas, dera-lhe um filho o amor de Dona Berengária; e êsse foi o muito ilustre Afonso Mendes de Brito, que em seu nome herdou e continuou por sua descendência, na vida das armas e nos louvores da Crónica, a virtude gloriosa do seu sangue.

Depois, nos períodos duros da conquista de África, nas rótas da Índia e da América, por mais de quatro séculos de história, sempre o sangue dos fidalgos do Ingarnal ilustremente floresceu em fama de heroísmo.

Na coberta das naus de batalha ou nas corrediças das fortalezas, os varões desta linhagem preclara, agora estendida, como árvore de protecção, sôbre a amplitude do Reino e Conquistas, podiam erguer com orgulho os leões do seu escudo de armas: «Em campo vermelho, nove lisonjas de prata, apontadas, moventes do chefe, da ponta e dos flancos do escudo, cada uma carregada de um leão de púrpura; e por timbre, um

leão aleopardado de púrpura, linguado de vermelho. »

Mas tempo viria em que sôbre a tradição das virtudes guerreiras, a glória límpida das letras e do fôro tentaria mais dominadoramente a ambição dos últimos netos de Mendo de Brito.

Nos largos cadeirões de sola das Academias, pelas correições das Comarcas ou no Desembargo do Paço, ora veremos frondejar amplamente a velha estirpe beiroa, não já nos limites concisos das páginas das *Vidas,* mas com larga cópia de documentação e saber, na crónica de Setecentos — *Quadro Genealogico da Casa do Ingarnal,* pelo licenciado André Gomes.

Com lentidão pomposa e solene, aí se faz o encómio das virtudes e feitos de numerosos descendentes desta família, suas consanguinidades e alianças, e ninguém deixará de alcançar em sua consulta atenta a mais saùdável deleitação com muito proveito de sólidos exemplos.

No comêço do XIX século, quando se iam abrir as portas de Portugal à procissão da Mitologia Revolucionária, a representação da Casa do Ingarnal pertencia ao moço Doutor Afonso de Brito, que aos vinte e seis anos ensinava direito civil na Universidade.

Vinha-se ferindo pelas armas a contenda dos direitos entre os dois Infantes, e as opiniões de Afonso de Brito, francamente expostas no seu opúsculo — *De Regis potestate* e abonadas com argumentos teológicos e históricos, pedidos aos canonistas e à tradição das Côrtes, deram sobeja razão aos revolucionários triunfantes para o obrigarem a abandonar a sua cadeira de professor.

Mal o govêrno de D. Pedro tomava assento em Lisboa, era expedida para a reitoria a ordem da sua demissão, por cuidadosa denúncia de um lente liberal.

Silenciosamente, o Dr. Afonso de Brito dobrou o seu capelo e partiu para o

Ingarnal, decidido a enterrar a mocidade na livraria do velho solar, entregando alma e vida às coisas da inteligência e do saber.

Do seu retiro, cuidadoso e triste, êle acompanhava a demolição da sociedade antiga, construída sôbre a terra, a família e o ofício, à lei dos foros locais e da autoridade do Rei.

No seu espírito claro e realista, as reformas de 36 reflectiam-se dolorosamente em resultados certos de desorganização sistemática.

Á soberania do povo chamava êle *baixa lisonja de aventureiros e rebeldes;* os novos fundamentos do poder à mercê do sufrágio em que os melhores deveriam ser escolhidos pelos piores, apresentavam-se-lhe como um *grosseiro sofisma.*

Por sôbre a sua voluntária obscuridade passaram anos, mas um dia, a pretexto de que nas suas terras se acolhiam os conjurados legitimistas da Província e em sua casa estiveram escondidos dois coronéis

e um general, o Dr. Afonso de Brito é preso e conduzido à cadeia de Almeida onde passou vinte meses, entre imundicie, coberto de piolhos, sempre sujeito aos mais torpes vexames dos carcereiros.

Quando saíu da prisão, absolvido de toda a culpa, correu à justiça para embargar o processo de confisco, instaurado sob a acusação de atentar contra a *Majestade Real de Nossa Senhora, a Raínha, por suas opiniões e feitos.*

Para escapar a novas perseguições, dois anos viveu exilado em Ciudad Rodrigo, e no dia em que sem receios pôde voltar a sua casa vinha com o orgulho da sua lialdade, uma medalha da Vera Efigie e algumas cartas de gratidão e aprêço do Soberano Exilado, a quem êle de Espanha escrevera um dia que *ocupado constantemente a ter razão, pela razão da honra perdera honras e proveitos...*

Tendo casado na maturação da vida, quís seguir de perto a formação moral do seu único filho, preservando-o dos ares

de corrução que haviam de cercar a sua juventude.

Assim confiou Miguel à severidade de Frei António do Rosário, egresso da Ordem de Sam Bernardo, latinista afamado que lhe indicou o seu parente de Trás-de-Serra, Dr. Mesquita Pimentel.

Quando o frade o deu pronto da arte de Retórica e das Humanidades, *por já não saber o que lhe havia de ensinar,* Miguel ia entrar no Colégio de Sam Bento em Coimbra, para onde partiu entre as lágrimas de D. Joana, sua mãe, os últimos avisos e a bênção de Frei António. Ao beijá-lo na despedida, o pai entregou-lhe duas cartas para velhos amigos, dizendo-lhe apenas, muito sèriamente:

— Lembra-te sempre do nome que tens.

No dia seguinte, o estudante e os fiéis almocreves que o levavam desapareciam com os machos e os bàús da roupa e dos livros no lusco-fusco da manhã.

Anos passaram, alegres como a esperança, e uma tarde, na véspera de

Sam João, Miguel de Brito voltava ao Ingarnal, com a bênção do grau de bacharal, um prémio no terceiro ano, fiel a Deus e ao Rei Legítimo.

Festejaram-no parentes e amigos de perto e de longe, dando ao pai e à mãe a certeza contente de o terem ali para sempre, abrigado de vícios, já que a intransigência do seu nome lhe vedava os cargos da Administração e da Diplomacia.

Na mesma casa, na mesma terra, em iguais sentimentos e convicções, êle trazia ao Ingarnal a continuidade e a nobreza do protesto do antigo professor.

Vizinha do Ingarnal era a Quinta da Paiagua, encravada na Serra, onde Miguel ia cortejando, com aplauso das duas família, Maria do Carmo de Mesquita, a mais falada e rica fidalga do termo, filha do Dr. Luís de Abreu Mesquita, amigo e correligionário de seu pai.

Duas vezes por ano, Miguel de Brito ia a Lisboa, *tomar ares de civilização,* como êle dizia, a justificar-se, hospedando-se em

casa de uma irmã de sua mãe, D. Josefina Menezes, casada com o conselheiro José de Menezes, director geral do Ministério da Justiça.

Numa dessas viagens, em longas horas de diligência, entre embrulhos e sacos de correio, o acaso o reùniu ao seu condiscípulo Alves Louzada, governador civil de Portalegre e grande influente eleitoral.

Em Coimbra, Miguel deixara fama entre a sua geração em que era um dos mais célebres legitimistas, vivo de inteligência e bom orador.

Sinceramente, os mais próximos amigos se lamentavam de que os seus talentos e a sua vontade se esterilizassem, sem remédio, por obediência ao que êles chamavam *um preconceito de família.*

Alves Louzada que não vira Miguel desde a formatura, repetia-lhe agora em tom mais autorizado, as velhas razões:

— Assim, meu caro, nunca chegarás a realizar uma ambição na vida, e lembra-te de que ela é só uma e curta . . .

— Mas a minha maior ambição realizo-a: sou lial ao meu pensamento, fiel à verdade política, atento às razões da minha consciência.

O governador civil de Portalegre sorria finamente. Quando as ideias mortas queriam lutar contra realidades concretas, afigurava-se-lhe a mesma insensatez que pretender vencer uma legião aguerrida com um montão de cadáveres. Que se lembrasse Miguel do centenário de Camões. Não se podia remar contra a maré... Mais lhe valia aceitar a razão dos factos, do que procurar razões contra êles. Os tempos tinham mudado muito, e êle, com a sua mocidade, não quereria ter a sorte obscura do pai, um homem que tão útil poderia ser ao País e à Sociedade. Miguel, já mole de enfado, ia-lhe dizendo em resposta:

— Obedeceu ao seu dever de português, ao Reino e ao Rei.

— Rei?! Mas queres melhor rei do que êsse que aí temos? Mais respeitador

das prerrogativas parlamentares e dos direitos do povo?

Tomando mais calor na persuasão, Alves Louzada, acostumado a vencer obstáculos com recompensas, insistia na tentação das realidades práticas.

Em poucos meses, Miguel poderia ser deputado, mesmo ministro. Para toda essa glória, bastava um passo que nem se podia chamar transigência, que demónio! O pai dêle, sim! Conhecera o senhor Dom Miguel, até lhe ficava bem permanecer firme nas ideias antigas.

Mas que êle, novo, inteligente, deixasse de amar e servir a sua terra, de trabalhar pelo País, pelo bem geral, não podia, palavra de honra, compreender semelhante teimosia!

Depois o nome: com o nome que tinha, todas as dificuldades desapareciam em sua honra, em seu proveito certo.

Miguel sorria do entusiasmo do sagaz condiscípulo. Mas, no desejo zeloso de prestar um alto serviço ao seu partido,

fazendo uma boa aquisição, o governador civil continuava ainda:

— Se queres, em chegando a Lisboa, apresento-te ao conselheiro Felix Rodrigues. Êle havia de gostar de ti. Somos muito amigos.

Para conter o ardor ingénuo de Alves Louzada, Miguel atalhava-o:

— Obrigado, Louzada, mas não me tentes. Não quero. Está dito.

— Pois fazes mal. Tenho lá no distrito uma vaga de deputado. Vou até agora tratar disso. Era para ti e sem luta.

Não podendo resistir mais à indiferença de Miguel de Brito pela eleição vitoriosa que lhe prometia, o governador civil começou a contar-lhe, já no combóio, os benefícios da sua acção administrativa. O que êle queria era paz, mas com o mais severo respeito pelo prestígio da autoridade. Disciplina, havia-a, e forte. Justiça para os adversários, benevolência e justiça para os amigos. Era a sua norma. Ninguém se podia queixar dela. Já a sua influência

conseguira uma estrada e obtivera dois antigos conventos de freiras para aquartelar a tropa. Naquele momento ocupava-se de canalizar as águas, mudar o horário do caminho de ferro de Abrantes, fundar um asilo. Êle pensava assim. Em vez de oração, filantropia; em lugar de reclusão contemplativa, trabalho e boas obras. Só desta maneira se podiam cumprir os Evangelhos.

— Já não te livras de ficar imortal no teu distrito, sorria Miguel.

— Mas mereço bem o reconhecimento dos povos que administro. A ingratidão e a calúnia procuram negar os meus serviços, mas êles lá ficarão a atestar a minha passagem pelos domínios da autoridade superior do Distrito de Portalegre.

Almoçando na rua da Arrábida, em casa dos tios Menezes, onde se acumulavam para Miguel tesoiros de ternura e vastos cabedais, D. Josefina, com o seu

lenço de malha de lã, cruzado no peito magro, e os bandós pretos sôbre as orelhas, assistia à refeição, renovando dez e doze vezes as mesmas perguntas, num sorriso de eterna doçura. Inclinando-se para a mesa, a boa senhora baixava a voz, em confidência:

— Então ainda nada?

— Nada, quê, tia Fina?

— O menino bem sabe... De futuro. Do seu futuro. De casa, de vida...

— Tudo isso quere dizer casamento, santo matrimónio, já sei.

— Sim, filho. Sim. Tua mãe tem-me dito nas cartas. Bom é...

— A tia Fina há seis anos que me promove a chefe de família, mas eu lhe prometo que hei-de conseguir, em menos de um lustro, a sua beatificação.

— Oh! filho, não brinques com a Religião!

— Mas quem sempre me tem dito que a tia é uma santa, é ali o prior de Santa Isabel. Lá deve ter as suas razões teológicas ou outras...

Na paz e claridade da sala, um gato preto ia brincando com um novêlo; o alto relógio inglês batia duas horas.

Olhando com demora para a mesa, Miguel continuava:

— Só se fôr por isto que a tia Fina se perca, introduzindo-me a alma no inferno pelo caminho do quinto pecado...

— Credo, filho! Não digas isso!

— Esta vitela montanhosa, êste baluarte de pastéis... Podia fartar-se nesta mesa um regimento de lanceiros. Só o cheiro quebrava o jejum a Sam Jerónimo.

Depois de sorrir enlevadamente a estes exageros de lisonja, D. Josefina insistia:

— Mas, que me dizes? As cartas da tua mãe dão a entender tudo como certo.

— Sim, não haverá grande calúnia, tia.

— Ainda bem, filho. É tempo. O tio José também há de ficar contente. Tomara já que êle voltasse da repartição para lho dizer. E se ela é assim, tão boa, essa menina Maria do Carmo...

— Olhe, para isso é que há mais tempo

se podia ter formado um júri: a tia Fina, a D. Rosa Andrade e a viúva do comendador Leopoldo. Ampla escolha, mas que decidisse sempre *ad referendum,* quere dizer o latim, a meu contento...

D. Josefina ria gostosamente:

— Já não é preciso. Assim é melhor.

— Está então com muita vontade de ver uma sobrinha ao lado do sobrinho?

— Muita vontade, filho. E o tio José também.

— Creio que falta pouco. Vamos a isso.

Os Menezes eram muito conhecidos em Lisboa, e, embora a falta de filhos désse sempre à casa da Arrábida a quietação de um eremitério, em dois ou três dias no ano, as lustrosas mobílias de mogno e mármore acolhiam amplamente as suas visitas. Nessas reuniões dos Menezes nunca se dançava, não se julgando D. Josefina obrigada a essa demonstração de jovialidade, por não ter gente nova para divertir.

Assim, as horas lá se passavam murchamente, entre ronceiras conversas de flatos

e devoções, emquanto as salas, cativas de sombra durante meses, surgiam no ar estranho e deslumbrado de aparições, ao abrirem as grandes janelas para o sol.

Algumas semanas depois da chegada de Miguel, o palacete da Arrábida abriu-se com um sorriso mais amplo para a festa do seu aniversário, a pretexto do qual os tios Menezes viram passar no seu pátio, para lhes levar cumprimentos, toda a fina roda da elegância e da política de 1884.

Essa recepção prepararam-na os Menezes em segrêdo e durante ela, por uma transigência quási materna, D. Josefina fôra recitar ao piano uma poesia de Mendes Leal, autorizando depois que a dança se ampliasse aos dois grandes salões.

Miguel viu-se obrigado também a contribuir com um velho soneto, de sabor arcádico, dos seus primeiros tempos de Coimbra, e foi êle, sem o saber nem querer, a maravilha dessa noite.

No dia seguinte, quando ao almôço recordavam na Arrábida a presença e a

alegria de convidados tão numerosos e ilustres, Miguel mostrou-se interessado pelos Viscondes de Alfaraz. Parecera-lhe boa gente, e a rapariga lindíssima! O tio José, que gostava de trocar com o visconde a marca dos charutos, acudiu logo:

— Sim, boa família. Estes Viamontes são mesmo da melhor gente de Leiria.

— Mas sem apêgo ao que é seu!, comentava D. Josefina. Venderam tudo o que tinham e...

— ... gastam agora o dinheiro, concluiu Miguel.

O conselheiro José de Menezes dizia que não, aos repetidos protestos de D. Josefina. Êles tinham vendido as terras, mas convertendo logo em títulos o capital. Ficaram com bons papéis e viviam largamente dos juros, obtendo vantagens no rendimento líquido. O conselheiro José de Menezes considerava êsse acto uma operação administrativa feliz, em vista da segurança do crédito público. D. Josefina insistia, para dizer que tal dinheiro, não

custando a ganhar, não se gastaria com regra; mas o seu marido louvava a vantagem e o sossêgo de se verem libertos de criadagem que consumia metade dos rendimentos e mortificava a existência.

O sobrinho ouvia, calado. Como os Alfarazes o tinham convidado para almoçar um dia em casa dêles, a Sam Bento, Miguel, que para sua recordação e enlêvo fixara Cecília Viamonte, foi esperando com impacientes conjecturas a chegada do convite que só foi entregue na Arrábida uma semana depois.

E logo nessa tarde pôde ser visto o seu chapéu alto, a flutuar na carruagem dos Viscondes, muito familiarmente, ladeando as terras novas da Avenida, entre os olhares e o rumor dos conhecidos.

Tendo-se repetido e amiùdado as visitas a Sam Bento, com o mais risonho aplauso e acolhimento dos Alfarazes, Miguel tão enleado já andava nos cabelos loiros de Cecília, que o tio Menezes entendeu dever adverti-lo:

— Parece-me que vais depressa demais, rapaz . . . que te esqueces . . .

Foi então que Miguel não pôde deixar de os informar: tinha já falado a Cecília, tocara mesmo no assunto, levemente, à viscondessa.

Os Menezes endureceram-se num pasmo repreensivo e no mesmo instante lhe fizeram saber que, sem o acôrdo do Ingarnal, não consentiriam que tal propósito fôsse mais além, com a aparência de um favor que não lhe tinham nem queriam dar. .

Sem grande constrangimento, Miguel concordava, que desculpasse a tia Fina, que perdoasse o tio José, mas já não era possível tentar qualquer desvio dos seus sentimentos ou abalar a firmeza da sua palavra.

E neste propósito partiu para o Ingarnal, ao encontro da sua estrêla.

No velho solar onde pairava a alegre esperança de unir nas mãos de Miguel e de Maria do Carmo, os largos limites do Ingarnal e da Païagua, a revelação de

Miguel provocou em seus pais uma oposição indomável e fria, traduzindo altos escrúpulos de ordem moral.

Nunca Miguel revelou, nem os mais íntimos conheceram, os termos dessa discussão com seus pais, na qual se desenhou a encruzilhada do seu destino. Inútil era insistir. A Lisboa chamavam-no de novo a saudade de Cecília e o ardor romântico e diário das suas cartas.

Ás portas do desespêro, partia êle de casa, disposto a ir até ao extremo, a valer-se de todos os recursos que lhe facilitassem o casamento. E lembrou-se então de escrever ao Alves Louzada que tinha voltado para Lisboa.

A entrevista dos dois condiscípulos, num quarto do Hotel Central, fôra curta e decisiva. Miguel informava o governador civil de Portalegre de um *súbito e irredutível conflito de família* e punha-o ao corrente das suas intenções. Alves Louzada dera-lhe confôrto, fôra com o seu amigo quási paternal. No círculo, por ambições desen-

contradas, ainda existia a vaga de deputado e a eleição era certa, podia garantir-lho. Lembrava-lhe, porém, o primeiro dever — apresentar-se ao presidente do conselho. Queria êle ter a honra de o conduzir ao gabinete de S. Ex.ª

Iria preveni-lo, solicitar uma audiência, *para dar solenidade ao acto.*

A estas palavras, o escrúpulo de Miguel estremecia; timidamente insinuava — se não seria dispensavel esta formalidade da apresentação, até porque o presidente do conselho deveria ter os momentos contados.

Mas Alves Louzada insistia: não era correcto nem conveniente que a sua entrada no partido fôsse acolhida como a de qualquer anónimo, sem honras.

Depois, conhecer o chefe era o primeiro dever de quem se propunha segui-lo e obedecer-lhe; além do mais, o conselheiro Felix Rodrigues era de uma amabilidade rara, com uma fôrça poderosa de sugestão que arrastava . . .

Poucos dias antes, almoçara com êle e estava trabalhando numa reforma administrativa onde para sempre ficavam emendados os êrros do Código; uma reforma liberal, descentralizadora a valer. A valer . . .

— Aí está um assunto que me interessa, atalhou Miguel. Fiz até uma dissertação.

— É verdade, tu escreveste qualquer coisa sôbre os municípios. Tenho ideia.

— Foi a dissertação de prémio. Publiqueia-a até com o titulo — *Foros locais*.

— Já te não larga, verás. Vou até lembrar-lhe que pode aproveitar o teu trabalho.

Estás lançado, amigo!

O grande desejo de Miguel contestava, a sorrir, tantas facilidades.

— É o que te digo. Com um discurso a defender a reforma, quatro citações de latim barbaro, pronto! Fìcas logo indigitado para ministro. Cá na política é assim.

Miguel deslumbrava-se, pensando sempre em Cecília.

O conselheiro Felix Rodrigues não conhecia Miguel de Brito e muito menos o seu trabalho de estudante, momentos antes de marcar a Alves Louzada a entrevista em que receberia a adesão do novo correligionário. Seria no dia seguinte, às duas horas, pouco antes das câmaras. Os dois amigos almoçaram juntos no Hotel Central e, com a antecipação de um quarto d'hora, já os seus chapeus altos reluziam ao sol, na arcada do Ministério do Reino.

O presidente do conselho, que logo se ergueu a recebê-los de entre duas montanhas de papelada, era um homem baixo, adiposo, grave de maneiras, com raros cabelos subindo e acamando-se no crânio em socorro da calva, uns olhinhos espertos rebrilhando, sob o toldo espesso das sobrancelhas.

E foi carinhoso para Miguel. Ouvira já falar dele, ainda no seu tempo de estudante; de sorte que muito prazer sentiu quando o Louzada lhe anunciara tão agradavel apresentação.

Nem era necessária. Só se fôsse pela pessôa, que o espírito já êle o conhecia do seu trabalho sôbre o município . . .

— Sôbre os forais, elucidou Miguel.

— Sim, sôbre os forais. É a mesma coisa. Em épocas afastadas era a mesma coisa, efectivamente.

Hoje, com os tempos e com as novas ideias de administração, o foral é só um: o Código. Não há privilégios locais. Há a lei que é regra e deve ser geral, isto é, para todos. Ou então, não é lei.

Alves Louzada ia aprovando com entendidos acenos de cabeça esta luminosa síntese do seu chefe.

Reconhecendo-se aplaudido, o conselheiro lisonjeiramente prosseguia:

— O seu trabalho compulsei-o. Aproveitei até dele algumas notas históricas.

Revela talento, estudo, mas ressente-se de ter sido escrito por um rapaz.

— Tinha eu vinte e três anos.

— Aí está. Logo me pareceu. Bela idade! Mas é ainda a infância do espírito.

Nesta altura, Alves Louzada, interessado na eleição e receando que o conselheiro tivesse de partir subitamente para S. Bento, como às vezes acontecia, atreveu-se a atalhar a improvização do seu chefe:

— Ó senhor conselheiro, eu tinha-lhe lembrado ontem para o meu amigo a vaga de deputado que lá temos.

Com os influentes locais me avenho eu. Agora é necessário que V. Ex.ª . . .

— Estive a pensar no caso, depois de V. saír. Isso do círculo é o demónio!

Agora . . . Verifiquei ontem à noite que havia um compromisso antigo com o Melo da Cunha. Creio que já foi preterido duas vezes. Há também essa questão do Tomé de Freitas, V. bem sabe.

E o conselheiro Felix Rodrigues movia o bigode, de um lado e do outro, em geito de quem mastiga, continuando:

— Outra vaga que possa aparecer, com o maior gôsto e honra para o partido que desde agora se orgulha de o contar no número dos seus mais ilustres adeptos.

Miguel empalidecia. Aquela surpresa estrangulava-o. Pela primeira vez na vida, sentia-se humilhado na sua inteligência e no seu sangue.

Renascia-lhe às golfadas amargas o desprêzo que teóricamente aprendera a ter pelos políticos de ofício.

Uma voz mais íntima avisava-o de que era aquele o primeiro castigo da sua deserção.

E dentro do seu ser, as pulsações mais fortes repetiam-lhe um éco que queria dizer — trampolineiro!

A atitude do presidente do conselho, naquele silêncio surdo de reposteiros burocráticos, afigurava-se-lhe um ardil para lhe captar a filiação. Depois, ficaria na linha dos pretendentes, à espera da sua vez . . . Era indecoroso!

Reconhecendo que sem resultado iam prolongando a conferência, Miguel fez sinal ao amigo, cujos lábios tremiam de cólera surda:

— Estamos a tomar demasiado tempo

ao senhor conselheiro. Peço mil desculpas, dizia êle.

Vendo o relógio e erguendo-se, Felix Rodrigues declarou que eram as horas de ir para as Côrtes; para mais, havia uma interpelação nos pares.

E acrescentou no mesmo sorriso:

— Creia que tive o maior gosto em conhecê-lo. Apareça sempre que quiser.

Depois, apertando-lhe a mão num gesto demorado, cordialmente, rematou com estas palavras que aos ouvidos de Miguel e de Alves Louzada soaram com timbre irónico:

— Pode contar daqui em diante com toda a minha boa-vontade e com o meu fraco préstimo.

Os dois amigos desceram, vergados, os lanços de escadas do Ministério do Reino. Diante dos olhos turvos de Miguel, cerrava-se a cortina oficial que lhe deveria abrir o futuro e a prosperidade.

Apoplético e ameaçador, Alves Louzada rugia interjeições obscenas, sentindo o

desaire da sua pessôa e o cheque no valimento político que alegara, classificando de *pulhice* o procedimento do conselheiro Felix Rodrigues.

Passeando ao longo do Terreiro do Paço, ao acaso do bom ar, o governador civil esbravejava:

— Isto não fica assim! Não póde ser! Vou procurá-lo esta noite. Se o círculo não fôr para ti, demito-me, abandono o partido e vamos para os outros!

Eu não quís ali fazer banzé, armar escândalo. Mas posso lá admitir que te troquem a ti, Miguel de Andrade e Brito, por um idiota que é um famoso veado e dispõe, quando muito, de cincoenta votos!

Miguel tranqùilizava-o: não valia a pena êle sacrificar-se. A política era feita de acasos e de surpresas. Na verdade, estranhara aquela recepção. Depois do que o Louzada dissera, ia cheio de confiança.

— Tu desculpa, rapaz. Eu estava tão certo de conseguirmos . . .

— Mas não duvido da tua boa-fé e do

teu interêsse, Louzada. Fico-te agradecido na mesma.

Talvez o meu destino não seja a política. Procurarei outro meio de romper na vida e já, porque a minha situação não permite vagares, nem incertezas.

— Isto não se liquida assim. Verás... Hei de ir ter com êle hoje mesmo.

Separaram-se, e à noite Louzada apresentava-se carrancudo em casa de Felix Rodrigues. No fim da conversa, que foi longa e acesa, mal o governador civil voltara costas, Dona Eufémia, a espôsa do presidente do conselho, que êle proveitosamente associava às suas mais habilidosas manobras políticas, mostrou desejos de conhecer as razões daquela hesitação, em prometer, negar e vir por último a dar um círculo daquela importância.

Felix Rodrigues abriu-se no seu mais fino sorriso, e, sentado ainda à secretária, ia-lhe dizendo:

— Muito simples. Eu sempre fiz tenção de dar o círculo ao rapaz, tanto mais que

era um grande empenho do Louzada. Mas com esta resistência, procurei valorizar a concessão.

— ? —

— Ora, o Louzada crendo que cedi ao empenho dele, o Brito supondo que me deslumbrei com o seu talento, num livro que nunca vi.

Dona Eufémia sorria, deleitada e orgulhosa com tão aguda subtileza.

— Arte da política, filha, pela qual se aprende a dominar os homens, depois de os ter vencido nas suas fôrças pelas suas fraquezas . . .

No dia seguinte, às sete da manhã, Alves Louzada, apeando-se de um carro, batia ao portão da rua da Arrábida, alvoroçando o sossêgo dos Menezes e rompendo logo pelo quarto de Miguel, ruìdoso e eloqùente, a contar-lhe tudo.

Felix Rodrigues reflectira, pesara as razões, e o círculo era finalmente, vitoriosamente, dele, Miguel de Brito.

— O Melo da Cunha ainda desta vez

não ergue os galhos na câmara, dizia Louzada num desprêzo triunfante.

Fôra lá em casa uma batalha formidanda, dissera as últimas ao conselheiro, mas ali lhe trazia o círculo e o futuro.

Miguel agradecia-lhe o júbilo daquela ventura que pelo quarto lhe entrava com o sol, depois de uma noite de pesadelo.

— Passei horas longas como séculos, Louzada! Não imaginas!

— Bem, agora varre os fantasmas e vamos cozinhar a eleição. Partimos hoje.

— Já hoje?

— Ou àmanhã, se quiseres. O círculo é teu, está visto; mas é preciso honrar a lista, cobri-la bem.

Tinha que lhe dizer também que não era só por êle, Louzada, mas pelo amigo, pelo talento que lhe reconhecia, pelo nome histórico que usava. No partido queriam-se valores; era necessário consagrá-los.

Fôra o conselheiro que o encarregara de lhe acentuar isto mesmo.

— Aqui tens! Magnífico, hein?, exclamava o governador civil.

— Obrigado, Louzada, se não fôsses tu..., sorria Miguel, vestindo-se à pressa. Então êle sempre reconheceu?...

— Pois está visto! A razão e o interêsse político militavam do nosso lado. Estava cá eu, que diabo! Depois de lhas cantar boas, pôs-me a mão no ombro e disse-me ao cabo do serão, na presença da senhora, da D. Eufémia:

« — Bem, leve lá o círculo ao seu amigo e diga-lhe que honre a preferência que lhe démos, porque bem póde... »

— Obrigado, Louzada! Venham de lá êsses ossos! — rematou Miguel ainda em ceroulas, a abraçar o amigo.

III

PODER DA LÓGICA

A carreira política de Miguel de Brito, aberta pela sua transigência com o Rei e os partidos, oferecia-se-lhe ràpidamente prometedora.

Mas a notícia da sua eleição, levada ao Ingarnal nas dobras de uma carta prudente e conciliadora do conselheiro José de Menezes, seria a mais rude contrariedade da existência do velho professor, chamando Miguel a novas responsabilidades.

Passados dois meses, já casado e vivendo

num primeiro andar da rua das Chagas, o filho do Dr. Afonso de Brito merecera do seu partido o cargo de comissário do govêrno junto da Companhia Industrial Angolense onde, a instâncias de Alves Louzada, lhe foi possível prender a primeira amarra a Lisboa.

Quando seu pai morreu, no isolamento doloroso do solar, Miguel partiu com D. Cecilia para o Ingarnal, na esperança de juntos poderem enxugar as lágrimas de D. Joana, convencendo-a a ir viver para casa deles.

A todos os rogos ou razões, permaneceu inabalável a vontade da boa senhora, declarando que *já não valia a pena mudar de casa a quem neste mundo só tinha o destino de esperar a morte.*

E mostrou-se de tão gelado coração para sua nora, que D. Cecília não pôde ficar mais de quatro dias, debalxo das telhas em que nascera seu marido.

A estreia parlamentar de Miguel de Brito, num discurso de hora e meia sôbre

uma concessão de terrenos em Moçambique, em que longas listas de números, que ninguém retinha, fizeram passar na sala o sôpro da persuasão, ganhara o aplauso mais indomável da maioria, emquanto a oposição se amuava num silêncio esmagado e respeitoso.

O *Correio Lusitano,* jornal do govêrno, desdobrava-lhe o retrato pelas ruas, impondo o novo deputado, *apesar dos seus anos juvenis, como um dos valores mais probos e conscienciosos com que de futuro podia contar a administração pública.*

Comentando nos corredores da câmara o sentido destas palavras, alguns deputados mais íntimos atribuíam-nas ao punho do próprio presidente do conselho, traduzindo-as risonhamente para Miguel, como uma indicação ministerial.

Depois, reeleito pelo círculo da sua naturalidade, já na oposição, Miguel de Brito, em artigos violentos do *Correio Lusitano* e nos ataques às propostas de fazenda do govêrno, viera avançando para

o primeiro plano, ao lado do chefe, no relêvo político do seu partido.

Por ocasião do centenário de Camões, a cujas festas assistira ainda como estudante, Miguel de Brito começara a observar o alento que ia tomando a propaganda republicana, compreendendo que o poder exercido dentro da Carta Constitucional, a reprimir ou a conceder abusos, era ineficaz para se opor à sedução de uma ideologia nova e pura.

Na lógica do seu espírito, nunca pudera encontrar justificação doutrinária para a partilha do poder, em que o Rei ficara com o sceptro, o Povo com a soberania, as Facções com o govêrno e ninguém com a autoridade. Mas, dentro da política, sem saber como, na absorção diária da luta e dos expedientes, o seu juízo claro absolvia agora o scepticismo resignado do Rei, utilizava a escravidão ignara do Povo, aceitava a corrução dos Partidos, por um abandono inelutável e resvaladiço.

Tendo ignorado, por desprêzo heredi-

tário, os teóricos da Revolução, só agora se lhe revelava e impunha com proveito a retórica impetuosa e sábia de Mirabeau. Pouco a pouco, o seu espírito cedia à pressão das realidades: em França estremecera e baqueara o trono de Napoleão, aos brados da nova república. Se os reis já não eram enviados de Deus, a sua autoridade não tinha fundamento sério.

Com a avidez cuidadosa de um transfuga que pretendesse alcançar a consciência da sua conversão, Miguel estudava, lia e meditava, admirando-se de si mesmo.

Um dia, no *Correio Lusitano,* alastrava um artigo seu, tecido à volta dêste conceito: as instituições passam, os homens ficam.

A sua exposição clara, as abonações com textos de Pitágoras e Rousseau, impressionaram tanto a loja *Claridade* que enlevadamente lhe concedeu comentários de admiração e benevolência. Dessa sessão, saiu um dos seus veneráveis com o encargo de conduzir ao seio da Maçonaria o filho do Dr. Afonso de Brito.

Miguel aceitou.

E, logo depois dessa consagração, foi nomeado ministro pela primeira vez, com louvores respeitosos do diário republicano *O Radical,* a *nome tão ilustre,* a *tão culta e distinta individualidade.*

Alguns anos depois, no lar de Miguel de Brito, agora nas casas novas da Avenida da Liberdade, sorriam e traquinavam dois filhos, Vasco e Maria Joana.

A herança dos sogros permitira-lhe já alguns desafogos opulentos, no luxo da sua equipagem em cujas portinholas se esmaltavam os metais heráldicos dos Britos e dos Viamontes, ou em festas de recepção a que assistiam pomposamente as fardas e as púrpuras.

Ao mesmo tempo, a convivência muito próxima com os propagandistas republicanos, no segredo da loja *Claridade,* dava à sua figura, na opinião geral, um crédito de intelectualidade que foi depois a sua mais orgulhosa distinção entre os graves colegas da Câmara dos Pares.

Como parlamentar e depois como ministro, nenhuma referência mais agradavel para êle do que aquela que os seus grandes óculos procuravam no *Radical* nas manhãs seguintes aos seus discursos. Satisfeito com êsse aplauso consagrador, começava bem e contente o seu dia.

D. Cecília, agora na volta dos trinta e cinco anos, era para Miguel a digna mulher que poderia ter desejado a ambição de seus pais.

Inteligente, dócil, de uma dignidade calma, à sua formação religiosa num colégio salesiano, deve atribuir-se a resistência às seduções atrevidas que a cercavam, entre diplomatas e políticos.

Na roda mundana, chegava a ser objecto da maior estranheza a sua impertinente virtude conjugal.

De facto, por muito que esquadrinhassem a fantasia e a intriga das suas mais íntimas amigas, nenhuma lhe descobria um amante.

A condessa de Reveles que então era o

pecado galante das salas, ainda quís editar o romance de D. Cecília, a passear de carruagem com o secretário do marido, uma tarde, pelos arredores de Queluz. Mas em vão. Ninguém acreditou.

— Até parece mal! — comentava a zombaria das senhoras, abafando o sorriso na renda dos lenços. Que monstro de virtudes!

E numa tarde em que a moral de D. Cecília de Brito desesperava a boa-vontade de três das suas mais assíduas visitas, foi-lhe dada a alcunha de *Arca da Aliança*, por alusão ao volume e à fidelidade sacramental do seu corpo de mulher.

No caminho de triunfos políticos de Miguel de Brito, marulhou certo dia um escândalo ruidoso e exemplar.

Na sala da roleta de um clube, dera-se uma scena entre êle e o banqueiro, por uma questão de pagamento.

Por muito que os jornais fôssem violentados à discreção, embora Miguel de Brito não fôsse ministro, a *Tribuna*, orgão

oposicionista, ia noticiando que o Par do Reino governamental, Miguel de Brito, *se envolvera em desordem com jogadores profissionais, ficando contuso no rosto; que o ilustre prócere, depois de ter perdido a fortuna própria nos azares da tavolagem, ao que se dizia, andava talvez jogando à roleta as possibilidades de vida do Gabinete . . .*

O presidente do conselho mandou-o chamar para o advertir. O próprio chefe do Estado, depois da assinatura, o interrogara sôbre o caso, mostrando-lhe um desagrado vivo. Apelando para a sua lialdade política, para os seus serviços ao partido, pedia-lhe que se contivesse, para não provocar o descrédito do govêrno.

Miguel justificava-se: procedera assim, porque lhe queriam roubar o que tinha ganhado em jogo lícito.

— E quanto a Sua Majestade, acentuava êle, com ironia, parece-me que não tem autoridade para reparos de ordem moral quem se dá tão abertamente ao prazer do escândalo com mulheres casadas.

— Segundo as calúnias dos orgãos republicanos . . . — retorquia o presidente do conselho.

— . . . que nem por isso estão impedidos de dizer a verdade . . .

E nesta suspensão ficou a advertência do conselheiro Felix Rodrigues e se deteve a rebeldia de Miguel de Brito, mas na deflagração dêste episódio havia de começar a sua decadência política.

No tempo em que amigos e servidores, depois de almoçarem no Paço, passavam as tardes nos clubes divulgando elegantemente as intimidades de seus amos e senhores, não era perdoável que um político fôsse em suas palavras menos respeitoso para a pessoa do Rei.

Muito zelosamente, os cortesãos dessa época defendiam êste alto privilégio de difamar as pessoas da família rial, denunciando com fidelidade, entre veludos doirados de intriga, algum desabafo dos homens do podêr.

Por êsse processo, se levantou contra

Miguel a aragem avisseira que nunca mais deixou de correr das bandas da Ajuda.

Raras vezes ia à câmara, a não ser por instàncias suplicantes de Felix Rodrigues, para acudir a votações indecisas, ou para ouvir algum discurso contra a honra do Paço, em que a Corôa, erguida na sala em movimentos ásperos de futeból, ia acolher-se sob a púrpura caritativa de algum bispo, aos àpartes fustigantes de Miguel de Brito, enterrado na poltrona, com os cotovelos na carteira.

A uma sessão política de maior temporal, em que se discutia um projecto de aposentação do clero, Miguel de Brito já não tomou partido, ficando isolado, *para melhor defesa da sua independência,* segundo as palavras da declaração breve que então quís fazer.

Nesse ano lectivo concluíra Vasco o curso dos liceus, devendo entrar em Outubro para a Universidade e para a Faculdade de Direito.

A formação mental do filho nunca mere-

cera a Miguel de Brito qualquer escrúpulo de direcção, outros cuidados que não fossem perguntar ao reitor — *como ia por lá o seu rapaz*.

Pelo contrário, D. Cecília vivia debruçada para a alma do filho, a cultivar nela, de manhã e à noite, as flores de uma grande esperança religiosa.

Entre os condiscípulos, êle era afamado de inteligência, e para índice da sua sensibilidade moral, contava-se no curso um rasgo de nobreza de alma de que a sua geração se maravilhou. Tendo prometido emprestar a cábula e as odes de Horacio a um companheiro de banco, chamado Jorge Cabral, um esquecimento do criado, na entrega, ocasionou ao condiscípulo uma lição infeliz. Vasco, interrogado a seguir, ergueu-se muito confuso, para declarar com pasmo da classe e do próprio mestre:

— Peço desculpa a V. Ex.ª, mas não posso dar lição.

Ninguém compreendeu a sua atitude,

até ao fim da aula, em que o professor recebeu repreensivamente o filho de Miguel de Brito. De lágrimas nos olhos, êle ia ali salvar o condiscípulo, substituindo lialmente a responsabilidade dêle pela sua, nas conseqüências daquele desastre escolar.

O professor de latim, velho e honrado maçador, abraçou muito impressionado o seu discípulo, prometendo que a ambos levantava a má nota que tinham merecido.

E neste bom testemunho de camaradagem, para sempre se firmou a amizade de Vasco e de Jorge Cabral.

Nesse fim de Setembro regressaram de Sintra e, ainda à mesa do jantar, Vasco perguntava se podia ir ao Ingarnal despedir-se da avó.

Miguel e D. Cecília aprovaram a lembrança e o desejo do filho.

— Tenho muitas saudades da avózinha, dizia êle.

— Há quantos anos não foste lá?

— Dois. Dois anos e meio. E nas car-

tas queixa-se sempre de estar só, de viver sem família.

— A culpa não é nossa, dizia Miguel. Eu e tua mãe bastantes vezes instámos com a avó para vir para nossa casa.

— Nem tornou a Lisboa, por mais que a tia Fina lhe pedisse, dizia D. Cecília.

Voltando-se para a irmã, Vasco perguntava-lhe:

— E tu, Miana, queres vir ver a avózinha?

E logo D. Cecília acudiu:

— A Miana não pode ir; anda muito constipada e lá pela serra já deve fazer frio.

— Também, êle só se pode demorar uns quatro ou cinco dias, dizia o pai.

As aulas estão à porta e é necessário dispôr tudo com tempo.

Quando apareceu no alto do Ingarnal a velha caleche, derreada ao peso de três gerações, já a cabeça branca de D. Joana

tremia de comoção, oscilando num desejo vagabundo de avistar o neto, por detrás do colunário da varanda, no meio de craveiros e perpétuas. E com a mão sôbre os olhos foi descendo perigosamente a escadaria de pedra, amparada à velha Antónia, para receber no patio os primeiros passos de Vasco.

Ainda com o carro em andamento, muito esguio e fléxivel de figura, Vasco correu para os braços de D. Joana, cujo coração ali se derramava em ternura de beijos e de lágrimas.

Infantilmente, êle acariciava-a, ajudando-a a sentar-se num banco de pedra, com os criados alegres e comovidos à volta, emquanto Antónia, que era irmã colaça do Dr. Miguel de Brito, o abraçava pelo pescoço:

— Meu menino! Meu menino!

— Senhor doutor... Agora é senhor doutor... — emendava Mateus, último escudeiro do avô de Vasco.

Até mo disse o sr. padre Januário.

— Cá para a velha há-de ser sempre o menino. Já não estou para mudanças!

— Pois, sim, Antónia, pois, sim..., dizia Vasco, batendo-lhe nas costas!

D. Joana sufocava de felicidade; os soluços sacudiam-na em grandes repelões.

— Não chore, avózinha, não chore que lhe faz mal.

— Cuidei, filho, que não te deixavam tornar a vêr-me.

— Mas, aqui estou; agora cá me tem ao pé de si.

— É por muito tempo, filho, é por...?

— Sim, avó, fico alguns dias, bastantes dias. Vamos conversar muito, matar saudades. Ó Mateus, dá-me cá aquela mala, a da fechadura amarela.

É a mana que manda, dizia êle, entregando uma caixa a D. Joana.

Naquele encontro revivia em Vasco toda a ternura da sua infância por esta avó desterrada na serra, entre sombras e lembranças.

Para se consolar, na ilusão de que viviá

com os netos, todos os dias ela abria o armário da parede em que guardava as bonecas, as espadas e os triciclos que no Ingarnal acompanharam, em dois ou três verões, o tumulto folgasão das crianças em que florira o seu sangue.

E no culto destas saudades, continuava D. Joana a amar os netos, ao pensamento vaporoso de que êles poderiam voltar a traquinar e a devastar o jardim e a horta, montando airosamente cavalos de páu por entre as alamedas de buxo, como estavam presentes nos retratos amarelecidos, para os quais a sua mão todas as manhãs colhia flôres novas de esperança.

Através dos corredores de tijolo, mal alumiados, Vasco passava ainda agora com o sopro de terror com que olhava então os retratos dos avoengos. Um havia, duro e severo magistrado, revestido do hábito de Cristo, por cujas barbas êle tinha um respeito sombrio e junto do qual a Antónia o levava para o fazer calar ou persuadi-lo a adormecer.

Na horta, a mesma burra tirava resignamente a água como nos seus dez anos. Mas morrera de saudade e velhice o carneiro preto com que no pátio tentara as mais perigosas sortes de toureio.

Nêsses dias, na doce e calma ventura das recordações, D. Joana, em seu enlevo inquieto, entrava logo de manhã no quarto, seguida de Antónia, trazendo em grande aparato o serviço da desjejua.

Pé ante pé, ambas se aproximavam da cama; D. Joana abanava docemente o velho leito de pau preto para acordar Vasco que esfregava os olhos diante de um pão de ló muito fofo e de uma caneca de compota, sôbre o grande taboleiro de prata onde fumegava uma cafeteira.

Dêstes roubos de sono, a boa avó justificava-se um dia com as melhores palavras do seu afecto: — Acordo-te mais cêdo, para te ter mais tempo, filho. E tenho tantas coisas para te dizer!

— Mas eu torno cá para o Natal, avozinha.

— Não voltas, porque eu já não sou viva. Diz-mo uma voz cá dentro. Sim, filho, esta casa vai-se fechar, quando se fecharem os meus olhos.

— Então, o pai, a mãe, a Miana e eu? Não se ha de vender o Ingarnal, ninguém o deixa ao abandono e Deus ha de dar saúde e vida por muitos anos à avozinha.

Nessa tarde, à varanda da livraria, emquanto Vasco ia sacudindo o pó de umas pinturas em cobre, representando os Evangelistas, D. Joana veio sentar-se junto dele para lhe dizer que tinha convidado para jantar no dia seguinte o Dr. Jeronimo Valadares e a mulher, a D. Maria do Carmo. Talvez Vasco ainda se lembrasse.

— Sim, tenho ideia... Gente que morava numa quinta, com uma sineta ao portão de ferro. Fui lá muitas vezes.

— Isso mesmo. A Quinta da Paiagua.

Boa família. Tem-me feito companhia na saúde e na doença. Sou madrinha da pequena e quero-lhe como se fôsse do nosso sangue.

— Êstes livros também precisavam limpos e arrumados, avó. Quando voltar hei de dispôr de uma semana para êste arranjo.

— Olha, para aí estão, desde o tempo de teu avô. Êle dizia que tinhamos cá alguns livros raros. Eu não sei. Só cá tem posto a mão o padre Januário.

— É verdade: que é feito do padre Januário?

— Vai indo, coitado. Também aí vem jantar amanhã.

— Gosto muito, avózinha. Gosto muito de o tornar a ver.

A êsse jantar festivo, em que se reùniam os amigos da Serra celebrando a passagem de Vasco para a Universidade e para que desceram de escuros armários as velhas loiças e pratas do Ingarnal, queria a nobre dama prender a lembrança do neto que os seus olhos venturosamente ali viam homem feito.

Na província jantava-se cêdo, e às cinco horas já a vitória dos Valadares subia levemente o pátio.

Por indicação da avó, Vasco desceu a recebe-los ao portão, com aprumo e gravidade, no seu primeiro encargo de senhor.

A pequena Benedita, branca e esperta, com laços de fita clara nos cabelos, logo estendeu para Vasco os seus bracinhos palpitantes, beijando com naturalidade de velhos conhecidos a face pálida do filho de Miguel de Brito.

O Dr. Jeronimo apresentava-se e apresentava D. Maria do Carmo, que talvez o Vasco já não se lembrasse . . .

— Mas perfeitamente. Na última vez que cá vim, estavam fóra, a banhos.

— Tinhamos ido à Figueira.

— Lembro-me até de ir à Paiagua algumas vezes brincar com seu filho, o Mario. Ainda esta menina não era nascida, creio eu. Onde está êle agora?

— Em Itália, numa escola de agricultura.

— Pois eu não reconheceria o Vasco, declarava D. Maria do Carmo. Está muito

mudado de feições e já um homem. Como o tempo vôa!

E emquanto se iam aproximando da escadaria, D. Maria do Carmo com um chapeu de grande roda e uma pluma cinzenta, o seu agasalho no braço, Benedita alegremente pela mão de Vasco, o Dr. Valadares informava-se da saúde de todos os senhores, lá em Lisboa.

Ao alto, já os esperavam o sorriso contente e a trémula alegria de D. Joana, com o padre Januário ao lado, muito cortês e respeitoso na sua garnacha de festa.

E logo foi para Vasco a admiração unânime dos que ali estavam.

— Na verdade, em tão verdes anos, o sr. Dr. Vasco causa admiração, notou lisonjeiramente o padre Januário.

A esta referência de *doutor,* D. Joana comovia-se, abraçando-se ao corpo do neto.

— Doutor que Deus fará . . . , dizia Vasco. Quando será isso! . . .

— Olhe, desembarcando em Coím-

bra, fica logo com o grau de bacharel. Dão-lho os bagageiros, as tricanas, os comerciantes, toda a gente. E o que lá faz os doutores não são os mestres, a Universidade: são os *ares* do Mondego.

Todos sorriram à graça autorizada do Dr. Valadares, alto e magro, com a sua barba espessa, cortada em bico e uns olhos risonhos, muito pretos, em que a bondade clareava.

Dali por uma hora, começava o jantar na grande sala da chaminé onde subiam e crepitavam línguas de chama viva, contra os primeiros frios do outono serrano.

Sôbre a larga mesa resplandecia, nas pratas e na alvura do linho, o candelabro, suspenso do tecto de castanho, bom trabalho de buril que o bisavô de Vasco mandara fazer a um entalhador de Alpedrinha.

Para essa maravilha iam sempre os olhos admirados de quem ali entrava, nas noites em que a luz das velas podia revelar e realçar todo o labor com que o artífice fizera florir a madeira.

Segundo o seu costume, quando era presente, o padre Januário esclareceu:

— Dizia o sr. Dr. Afonso, que Deus haja, que o artista trabalhou nele sete meses, ganhando um pinto por dia.

— É verdade, é verdade, confirmava D. Joana.

— Sim, realmente . . . é uma boa peça, concordava o Dr. Valadares, procurando o aplauso de D. Maria do Carmo.

O jantar ia seguindo, servido pela Antónia e pelo Mateus, que de quando em quando altercavam em rumores hostís:

— Você não repara!

— Você não vê que falta água!

— Parece que não tem olhos!

— Cale-se!

Pressentindo desavença, o que sempre acontecia quando era maior o zêlo pelo serviço, D. Joana aprumava-se ao longo do grande espaldar de coiro lavrado e mandava para a porta da copa dois olhares repreendedores que mais tarde seriam uma tempestade de ira.

Após os dois guisados, os três assados, erguiam-se do meio da mesa em velhas travessas, o créme, o arroz doce, o prato coberto de espumas, as compotas de ginja e de abóbora, sábiamente preparadas por D. Joana e guardadas para providência dos doentes pobres em armários de parede, extensos como minas.

À fruta, com admiração geral, apareceu uma maçã de quilo e meio de que todos quiseram alegremente comer.

Próximo das nove horas, tinham terminado as saúdes e a refeição, com desculpas sucessivas de D. Joana para os seus convidados.

A noite descera cerrada, com um ceu baixo, de nevoeiro.

Os Valadares despediam-se. D. Joana não insistia, por causa do frio, oferecendo agasalhos para a pequena.

Uma criada trazia um chale branco de lã e D. Joana foi enrolando a criança, escondendo-lhe o corpito numa protecção tépida. E acrescentava:

— Quero-lhe como à luz dos olhos. És uma flôr, filha!

Os Valadares agradeciam êstes cuidados e êstes beijos, desvanecidamente.

— E eu prometo mandar de Coimbra à nossa amiguinha Bita uma grande boneca, do seu tamanho!

— Ouves? Agora has de também rezar pelo sr. Dr. Vasco, à Nossa Senhora das Graças, dizia D. Maria do Carmo para a pequena, em cujos olhos amortecidos lampejou a imagem da boneca.

— Sim, sim, mamã.

Momentos depois, quando os guisos do carro dos Valadares, já fóra do pátio, iam chamando os uivos dos rafeiros à beira do caminho, D. Joana, Vasco e padre Januário sentavam-se à chaminé da sala, emquanto Antónia e Mateus levantavam a mesa e apagavam o lustro.

— Estes Valadares são muito simpáticos, começou Vasco. Parecem gente boa.

— É o que eu te disse, filho. São os

melhores amigos que tenho, sem falar no padre Januário que é da casa.

— Oh! minha senhora!

— Houve sempre uma grande ligação entre o Ingarnal e a Paiagua que naturalmente acaba comigo.

— Mas porquê, avó?

— Nunca me deixa esta ideia, que queres? Quando eu morrer, nenhum de vós virá para aqui morar. Sois outra gente, de outro tempo, com hábitos de Lisboa.

— Não digo sempre, mas às temporadas, sim. Eu gosto do Ingarnal.

— Escuta, filho. Tu és hoje um homem e daqui a dois dias estás formado. Antes de te ver partir, quero confessar-te a grande mágua da minha vida, a mesma que, antes de tempo, matou o teu avô. Ha vínte e um anos que a guardo comigo, a ralar-me, a consumir-me, sem me queixar num desabafo com ninguém, a não ser com êste velho amigo.

Vasco inquietava-se, pressentindo que o

levavam a passar junto de um segrêdo doloroso.

D. Joana continuava, animando-se:

— Tu já deves saber quais foram sempre os principios e a lei desta casa. Alguém te terá dito como teu avô foi perseguido pelos liberais que o encerraram na cadeia de Almeida, tendo-o já obrigado a abandonar o seu lugar de lente.

Para não atraiçoar a honra e faltar ao juramento, aqui se meteu depois até à morte. Teu pai tinha aqui a ensinar-lhe latim o frei António do Rosario, que o guiou nos estudos até poder ir para Coímbra.

Trouxe prémio um ano, e quando se formou, houve nesta casa uma festa que deu fama por toda a Beira, porque convidámos para ela todos os nossos parentes.

Na Paiagua, que é hoje do Dr. Valadares, vivia nesse tempo o sogro, o Dr. Luís Mesquita. A D. Maria do Carmo era então uma rapariga muito nova, muito alegre e bonita. Gostava de andar a cavalo e com

teu pai percorria a quinta, todas as estradas da redondeza, e já não havia criado, casaleiro ou pessoa do povo que não os julgasse noivos.

Entre nós e os Mesquitas havia o pensamento constante de os ver casados.

Chegámos a trocar impressões mais do que uma vez e nessa união viamos a felicidade de ambos.

— Mas nunca houve compromisso, creio. Já me lembro de ouvir falar nisso, dizia Vasco.

— Sim, filho. É certo. Mas o procedimento de teu pai, o deles e o nosso davam nas vistas, justificavam mais alguma coisa do que suposições.

A rapariga, por si, compreendia e correspondia a êsse interêsse.

Teu pai deu-lhe o retrato de formatura, tinha ela quinze anos, ao passar por aqui uma tarde, vestida de claro, com um chapeu de papoilas, lembro-me bem; é desde então, nunca mais secaram as flôres ao pé dêsse retrato.

Depois, quando teu pai começou a ir para Lisboa, aos meses, para casa da tia Fina, as visitas dela tornavam-se aqui quási diárias, como se junto de mim quisesse prender melhor a sua esperança.

— Mas nunca se trocaram palavras claras, não se passaria de intenções.

— Nunca o pude saber, nem de um, nem de outro. Mas havia já o compromisso dos sentimentos, que se não dizem.

Teu pai gostava da Maria do Carmo e ela vivia fiel ao pensamento de vir a ser sua mulher. Nesse entendimento ou nessa cumplicidade, foram passando os anos. A nossa esperança crescia sempre, porque é certo que as almas quanto menos falam, melhor se entendem, e só o silêncio deixa ouvir bem a voz dos corações.

D. Joana suspendia a narrativa para descansar ou se fortalecer com a confirmação do padre Januário que permanecia calado e atento:

— Não é verdade, sr. padre Januário?

— Exactamente, minha senhora.

— Um dia, em Lisboa, numa festa em casa da tia Fina, conheceu êle tua mãe, e no espaço de um mês resolveu pedi-la em casamento, antes mesmo de nos consultar.

Quando veio dar-nos parte de que ia casar na família dos Viamontes que não era por aqui conhecida, teu avô teve um fortíssimo abalo moral e passou a viver recolhido no quarto semanas inteiras, emquanto eu só procurava esconder dêle as minhas lágrimas.

Nada puderam os meus rogos, porque a palavra estava dada. Teu pai, que nunca nos causara uma contrariedade, assistia dolorosamente à ruina da nossa ventura, entristecia-se e revoltava-se.

Contra os viscondes de Alfaraz, que viriam a ser teus avós, nenhum motivo havia que desaconselhasse uma aliança de família.

Os Viamontes, viémos depois a sabe-lo, eram fidalgos da melhor lei, gozando em Lisboa de uma firme reputação de serie-

dade. A nossa situação com a gente da Paiagua era difícil e desairosa, mas já não havia remédio, senão aceita-la. A teu pai faltavam os meios de vida para manter o seu compromisso, no curto praso combinado. O avô era um homem severo e de poucas falas. Quando teu pai procurou em conversa justificar-se, defendendo o seu novo destino, disse-lhe assim:

— O meu filho não procede bem, por que pretende assentar a sua felicidade sôbre o sacrifício alheio.

— Não posso então pedir o seu auxílio, a sua benção, para fundar o meu lar? — perguntou-lhe teu pai.

— Não pode, nem o consinto.

A estas palavras, teu pai curvou a cabeça e foi-se meter no quarto aonde o fui encontrar lavado em lágrimas.

Quando eu procurava acalma-lo, ergueu-se muito revoltado para me declarar que dentro de três dias partiria para Lisboa. E assim foi.

Pouco depois, sabiamos que se metera

num partido, que já era deputado, e dessa noticia veiu a teu avô a doença que não mais o largou.

Passado tempo veio-lhe o ataque e deu a alma a Deus.

— Estava eu aqui, só durou duas horas, esclareceu o padre Januário.

— Guardámos até hoje êste segredo, para que teu pai não sentisse ainda mais a dor da desgraça que sofremos.

— E para que me conta a avòzinha todas essas coisas tristes?

— Olha, filho, porque deves conhecer as condições morais em que se deu o teu nascimento.

Ninguém, senão eu ou êste nosso amigo, poderia revelar-tas. És hoje um homem, julguei por isso conveniente evitar que algum mal intencionado pudesse deturpar os factos que te narrei e que são a pura verdade.

— Foi por isso então que a avó nunca mais quís saír do Ingarnal?

— Foi por isso, sim. E por outras

razões de que não vale a pena falar. Mais tarde teu pai poderá dizer-tas, se quiser. Depois as saberás.

Entrando no quarto para se deitar, a lembrança de quanto lhe fôra revelado, encadeava-se na memória de Vasco a factos e razões até ali incompreensiveis.

Nunca lhe tinham explicado o desamor de seu pai pelo Ingarnal onde a avó vivia sempre, nem o propósito de sua mãe em não voltar lá, depois da recusa de D. Joana em abandonar a casa.

Reconhecia agora bem que na continuidade moral da sua família, tinha havido uma solução irreparavel e longa como a vida.

Alheio como era a êsse conflito de deveres e sentimentos, só procurava descobrir a razão por que sua avó lhe fazia a êle tão inesperadas revelações.

Reflectindo sôbre êsse passado, considerava que a intransigência do avô, se para êle era uma honra política e moral, tornava-se uma tirania, quando imposta ao

destino do filho. Impossível seria que o pai se mantivesse na imobilidade, na adoração templativa do sebastianismo legitimista. Não!

Os tempos eram outros. O avô, homem antigo, era escravo de um preconceito. Assim ouvira chamar sempre, desde pequeno, à sua obediência a princípios que, via-o êle muito bem, já não eram sustentáveis nos tempos de hoje. A marcha dos povos era para o campo das conquistas liberais, através de uma série mais ou menos longa de estádios políticos. Seu pai, aceitando uma cadeira de deputado para representar a Nação, seguia a vocação do seu espírito, obedecendo tambem às necessidades do seu tempo.

Entrando na política, pudera tornar-se útil a si e aos outros, fugindo a uma obscuridade estéril, ali, naquele grande e velho casarão onde se sepultara vivo seu avô.

E antes de apagar a vela, para adormecer, pôde ainda convencer-se de que

em seu pai não podia pesar justamente o remorso de ocasionar a morte do avô.

Na tarde seguinte, tendo recebido, com muitos conselhos de D. Joana, uma bôlsa de sêda azul com cem libras em oiro, a caleche levava-o para a estação num silêncio doloroso. E quando se ergueu, a voltar-se para trás na última saudação, entre o grupo triste do padre Januário e dos criados, na mão de D. Joana tremia saudosamente um lenço branco, mandando o coração no último adeus ao neto que desaparecia nos esplendores agonizantes do sol, para além das sombras paradas e negras das cevadilhas do muro.

Em Coímbra, a formatura de Vasco devia correr naquela normalidade burocrática de aulas, faltas e actos, com que, ao fim de cinco anos, pontualmente se obtinha para a vida a última bênção de Minerva.

Com mais quatro companheiros foi morar numa casa labiríntica do Bêco da Anarda, em cujo terraço, ao cantar da

Primavera, despertavam fielmente em seus canteiros, os cravos roxos que dali ficavam olhando até à morte a melancolia do Mondego e a palidez romàntica das colinas e do Choupal.

Nessa casa antiga, onde altas horas se pressentiam rondas de sombras místicas, recebeu êle a sua primeira grande dor, ao abrir o telegrama que lhe noticiava a morte da avó, pouco antes de partir para férias do Natal.

De vez em quando, as cabeleiras dos caudilhos republicanos desgrenhavam-se em rugidos pelas tribunas de pinho, sôbre a lama de Santa Clara ou do Almegue, e logo estremeciam nos gerais da Universidade, na Sé Velha, no Clube dos Lentes e no Arco de Almedina, os fundamentos seculares das Instituições e a segurança da Dinastia.

E o que mais autorizava e fortalecia o clamor do protesto geral, era o apoio com que alguns deputados e jornais monarquicos favoreciam os ataques ao Rei, repro-

duzindo num relevo despeitado a oratória salivosa e vingadora dos comícios.

Por êsse tempo, os orgãos dos partidos rojavam-se diáriamente aos pés do Trono, para os lamber, se eram do governo, para os morder se andavam na oposição.

A cultura de espírito da Academia, *o nivel intelectual,* como então se dizia preciosamente, tinha abdicado numa frouxidão sorna de decadência.

Os anos arrastavam-se por lá ronceiramente, disfarçando os moços a ambição secreta do logar público, já prometido pelo trunfo político da Província a quem o pai e o padrinho abade tinham empenhado, durante anos, os seus votos e os dos seus cavadores.

O espírito de Vasco, entregue à própria defesa, enredava-se na mesma teia de aranha, através da qual toda a sua geração olhava o esplendor da mitologia revolucionária

Na sua maior preocupação scientífica e filosófica, o carinho maternal da Univer-

sidade também lhe ensinava que o confronto miudo das vantagens e dos inconvenientes da Monarquia e da República obrigava a lógica a atribuir às repúblicas, em breve, por toda a Europa, o *destino de conduzir o progresso dos povos.*

Outros mestres havia, menos idealistas, mas com certeza mais subtís, que se guiavam pelas indicações da geografia política e da estatistica, asseverando poderosamente que a *questão não era de princípios, era de homens...*

E como os homens do govêrno eram diáriamente proclamados corrutos, incompetentes e ladrões, sem desmentido sério, assim se formou a convicção geral da necessidade da República, *para que não se vendessem as colónias, nem fôsse sugado pela Família Rial o sangue do Povo.*

O descrédito dos partidos, tumultuando na tempestade de fragmentações ambiciosas que reciprocamente se acusavam com boas razões, no parlamento e na praça, ia esclarecendo no espirito do conselheiro

Miguel de Brito, a previsão do fim da Rialeza, e assim o deixava entender nas conversas e na correspondência para o filho, procurando orientar-lhe os passos e marcar-lhe posição.

Numa dessas cartas, informava-o de que *a política portuguesa era obra das covilheiras do Paço,* acrescentando com ameaça profética, que *o povo proclamaria pelas armas, mais cêdo do que se esperava, a sua libertação.*

Por êsse tempo, um dos companheiros de Vasco na casa do Bêco da Anarda, trouxe de uma livraria da Baixa, às costas de um moço, o estudo de Taine — *Origines de la France Contemporaine.*

Puseram-se a ler, um volume após outro, com o maior assombro, sentindo levantar-se-lhes no espirito a desconfiança proveitosa que depois os levava a sorrir dos clamores vermelhos e sonoros de imagens da trovejante lira de Vitor Hugo.

Numa tarde de Abril, um telegrama de sua mãe chamava Vasco de Brito a Lisboa,

nestas palavras, duras como uma sentença: *Pai muito doente. Cecilia.*

Chegando a Santarem, comprou um jornal onde pôde ler a noticia: o conselheiro Miguel de Brito fôra ferido de congestão cerebral, sendo levado, sem sentidos, por dois galegos e um policia, de uma casa da Rua da Trindade para a sua residência na Avenida.

No seu sobressalto, Vasco procurava recordar-se de alguma família a casa de quem seu pai tivesse ido em visita, mas nessa rua não descobria relações.

Nunca mesmo as tiveram, pensava êle.

Quando chegou ao alto das escadas, a irmã lançou-lhe os braços ao pescoço, beijando-o e soluçando:

— Somos muito desgraçados, Vasco!

— Que foi, Miana? O papá está pior?

Maria Joana não podia responder.

Como uma ave ferida, estremecia vencidamente, ao amparo do corpo de Vasco que a foi levando quási ao colo, até um sofá do escritório onde estavam os tios Menezes.

Depois, chamando-o para o vão de uma janela, o tio José segredou-lhe profundamente: um ameaço forte de congestão; o medico recomenda repouso absoluto. Lá estava agora com gelo, no receio de uma repetição.

— E essa seria agora fatal, rematava convictamente o conselheiro Menezes.

— Mas onde teve meu pai o ataque? Dizem os jornais que foi na rua da Trindade. Em casa de quem?

— Sim, na rua da Trindade. Coisas da vida.... Mora lá a viuva do capitão Alves Dias para quem teu pai há anos obteve a pensão de sangue, conseguindo que o serviço em que o marido morreu fôsse classificado como de campanha.

E a mulher desde então ficou-lhe sempre reconhecida, mesmo com muita amizade a teu pai...

Á revelação do escandalo, na consciência da vergonha, Vasco pôs-se a chorar sôbre a mesa do escritório.

— Vamos lá, rapaz! Coragem! É pre-

ciso não fazer alarme que se oiça no quarto. Temos de ser homens, encarar a vida, dizia o conselheiro José de Menezes, puxando a pera branca.

Depois, acalmando-se diante da realidade sem remédio, Vasco pensou em Miana, na boa irmãzinha, flôr de candura, violada por aquela crua certeza.

D. Cecilia emmudecera, secaram-se-lhe de ardor os olhos claros, e a filha vagueava pelas salas, ora consolada pelos criados, ora repreendida pela tia Josefina Menezes, quando a violência das lágrimas a sacudia dolorosamente, quebrando a haste do seu corpo esguio.

— Nervos... Nervos..., dizia por seu lado o tio José. Tem paciência, filha.

Não podendo aproximar-se do pai, para lhe poupar o perigo da comoção, Vasco subiu ao quarto da irmã que então estava só, com o pensamento de a animar, na consolação de um desabafo.

Mas, junto de Maria Joana, logo um sentimento de pudor e indignado respeito

pelo pai o impossibilitou de se abrir com ela em tal assunto.

Em silêncio, sob o peso de uma contínua lembrança, Maria Joana chorava, chorava....

— Nós não temos culpa, Miana. O pai podia ter sido melhor para nós. Não te fazer sofrer tanto....

— Não nos matar de vergonha!

E os dois irmãos ficaram calados e unidos no mesmo pensamento e na mesma dor que os penetrava.

— Tu cuidas que o papá morre, Vasco?

— Não sei. O medico não sabe, não se sabe ainda.

Pode repetir-lhe o ataque ou passar assim. Temos de esperar uns dias.

Ao fim do serão, vieram a saber da mãe que a vista do doente ia aclarando e que a fala estava menos presa. Para o dia seguinte começava a nascer a esperança animadora.

Todas as horas da noite as passou em vigilância inquieta, conseguindo que os

tios fôssem para casa e que Maria Joana se deitasse.

Não houve alarme novo.

O doente vencia a morte desta vez, começando a levantar-se para uma poltrona, por indicação do médico, ao fim do sexto dia de convalescença, *para que todas as funções se normalizassem.*

Seguro então do andamento das melhoras, Vasco voltava para Coímbra, a continuar o seu terceiro ano.

Três semanas depois, os passageiros do rápido do Porto trouxeram à estação velha a notícia da morte do Rei Dom Carlos e do Príncipe Rial, seu filho.

Este crime, premeditado e executado em condições de grande excitação política dos vários partidos contra o govêrno, não teve logo em Lisboa nem na Província a repulsão que merecia. Todos os chefes, todos os jornais políticos tinham levado ao extremo a desconfiança e o desrespeito do Povo pela Dinastia.

Na Academia de Coímbra, então divi-

dida mais por sentimentos do que por ideias políticas, festejava-se e chorava-se o atentado, com a mesma sinceridade.

Vasco de Brito, lendo nos jornais do dia seguinte a narrativa dêsse assalto à primeira família de Portugal, com indignação e horror se voltava para o seu companheiro Rodrigo Sarmento, no terraço da Anarda:

— Que demónio! Fizessem a República, se ela é necessária, mas esta chacina barbaresca é de uma malvadez que nem parece da nossa gente!

— Mas já perverteram os sentimentos do povo! A doçura de alma que era tão nossa, transformou-se em ódio vermelho, afirmava Sarmento.

Foram os comícios, os jornais republicanos...

— E os outros. Toda a imprensa monárquica tem responsabilidades nesta tragédia.

A imprensa e os políticos que tantas vezes se tem juntado no mesmo estrado,

vociferando as mesmas calúnias, proclamando os mesmos despautérios.

Os dois amigos calaram-se uns instantes. Vasco mandava o seu pensamento para Lisboa, como a inquirir — o que diria, o que faria seu pai.

Na hora dessa crise, os dois rapazes compreendiam que a política de Portugal teria forçosamente uma oscilação definitiva, para direita ou para a esquerda.

Consultados, os chefes monárquicos inclinavam-se para o oportunismo das concessões, desarmando a propaganda, tirando à República a sua razão de ser.

— A essa transigência teem êles chamado *caçar no mesmo terreno*..., dizia Sarmento.

— Mas, pelo que se vê e pode ainda ver, a *caça* não foi às realizações, fez-se à Familia Rial. Que bandidos! Olha, Rodrigo, temos aqui o anúncio de uma boa entrada na vida. Vamos começar bem...

— E o estrangeiro? É capaz de vir aí

alguma intervenção. Ou fazer-se a República. Tudo pode ser.

— Por mim, não creio. Deve haver até um retraímento. Um crime de assassinato impressiona sempre, até os próprios mandantes.

Haverá para êles talvez um momento de remorso. E o govêrno? Irá ser o juiz e executor de uma repressão exemplar?

— Não, amigo. Vai-se embora, simplesmente. É o que diz êste jornal.

Sarmento leu a local em que se noticiava a queda do govêrno, após a consulta do Conselho de Estado.

— Mas sai para vir outro mais forte, um govêrno de pulso...

— Não sei. Pelos azares da política, deverá ser um govêrno à vontade das oposições de ontem. Portanto, menos autoritário, mais liberal. É o que eu penso.

— O que dirá teu pai a isto?

— Lembras bem. Vou escrever-lhe hoje.

E nestas conjecturas, cortadas dos mais incríveis boatos, se foi alongando aquele

domingo entre os dois condiscípulos que estavam inquietos da mesma preocupação. Inteligentes ambos, bem nascidos, descrentes da Monarquia, mas desconfiados dos republicanos, a falta de uma sólida estrutura mental só poderia conduzi-los ao scepticismo da tolerância de todos os êrros.

A teoria monárquica era uma tímida construção, ou quási não existia, nas longas conversas e discussões dos rapazes.

Vasco, muito inspirado em Herculano, queria o revigoramento dos Concelhos, falava com entusiasmo no sino e no estandarte da comuna, na união do povo livre, sob a autoridade local.

O Município, anterior à Monarquia, era a celula-mater da Nação, costumava êle dizer. Alguns, relembrando a lição da *sebenta*, opinavam que a viação acelerada, os progressos materiais permitiam e aconselhavam a centralização administrativa, como garantia eficaz da competência.

O particularismo era próprio das eras bárbaras.

Mas, no torvelinho confuso das ideias, ninguém encontrara o justo-meio, um equilíbrio que restabelecesse a autoridade na Nação e as liberdades nas Províncias e nos Concelhos. Esquecera-se havia muitos anos, e não se chegara a compreender de novo, a virtude da Monarquia.

Na geração de Vasco não havia um ideal definido, certezas morais ou verdades políticas. Vivia-se de acaso e de contradições, entre a sensibilidade e a inteligência. Ninguém sabia *querer* e os mais exigentes de espírito refugiavam-se nos amores da literatura decadente, que então agonizava no Café Lusitano.

A prática religiosa era uma superstição elegante e para os mais sensíveis uma velha saùdade da fé em Deus, que a aridez da análise secara nas almas.

O sentido da vida para a mocidade que não prescindira de todo do uso da razão, era descender do tumulto da existência e continuar vegetando, sem finalidade.

Para se consolarem do destêrro do Pla-

neta, inventaram os homens a convivência dos deuses que ha milhares de anos se dignaram manifestar-se no sorriso dos astros, no mistério das fontes, na ira dos trovões, nas crateras em fogo.

Incapaz de penetrar o nevoeiro das teologias e dos símbolos, a inteligência tinha que obedecer à lei dos sentidos, para não sofrer o remorso da própria vida.

E esta filosofia de renúncia cómoda dispensava as atitudes enérgicas de afirmação e acção.

Comtudo, num pequeno grupo de rapazes, agitavam-se sèriamente algumas preocupações de espírito. Os que mais de perto os tratavam, não podiam deixar de sentir o contacto poderoso da sua convivência. Vasco de Brito, acima de todo o interêsse pelas coisas de arte, era atraído para o estudo das Filosofias e das Religiões e procurava às vezes no melhor artifício encadear, em elos d'oiro de eloqüência, os sonhos de Platão e dos pitagóricos nas conclusões serenas de Wundt.

Mas, nas altas discussões da sua república, no fim do chá pacato das onze, declarava-se tristemente insatisfeito com todos os sistemas, *castelos de hipóteses* de onde a inteligência se precipitava, mal acabara de os erguer. Para sempre, só ficava de pé o símbolo da Torre de Babel, ironia bíblica, humilhando eternamente, e irremediàvelmente, a razão do Homem. Para seu uso, o desalento de espírito do estudante criara o único conceito possível de verdade, a *Teoria da Tristeza*, de que também era adepto e colaborador o seu amigo Bernardo de Mendonça.

E uma vez, mais iluminado com o esplendor da própria criação, Vasco de Brito expunha aos amigos, num silêncio de igreja morta, a nova teoria:

— Entre a maligna espécie dos mamíferos, um deles lembrou-se certo dia de se erguer em dois pés. Tendo encontrado a razão do seu equilíbrio, passeou-se entre os irmãos, orgulhosamente, intitulando-se logo o Rei da Criação. Nesse momento

pôde ver por cima dos seus olhos brilhar as estrêlas que até então só encontrara no fundo manso dos lagos, e com vaidade pensou que elas existiam para luz e regalo dêste grão de areia suja que é a Terra.

Percebendo que elas lhe acenavam, quís interrogá-las, ergueu para o azul os braços e foi ouvido no mundo o primeiro grito de alma, porque na escuridão daquele sêr tinha nascido a Inteligência.

A dor dêsse momento continuou-se até hoje, repete-se na nossa ansiedade de todos os séculos em que o Homem, quanto mais julga saber, mais vê ampliar-se o horizonte da sua ignorância.

As três únicas certezas da vida, o nascimento, a velhice e a morte, ligam-se entre si como os lados de um triângulo equilátero. No centro dele, encarcerada, a Razão quebra as asas, voltando-se há milhares de anos, para cada um dos ângulos, a interrogar os céus: *Unde? Ubi? Quo?* De onde vim? Onde estou? Para onde vou?...

Aos ouvidos do antigo mamífero, apenas chegaram nas teogonias de todos os tempos, os ecos contraditórios da voz longínqua dos deuses. As três interrogações são recurvas e cortantes, como alfanges.

Quem ha aí que não receie degolar-se nelas? Só os brutos!

Os companheiros, tendo-o ouvido em silêncio, começaram a rir-se de tão *engenhosa estravagância.*

— Vocês riem-se..., desdenhava o orgulho de Vasco. Pois aqui teem o diagnóstico de uma doença de que vossas almas não se queixam e de que também não sofreu o pai Adão, em vista da sua feliz inocência... Mas julgo que não pode de outro modo definir-se aquela dor da Inteligência de que Antero se curou com uma bala...

Antes de receber a carta de Vasco, já o conselheiro Miguel de Brito, tivera a lembrança de escrever ao filho, noticiando-lhe o regicidio.

Em carta chegada a Coimbra na manhã de 3 de Fevereiro, dizia-lhe assim:

Querido filho

Como já deves saber, quando a Família Rial regressava ontem à tarde de Vila Viçosa, foram mortos a tiro no Terreiro do Paço, na carruagem em que vinham, El-Rei Dom Carlos e o Príncipe, ficando ainda ferido o Infante Dom Manuel.

Até ao momento em que te escrevo, ignoram-se os nomes dos autores do atentado, pois parece estar averiguado que muitos tiros foram desfechados ao mesmo tempo sôbre a carruagem.

Aqui em Lisboa reina uma grande confusão, tendo-se ontem resolvido proclamar Rei o Infante Dom Manoel e substituir o Govêrno por um ministerio de acalmação que anule a obra da ditadura e no qual os meus amigos terão três pastas. Estamos em presença de uma grande desgraça, é certo, mas os culpados não foram apenas os executores (que parece já pagaram com a vida a

sua audácia), mas também e principalmente o Rei que deu causa, pelo caminho em que se lançou, a esta efervescência de ânimos que pode levar-nos ainda mais longe. A hora actual não é para usurpar direitos já conquistados pelos povos que começam finalmente a acordar e a tomar pósse dos seus destinos.

Ninguém sabe o que será o dia de amanhã neste País, mas não podemos já voltar atrás. Ou normalidade constitucional ou revolução. Se ouvires dizer que me convidaram para ministro, deves desmentir formalmente. Tua mãe e a Miana muito impressionadas. Saudadès de nós todos.

Teu pai
Miguel.

Vasco dobrou tristemente a carta, meteu-a no bolso, pensando que não deveria mostrá-la ao Sarmento e aos outros companheiros de casa.

Quando, dois dias depois, o interrogaram, êle respondeu, sentado à mesa do almôço:

— Não adiantam nada as notícias do pai. Deplora a desgraça, mas tem esperança de que tudo acalme, de que se entre em vida nova, com Rei novo...

Os rapazes concordavam em que era preciso mudar de processos. E mudar muito. Assim, não havia país que resistisse. Os escândalos eram numerosos e a Monarquia só poderia viver em normalidade, com economia e tolerância.

Rodrigo Sarmento, a quem tinham afirmado que o conselheiro Miguel de Brito não fôra recebido no Paço, quando lá se dirigira a apresentar os pêsames, ainda arriscou:

— Falou-se também no nome do teu pai para êste ministerio.

— Mas não é verdade. Se o convidassem, creio que recusava. O pai está muito afastado, Já há tempo.

A atitude moral de Miguel de Brito cobrira de sombra o pensamento do filho. Vasco tornou-se concentrado e triste, meditando constantemente os têrmos da

carta que lia e relia, sem poder descobrir nela mais que uma débil condenação do regicídio. Vinha-lhe a terrivel suspeita de que, no fundo, êsse crime correspondia no espírito do conselheiro Miguel de Brito a qualquer aspiração oculta dos seus desejos e da sua política.

D'ali a meses, organizando-se um comboio especial para levar a Academia de Coímbra a saudar o Rei novo, após a aclamação, Vasco foi também a Lisboa, mas a sua presença não mereceu ao pai qualquer censura ou aplauso.

Sentado à secretária, depois de abraçar o filho, o conselheiro Miguel de Brito disse-lhe, com grande frieza na voz:

— Também vieste. Estas manifestações nada podem encobrir. O sub-solo sente-se tremer... Vens ao menos despedir-te da tua irmã, coitada!

— É verdade, encontro a Miana muito abatida e tão pálida!... Até assusta olhar-lhe para as mãos.

— Agora, lá tem de ir para a serra.

Depois, no inverno, para a Suiça, se houver tempo.

O pai explicava-lhe: que não dissesse nada à mãe, mas a Miana estava condenada. Por não se fiar muito no Dr. Franco Pereira, médico da casa, pedira a um especialista para a auscultar. Êste chamou besta ao colega, dizendo-lhe que agora era um caso perdido, porque já tinha cavernas nos dois pulmões.

Ouvindo esta sentença de morte, Vasco ficou mudo, a chorar, encostando-se à cadeira numa comoção dolorosa e vencida, emquanto a sombra de Maria Joana docemente se adiantava do reposteiro de damasco, a olhar com espanto para o irmão e para o pai.

Vasco levantou-se logo a beijá-la, angustiadamente:

— Minha querida Miana!

— Que é? Que tens?!

— Fazem-me pena todas estas coisas!...

A formatura de Vasco terminou d'ali a dois anos, ainda no período do luto por Maria Joana, morta no regresso da sua primeira estação de cura na Serra da Estrêla. Poucos dias depois expirava tranqùilamente, na casa da Arrábida, a boa tia Josefina, irmã de sua avó.

A meação da falecida, inesperadamente legada a Vasco por um novo testamento, em que Miguel de Brito ficara deserdado, era constituída por terras largas de seara e montado no Alto-Alemtejo, assegurando-lhe o sossêgo de uma independência regalada e farta.

Ainda em Coímbra e por todo o tempo das férias, em Sintra, alargou-se-lhe na ambição o projecto de uma viagem demorada pela Europa. Depois, ficaria em Paris, durante alguns anos, para seguir na Sorbonne um curso de letras.

— Fóra da sciência para alguns ofícios, começava êle a dizer, Portugal é uma terra bárbara.

O seu intento era seguir já no Outono, depois de um inventário rápido das possibilidades que lhe ficavam. E para se assegurar de uma mensalidade razoável, chamara duas vezes a Lisboa o Manuel Nogueira, antigo procurador dos Menezes.

Quando falou ao pai na sua resolução, defendendo-a com a necessidade de se instruir, o conselheiro ficou calado uns momentos. Mas, logo, abanando pensativamente a cabeça, disse ao filho:

— Sim, não fazes mal. Isto por cá, só para condenados. Tua mãe é que vai ficar aí muito só. Paciência. Já lhe falaste a sério na tua partida?

— Disse-me que, se me era necessária para a vida, que fôsse; se ia só por prazer de viajar, que não os deixasse, agora que já não tinham mais ninguém.

— Aí tens, coitada! Bom, mas isso é um caso para estudar. Tu não partes àmanhã.

Depois do chá dessa noite de Outubro

em que estavam com êles os Sequeiras, ainda parentes, o telefone chamou o conselheiro Miguel de Brito.

Foi e voltou, numa grande agitação.

— Que é?, perguntou D. Cecilia.

— Muito, pouco ou nada... Dizem-me ali ao telefone que está na rua uma revolução republicana.

—Vamos embora, João! — dizia D. Amália Sequeira, atemorizada.

— Mas talvez não seja nada! E podem cá ficar. Dormem cá. É melhor.

Os Sequeiras recusavam, agradecendo.

O conselheiro, de mãos nos bolsos, bastante enigmático, ia dizendo:

— Se teem de ir, é melhor não se demorarem. Sim, é prudente... por causa das pequenas.

Despedidos em confusão, os Sequeiras começaram a subir o Salitre, a caminho do Principe Rial, mas já alguns tiros de peça retumbavam para os lados da Estrela, ouvindo-se a espaços detonações sêcas de espingarda.

A polícia, com os sabres na mão, corria em todas as direcções.

Fechavam-se com estrondo as portas e uma ou outra cabeça aparecia mansamente entre os vidros, a sondar a noite. Aos ruidos da terra já respondiam as manobras dos navios.

Era a revolução da *nossa gente* que o seu amigo Luís Prata, da redacção do *Radical*, anunciara pouco antes a Miguel de Brito.

Para os lados do Rato, sentia-se a gritaria envolvendo rumores de carros de peças. O conselheiro, a mulher e o filho esperavam à volta do telefone que de vez em quando acordava, para segredar noticias contraditórias.

Nessa suspensão dolorosa passaram a noite, o dia seguinte correu e escureceu, sempre na mesma ansiedade. Todos os corações palpitavam acontecimentos novos e sangrentos.

O guarda-portão informava os criados das últimas noticias: mais de mil mortos,

o Rossio deitado abaixo, quarteirões inteiros a arder...

D. Cecília, representando-se todos estes horrores, o que desejava era que *aquilo acabasse, para um lado ou para o outro.*

— Tanta gente sacrificada..., mortos, feridos..., ia dizendo Vasco.

O conselheiro Miguel de Brito calava-se, rolando no sofá.

De uma janela da casa, às escondidas de D. Cecília, êle observava o ataque do Torel à Rotunda, reconhecendo desgostosamente a superioridade da primeira posição. Fumando constantemente charutos, andava pelos corredores, seguido quási sempre de D. Cecília, a rogar-lhe que se fôsse deitar.

— Isto não pode durar muito; uma hora ou duas, o máximo.

Era quási manhã. O tiroteio intensificava-se de todos os lados, aproximando-se na desordem, de um combate sem disciplina.

Depois cessou de todo, à claridade serena das primeiras horas do dia, quando o sol já se derramava, como uma bênção, e

o silêncio se oferecia a D. Cecília e a todos quantos esperavam como o fim de um pesadelo atroz.

De todas as ruas, soldados e populares confluiam na Avenida, erguendo bandeiras revolucionárias, entre palmas e aclamações de vitória.

O nucleo da Rotunda vai engrossando com ondas de gente em delírio; passam destacamentos a cavalo, sem comando; ouvem-se clarins na confusão.

Miguel de Brito abriu a varanda onde o ar fresco o reanimou, restituindo-lhe na respiração livre a plenitude da vida.

Uma sentinela bradava às armas, e já pela Avenida um cortejo descia, confuso e clamoroso, agitando bandeiras, queimando foguetes de triunfo. Tinham ganhado os revoltosos, era aquela a primeira procissão da vitória.

Com jubilo o compreendeu e sentiu o conselheiro Miguel de Brito. E a sua sinceridade, agora desoprimida, quís glorificar, na última hora do combate e na

primeira do triunfo, a era nova que amanhecia em resplandores de sangue e de liberdade.

Foi à cozinha chamar os criados, bateu à porta do quarto do filho, procurou arrastar D. Cecília.

Na loucura dessa hora, êle abraçava sinceramente o guarda-portão que subia a levar a notícia.

— Vejam! Vejam! É o povo que vence os privilégios! Não há castas, agora! Há só o povo!

O cortejo ia andando. As aclamações erguidas na atmosfera da pólvora pareciam a anunciação da paz, e como éco das vozes que mais alto soavam, levantaram o entusiasmo do conselheiro Miguel de Brito que da sua varanda gritou:

— Viva a República!

D. Cecília, sem nada compreender, recuava para um sofá, soluçando alto. Os criados quedavam-se e olhavam-se confusos, emquanto Vasco, passando por êles, meio sonolento, perguntava em alvorôço:

— Que é? Que foi isto?

Então Mateus, mais senhor de si, disse-lhe, aflitamente:

— Olhe a mamã... Está ali a chorar, por causa da República!

II

PARIS!

I

OLHOS PARA VER

Em Dezembro dêsse ano, na véspera do Natal, parava o coração de D. Cecília na Casa de Saúde de Bemfica.

Só com o pai, no terceiro andar da Avenida, Vasco sentia que as brasas do lume se congelavam no frio que soprava das suas almas. Á mesa estavam vagos dois logares, o de Miana, à direita do pai, e o de D. Cecília. Os passos dos criados eram cautelosos e lentos, como se a casa fôsse ainda câmara mortuária e todos os cuidados pelos vivos ainda

viessem inspirados pelo respeito dos mortos.

Quando atravessava uma sala onde secaram flôres que ninguém substituía agora, Vasco, no silêncio e penumbra dos estores, olhava em receio para todos os recantos, não fôssem corporizar-se em espectros os pensamentos negros ali errando na muda solidão dos móveis e dos retratos que avultavam nas paredes.

Algumas semanas depois, numa tarde em que Vasco subia para jantar, Mateus, abrindo-lhe a porta, informou:

— O sr. conselheiro telefonou do Grémio, a dizer que não vinha hoje jantar. Que o sr. Dr. não o esperasse.

Há lá correspondência.

Deixando o sobretudo e o chapéu nas mãos do criado, Vasco tornou-lhe:

— Está bem. Está bem.

E seguindo para o escritório, a luz eléctrica relampejou uma vez, outra vez, aos seus dedos nervosos, até que o lustro todo aceso lhe desvendou na oval doirada, o

retrato de sua mãe, na pompa gloriosa dos trinta anos.

Era uma tela clara, iluminada por uma face bondosa, sem movimento, onde assomava em plena carnação e ventura tranqüila a esposa de um ministro de Estado.

No diálogo íntimo da sua dor, Vasco sentia que aquelas côres tomavam relêvo a seus olhos, meditando agora defronte do quadro em que mais fielmente ficara presa a alma de D. Cecília, como um raio de sol no sorriso de uma flôr.

Depois, deixando tombar a testa sôbre a mão e os olhos sôbre a pilha das cartas tarjadas, abriu-se-lhe a alma num suspiro:

— Pobre mamã!

E dobrado o coração sôbre a lembrança dolorosa, recomeçou a tarefa de separar as cartas dos bilhetes e dos telegramas, distribuindo-os por diversas caixas, misturando expressões sinceras com repetidas fórmulas sem significado.

Abrindo e lendo, o pensamento de Vasco teimava em dizer-lhe:

— Quantas destas *sentidas lagrimas* não foram escritas com a alma em vestido de baile!

A seguir retomava a pena e ia escrevendo os agradecimentos em cartões dele e do pai. Mateus abriu a porta:

— Em o sr. Dr. querendo, o jantar está pronto.

— Sim, podes pôr.

O criado ia sair, quando Vasco se recordou de que tinha de jantar só, numa sala fria, de altos móveis:

— Olha, Mateus, como sou só eu, posso mesmo aqui jantar. Ou na mesa de pé do meu quarto.

— Como o sr. Dr. quiser.

— Então, traze para aqui tudo. Meu pai não disse mais nada?

— Mais nada, sr. Doutor.

— Bem, então traze o jantar, emquanto eu vou ao quarto.

Sem que ninguém lho dissesse, Vasco sofria com a certeza de que o pai jantava na rua da Trindade e estremecia à lem-

brança do adultério moral em que êle já procurava afogar remorsos e recordações. E a imagem de sua mãe, outra vez acordada na claridade da tela, aparecia-lhe agora mais ultrajada que nunca, hediondamente cuspida na face.

Por sua desventura, bem cêdo sentira o divórcio de corpo e alma em que viveram seus pais. Naquela casa de aluguer, banal como um quartel, mas onde borboleteavam imagens brancas da sua infância, vivera-se um longo drama em silêncio e lágrimas. Fôra ali o jardim cerrado em que floriram as afeições dele e de Miana; mas entre aquelas paredes ficou sepultado o martírio de sua mãe, esquecida noites e noites, esperando até alta madrugada o momento de abrir os braços e o sorriso ao marido que recolhia cansado, sem poder dizer de onde . . .

Depois, o beijo frio do hábito conjugal e o retraimento de duas almas já separadas pela desconfiança, as meias palavras, censuras que não se dizem, mas que trans-

luzem nas sombras da face e no agume dos olhos.

Emquanto Mateus servia o jantar em silêncio, Vasco ia falando com *Dom Reinaldos,* o gato precioso como um príncipe, que sua irmã criara entre afagos, e que agora o procurava constantemente, enroscando-se-lhe aos pés ou escolhendo para cama os seus joelhos, como se no instinto do bicho uma luz de humano sentimento lhe estivesse revelando que só nele já vivia o espírito daquele lar devastado.

A comoção da morte de D. Cecília exaltara até às profundezas do seu sêr, a ternura e o afecto de Vasco. Desde que sofrera, reconhecia-se mais senhor de si, penetrando a uma luz nova as intimidades do seu sentimento, debruçando-se sôbre a inquietação de uma alma dorida.

Depois que Miana se fôra para Deus, deixando em testamento um sorriso de doçura a duas irmãs-enfermeiras, em cujas mãos esfriaram para sempre as flôres pálidas da sua face, Vasco considerava-se

mais alheio do que dantes; a morte chamara-o à compreensão da vida, e só então, na sua alma e no seu sangue, entrou a certeza sombria de que o fogo da sua juventude não ardia por toda a eternidade...

Os tectos, tinha êle às vezes a ilusão de que desciam para o oprimir, nos homens e nas coisas via nascer uma hostilidade nova que o enleava de desespêro.

Ali agora, defronte das altas estantes onde os livros pararam alinhados durante longos anos, entre reposteiros verdes, reconhecia duramente a sua condição de abandono; na casa em que lhe madrugaram as afeições, sentia-se um intruso que teme a toda a hora ser descoberto e perseguido até à porta da rua.

Distante da irmã que lhe levara metade da alma, perdido para sempre da mãe, em cujo peito tanto gostava de inclinar a cabeça, momentos havia em que se detestava, como se tivesse havido nele uma transmutação de natureza, como hóspede importuno de si mesmo.

Olhando para o passado, êle punha-se a recordar o naufrágio moral da sua família, de que tinha de considerar-se um miserando sobrevivente, sem rumo, nem outra defesa maior do que a do próprio instinto da vida.

E vinha-lhe a ambição dos longes, como se o perigo do mar alto, por ser mais invencível, se lhe afigurasse mais glorioso e tentador . . .

Assim lhe foi crescendo o plano do exílio, primeiro esboçado em recurso alegre de distracção e agora concebido e ambicionado como libertação de um mau destino.

Era-lhe impossível ficar ali entre sombras de mortos e o esquecimento de seu pai que ainda agora, na vizinhança dos sessenta, se via entregue com todos os vagares do mais delicioso e exigente amor, aos encantos da viuva Alves Dias.

Á lembrança dessa mulher que nunca vira, o seu sentimento apresentava-lha como um ser repulsivo, o espírito mali-

gno que corrompera com um bafo de impureza a atmosfera do seu lar.

Mal acabava de beber o café, Vasco voltava-se para Mateus:

— O sobretudo, as luvas e a bengala.

D'ali por instantes, acendendo à porta um cigarro, começou a descer por entre as árvores da Avenida que um nevoeiro em tremulina dissolvia em cinza de água.

Á luz de um candeeiro, defronte da Rua das Pretas, ia cruzar-se com um vulto amigo. Era o seu condiscípulo Jorge Cabral que ali se abria numa expansão ruidosa, depois de uns segundos de hesitação de ambos. Em abundante entusiasmo, contava êle o seu caso. Viera a Lisboa por causa do pai. Tinham-lhe prendido o pai lá em Valverde, por simples vingança política.

E acrescentava:

— Nota que está mandando no meu concelho a pior gente da terra.

Para a camara entraram, por aclamação do povo, um taberneiro, bebado efe-

ctivo, e um antigo penitenciário por furto.

Como isto vai, amigo!

— É lógico. Ninguém deve surpreender-se da igualdade e da fraternidade...

O pior ainda não começou. É preciso ir guardando a admiração... Onde ias agora?

— Á procura do secretário de um ministro que êste ano conheci na Figueira. Não supunha que êle fôsse republicano e aparece-me agora num pôsto de confiança. Vou ver se o rapaz me pode valer, quando lhe explicar bem o caso. Vê tu que pouca vergonha!

Meu pai, um velho de setenta anos, preso, espancado, insultado, só porque numa rua em que passava um cortejo de farrapilhas, não quís tirar o chapeu, nem dar vivas à República! Queriam-no obrigar por fôrça!

— Êles defendem-se, Jorge. Defendem-se o melhor que podem.

Como tu vais com pressa e nós precisa-

mos de conversar, gostava de te encontrar àmanhã. Talvez a essa hora já estejas sossegado e com a ordem de liberdade passada pelos fios. Podes estar em nossa casa aí pelas quatro? Preciso muito de te falar, Jorge.

— Devo poder. Eu não vim a Lisboa senão para isto.

— Então, até àmanhã.

Quando ao outro dia entrou no escritório, Vasco não encontrara a bela cadeira de *Maple* em que de preferência costumava descansar o seu pensamento e o seu abandono. E logo quis interrogar o Mateus. O bom homem, fiel e respeitador, teve um sorriso triste:

— Essa cadeira levaram-na hoje dois galegos, à ordem do sr. conselheiro.

— Mas para onde?

Mateus mostrava-se embaraçado e receoso.

— Para onde, homem?

— Não sei, sr. doutor. Verdadeiramente não sei.

Os homens falaram aí na rua da Trindade... O sr. doutor... Eu, cá por mim...

— Sim, sim. Já sei!

— Levaram também o bule alto de prata.

— O que estava ao canto?

— Êsse mesmo, sr. doutor. Até eu queria perguntar a V. Ex.ª se queria que trouxesse o chá no serviço inglês.

— Sim, serve lá onde tu quiseres, tornou-lhe Vasco, fóra de si. E já pouco mais te hei de ralar, Mateus. Eu não posso viver nesta casa!

— Então sempre é verdade o sr. doutor ir-se embora?

— Mais que certo, Mateus. Cá ficas tu e quem quiser.

Nos olhos do criado, silencioso, aprumado, via-se subir a comoção saudosa dos tempos do dr. Afonso de Brito:

— Esta casa está muito mudada, disse êle, com lástima na voz. Antigamente era uma alegria servi-la. Hoje... As coisas que a gente ouve...

Vasco sentia a face em brasa naquele frente-a-frente com o velho criado de seu avô. Mas a curiosidade devorava-o cruelmente. Com certeza, a vida e os amores de seu pai já andavam divulgados na maledicência dos criados e das ruas.

O escândalo teria subido muito alto e êle ardia no interêsse doloroso de o conhecer, sofrendo outra humilhação.

Então decidiu-se a vencer a repugnância e a colher ali mesmo as provas da sua desconfiança e do seu receio.

— Mas que ouviste tu, Mateus? Que te disseram?

— Eu . . . o sr. doutor desculpe . . . mas não merece a pena . . .

— Vamos, dize lá. Sou eu que quero!

— É que ontem esteve aí uma rapariga a trazer uma carta para o sr. conselheiro. E vai ela deixou-se dizer à Felícia, lá na cozinha, que ainda havia de ver o sr. conselheiro casado com a patrôa dela. E só falava na patrôa, mais na patrôa . . . Eu então mandei-a calar e disse-lhe

que lhe dava com uma escôva de graixa pelas ventas. Eu estava a limpar o calçado.

Foi isto, sr. doutor. O sr. doutor desculpe...

— Não tenho nada que desculpar. Lá estão a tocar à porta. Deve ser o sr. Dr. Jorge. Daqui a uma hora podes trazer o chá. Se vier alguém, não estou. Ouviste?

— Sim, meu senhor.

Ás primeiras palavras de interêsse de Vasco, Jorge Cabral informava que o rapaz fôra muito amavel e logo conseguira que telegrafassem ao governador civil de Santarem. Era possível que o pai áquela hora estivesse solto.

— Mas do vexame já ninguém o livra!, dizia êle indignado.

— E pode não ser o último. Vão muito maus os tempos, Jorge. Tão maus que eu, para me abrigar da tempestade, fujo, vou-me embora.

— ? —

— Sim, resolvi partir para o estrangeiro,

exilar-me por um ano, por seis, por dez, por toda á vida!

— Emfim, tu lá sabes . . .

— Foi mesmo por essa razão que te pedi esta conversa. Eu preciso indispensavelmente de ti, meu amigo. Estava até para te escrever.

Tenho para aí uns bens que são meus.

Necessito de quem olhe por êles. O procurador dos tios, o Manuel Nogueira, é sério, honrado, mas é um homem antigo, de muito boa fé. Se não tiver quem o guie, com facilidade o iludem os modernos e habilidosos comerciantes.

— Estou às tuas ordens, bem sabes.

— Conto muito contigo, Jorge. Posso dizer até que só já contigo . . .

Então Vasco, numa narrativa sóbria e dolorosa, revelou ao coração do amigo a situação moral que o pai lhe criara.

Via-se sózinho no mundo. Portugal era agora um tumulto sanguinário. Libertava-se. Não podia mais.

Jorge Cabral, medico e lavrador no Ribatejo, desde o caso do Liceu do Carmo que se dedicara a Vasco com afeição fraterna.

O encargo que o amigo lhe confiava enternecia-o invencivelmente.

Toda aquela tarde se passou em consultar documentos, em escrever notas, em tomar endereços.

— Amanhã passamos pelo notário e ficas logo com a procuração.

Jorge, porém, observou-lhe:

— Mas desejo que previnas teu pai de que sou eu quem te representa depois. Tens de lhe dar qualquer desculpa.

— Sim, isso é comigo. Deixa-me cá.

Os dois amigos despediram-se.

No fim do jantar dêsse dia, no silêncio opressivo da sala, quando o conselheiro Miguel de Brito, acendendo o charuto e arredando a chícara do café, já se preparava para saír, Vasco ergueu-se para lhe dizer em voz lenta:

— Se o papá não estivesse com pressa...

— Que é?

— Eu desejava e pedia que me ouvisse. Precisava . . .

— Bem, vamos aqui para o fogão. Dize lá. O que é?

— Há meses tinha-lhes pedido autorização para ir para Paris fazer um curso de letras. Depois, a doença e a morte da mamã não me deixaram partir. Deve lembrar-se.

— Sim, sim. Recordo-me perfeitamente. A mãe andava mal e a tua partida iria fazer-lhe impressão. Mas agora não há realmente motivo. Acho que fazes bem. E dura muito, êsse curso?

— Três anos. Três ou quatro anos.

— Mas seria bom que ficasse aí alguém para cuidar do que é teu. Eu não posso.

— Falei hoje com o Jorge Cabral e disse-me que aceitava a procuração. Êle entende bastante de lavoura. Do resto, trata o Manuel Nogueira.

— É um homem de confiança, o Nogueira.

Pois bem. Cá por por mim, podes ir,

quando quiseres. Naturalmente, o que faço é mudar de casa. É demais para uma pessoa só, êste andar todo.

Vasco calara-se. Na mornidão da sala, ouvia-se a respiração do gaz, a inquietação crepitante das alas, abraçando as achas.

Novamente o silêncio os distanciava.

Dom Reinaldos subia de um salto para os joelhos de Vasco. O conselheiro, chupando sempre o charuto, levantava-se pesadamente para saír, fazendo oscilar os moveis com rumor lento.

Em Paris agora, vivendo em casa própria no *Quartier Latin,* com três mil francos de renda por mês, Vasco podia considerar-se rico no meio da generalidade dos estudantes.

Chegando na luz da Primavera, quando aos teatros e às festas confluía o tumulto cosmopolita da elegância e a cidade toda era uma estrofe de luxúria, o espírito de Vasco dilatava-se de surpresa em surpresa,

perturbando-se na confusão das sensações novas.

Diáriamente traçando, na companhia do pintor Luís Bastos, o que êles chamavam o *programa da instrução,* iam os dois peregrinando por templos e museus, com a sêde perturbadora de todos os iniciados.

De cada romagem de arte traziam seduções ignoradas, perdendo-se semanas inteiras pelas salas do Louvre onde as almas dos séculos vivem encarceradas, em lei de asilo, oferecendo ali a sua eternidade ao efémero do homem que vai admirando, passando e esquecendo...

Luís Bastos era pensionista do Estado e ia procurar, como um devoto, as últimas lições de J. Paul Laurens.

Tendo-se conhecido no combóio, à saída de Lisboa, a mesma aspiração os uniu logo na camaradagem da esperança.

Paris deslumbradora nos seus teatros, nos cafés, nas aventuras fáceis para vôos

de coração, ia sendo conquistada pelo espírito e pela audácia jocunda e confiante dos dois rapazes.

O curso de Vasco só começava em Outubro, mas no desejo antigo que ali o trouxera, frequentava as prelecções assiduamente e as noites dava-as a concertos ou a conferências de seu sabor, e, entre elas, as que nesse inverno o filósofo Bergon vinha fazendo no salão do Collège de France, em que as relações da Vida e da Inteligência constituiam geralmente o centro da sua exposição.

A fama do prelector e o entusiasmo que a sua voz fôra acendendo na juventude, por toda a série, obrigavam à disputa violenta dos logares. Vasco, para ganhar o dele, corria ao átrio duas horas antes, entre escolares de todas as nações, para *faire la queue,* à entrada da porta.

A firme claridade da palavra, a fria e rápida justeza das sínteses, tinham criado entre os rapazes a opinião de que o pensamento da França, a partir do car-

tesianismo, oscilava entre dois polos da inteligência, de Pascal a Bergson.

Passados três meses, Vasco recordava-se do que fôra, sentia-se outro. Olhando uma tarde do Jardim das Tulherias a extensão rutilante dos Campos Eliseos, êle considerava a grandeza romana dessa perspectiva que era um título orgulhoso da civilização moderna.

Pela convivência a que nas escolas e nos cafés pudera entregar-se ávidamente, também no espírito se lhe abriam amplas e claras avenidas para a distância de horizontes nunca entrevistos.

Vencida sem dificuldade a confusão ondeante que nas primeiras semanas o hostilizava, antes de criar novos hábitos, Vasco começou a amar o rumor de Paris, a entender a palpitação do aço e o seu espírito a reflectir a luz de todas as ambições de beleza, a sentir uma agitação desordenada, como um tufão da própria inteligência.

Ás vezes, sentia saùdades do campo,

dos horizontes calmos, e na companhia de Miss Betty, tomava de manhã o combóio para ir gozar em Fontainebleau as sombras amorosas, junto das fontes do parque.

Miss Betty, filha de um negociante rico da ilha Wight, Mr. Stewart, viera com sua mãe para Paris, emquanto o pai fazia uma viagem à Austrália, em serviço de uma grande empresa de minério.

Conhecera-a no Louvre, de lá a encontrar alguns dias seguidos, a horas certas, diante do seu cavalete, a copiar cuidadosamente *La Source,* de Ingres, uma tela simples, de inspiração ingénua, por que êle nunca dera nas repetidas passagens pela sala.

A presença da rapariga, naquele horário fiel, levou-o a notar, a fixar e depois a admirar essa mocidade serena que, por uma bilha inclinada no ombro, derramava a água da vida, servindo de coluna a nudez casta do seu corpo em flôr.

Dentro de Vasco começaram a flame-

jar confusos desejos de entender o quadro e de amar a pintora, circulando tìmidamente à volta do seu cavalete e procurando despertar, com lusa audácia em praia de banhos, a indiferença cândida da inglesa, abrigada na sua bata branca.

Luís Bastos, mais afouto pela liberdade dos meios de arte, metia a riso a hesitação de Vasco, um bacharel, um literato:

— De que te serve saber inglês, se não o aproveitas nos usos mais agradáveis da vida?... Parece que só lidaste com as tricanas de Coimbra, rapaz!

— O pior é começar... Bem vês, aqui não vale piscar o ôlho, como nos clubes de Portugal. Se eu avanço, também te digo que não sei aonde vou parar.

— Á igreja ou à Salpêtrière, chalaceava o pintor.

— Isso é para mulheres...

— Bem, então ao manicómio. É a mesma coisa. Lá deve haver uma cela para ti. Estás muito necessitado...

No entretanto, *La Source* ia avultando

na tela, e Vasco começava a recear que, terminada a cópia, perdesse para sempre a face atenta e fina da Miss, entre a flama ondeante dos seus cabelos.

Pensou então um pretexto razoável para se lhe dirigir. Seria êsse o próprio termo do trabalho.

Vasco, que assistira, quási desde o princípio, àquele desafio entre Ingres e a sua copista, sentia que algum direito podia ter a sua admiração a manifestar-se num aplauso directo de cumprimentos.

Luís Bastos concordava:

— É uma optima ideia! A pequena fica logo embeiçada e o namôro aperta os laços. E Vocês fazem um lindo par, não há dúvida! Ambos afiladinhos, ambos românticos, sonhadores . . .

No dia seguinte, tendo desenvolvido cuidados novos no arranjo da sua pessoa, Vasco almoçou alvoroçadamente, e às duas horas entrava êle na sala onde Miss Betty ia pincelando, sob o olhar envaidecido de sua mãe.

A presença inesperada de outra pessoa deu-lhe um sobressalto. O seu diálogo, em três noites construído para todas as hipóteses, não contava com a intervenção daquela interlocutora importuna.

Mas o destino chamava-o, e, sùbitamente, milagrosamente, Vasco reconheceu na assistência da mãe uma circunstância favorável à execução da sua estratégia.

Aproximando-se quanto pôde, sem se tornar impertinente, esperou que Miss Betty reparasse nele, numa pausa, para dizer com aprumado respeito:

— Allow me to congratulate your daughter on her beautiful painting!

Miss Betty còrou, na confusão da surpresa, emquanto a mãe gravemente agradecia:

— Thank you very much. You are most kind!

— Very kind..., repetia Miss Betty, enleada.

Num inglês demorado, pensado, Vasco esforçava-se por prender a conversação,

dando-lhe interêsse. Êle assistira desde o comêço àquela interpretação; pedia-lhe que aceitasse duas palavras de admiração pelo seu grande talento . . .

Socorrendo-o no embaraço com que Vasco trabalhava a frase, Mrs. Stewart disse-lhe em francês, sorrindo:

— Oh! que vous êtes exageré, monsieur!

— Are you a painter?, perguntava Betty.

Vasco não era pintor. Naquele instante, desejou ter uma profissão, para a declarar ali, como convinha.

Então, num recurso natural de modéstia, lembrou-se de dizer:

— Eu sou apenas um amador de coisas de arte, um espírito, cujo maior prazer é admirar . . .

A conversa, ao favor de Vasco, ia-se animando em francês. Miss Betty, com o pincel suspenso, queria saber se êle era italiano:

— Não; sou português.

As duas senhoras trocaram algumas frases rápidas sôbre as notícias da República. Mrs. Stewart, com maior curiosidade por Vasco, procurava ser-lhe agradável:

— Dizem que é muito lindo o seu país!...

— Para os artistas, sobretudo. Mas os pintores, meus compatriotas, não descobriram ainda, nem merecem ter o paraíso que Deus lhes deu.

A êste impulso sincero, mais senhora de si, Miss Betty perguntava ingènuamente:

— Fazem retratos?

— Nem isso. Veem à França pintar as vacas e os pescadores da Bretanha. Depois, regressam para dar lições a meninas sem talento.

— Oh!...

E num entusiasmo atropelante, Vasco procurou improvisar uma grande admiração pela Inglaterra, pela arte inglesa, arrojando à face das duas senhoras um tumulto peninsular de adjectivos.

Colheu na história duas ou três remi-

niscências, evocou o remoto duque de Lancaster, ousando mesmo falar com orgulho na aliança anglo-lusa, a mais antiga de toda a Europa...

Miss Betty ignorava sàbiamente essa aliança. Nunca lhe conhecera as vantagens que Vasco enumerara convictamente. Sua mãe, de Portugal conhecia apenas, e de passagem, a Ilha da Madeira:

— Oh! beautiful!

Vasco, por seu lado, ia afirmando que dos prazeres da Madeira só tinha saboreado o famoso vinho, uma obra de arte do paladar, bebida de deuses, usurpada pelos humanos...

As inglesas riram, perguntando-lhe se o vinho não divinizaria os homens... Mas êle, concordando, lastimava-se de nunca ter passado da sua condição de mortal.

Miss Betty, descendo os olhos para a tela, via tombar as penumbras na tarde baça. A luz ia faltar-lhe, antes mesmo de fecharem a porta.

Então, ajudada por Vasco, arrumou o

cavalete e num sorriso viçoso, côr de rosa, foi tirar a bata.

D'ali por instantes, emquanto Vasco, por aquele instinto que Balzac denunciou, ganhava a Mrs. Stewart o definitivo conceito de *gentleman*, Betty voltava envolvida no seu grande casaco de veludo, o azul pálido dos olhos de criança a derramar-se contente na sua face lisa, de fruta nova.

Cá fóra, Vasco repetia as desculpas, a pretexto de saber quando ficaria terminada *La Source*.

— To morrow, respondeu Betty.

Se lho permitissem, êle desejava assistir ao fim, ao último sôpro da criação... Pedia também licença de trazer consigo um pintor português, seu amigo e companheiro. Seria mais um aplauso, outro vassalo de admiração...

Mrs. Stewart e sua filha assentiram, num sorriso brando e grato.

E foi no chá do dia seguinte, após os últimos retoques na cópia, que as relações

de Vasco com as inglesas começaram, nos acasos dêsse primeiro outono de Paris.

Ao fim de algumas semanas, Miss Betty e Vasco, por amor da arte e do amor, passeavam juntos pelos *vieux coins* da famosa Lutetia, ela com o seu álbum de desenhos, êle levando a tiracolo o *kodak,* como dois irmãos aventurosos à conquista do prazer raro.

Sem êle o pressentir, dia a dia, o espírito de moderação, de ordem, de justeza da rapariga, ia penetrando os hábitos de Vasco que, na observação maliciosa de Luís Bastos, começava a *inglesar-se* demais.

Jornais, revistas, gravatas, bugigangas, *made in England,* amontoavam-se já na mesa do seu escritório, em cujas paredes rebrilhavam tristemente tantas lembranças de Portugal.

Secretamente, tomou um professor de inglês e as primeiras horas da manhã dava-as aos *Reading exercises,* às *Questions and Answers,* na prática gradual de uma conversação familiar e correcta que,

mais que tudo, êle agora ambicionava no mundo. Vivia no inquieto receio de que a sua palavra, falada ou escrita, frustrasse a diplomacia subtil do seu amor.

Numa dessas manhãs, Luís Bastos, entrando a horas inesperadas, surpreendeu-o na cantilena de conjugar interrogativamente o verbo *to come,* na presença de um homem de lunetas e fraque, que pela ponta de um lápis ia regendo o compasso daquele ensaio.

Á presença ruidosa do amigo, Vasco convidou Mr. Hurst a dar por finda a lição daquele dia.

E mal a porta se fechara sôbre as botas cansadas do professor, Luís Bastos rompeu logo:

— Por hoje?! Para sempre! Manda-me passear êsse diab'alma e aprende por outro método, rapaz!

— Então como?

— Ora!... Como em francês: *acheter une grammaire et coucher avec...*

— Lá vens tu com chalaças!

— Já te disse, homem! Não há êrro de gramática que se repita, depois de corrigido com um beijo. Os de sintaxe, êsses são mais complicados, mas curam-se com alguma demora ou alguma audácia...

— Pelo visto e ouvido, tenho de julgar-te um padre-mestre em lingùistica amorosa...

— Olha, o que não faço é perder tempo com elas. Isto por cá são todas a mesma coisa, umas cabras!

— Oh! Luís! Mais respeito e alguma justiça, pelo menos. Há de tudo, como por lá. Olha, por exemplo, esta Betty é de uma candura salesiana. Chega a confundir.

— Hipocrisia, meu pequeno! Ai! como tu estás! Em chegando a ocasião, sai-te aí uma sábia que ficas tonto!

— Isso agora, alto! Não consinto!

— Bem, já sei... Basta! Se ofendo, recolho a fala e retiro a injúria.

— Mas não penses...

— Não penso nada, não digo nada. Pronto.

E Luís Bastos, interpretando com rigor a defesa de Vasco, por entre os seus protestos, informou-o de uns telegramas alarmantes de Portugal. Vasco ainda não lera os jornais.

— Não lêste? Aqui tens. Falam de um projecto de revolta militar, parece que em Viseu. E na incursão, por Espanha. O nome da terra vem aí confuso.

— Sim, cá está. Não sei. Aquele desgraçado país está dando à Europa a lição da última experiência moral da democracia. Tudo está previsto.

— Mas tu crês na restauração, Vasco?

— Eu não, porque o Rei também não acredita nessa esperança.

— Como? . . .

— Se êle acreditasse, não consentiria que um soldado erguesse a espada, não sendo ao comando da sua voz. Assim fizeram Dom Pedro IV e Dom Miguel.

— Mas há optimos oficiais na Galiza, disse-mo ainda há duas semanas o Carlos Vieira, que veio de lá.

— Se não tiverem um chefe, só servirão para se anularem uns aos outros.

Com todo o respeito que me merece o sacrifício alheio, considero essa ofensiva uma aventura.

— Essa crítica, cá de longe . . .

— Sim, eu deveria pôr-me ao serviço da restauração, queres tu dizer.

— Era natural . . .

— Mas o Trono só dignamente podia recuperar-se, se o Rei oferecesse a sua espada para êsse resgate. E, digo-to com firmeza, a Monarquia não poderá restaurar-se, emquanto o Rei não confundir a sua vida com a sua causa . . . É isto!

Luís Bastos calou-se. Vasco olhava para o relógio:

— É tarde, c'os demonios! A propósito, queres almoçar comigo?

— Obrigado, já almocei. No campo.

Fui hoje cêdo tirar por lá uns apontamentos.

— Por isso é que tu aqui estás a estas horas!

— Ai tens o segredo dêsse milagre. Boa luz, a de hoje. Muito lívida, mas transparente.

Um encanto inesperado!

— Então, vamos embora. Estou com fome, Luís.

II

A FALLEN IDOI

Na tarde dêsse dia, recolhida e mansa, quando já o hálito do Outono tingira de palidez as avenidas e os jardins, Vasco e Miss Betty entraram mais uma vez no Parque de Monceau, pela Avenida Van Dick, risonhos e unidos, no enlevo sempre novo de dois namorados que se beijam.

Aquela intimidade serena de camaradas, a confiança com que Betty se entregava à sua companhia, dominavam todos os impulsos audaciosos de Vasco. Êle receava, cada vez mais, por uma palavra, por um gesto inoportuno, desmoronar a

tôrre de ilusão que o seu desejo erguera. Parecia-lhe até que na falta de defesa por parte de Betty, êle deveria ver traduzida a força com que ela lhe havia de resistir.

— É outra gente, outra educação, pensava êle, por cautela.

Nessas diferenças profundas encontrava também a justificação para a diversidade da ritologia amorosa a observar.

Junto de Betty, sentia-se tímido, embaraçado, traíndo nos menores movimentos de alma a sua obsessiva intenção de agradar. O seu entusiasmo era respeitoso, devoto, parecia-se com a adoração.

Tendo-lhe mais uma vez falado na preocupação que o levara a ornamentar os aposentos da rua Bonaparte com produtos da industria portuguesa, com pratos de Coímbra, com fotografias de quadros e monumentos, para assim dar aos olhos uma nesga de céu da Pátria, Betty prometera-lhe uma visita, talvez até tentar fazer-lhe o retrato na atmosfera da sua intimidade de espírito.

Vasco exaltou-se docemente com tão deslumbradora esperança.

Agora, ali juntos no refúgio daquele jardim discreto, onde a benção de Chopin, por eterno destino, absolve e consola todos os males de amor, êles viam passar as crianças, os românticos solitários, os pares namorados que, por entre a relva e as roseiras, loucamente saboreavam o segrêdo das carícias, emquanto sombras e almas se iam afundando em meditação para além da *Colonnade*.

As mãos de Betty acolheram-se brandamente às mãos de Vasco, e êle ergueu-as à bôca, em receio, ora uma, ora outra, prendendo-as depois, comprimindo-as num novêlo branco que os seus beijos iam fechando cada vez mais.

Miss Betty inclinava-se sem dizer nada, e a franja de oiro dos seus cabelos tocava furtivamente a testa iluminada de Vasco.

Êle procurou-lhe os olhos, a luz da face, mas as palpebras mortas velavam quási todo o azul das pupilas.

— No harm in kissing?..., dizia êle, numa ironia suplicante.

— Oh! No, my love...

O braço de Vasco enlaçou fortemente o busto de Miss Betty, e as suas bôcas foram ali o mesmo calix por onde ambos beberam o filtro de uma vida nova.

Ao outro dia, Betty, tomando o seu leve estojo de pintura, anunciou à mãe, entre dois beijos, que prometera encontrar-se no *Bois* com umas amigas que a convidaram na vespera para tomar chá no campo.

Pela primeira vez, Betty sentia necessidade de ocultar a sua mãe um encontro com Vasco, cuja camaradagem sempre Mrs. Stewart estimulara e aplaudira.

Uma indecisão teimosa que desde manhã a tomara, a ignorância do que *ia ser,* trouxeram-lhe aos olhos e às palavras a melancolia de um pressentimento agudo, o temor de tudo quanto se deseja e se receia... Betty bem sabia que o seu encontro com Vasco, depois da tarde anterior, seria a delícia da última tentação. Para

além dêsse momento, em que se cruzavam o desejo e a dúvida, era ainda o domínio do mistério, para que a sua vida viera caminhando e para que agora floria e cantava o seu coração.

Dentro do taxímetro, a caminho da rua Bonaparte, o coração de Betty dilatava-se de alvorôço, numa excitação que lhe batia nas fontes da cabeça.

Parecia-lhe que nunca um automóvel fôra mais veloz e imprudente; mas, à lembrança de lhe dar outro destino, ela repreendia-se logo da sua falta de coragem, e o corpo abandonava-se-lhe ao incerto, contra o estôfo do carro. O amor é da vida, a vida é do amor, pensava ela, resolutamente.

Em casa, sòzinho, desde as duas horas que Vasco a estava esperando, doido de impaciência. Com a face nos vidros, espiava a rua, levantando-se a cada rumor novo. Outras vezes, já inquieto de longa impaciência, quando ia à janela, demorava os passos para prolongar a esperança...

Cuidadosamente, andara êle mesmo arrumando o escritório, e de todas as jarras de velha faiança portuguesa, os crisântemos deixavam cair um sorriso de brancura nupcial.

Pelas paredes, assomavam os monumentos mais evocadores de Portugal, resúmindo a Conquista e a Navegação — a Sé de Coímbra, a Batalha, os Jerónimos, a Tôrre de Belem, esta num limpido painel de azulejos.

Na porta da janela, espreitando o sol amorosamente, abria-se em prognósticos e indicações regradas e sábias o *Borda d'Água,* rei dos reportórios, segundo canta em triunfo a sua voz eterna.

Tendo fugido da Pátria, como Eneias, costumava êle dizer, quisera trazer consigo os penates: não podia passar sem uns reflexos da sua imagem, como quem possuísse o retrato de uma pessoa querida e cativa...

Nessa manhã acordando alvoroçado, ordenou a Robert que saísse a comprar

bôlos e flôres; e depois do almoço, que foi rápido, que deixasse a mesa do chá posta com o *tête-à-tête* inglês, o azul.

Podia saír de tarde, êle não jantava em casa. Cumprindo alegremente as ordens, o criado deixou-o ainda ocupado na disposição e arranjo das mesas e das prateleiras.

Por um instante, fitou os olhos no seu retrato, sôbre a porta do quarto de dormir, um carvão de Luís Bastos que agora achava inexplicável, falso. Pensou ainda em apeá-lo, para que Betty não o visse e não fôsse tentada a desistir da venturosa promessa que lhe fizera.

Foi então que a campainha retiniu duas vezes, tìmidamente. Vasco correu e a porta abriu-se-lhe para a presença de Miss Betty, aprumada, risonha, sob o véu azul, olhando com incerteza para todos os lados, segurando numa das mãos a caixa das tintas e na outra enrolando com desenvoltura elegante o casaco de veludo preto.

Polidamente, Vasco dominou-se, pro-

curando primeiro receber a senhora, embora lhe enchesse toda a alma a certeza presente da mulher . . .

Sôbre o veu foi dado ainda o primeiro beijo, a fala do seu reconhecimento, porque só agora acreditara êle em tamanha felicidade da sua vida.

Olhando incertamente para as coisas que a rodeavam, presa ainda da excitação da entrada, Vasco procurava acalmá-la, sentando-a a seu lado no sofá e tomando-lhe uma das mãos, docemente.

— Oh! What a nice house!, exclamou ela.

— É a minha casa, a nossa casa, Betty! Pensava que já não querias vir, meu amor!

— Que grande ingrato! Tinha prometido, devia cumprir.

— E só por teres prometido?

— Ah! não!. . .

Vasco, deslumbrado de desejo, beijou-lhe os olhos, beijou-lhe as faces, beijou-lhe a boca. Betty abandonava-se candidamente ao ardor de uma flama desconhe-

cida. Mas, no instinto de se defender, fixava os quadros, um por um, fazendo perguntas repetidas:

— Que é isto? Como se chama?

Quem é o autor?

Vasco informava com rigor, friamente:

— Cópia de um primitivo português. Século XV. Retratos de navegadores. Depois direi.

— E êstes tapetes?

— Velhas indústrias populares.

— É lindo!

Ao ardor ansioso de Vasco parecia que o pensamento de Betty se alheava e distanciava do seu pensamento e do seu desejo.

Então reparou-lhe no vestido, um *trotteur* cinzento escuro; em cuja gola alastrava a espuma de uma renda belga.

Louvou-lhe o vestido sinceramente, jurando que os cabelos eram mais ardentes, a pele mais translúcida. Betty sorria, no enlêvo claro de se ver admirada e amada. Nunca outro homem lhe dissera palavras de tanta persuasão. Mas agora,

a voz de Vasco, entrecortada, abrandando-se em súplica, ia repetindo em respiração alta:

— Meu amor! Meu amor! Meu amor!

Aos beijos demorados e fogosos de Vasco, os olhos de Miss Betty esmoreciam cada vez mais.

Toda a sua carne ardia na palpitação de se dar em posse e volúpia, à flôr da pele vinham acordar e estremecer os desejos. Abandonada, a linda cabeça de Miss Betty amorteceu no braço esquerdo de Vasco, e o seu corpo dobrou-se lentamente, como à pressão de uma aragem de Primavera a haste de um lírio em flôr...

Desde aquele dia, Miss Betty foi para Vasco, isolado no turbilhão de Paris, sem família, nem lar, a mais doce companheira da sua inteligência e do seu tédio.

A vida de ambos começou a decorrer numa intimidade serena, sob as vistas de Mrs. Stewart que, ao estilo da educação britânica, confiava francamente a filha à sua própria defesa e protecção.

Na liberdade de sentimentos em que se criara e em que viviam ainda os seus quarenta-anos frescos, para consolação inefável de um Mr. Martin, Mrs. Stewart aplaudia justificadoramente em seu coração todas as hipóteses em que sua filha reclamasse da vida o prazer que a vida tivesse para lhe dar. Nem a reprimia, nem lançava atrás dos seus passos a sombra de uma vigilância desconfiada.

O contacto de Vasco deu a Miss Betty o interêsse pelas correntes literárias então ainda vivas, e por outras já adormecidas no panteon geral do esquecimento ou mortas à nascença, na asfixia dos cafés.

Como dois curiosos de exótico e de imprevisto, davam-se tardes a percorrer os *cabarets* mais célebres onde podiam avistar de longe os últimos chapeus dos simbolistas, as saudosas melenas dos decadentes, as peras alongadas dos satânicos, traços coloridos de pre-rafaèlitas, chamas roxas de místicos, pesadelos de ocultistas . . .

A estas excursões, algumas vezes atre-

vidas, chamavam êles a *romaria dos mistérios de Paris.* De cada jornada traziam uma anedota para contar proveitosamente a Mrs. Stewart e a Mr. Martin, observações, pensamentos para meditar na lição constante do acaso que lhos oferecia.

A presença feminina que é licito procurar junto de cada homem de espírito, encontrara-a Vasco em Miss Betty, na sua ternura amorável, pontual e serena.

Passados meses, quando êle lhe perguntava, em comoção agradecida, qual teria sido a maior razão que a si a prendia, o motivo mais poderoso do seu grande interêsse, Betty, lançando-lhe os braços ao pescoço, apenas respondia, entre uma cadeia de beijos:

— Gosto de ti como tu és.

Para esclarecer o seu juizo, desejando penetrar a intimidade do sentimento de Betty, Vasco insistia, querendo agora saber a qualidade que mais a impressionara, para a levar a entregar-se-lhe, a pertencer-lhe tão inteiramente. Êle receava que

todo o movimento daquela alma proviesse de uma exaltação dos sentidos.

Miss Betty, crendo que Vasco pretendia do seu testemunho uma noção exacta, aprumava o tronco grácil, para lhe dizer seriamente, no seu interêsse de mulher:

— Nenhum homem vê e interpreta as coisas como tu; a ninguém ouvi palavras tão inteligentes. Dentro de ti, vive uma alma . . . Se te não admirasse, seria incapaz de te amar. Êsse amor sem inteligência, sempre o julguei uma animalidade degradante.

Entre carícias tontas, selava-se de novo aquela aliança de corações, com a assistência familiar das flores, dos livros, das lembranças que viviam no interior gracioso da rua Bonaparte.

Notícias de Portugal vinham-lhe todos os mêses, ao menos, por cuidado do seu amigo Jorge Cabral, que já visitara as herdades do Alto-Alemtejo onde tomara com o Nogueira algumas medidas de administração, elevando rendas, reformando con-

tractos de cortiça, com alegre proveito de Vasco. A última carta dêle referia que o conselheiro Miguel de Brito abandonara a casa da Avenida, passando a viver com a viuva Alves Dias, na rua da Trindade.

Pelo Mateus soubera também Jorge Cabral, que os moveis maiores, os tapetes e o piano tinham ido vender-se em depósito para a Liquidadora da Avenida.

O velho escudeiro ia ser mandado para o Ingarnal, à ordem do pai de Vasco, por não se ter prontificado a servi-lo em casa de pessoa suspeita.

Para se referir ao escândalo que tal procedimento ateara em Lisboa, Jorge Cabral informava discretamente que o *caso levantara certo rumor de reprovação.* Vasco entristecia-se. Miss Betty, quando ao entrar, lhe descobria sombras na face, perguntava logo se tivera cartas de Portugal. Então redobrava de ternura, no extremo de consolar Vasco, tomava carinhos sérios de irmã mais velha, chamava-lhe criança — *My big baby!* — e as

nuvens de más lembranças eram sacudidas para longe, ao poder dos seus encantos ou à persuasão abundante de Luís Bastos, na sua assiduidade jovial.

Foi numa tarde de Maio que os três amigos decidiram continuar a *romaria dos mistérios,* por uma visita ao célebre *Cicadarium,* fundado por Miss Ellen Wayte, rica americana de Chicago que, depois de receber por herança de seu pai dez milhões de dóllares, transferiu amavelmente para Paris a neurastenia e os rendimentos, ocupando-se com sincera diligência em coleccionar cigarras, vivas e mortas. Contra a velha e injuriosa fábula, ela tivera a ventura de convencer-se da necessidade de uma cruzada de amor e de sciência, para a reabilitação do simpático insecto no mundo dos homens.

Começou então a denunciar, a demonstrar, a combater vivamente o êrro atroz da tradição nas letras e nas artes de todos os países, e logo ficou conhecida vaidosamente pelo título de *Madrinha das*

Cigarras que usava até nos bilhetes de visita.

Para o *Cicadarium* entrava-se por um pátio Luís XIII, com uma cisterna no centro. Ao fundo, corria uma alta vedação de arame, para além da qual bracejavam frondosas ramarias de cartão pintado, entre arbustos campestres, trazidos de longe com raízes, e ali tratados com o mais precioso cuidado.

Ellen Wayte, que Betty e sua mãe conheceram um mês antes, num chá da embaixada da América, apareceu-lhes lentamente, vestida de cigarra, coberta de um estofo indiano, transparente, reticulado de fios de oiro. A cada fala, a cada cumprimento, abria e fechava os braços, como se nêsse ritmo palpitassem as asas e o espírito do venerável insecto.

Betty e os dois rapazes seguiam, com olhos de iniciados, as indicações surpreendentes de Miss Ellen:

— Estas são de Marrocos; estas dos Pirineus; aqui estão as da Sicília, as de

Alexandria, as da Ilha de Lesbos, dizia ela apontando grupo por grupo.

Luís Bastos, para denunciar interêsse na geografia da cigarra, quís saber se não havia espécies asiáticas. Gostava de as ver e admirar.

Miss Ellen, sorrindo, emquanto penetrava a sinceridade do pintor, ia informandó:

— Há menos. Mas tenho. Venham comigo.

E a visita continuava, agora por extensas galerias onde se alinhavam embalsamadas, em rigor de museu, várias espécies, devidamente descritas, em caixas de vidro em forma de cigarra.

Miss Betty quís saber como se alimentavam e porque não cantavam as cigarras do viveiro.

A Madrinha das Cigarras, antes de informar Betty e os dois rapazes atentos, fulminou com a sua voz de lentas pausas o Autor da Natureza, que obrigara os homens a alimentar-se como os porcos, roendo e

mastigando. Julgava isso até uma ironia para a inteligência humana . . .

Com as cigarras fôra mais gentil, mais espiritual, o velho Jehovah do Paraíso.

Instruídos na sciência da velha fábula, ainda inclinados à ternura pela formiga laboriosa, os três visitantes olharam interessadamente para Miss Ellen. E logo se pôs a explicar o seu juizo:

— A cigarra que aqui vêem é uma vítima de quatro mil anos, tem suportado um ultraje infamante há quarenta séculos. Nunca pediu grãos à formiga, porque não come. A cigarra não come . . .

Os visitantes estavam pasmados.

Miss Ellen, cada vez mais séria, continuava a sua demonstração:

— Nutre-se, mas não come. Tem sôbre nós essa invejavel superioridade . . .

— ? —

— Alimenta-se de seiva: o sangue da cigarra é o sangue das flôres. Por isso é a cigarra a mais linda flôr, dilecta filha do Sol, na variedade dos insectos.

A fábula está errada. Todos nós aprendemos nas escolas uma atrocidade. Nenhuma cigarra resiste com vida ao Inverno, nenhuma cigarra pode comer grãos. Quando deseja alimentar-se, abre uma incisão, uma fonte, nos troncos ou nos ramos tenros das árvores, e ali aspira a seiva de que as formigas e outros insectos sabem aproveitar-se gulosamente.

Quem deve é, portanto, a formiga...

Miss Betty, candidamente, voltava-se para os dois rapazes:

— Sim, é uma grande calúnia, essa da fábula da cigarra e da formiga.

Na alegria desta concordância, Miss Ellen explanava mais ainda a sua defesa:

— Deve-se ao grande Henri Fabre esta reparadora justiça.

Por isso êle é hoje o maior dos santos da minha devoção, muito superior a Sam Francisco de Assis.

Constantemente repito para mim o juizo que dele forma Meterlink: «... *une des plus hautes et des plus pures gloires que*

possède en ce moment le monde civilisé...»; «*le plus merveilleux des poètes au sens moderne et vraiment legitime de ce mot...*»

Persuadidos e deleitados com tão profunda lição, Betty e os dois rapazes não sabiam que pensar nem crer da madrinha das cigarras, que ali se lhes apresentava como um dos sêres mais admiráveis e justos de toda a criação.

Iam entrando agora num eirado, com um grande scenário de carvalhos, de onde quatro mulheres-cigarras lentamente desciam, agitando as asas numa vibração scintilante e soltando cantilenas guturais, ininteligíveis.

Miss Ellen foi logo ao encontro da sua curiosidade, explicando-lhes, naturalmente:

— São as irmãs cantoras.

E acrescentava que ali dentro a regra èra semelhante à de um claustro de monjas. A vida, todas a interpretavam como o anseio de voar para a aspiração divinizadora do puro desejo, para a imaterialidade das sensações. Por isso, só ali

podiam viver as virgens que alegremente se bastassem umas às outras . . .

Tendo seguido a custo a prevenção de respeitar o virginário e a profunda exposição de Miss Ellen, os visitantes despediram-se, sérios e agradecidos, e foram desabafar, arejando e tomando chá no Café de la Paix:

— Que doida! . . . Que doida! . . .

Nesta alegria despreocupada, entre a arte e a boémia, seguros um do outro, Vasco e Betty dividiam entre si o espírito e o coração. Quando alongavam a vista para o futuro, no mesmo enlêvo unidos, Betty, muito séria, repetidas vezes fazia descer entre êles, friamente, a hipótese do casamento de Vasco:

— Deves casar com uma portuguesa, doce e morena. Se forem três irmãs, repara naquela que estiver calada, a olhar para ti, a ouvir-te, sem cuidado nenhum pela sua pessoa.

Escolhe essa, é a tua . . .

Com insistência britânica, Betty parecia querer afastar do espírito do seu amigo a ideia do matrimónio, fugir à suspeita de que o seu amor não fôsse puro de desinterêsse.

Vasco já nunca a deixava concluir e as últimas palavras de Betty esmoreciam abafadamente, atropeladas pelos seus beijos.

Quási três anos passaram, na intimidade de amor que os unira e prendera à condescendência generosa de Mrs. Stewart, cada vez mais emplumada e alacre, na primavera do seu outono.

Vasco surpreendia-se de sentir cada vez mais viçosa a flôr de carne da sua doce amiga, parecendo-lhe, a toda a reflexão sôbre os minutos passados, que o encanto de Betty ia renascendo de mês em mês.

Luís Bastos, perdido na boémia desgrenhada dos *ateliers* da Rue Saint Jacques onde morava, e muito ligado ternamente a uma rapariga de Lyon, Marie Claire, já não gracejava com os amores de Vasco,

tendo-se persuadido de que Miss Betty viria a ser sua mulher.

Nunca Vasco se referira a tal possibilidade, nem mesmo lha deixara entrever, mas êsse desfecho deixavam fácilmente adivinhá-lo o carácter do seu amigo e, mais ainda, a lógica ardorosa dos dois corações.

Novos, inteligentes, ricos, amando-se com uma fidelidade escandalosa durante tanto tempo, êle com o entusiasmo e o respeito devoto de um trovador, ela com firmeza e calma doçura, afigurava-se ao pintor que o destino os houvera criado para justa recompensa um do outro.

Uma tarde em que Vasco estava trabalhando no diálogo de uma peça simbólica que intensamente lhe despertara no sangue, com surpresa sentiu na campaínha o toque combinado de Betty.

Adiantando-se a Robert, foi êle mesmo abrir a porta, sobressaltado com a sua presença; e, inquieto aos seus primeiros olhares, ia perguntando receosamente:

— Que ha? Que foi?

Miss Betty, muito grave, muito séria, sentou-se ao lado da mesa onde Vasco estivera escrevendo, e tomou na mão, distraídamente, um solitário de prata, calada, de olhos baixos.

— Que tens, Betty? Que foi, meu amor? insistia Vasco.

Subitamente, pensou adivinhar a causa da sua visita. Ele contara sempre com essa revelação. E em tal certeza agora, a sua ternura era mais sentida, à ideia de um perigo, de um grande sofrimento por êle.

Então tomou-lhe a cabeça entre beijos — que não se afligisse, o filhinho trazia-lhes uma ventura nova, êle viria em boa hora...

Miss Betty, num sorriso, e com a voz fria, interrompeu-o logo:

— Não é disso que se trata...

Vasco pensou em qualquer intriga, na intervenção da mãe, na chegada do pai, na próxima partida para Inglaterra ou para a Austrália.

Mais senhora de si, Betty poisava com lento disfarce sôbre a mesa, a chave da casa do seu amigo, perguntando-lhe com interêsse profundo:

— Tencionas demorar-te muito tempo em Paris, Vasco?

— Os mêses, os anos que tu desejares, emquanto tu quiseres...

— Mas, independentemente de mim...

— Não percebo.

— Como se eu não entrasse em nada nas tuas resoluções...

— Não entendo, já disse. Eu não posso deixar de te considerar para todas as resoluções, para todos os cálculos da minha vida!

— Se eu desaparecesse, se morresse, se eu...

— Explica-te, Betty; eu não te compreendo hoje. Se tu morresses, não quero pensar o que seria de mim. Enlouquecia, com certeza!

— Mas a minha vida pode mudar, modificar-se...

— Assim o creio e espero. Quando tu quiseres. Quando teu pai vier. Sim, Betty?...

Se nunca te falei em casamento...

— Nem podes falar; não deves falar. Foi por isso que hoje vim a tua casa.

Vasco, ao lado dela, empalidecia. Á sinceridade do seu grande amor, escapava inteiramente o fio do pensamento da rapariga. Tirando uma carta do seu saco de sêda roxa, ela continuou:

— Quando nos vimos e nos unimos, nós eramos livres e não tinhamos outra lei senão o nosso desejo. Um acaso nos juntou e pusemo-nos a andar pela vida, nela colhendo com abundância os pomos de oiro da alegria. Fomos felizes. Tu oferecias-me um nobre coração, eu sacrifiquei-te, a sorrir, a minha pureza. Aos teus beijos, renasci, senti-me mulher, comecei a viver. Nada te pedi, tu nada me prometeste. Não seria bem digna de ti, se, ao entregar-me, me houvesse determinado por outra razão que não fôsse a certeza do teu amor.

— Betty! Betty! Para que me dizes tu essas coisas?

— Escuta. Há quatro anos, antes de virmos para Paris, tinha aceitado a côrte a um rapaz inglês que era pobre. Eu não chegara ainda aos vinte anos. Meus pais contrariaram êste projecto, justificando-se com a desigualdade das famílias.

Com grande nobreza, o rapaz desistiu; eu, sem fôrça para me impôr a meus pais, não pude prendê-lo a êle na Europa.

John resolveu partir para a Africa do Sul e pediu-me que lhe falasse ainda uma vez. Fiz-lhe a vontade, porque êle, quando para mim olhou, ignorava que eu fôsse rica e o meu coração acreditava inabalavelmente no seu amor. Nesse encontro de adeus chorámos ambos.

Se não fugi a meus pais, foi porque a dignidade de John mo proíbiu.

Convenceu-me a ficar, depois de fazermos o seguinte juramento: nenhum de nós casaria, antes de passarem cinco anos.

Durante êsse tempo, cada um acederia à solicitação do outro para casar, logo que fôsse invocada a livre promessa que ambos faziamos.

Nesta carta, recebida hoje de manhã, John anuncia-me a felicidade dos seus negócios em Africa e o regresso para daqui a dois mêses.

Vasco estava transido. Sôbre o seu peito pesava uma opressão sufocante.

Contra Betty, os seus olhos fuzilavam de exaltação desesperada. Êle conhecia-lhe a energia de vontade.

Então, com voz irónica e cortada, perguntou-lhe:

— E o que entre nós ambos se tem passado, não alterou as condições e as consequências dêsse pacto?

— Não. Antes do seu embarque, beijámo-nos. Eramos livres; livres ficariamos, um e outro, a não ser para cumprir o nosso juramento.

— E tu, Betty, podes pensar em deixar-me assim, de um momento para o

outro? Anular, ultrajar todas as nossas lembranças? Esquecer tudo quanto fomos?

— Não esqueço, não posso esquecer. O que foi, já não pode deixar de ter sido.

— E para mim, não pode deixar de ser!, dizia Vasco firmemente.

Betty, numa grande frieza, continuava:

— Apenas se modificam as nossas relações. Eu quero ser e serei, de hoje em diante, a tua amiga, a amiga fraterna.

Batendo rudemente com a mão na mesa, Vasco exclamava:

— Que hipocrisia, a de essa proposta ultrajante! Não! Para um coração português, ou tudo, ou nada! Nós somos assim! Eu sou assim!

Betty lembrava-lhe, numa grande calma, o seu dever, a sua palavra.

— Nunca fôste minha, como eu fui teu, Betty! Eu continuarei a amar-te, embora odiando-te; se tu não continuas, é porque não começaste . . .

Betty calava-se, contrariada, sem poder saír daquele conflito amargo.

A sua lógica, longe de o persuadir, ainda o exaltava contra ela. Vasco erguia a sua voz, indignada e suplicante:

— Porque não mo disseste? Porque me deixaste pôr tantas esperanças no teu amor?

— Repito: nada te pedi então; tu nada me prometeste. O meu passado pertencia-me; o teu era teu...

— Betty! Betty! Tem dó de mim! Eu enlouqueço! Meu amor!

No mesmo instante os dois bustos uniram-se, enlaçados pelos braços em fogo, convulsamente, e nunca houve beijos mais chorosos e ardentes.

Depois, desprendendo-se num protesto, tonto de furor, Vasco ergueu-a, pelos braços, a dizer-lhe:

— Betty! Minha Betty de tanto tempo! Tu não podes ser doutro, depois de teres sido minha! Não?!...

Hirta, com os olhos rebrilhando em lágrimas, Betty emmudecia.

Vasco, segurando-a pelas mãos, fitou duramente os seus olhos nos olhos dela, sacudiu-a com violência:

— És minha ou não és minha?!

— Tua amiga. Muito!..., acentuava ela, chorando.

Então Vasco, já meio desvairado, como na ameaça de um delírio, gritou-lhe com as mãos em garra:

— Foge daqui! Por mim e por ti, foge! Tenho mêdo, Betty!

A porta puxou-a ela imediatamente sôbre si, no estrondo de quem fechasse um túmulo, à voz de um remorso. Vasco ficou estendido na *chaise-longue,* a gemer, a soluçar doridamente, como um animal ferido e tombado num fôjo. Passadas duas horas, ainda êle estava vencido pelo torpor que lhe fundira em moleza as energias do corpo e da alma.

Luís Bastos, que naquele dia estava convidado para jantar com Vasco, entrou furtivamente no escritório onde ainda não havia luz acesa.

Cuidando-o adormecido, ali trovejou três ou quatro interjeições, capazes de despertar um morto. Ao mesmo tempo abriu a electricidade, Vasco ergueu pesadamente a cabeça, e Luís Bastos viu reflectir-se-lhe na face transtornada a denúncia de alguma coisa grave. E sentou-se ao lado dele.

Dificilmente, em palavras cortadas, informou o pintor daquela surpresa incompreensível e aniquiladora. Luís Bastos pôs-se a passear, exaltando-se então sinceramente, tocado pela dor do seu amigo que ali estava sucumbido no chão, como um desventurado que perdesse para sempre o pé na vida.

E ajuntando duas ou três consolações, usuais em semelhantes circunstâncias, rematava-as poderosamente, triunfalmente:

— Bem te tenho eu dito!... São umas cabras! Todas umas cabras!... Ou cobras, se quiseres!

Do seu canto de abandono, em voz húmida de lágrimas, erguia-se dolorosamente o protesto e a súplica de Vasco:

— Cala-te, Luís. Cala-te. Deixa-me estar só...

Á casa de saúde de Valmont para onde Vasco teve de seguir d'ali por uma semana, à ordem do seu médico, chegaram três cartas de Betty, persuadindo-o a resignar-se e a pedir-lhe perdão de o ter feito sofrer, em nome do seu destino.

Fôra Luís Bastos quem lhe dera a direcção, não obstante as ordens contrárias que de Vasco recebera no dia da partida. Nesse encontro, Betty suportou a censura violenta do pintor, chegando a ouvir-lhe dizer que a sua maior curiosidade a respeito dela, era saber se depois de morta alguém lhe poderia encontrar o coração...

Betty, já com o enderêço, afastou-se a chorar, emquanto Luís Bastos ia praguejando terrivelmente e vingadoramente em português. E nunca mais se viram.

No sanatório, a crise de Vasco definiu-se em toda a sua gravidade alarmante, por

alternativas de excitação e abatimento, com febres repetidas e altas.

Á segunda carta que de Betty recebera, Vasco respondeu a pedir-lhe que se esquecesse dele, que não lhe tornasse a escrever.

Depois, diante de nova insistência, muito impaciente, ainda de cama, traçou ao alto da fôlha da carta que lhe devolvia para Paris estas palavras trémulas: « Pede-se que respeite o sossêgo de um doente. »

E nunca mais em Valmont entrou a letra forte e angulosa de Miss Betty.

Seguindo ali submissamente o regímen prescrito pelo ilustre Damiron, ao fim de seis meses, Vasco podia receber a notícia de que o seu tratamento terminara. Uma viagem pouco fatigante, na indicação clínica, seria o mais seguro remate da sua convalescença. Escolheu então a Itália. O médico aprovou enèrgicamente, como se Vasco ainda carecesse de estímulo. Uma longa paragem em Roma, fugir ao Inverno em Nápoles, receber a Primavera em Florença, era uma terapêutica segura-

mente eficaz. Depois voltaria à Suíça e já então seria capaz de subjugar os Alpes, como um gigante fabuloso.

No primeiro do ano, em Nápoles, depois de almôço, Vasco lembrou-se de ir procurar notícias de Portugal e foi êle mesmo à posta restante.

Os telegramas da guerra que abalava, como um cataclismo de fogo e de sangue, os montes, os mares e as raças da velha Europa, não deixavam tranqùilidade aos mais scépticos e egoístas. Nas altas chamas dêsse incêndio, ardiam as esperanças e as dores de todo o mundo. E agora Vasco pensava justamente no destino de Portugal perante a guerra, nos seus deveres, nos seus interêsses, na hora em que a República era senhora dêles, à lei da ambição e do instinto dos partidos.

Na posta restante, apenas havia, retardada já, uma carta de Jorge Cabral.

Noticiava duas manifestações em Lisboa, tramadas nos clubes secretos e nos centros políticos, para o intuito de popula-

rizar a guerra. Revelava algumas apreensões sôbre o futuro, no caso de a Espanha entrar no conflito, ao lado da Alemanha e da Áustria.

« Quanto a teu pai, acrescentava êle, posso informar-te de que a viúva Alves Dias partiu para Manaus em companhia de um caixeiro viajante. Disseram-mo na Havanesa. Depois tive confirmação indirecta do caso, quando há dias, encontrando-o no alto da Avenida, êle me disse estar na disposição de partir em breve para o Ingarnal.

Acrescentou que Lisboa já o fatigava e que sentia necessidade de descansar definitivamente . . . Perguntei-lhe se não passava bem; respondeu-me com um gesto de desânimo. Depois quís saber de ti e mostrou-se muito interessado pelas tuas melhoras. Vai-lhe dando notícias, ainda que breves. Pareceu-me muito triste e abatido.

. . . . . »

Tempos depois, começou a anunciar-se

para breve a entrada da Itália na guerra. O projecto de Florença teve de ser sacrificado. O vento do perigo soprava incertamente de todos os lados da Península.

Vasco decidiu transferir-se para Lausanne, confiado em que a clássica neutralidade da Suíça o guardasse no meio da tormenta. Quando atravessou Milão, já a populaça acesa nas proclamações de D'Annunzio, andava gritando nas ruas:

— *La guerra o la republica!*

A vida passava-se em toda a parte com uma rapidez e uma violência de máquina. A inquietação e o sobressalto contavam-se pelas horas do dia e da noite. Do seu abrigo da Suíça teve êle de correr a Paris, à reclamação aflita de Luís Bastos.

No prédio da rua Bonaparte caíram duas bombas. O Estado Maior tomara conta da casa por alguns dias para estudar a natureza e a fôrça do projéctil.

Êle julgara conveniente transferir tudo o que pudera para casa dele, tendo guardado num armazém os móveis maiores.

Com o abalo e os destroços, tinham ficado partidos os vidros e as louças. O resto pouco sofrera, por acaso inexplicável.

Procurando vencer as dificuldades de entrada, Vasco resolveu logo ir a Paris. Parecia-lhe que a sua presença era agora indispensável, como lhe demonstrava Luís Bastos.

A chegada à *Gare de Lyon* fez-se com atraso de doze horas, porque Vasco teve de viajar num combóio de mobilizados que embarcavam em todas as estações, entre lágrimas e vivas à França. Era então já possível admitir a vitória dos aliados e fàcilmente reconhecível, em seus aspectos trágicos, o último dos últimos sacrifícios da França.

Vasco chegava fatigadíssimo. Luís Bastos, previdente uma vez na vida, tivera a lembrança de lhe mandar reservar um quarto no Hotel Lutetia, evitando-lhe dêste modo, sôbre a viagem, o esfôrço desagradável da peregrinação.

Era muito tarde. Luís Bastos anuncia-

va-lhe que tinha em casa um grande maço de correspondência, jornais e dois telegramas.

— Apareces àmanhã para almoçar, podes? Trazes isso tudo.

Luís Bastos desculpava-se. De manhã não era possível. Tinha combinado esperar Marie Claire e Annie, uma amiga dela, no *Chateau de Madrid,* no *Bois,* bastante contrafeito. Almoçavam lá. Eram os anos de Marie Claire.

— Mas podes e deves tu vir almoçar connosco. Ás duas horas. Tens de inaugurar o teu regresso de qualquer fórma solene. Seja esta.

— Pois está dito, disse Vasco. Á tarde trataremos do resto.

— Sabes onde é?...

— Sim, calculo... Não me perco, descansa. Essa pergunta!...

Á luz dêsse dia de Setembro é que Luís Bastos pôde reconhecer a grande mudança que alterara a expressão de Vasco, mal o viu aparecer à entrada

do *Chateau*. Abraçando-o de novo, com expansão lusa, fitando nele os olhos, Luís Bastos afirmou-lhe forçadamente:

— Estás óptimo, rapaz!

— Mais velho, Luís. Muito mais velho. Já lá vão os trinta, começaram as advertências importunas dos cabelos brancos.

— Mais homem! Mais homem é que tu estás! As pequenas não vieram ainda, mas devem estar a chegar.

A Marie Claire tinha de ir buscar a Annie que mora longe.

— Então onde está essa papelada?

— Senta-te. Aqui tens. Fui metendo tudo nesta pasta.

Vasco abriu o primeiro telegrama.

Era de Jorge Cabral e dizia apenas: *Abraço-te como irmão.*

Com o coração apertado, desdobrou o outro, a tremer. O feitor do Ingarnal João Caronho noticiava que *Deus chamou a si a alma de seu bom pai.*

Na grande comoção de lágrimas que o sacudia rudemente, Vasco abraçava-se a

Luís Bastos, soluçando a sua dôr — *que já não tinha ninguém no mundo!*

Havia uma carta tarjada e volumosa.

No pensamento cego de o acalmar, de o distraír, Luís Bastos apresentou-lha. Nela o padre Januário, entre as consolações da sua piedade, afirmava-lhe que a morte do pai *fôra a de um justo* e remetia-lhe o traslado do testamento.

Era datado do Ingarnal, do mês de Junho. Depois da profissão de fé religiosa, em que pedia perdão a Deus e abjurava submissamente de erros antigos contra a Igreja, os dois rapazes leram em voz velada, estas palavras dilacerantes:

« Escrevo o meu testamento no pátio do Ingarnal, debaixo dos castanheiros a cuja sombra se criou meu avô, sofreu meu pai e estou morrendo eu. Aos mortos do meu sangue, vítimas dos meus desvarios, eu peço perdão à face de Deus e dos homens. Ao meu querido filho, a quem tão mau exemplo fui, ofereço a dôr do meu remorso para que me perdoe tam-

bém. E se os meus olhos se fecharem antes de o tornar a ver, a última luz da minha inteligência e o maior sentimento do meu coração lhe restituem seu pai a quem já não resta no mundo outra esperança, senão a alegria de dignamente lhe chamar filho.

Que êle oiça a voz dos Mortos a que fechei os meus ouvidos; que êle ame a terra do Ingarnal que o meu abandono ultrajou, aceitando hoje da minha mão a bênção que o avô lhe manda do outro mundo, para santificar o seu destino sôbre a pedra dêste lar.

. . . . . .»

— Pobre pai! — suspirava Vasco.

—Oh! les petits choux! Les voilà! Qu'ils sont arrivés de bonne heure! — dizia a voz cantada de Marie Claire, avançando alegremente, com um chapéu florido.

Luís Bastos ergueu-se a limpar as lágrimas, vindo ao encontro das raparigas, para evitar, em duas palavras, expansões inoportunas.

Vasco, no silêncio baço que ali tombou, já estava de pé, quando Marie Claire o veio abraçar com sentida ternura. Diante de Annie, tirou o chapéu, numa gravidade rígida, para dizer:

— Excusez-moi.

E no mesmo instante, recolhendo os papéis no bôlso, começou a andar para a porta, seguido de Luís Bastos com a pasta na mão, emquanto Annie protestava:

— Que c'est embêtant! Et alors?...

— Alors, allons déjeuner! C'est ma fête! — decidiu Marie Claire.

III

RESSVRREIÇÃO

I

A CAMINHO

Por entre sombras de pinheirais e terras vivas de semeadura, o combóio arquejava vagarosamente, subindo ao encontro da Serra que se estendia em galopada azul de gigantes, para os lados do Poente.

Vasco veio à janela, o ar conhecia-o, e êle respirou-lhe o perfume fiel. Como revoada de lembranças, aos gritos do metal se erguiam os écos do Vale das Graças, e a saudade de seus olhos logo descobriu, aninhada fofamente entre a verdura de olivedos, a capela votiva de

sua avó Berengária e de seu avô Mendo, que naquelas brenhas fôra a primeira ara de Cristo, desde o tempo de D. Sancho I.

Aos tristes olhos da sua alma mandava a terra familiar a mensagem opulenta das suas côres, aos seus ouvidos as vozes de tudo quanto sofria e cantava na frescura dos ribeiros e nas solidões serenas do mato.

Andara por sôbre ramagens e musgos de penhascos a aspersão do Outono, e em doçura moribunda, a sua capa esmeraldina longamente se arrastava no cortejo glorioso do Sol que das nuvens se ia desfolhando, como rosa de luz, em poalha de oiro.

Ramalhosa, a estação que servia o Ingarnal aproximava-se, ao aviso longo da máquina.

Debruçados para a linha, agora inquietos com o rumor e o tufão das carruagens, os castanheiros dobravam-se para as trincheiras, generosamente oferecendo seus novelos de oiro sanguíneo.

Entre restolhos e vinhedos, sorriam tranquilamente os casais serranos, de onde espreitavam crianças e cabras e vinha ladrar o desespêro inofensivo dos cães.

Vasco pensava agora se ao Ingarnal teria chegado o telegrama a tempo de o virem esperar. Recordava-se de que os últimos que recebera em Paris tinham excedido a lentidão das cartas, por milagre dos correios portugueses.

Na gare da Ramalhosa, um rapaz avizinhou-se gravemente da carruagem, já aberta defronte da porta. De chapeu na mão, o moço perguntava, com voz humilde, se S. Ex.ª era o fidalgo do Ingarnal.

Vasco sorriu levemente, em resposta.

— A caleche está ali e um carro para as malas, informava êle. Eu sou filho do tio João Caronho, o feitor lá da Quinta.

— Sim, bem sei, disse Vasco.

Em poucos instantes, a velha caleche do Dr. Afonso de Brito, com seu rodado alto, seus assentos de sola, suas ferragens de coche, conduzia para o solar do Ingar-

nal, o último representante da nobre casa.

Por indicação de Vasco, ao vê-lo subir para a boleia, o Caronho sentara-se diante dele, ao lado de uma pilha de malas.

Vasco perguntava agora ao moço se sabia de que morrera seu pai.

— Deu-lhe uma coisa na cabeça e tombou para o lado. Só demorou três dias, elucidou o Caronho.

Vasco pensou na repetição do ataque.

— Mas não veio lá o médico?

— Veio, sim, meu senhor; mas disse ao meu pai que já não lhe podia fazer nada.

Então o meu pai foi logo à Oles, a chamar o sr. padre Januário. E lá esteve a rezar de roda dele, até que acabou.

Não falava, mas respondia a tudo por acenos.

— Onde foi que êle caíu?

— Mesmo no jardim, meu senhor.

— E quem tratou do entêrro?

— Isso foi o sr. Dr. Jeronimo. Êle é que lá veio e deu as ordens para tudo.

Eu fui à cidade por via de um caixão que lá na Ramalhosa não os havia capazes. Até o entêrro teve de esperar outro dia.

Quando de seus pés se levantou a ladrar para o caminho um cão branco e orelhudo, muito familiar, Vasco perguntou:

— De quem é êste cão?

— Saiba V. Ex.ª que é lá da casa. Veio de Lisboa com o sr. conselheiro e sempre andava atrás dele.

Ao depois, quando o sr. conselheiro ficou doente, lá estava sempre ao pé da cama, a olhar para o dono. E foi também no entêrro, em modos que até nem queria largar a cova. Deitava-se no chão a ganir e a escavar na terra que era uma dôr de alma vê-lo.

Vasco passava a mão em carícia e reconhecimento pela cabeça larga do animal.

Cruzando-se com o carro, os ganhões e casaleiros desviavam-se em curva, tirando em grande arco os chapeus àbeiros:

— Tenha V. Ex.ª muito boas tardes.

— Guarde-os Deus, respondia-se do carro.

Depois, ficavam parados no caminho, olhando para trás, de jaquetas ao ombro, para admirar a grandeza e o ruído venerando da caleche que raras vezes se aventurava na descida para a estrada.

— Ó Caronho, os cavalos parece que não estão bem dados ao carro? ia notando Vasco.

— Não são emparelhados, meu senhor. A égua é que é nossa. Saiu um pouco remolga, mas é mansa como a terra. O cavalo é emprestado, lá da casa do sr. Dr. Jerónimo. Desde que o sr. conselheiro cá chegou que o tem mandado, quando é preciso.

— Então êle não tem carro?

— Tem-o, mas há uns tempos que está a compor em Tomar.

Os olhos de Vasco dilatavam-se agora na altura da encosta, desdobrando-se em restolhos requeimados, de onde subiam convulsamente, os braços ansiosos dos

carvalhos e sobreiros. Pequenos rebanhos espaçavam-se mansamente, em murmúrios frescos de écloga, a caminho dos bardos e malhadas.

No silêncio meditativo da tarde, ondeava a melodia crepuscular de um pífaro. Vasco sentia penetrar-lhe na alma o ar novo e a fiel bondade das coisas simples.

— Já estamos em terras do Ingarnal?

— O limite corta além, no alto. Tudo quanto quanto deita água para lá. Isto aqui ainda pertence à Paiágua.

— É muito grande, a Paiágua.

— Mas o Ingarnal tem mais de três tantos, para a banda de além.

Mais dificilmente, a caleche continuava a subir, ao nível do sol que ia caindo e esvoaçando sôbre a vaga de um oceano de pinheiros.

Uma chicotada mais viva, um incitamento sibilado para os cavalos e tinham ganhado o alto sôbre a claridade ampla do vale. O cocheiro voltou-se a informar:

— Aqui é que corta o limite.

Vasco já não atendia. Á sua frente, abrigado no monte em que se suspendia a ruína heróica do velho castelo de Mendo de Brito, o solar do Ingarnal desdobrava a sua face vetusta e nobre naquele poente de Outubro.

Com a várzea aos pés, onde avultava ao fundo, a mancha cinzenta do canavial, a moradia dos Britos patenteava à breve incerteza das vidas que passam o asilo de um convento de paz.

Os olhos de Vasco, aonde subira uma comoção amarga e silenciosa, dilatavam-se para tudo reverem, acordando-lhe na memória lembranças que os anos haviam recalcado no fundo do seu sêr.

Pelo fumo da chaminé de granito, ia respirando a chama do lume aceso: não morrera de todo o espírito do lar.

Afogadas em oiro pelo último adeus do sol, êle via agora alvejando, na cornija da casa, as estátuas das estações em que sua avó sàbiamente ensinara os seus oito anos a compreender a mudança e renovação

dos tempos, e pensava se na varanda de pedra teriam conservado ainda o quadrante solar.

Sem olhar para o Caronho, preso ao seu interêsse, perguntou-lhe:

— Ainda está na varanda o relógio do sol?

— Sim, meu senhor. Lá está ainda.

Desta vez, porém, não podia avistar, por entre as colunas, o vulto magro e inquieto de sua avó.

A sua chegada era quási a de um estranho vagabundo que, por montes e atalhos, ali viesse a pedir abrigo.

Os grandes castanheiros do pátio ampliavam robustamente a sua glória prometedora; junto da fonte, dois ciprestes irmãos levantavam suas rocas serenas e espessas onde sempre corriam tranqùilos os amores dos pardais; em frente da muralha que o pranto dos anos cobrira de rugas, aprumava-se frondosamente a graça latina de um loireiro.

Sôbre o balcão, entre a cal branca

da frontaria em que se alinhavam nove janelas com suas molduras, amplamente arqueadas, cobria-se de luto o brasão dos Britos. Vasco estremeceu. Era respeito pela sua dôr aquele véu escuro. Só por ela, se velara de humildade e esquecimento, o esplendor heráldico dos seus mais distantes progenitores.

Se êle não existisse, aquela insígnia, que tutelava as virtudes do lar em que ainda nascera e morrera seu pai, seria um símbolo morto. Já ninguém o teria mandado cobrir.

E Vasco, dolorosamente, ouvia claro, na recordação, a passagem do testamento em que seu pai lhe pedia perdão e as palavras soluçadas que lhe transmitiam a bênção do avô.

Pela primeira vez agora, ao embate destas realidades, êle sentia na sua existência o pêso de um encargo moral, entendia no silêncio êrmo do coração, a súplica longínqua dos seus mortos.

Naquela hora concentrada, as sombras

caíam das altas pedras sôbre os arbustos e penetravam-lhe pesadamente na alma, envolvendo céus e terra da mesma saudade e melancolia. Com a voz quási presa no tumulto do seu pensamento, Vasco quís saber quem mandara pôr na pedra de armas aquele pano preto:

— Foi o meu pai. Êle procurou primeiro ao sr. padre Januário e disse-lhe que era o costume da casa...

— Sim, fez bem. Eu só queria saber.

Vão agora subindo a várzea, entre oliveiras, sôbre a terra fresca das últimas chuvas. Ao fundo das escadas, pelo largo portão aberto, vê-se crescer o grupo escuro dos criados e dos casaleiros que o esperam. Levantam-se na charca os gritos alarmados dos patos. A caleche, em ruídos descompassados, entra no pátio, no meio do silencioso respeito dos serviçais. Quando desceu, o neto dos Britos sentiu-se logo abraçado por Antónia e Mateus, que entre soluços ali expandiram a sua ternura eterna:

— Meu menino! Meu menino!

— Bemdito seja Deus!

Vasco chorava, não podendo dominar-se entre a tristeza e a alegria dos seus últimos amigos. Tantos anos passara, longe de sentimentos e dedicações sinceras, que a sua surpresa se confundia na grande comoção dêsse momento.

Para muitas pessoas, êle era ainda o maior motivo de lialdade e de afecto neste mundo.

Limpando grossas lágrimas, Antónia ia para a cozinha aprontar o jantar. Mateus, acendendo um candeeiro de três bicos, caminhava à frente de Vasco, em direcção ao quarto.

Era na primeira sala, fechada por grosso trinco, um abafado silêncio de relicário; seguiam-se outras câmaras nobres, de tectos apainelados, abrigando leitos sem sono; e ao fundo, abria-se um salão amplo e pomposo, em cujo centro pendia um lustre empoeirado, sem brilho.

Nas paredes alinhavam-se longas telas

cinzento-escuras onde refloriam côres litúrgicas em vestes prelatícias e os chapéus emplumados sôbre cabeleiras de orgulhosos cavaleiros de Cristo no tempo do Senhor D. Pedro II.

A vida dêstes espectros familiares prendia-se agora subitamente à passagem de Vasco, como a sombra do seu corpo à luz que o guiava. A cada passo do Mateus, nas oscilações do candeeiro, os nobres senhores tinham impulsos de avançar, de abraçar o neto que à vista deles furtivamente caminhava como um hóspede do próprio lar.

O quarto que Antónia e Mateus destinaram a Vasco, era o mesmo em que êle dormira havia doze anos, quando foi ao Ingarnal despedir-se de D. Joana, na passagem para Coímbra.

Ficava na extremidade da casa e, na opinião deles, era o mais alegre, o mais soalheiro; nunca outra pessoa se deitara no grande leito de pau preto com seu dossel de damasco, ficando desde então

êsse aposento conhecido e respeitado pelo quarto do menino, sempre à espera de que êle voltasse . . .

Sôbre uma cómoda bojuda, junto da qual o Caronho colocara as malas, chamavam a atenção de Vasco duas velhas jarras japonesas com rosas brancas.

— Lindas flores, Mateus!

— São lá do jardim, da parede, sr. Dr. Véem num tempo em que não há outras rosas.

— E bem compostas! Vocês arranjaram isto muito bem.

Mateus contrariava-se, por não poder compartilhar da lisonja:

— Ora . . . nós . . .

— Foi a Antónia ou fôste tu?

— Ora . . . Passou aí a menina do sr. Dr. Jerónimo. A Antónia pediu-lhe para ela vir dar uma vista d'olhos ao quarto.

Como se eu não soubesse arrumar um quarto! Depois, foi a menina Benedita que deu aí um geito às flores.

— Ah! sim. Agora toma lá estas cha-

ves. Tira-me aí roupa e vai dizer à Antónia que não demore o jantar. Tenho fome, Mateus!

— Graças a Deus...

— Sim, graças a Deus; já não me lembrava de ter tido fome!

— Que é feito do sr. padre Januário? Não tem por cá vindo?

— Depois da morte do sr. conselheiro que Deus haja, passou cá oito dias. Depois veio outra vez. Esteve a escrever lá dentro.

— Mas êle não sabia que eu chegava hoje?, ia perguntando Vasco, ao despir o casaco.

— Sabe, sim, sr. Dr. Até o Caronho lá mandou um moço da quinta, a avisá-lo. Logo por aí aparece. Êle também já vai estando velho, coitado.

— Mas bom de saúde?

— Anda sempre a queixar-se do reumatismo. O mais, bem.

Vasco sentia-se fatigado. Êle ignorava o suplício de uma viagem de Paris em

tempo de guerra. Os violentos rigores do fisco, o interrogatório policial em Vilar Formoso, os atrasos, o ar tabernário das carruagens, o número e qualidade dos viajantes, definiam à vida portuguesa um aspecto novo e surpreendiam o pessimismo desanimado de Vasco, que a cada estação ia repetindo em protesto:

— Que cafraria!

A grande comoção do regresso a casa, e mais ainda o esfôrço em dominar-se, deram-lhe uma lassidão prostradora de vencido.

E foi assim, quasi arrastando os pés, que êle entrou na grande sala de jantar, onde a Antónia, limpando a mão ao seu longo avental de estopa, acabava de entregar a Mateus a terrina da canja, fumegante como um turíbulo de abundância.

— O sr. Dr. há-de desculpar: emquanto não se mandarem vir alguns avios..., dizia ela.

— Está bem, Antónia. Que tens lá mais?

— Arroz com chouriço, cabidela, carne assada, leite creme...

— Basta! Basta! Olha que em tempo de guerra... Lá fóra come-se por medida.

— Eu quero lá saber disso! Deus dá fartura, é para se comer.

Mateus, no mesmo zêlo, elucidava:

— Peixe é que não se acolhe por cá. Lá para isso é Lisboa. Muito e fresco. As pratas também ainda estão fechadas nos baús lá dentro. Amanhã, se o sr. Dr. quiser.

— Sim, àmanhã. Há tempo.

Ao sabor dêsse jantar serrano, Vasco ia reflectindo com regalo na longa experiência de velhas damas e cozinheiras de preceito que, durante séculos, vieram apurando aquele perfumado paladar para ennobrecer a comida e espiritualizar a nutrição.

Aqueles pratos sabiam-lhe a alguma coisa; eram estrofes de gula que na sua língua voltavam a cantar, saudosamente.

— Que bom, Antónia! Que bom!

Os criados rejubilavam, espreitando aquele apetite, trocando risos e impressões no corredor, sentindo-se novos, felizes.

No momento de servir o doce, Mateus informou que o feitor estava lá dentro, à espera de ordens — se o sr. Dr. lhe queria alguma coisa.

Demorando-se um instante a pensar nêste desconhecido encargo de *dar ordens*, Vasco tornou-lhe:

— Hoje não; àmanhã, antes de almôço, que me espere aí no jardim.

Ao outro dia, Vasco levantara-se cêdo. Atravessando o corredor grande, mais uma vez se voltaram para êle as faces desbotadas dos seus avoengos. Em suas vestiduras nobres de capitães ou magistrados, assentara tranqùilamente o pó dos tempos e já os fungos tufavam, protegidos em terreno fértil...

Reparou então que as águas da chuva penetravam com abundância no tecto,

cruzando-se sôbre a tinta em traços irreverentes e devastadores.

O jardim, que êle conhecera cerrado e mimoso de sombras, era agora terra plana e aberta onde já tinham frutificado favas, verdejavam as couves novas e estavam morrendo as últimas plantações da horta.

Ao longo do muro velho, vestido de hera, corria uma latada sólida e frondosa, mas os arruamentos e túneis de buxo tinham desaparecido.

Só a fonte de cantaria, com sua taça esvelta e as quatro bicas de golfinhos, batidas de sol, testemunhavam ali a velha lembrança.

Vasco revoltava-se:

— Que barbaridade!

Pelo portão do pátio, o feitor encaminhava-se para o jardim, ao encontro do seu amo. Vasco parou a esperá-lo, enfurecido. O chapéu do homem descia da cabeça com respeito:

— Tenha V. Ex.ª muito bons dias.

— Ó Caronho, quem é que teve a ideia de fazer uma horta aqui no jardim?

— Lá isso, sr. Dr.. ...

— Quem foi? Diga!

— Foi depois da morte da sr.ª D. Joana. O jardim estava aí, não havia quem o gozasse; o sr. conselheiro, na glória viva, lá de Lisboa, pedia rendimento e mais rendimento. Então eu tive de aproveitar a terra melhor...

— E fez esta linda obra!... Esta vergonha!

— V. Ex.ª desculpe... Eu...

— Você é um bruto, entende?

— O sr. Dr. desculpe... Cá a gente...

— E a alameda de ciprestes que o avô mandou plantar? Era além!

— É esta madeira, dizia o feitor, apontando para os esteios da latada.

— Que estupidez! Então Você não encontrava em toda a quinta outra madeira para isto?

— Esta era mais duradoira, mandei-a abrir. A latada já aí me deu êste ano uma dorna de uvas.

— E meu pai não disse nada, quando agora para cá veio?

— Êle viu tudo e disse que estava bem.

— Não acredito! Só lhe faltou deitar fogo à casa!

João Caronho, imóvel, de olhos caídos, emmudecia diante da ira do amo novo. Em trinta anos de serviço fiel, nunca se sentira assim humilhado. A injustiça das censuras que ouvira despertara no instinto rude da sua alma um impulso de protesto. Em silêncio, morria-lhe na bôca a justificação revoltada que clamasse persuasivamente as suas boas intenções. Levantando os olhos acesos, de um lado para o outro, Vasco continuava a exasperar-se:

— Que selvagens!

Reparando depois na face escura da capela, que ao fundo do pátio discretamente abria a graça das suas arcaturas, debaixo de um castanheiro, perguntou desconfiado ao Caronho:

— Tem aí a chave da capela?

O homem empalidecia, num silêncio oprimido.

—Tem ou não tem?

—Vou por ela, sr. Dr.

Vasco desceu os degraus do jardim e caminhou para a capela. Numa das impostas da portada, leu uma data, quási recoberta de musgo: A. D. MDXVIII.

— Quatrocentos anos de repouso e de certeza, pensou êle.

João Caronho aproximou-se com a chave e trèmulamente a foi introduzindo na fechadura, tentando uma desculpa tímida:

— Arrecadaram-se aqui umas coisas, há tempos...

Quando a porta se abriu, entre poeira que redemoinhava ao sol, a nave aparecia no mais confuso aspecto de desordem e profanação.

Sôbre a talha do altar, agora acesa em reflexos de oiro, estendiam-se como redes vastas teias de aranha. Á esquerda, aprumado sôbre o tampo de um balseiro, S. Genésio, com o nariz mutilado, osten-

tava a palma do martírio que lhe abrira as portas da bem-aventurança.

Do lado da Epístola, a predela do altar, com as figuras de cabeça para baixo, defendia a um canto um montão de bagaço.

Vasco, mudo de espanto, já não se indignava, comovia-se. Encarava duramente João Caronho, que junto dele lhe fugia com os olhos, pondo-os no chão. Ao longo dos paredes, em edículos de granito, adormeciam em Deus alguns antigos senhores do Ingarnal, restituídos para sempre na morte à paz da terra que os nutrira.

Auxiliado pelo Caronho, Vasco quís desviar dois cirandões que faziam sombra a um túmulo. Apareceu-lhe uma grande arca de pedra, sôbre a qual insculpìram, a todo o comprimento, um montante de guerreiro. Abaixou-se para ler uma inscrição meio apagada, em caracteres góticos. Rui de Brito instituia um vínculo, com obrigação de uma missa por mês.

E esta voz, vinda do fundo da eternidade, ecoou na alma dorida de Vasco:

— Ha quanto tempo se não diz missa aqui na capela?

— Desde a morte da sr.ª D. Joana que Deus tenha. Fizeram-lhe aqui os ofícios e nunca mais cá houve missa.

Espalhadas no chão, os pés de Vasco encontravam agora cabeças de cavalos de barro, ovelhas, figurinhas partidas que iam rolando na terra.

— E isto, que é?

— Há-de ser do presépio, sr. Dr.

— Do que estava dentro de uma maquineta?

— Esse mesmo. Deve ser.

O neto dos Britos sentiu na alma um soluço da lembrança de quando, pela mão de sua avó, ia com Miana ajoelhar diante do Menino Jesus, havia quasi vinte e cinco anos, e pedir-lhe, no éco infantil das palavras de D. Joana, a vida e a saude para os pais, a boa sorte para êles. Tanto lhe revelava esta ruina, tanta elo-

quência de ventura perdida falava nela, tão grande contraste lhe oferecia, que a ternura da saudade se lhe fundia em tristes lágrimas.

O coração de João Caronho chorava também, por um sentimento confuso.

Instigado ainda pela mesma dolorosa curiosidade, Vasco subira os degraus do altar para ver o sacrário. Puxando a porta aonde avultava o símbolo do pelicano, estremeceu à voz e rumor de ratos que fugiam do seu ninho.

Apressadamente, desceu as escadas, sacudido em novo protesto de ira:

— Vamos embora, Caronho! Isto é uma dor d'alma. O que Você fez!

E passando junto do púlpito, em sua balaustrada de madeira, ainda viu empilhadas nele algumas faxas de canas de milho que mais lhe atearam a indignação:

— Que estupidez! E que vergonha! Que vergonha!...

Depois do almoço, Vasco mandou chamar o Caronho ao escritório.

Secamente, hostilmente, o senhor do Ingarnal disse-lhe:

— Olhe, Caronho: preciso de que Você no mais curto prazo, arranje lá as contas e as traga para eu ver. Quero saber o que por aí vai.

— Quando V. Ex.ª quiser.

— Tem por lá algum dinheiro?

— O que havia gastou-o aí o senhor seu pai. Depois as despesas do entêrro. Custa tudo uma mancheia de dinheiro. E os da Figueira Velha ha dois anos que não pagam os foros.

— O sr. Dr. Jorge Cabral não lhe escreveu?

— Escreveu, sim, meu senhor.

Tenho lá a carta. Dizia-me que se o sr. Dr. não viesse dentro de um mês, êle botava até cá.

— Sim, êle ha de vir aí em breve.

— Agora, temos nós ainda para vender o trigo e o milho, alguma castanha que houver.

Os soitos também já vai entrando a malina com êles.

— É preciso agora começar vida nova nesta casa . . .

— Então o sr. Dr. não está contente com o meu serviço?

— Ainda não lhe disse isso, homem! Mas parece-lhe que devo estar satisfeito com o que vi esta manhã, não é verdade? Estragar, estragar é que Vocês sabem!

— Ha trinta anos que sirvo a casa; nunca ninguém me disse tal palavra. Pela alma do senhor seu pai lhe juro que não encontra quem tenha mais lei ao que é seu.

Abrindo a porta, Mateus vinha anunciar que estava na sala o sr. Dr. Jerónimo.

— Lá vou já. E agora não é preciso mais nada, Caronho. Depois falaremos.

Tendo-se abraçado longamente e em silêncio, Vasco, depois de perguntar pelas senhoras, disse para o Dr. Jerónimo Valadares, já sentados um defronte do outro, em poltronas de sola:

— Não sei como hei de agradecer-lhe tantos obséquios, sr. Doutor. Ainda agora, na morte do pai . . .

— Pelo amor de Deus! Nada fizemos, nem eu, nem a minha família, a que não fossemos obrigados por amizade. Perdi em seu pai um grande amigo. E, apesar de o vir a conhecer de perto só nos últimos tempos da vida, pude bem apreciar o seu nobre espírito, os primores do seu coração.

— Foi muito infeliz, o meu pobre pai. O testamento dele é um remorso dilacerante.

— Conheço-o. Lemo-lo juntos, o padre Januario e eu. Até lhe ditei a cópia que foi para Paris.

— Ainda ninguém desta gente me soube dizer bem a causa da morte.

— Uma congestão com paralisia do lado direito. Perdeu logo a fala.

— Era o que eu supunha.

— A maior dor dos últimos tempos da sua vida, era o pressentimento de que morria sem o tornar a ver.

— Tinha de ser assim, foi.

— E tenciona demorar-se por cá?

— Não sei ainda. Não lhe posso dizer nada. Tenho aí coisas a regular. Preciso de conhecer a situação da casa. Pelo pouco que já observei, isto deve ser um caos. Devastações no jardim, foros em divida...

Amanhã quero escrever ao meu amigo Jorge Cabral que me trata das herdades do Alemtejo, para ver se cá vem.

No mesmo tom afavel que havia doze anos lhe conhecera, com a barba já meio branca, o Dr. Jerónimo Valadares persuadia Vasco a cuidar a sério dos interêsses do Ingarnal. Era um domínio rico que sempre fôra dos seus. Rico, mas desaproveitado. O Caronho era um homem sério, mas sem vistas e sem direcção. Um camponês que sabia lavrar nas épocas próprias, mas ainda com horror aos adubos e aos arados de ferro.

— Mas honrado, fiel à casa, dizia Vasco.

— Sim, pessoa de confiança, bom homem.

Creio que é êle o único feitor desta redondeza que não enriqueceu...

Então o Dr. Valadares esplanou queixas e receios sôbre o salariado. Os jornaleiros, desde o comêço da guerra, manifestavam exigências ameaçadoras. Os salários subiam todos os meses, a produção não aumentava por não haver confiança nos governos que se consagravam exclusivamente à fabricação de moeda falsa, alargando a circulação da nota para além de todos os limites do crédito.

Para o futuro, êle previa só uma grande catástrofe social.

Vascó, sem se alarmar com tão sombrio pessimismo, afirmava o propósito de procurar cumprir como pudesse a última vontade de seu pai. Pelas notícias que lhe davam, Lisboa era um vulcão revolucionário, expelindo periodicamente lama e sangue. Não o atraía agora Lisboa. Sofrera lá muito antes de se exilar. Mas, para se demorar no Ingarnal, êle contava com o lial conselho e a experiência de tão bom amigo da sua família.

O Dr. Valadares levantou-se:

— Então já?!

— Não desejo agora roubar-lhe o seu tempo.

Peço-lhe que disponha de mim em absoluto. De mim e do pouco que houver naquela casa, com o maior prazer. E deixe-me dizer-lhe: como o Ingarnal esteve alguns anos desabitado, é possível que faltem pequenas coisas de casa. A Antónia que mande lá pedir à Maria do Carmo o que precisar.

Vasco abraçava-o num reconhecimento sincero.

— ... E sempre que quiser aparecer por lá, a almoçar ou a jantar, não são necessários avisos nem convites. É tocar a sineta da porta e entrar, com franqueza beirôa. Alguma compensação havemos de ter por morar entre penedos.

Sôbre estas palavras de carinho, Vasco pediu para as senhoras os mais agradecidos respeitos e foi conduzindo pelo braço até á varanda do pátio o Dr. Valadares.

O resto do dia passou-o a percorrer as

outras divisões da casa, a mandar abrir salas abandonadas ao caruncho e aos ratos, a subir e a descer às estantes no escadote da livraria, para ler as lombadas solenes dos livros mais altos.

Entregando ao Mateus um volume de Rodrigues Lobo, uma colecção de folhetos da História Trágico-Marítima, ia-lhe dizendo:

— Trata bem êsse pó, Mateus. Tem uma idade respeitável. É mais velho do que eu...

— Ninguém se tem servido da livraria. Só o sr. Padre Januário.

— Olha, é melhor assim. Podia aparecer aí algum sábio moderno que mandasse deitar os livros ao lume.

— Lá isso!...

Seguindo a peregrinação, passou à sala contígua, ampla divisão, revestida de estantes de castanho, no estilo rígido de um convento de franciscanos.

Passadas duas horas, sôbre uma mesa, empilhavam-se pela mão de Mateus os

grossos fólios das *Confissões,* de Santo Agostinho, numa edição latina de Florença, as *Ordenações do Reino* e outros livros sólidos, a *Justa Aclamação,* de Vaz de Gouveia, *O Novo Príncipe,* de Gama e Castro, com dedicatória do autor a seu avô, a *História de Portugal,* de Herculano, os *Poemas Lusitanos,* de António Ferreira, a *História da Diocese da Guarda,* de Silva Lial.

Lentamente, com o chale preto traçado no peito curvo, as mãos debaixo do avental, Antónia aparecia para dizer ao Mateus — se ainda não achava horas de pôr a mesa . . .

— Lá vou, lá vou! Não tenho estado de boa-vida!

— E também vinha a dizer ao sr. Dr. . . . Uma como esta! . . . Sim, senhor!

Vasco descia do escadote, batendo as mãos, a sacudir a poeira.

— Que é, Antónia? Que foi?

— Então o sr. Dr. não sabe o que fez ao Caronho, que o pôs na rua? . . .

— Eu?!

— Pois, quem havia de ser? Está lá na cozinha, a chorar, com a mulher e os filhos, para darem contas. O sr. Dr. que lhe falou nas contas para o despedir!

— Essa gente é doida!

— Êles lá o estão a dizer. Uma como esta, logo por entrada!

— Ó mulher, dize lá a essa gente que se cale, que não se aflija. Eu não pus ninguém na rua. Zanguei-me com o Caronho, isso sim, quando vi os feitos dêle no jardim. E tinha razão. Isso das contas era outro negócio. Então eu não hei-de tratar de saber o que tenho, o que é meu?

— Mas o homem nunca ninguém lhe deu assim uma palavra. Cuidou que desconfiavam dêle. As contas lá as dava, quando podia, ao senhor seu pai.

— Então dize-lhes lá que temos tempo, que estejam descansados, Antónia.

— Se o sr. Dr. não se importasse... Êles são capazes de não fazer fé pelo que eu digo. Podiam chegar aqui à livraria.

Metem dó. Sempre depois abalavam mais foutos.

— Bem, então que venham.

Dali por instantes, acima de um rumor tímido, ouvia-se a voz da velha criada no corredor:

— Não é nada disso! Só para incomodar é que Vocês servem!

Vasco, defronte da porta, acolhia agora com familiar bonomia o seu feitor, a mulher e os filhos que ali estavam como réus, vergados e tristonhos.

— Ó Caronho, Você ferve em pouca água, homem! Valha-o Deus! Eu não o despedi. Lá por me zangar consigo... Olhe, o culpado de tudo talvez seja eu. Isso acabou. Para que esteve Você a afligir a família?

— Vinham aí para pedir perdão de alguma falta. O sr. Dr. desculpe: Sempre tivemos muita lei à casa.

— Bem, vão lá com Deus. Eu estou contente consigo, Caronho. Vamos a ver até se lhe posso aumentar a soldada.

— Seja por alma do senhor seu pai.

— Ó Antónia, agora dá-lhes lá alguma coisa de jantar, uma pinga...

Mateus que ficara calado, a ouvir com interêsse, comentou por fim:

— Não estava acostumado a que lhe falassem alto. Isto tem sido para aqui uma casa sem dono. Não havia rei nem roque.

— Coitado!, lastimava Vasco.

E durante o jantar não deixou de reflectir neste primeiro embate da sua impulsividade com os sentimentos puros de um velho serviçal da sua casa.

A dor daquele serrano, humilde na sua condição, mas altivo nas razões e protestos da sua consciência, tocou-o de um remorso vivo. Na simplicidade dêsse homem, rude como um penhasco e lial como um tronco de castanheiro, tinha êle retratada a alma da gente que o cercava.

Depois, passeando junto ao muro alto do jardim, no qual se abriam para o Sul

três janelas toucadas de madre-silvas, Vasco ia considerando que, na verdade, João Caronho não era o culpado do desacato dos arruamentos, nem da derrota dos ciprestes. Em justa defesa, o seu instinto soubera ainda alegar que *o jardim ninguém o gozava...*

Queriam estas palavras dizer que a casa estava abandonada, *sem dono,* como havia pouco lastimara a indignação do Mateus. O Caronho tinha razão: se era necessário, a todo o custo, aumentar o rendimento, haveria que aproveitar-se a terra inútil do jardim, atulhar a capela de bagaço e de abegoaria, para fugir à despesa de reparar um telheiro.

Na noite que ia cerrando, engrandecia-se o perfil derrocado da castelania, por sôbre os mais altos telhados do solar.

Vasco andou para a muralha e foi subindo cautelosamente as escadas exteriores, como quem faz uma escalada em silêncio. Era diante dêle uma espessura de mistério e de sombras. A hera e as

silvas desgrenhavam-se pelas paredes, cobriam a confusão morta do entulho.

Sôbre a escuridão e o esquecimento destas ruínas, passaram, a pequeno espaço, dois vôos fofos de corujas. Vasco, sentindo-se tocado por um hálito de pavor, desceu-se, sem olhar para trás. E outra noite adormeceu debaixo das suas telhas, em paz e sossêgo.

O padre Januário, que pelo moço da quinta se desculpara primeiro com o reumatismo, escrevendo duas linhas a Vasco e assinando-se, como sempre, *seu humilde capelão e amigo certo,* apareceu logo de manhã no pátio do Ingarnal, montado na sua burra branca a que chamava carinhosamente *Pomba*. Vinha sôbre um aparelho fartamente almofadado de cobertores vermelhos, a que dava grande realce e opulência a pregaria amarela da cabeçada, rodeando uma lúnula de talisman.

Mateus, contra os protestos do padre

Januário que *não desejava incomodar tão cêdo o sr. Dr.*, subiu ao quarto de Vasco a preveni-lo da chegada.

Na sua alegria carinhosa, o senhor do Ingarnal recomendou logo:

— Ajuda-o lá, Mateus, e trata dele, emquanto eu acabo de me vestir. Talvez seja preciso acender o fogão da sala, como está assim o dia...

Nessa manhã de outono, a presença do padre Januário trazia-lhe a promessa de um confôrto inteligente e afectuoso. Mais que ninguém, para não dizer só êle, o velho capelão era o depositário do espírito da sua família. De todos quantos morreram, o padre Januário tinha a lembrança clara que os perpetuava por aqueles logares e na luz baça dos salões, conservando e aumentando para as suas memórias, o respeito em que lhes tinham passado as vidas.

Quando êle, na volta de um caminho, parava para dar um conselho, fazer reparo sôbre pessoas ou coisas, invocando o parecer do Dr. Afonso de Brito, o vulto

do velho fidalgo ressurgia dominadoramente, em sua austeridade e respeito, aos olhos dos pastores e casaleiros.

Nos últimos anos de vida de D. Joana, fôra êle o consolador da sua alma sombria, envelhecendo ali na frieza e amargura de uma longa solidão.

A seguir ao almôço, no mesmo recanto do fogão onde, doze anos antes, sua avó lhe dera a conhecer as razões mais íntimas dos seus sentimentos, Vasco olhava com tristeza para o padre Januário, depois da longa narrativa que lhe ouvira, do arrependimento, da doença e da morte de seu pai.

— E o que maior consolação me deu, continuava o padre Januário, utilizando sonoramente o grande lenço vermelho, foi a scena que meus olhos viram, na manhã do dia em que faleceu e que nunca mais me póde sair da lembrança do coração.

Vasco escutava, cada vez mais surpreendido e atento.

— Nessa ocasião, estávamos no quarto

a sr.ª D. Maria do Carmo Valadares, eu e o Mateus. Seu pai, que não falava, fez-me sinal como pôde e eu cheguei a compreender o seu desejo de que se afastasse o criado. Quís então que nos aproximássemos ambos do leito e percebia-se-lhe na face uma aflição horrorosa. Apertou muito a minha mão; depois, pegou na mão da sr.ª D. Maria do Carmo e beijou-lha com um olhar tão triste que se cortava a alma. E ali ficámos todos três a chorar em silêncio, porque nada mais era preciso dizer.

— Pobre pai! Devia ter sido horrível a dor dêsse momento!

— É infinita a alegria daquele encontro de perdão. Veio-lhe depois uma grande tranquilidade e assim ficou algumas horas, até entrar na agonia.

— Muito lhe agradeço, padre Januário, por mim e pela alma de meu pai.

Erguendo-se, o moço e o velho ali se abraçaram, na comoção da mesma lembrança amarga.

— *Mors omnia solvit,* rematou o padre, desprendendo-se de Vasco. A sombra que tantos anos pesou na atmosfera moral desta casa, dissipou-se ao clarão da eternidade. Oxalá que a última aspiração da minha vida seja conforme aos desígnios de Deus.

Pedindo-lhe então para o acompanhar ao cemitério no dia seguinte e sem tentar compreender o sentido oculto dêste voto, Vasco encaminhou-o para a livraria onde desejava mostrar-lhe algumas descobertas.

Nessa noite, ao longo silêncio do serão, Vasco teve curiosidade de perguntar notícias de alguns parentes afastados. E, cuidando já mortos muitos dêles, relembrava os Andrades e Tabordas, de Penamacor, os Macedos, da Figueira Velha, os Britos, de Vale Meão. A boa memória do padre Januário ia recordando pessoas e situações. Dos Andrades só havia dois filhos, um era alferes da guarda republicana, o outro estava no Brasil.

— No Vale Meão, dizia êle, deve lem-

brar-se, só já existia do seu tempo a prima sr.ª D. Teodora. Bastante idosa (ela era mais velha do que eu), lá ia vivendo como Deus queria. Depois, ha três anos, veio para lá despachado um médico, dêstes de agora, sem fé nem lei. Tantas lonas lhe meteu na cabeça que a pobre senhora chegou a casar com êle, e êle com a fortuna que era dela. Mas foi o inferno que entrou naquela casa. O médico, está bem de ver, nunca fez com a sr.ª D. Teodora vida de casado. Encheu-lhe a casa de sobrinhos que lhe ralavam alma e vida.

Arrombavam-lhe os armários para tirarem alguns mimos que lá houvesse, faziam-lhe figas e outras judiarias. A pobre senhora lá se ia arrastando cada vez pior, e para castigo dos seus pecados, muitas vezes via nos espelhos das salas as caretas que os sobrinhos do médico lhe faziam por detrás das costas! Ao fim, endoideceu e foram encontra-la morta e enregelada aos pés da cama. Ha de haver dois meses que foi sepultada, num entêrro humilde,

só com um padre. E o malvado do marido nem esse queria; os criados e o povo é que o obrigaram; estiveram até para trazer o cadáver para casa de uma vizinha.

— Que miséria e que ruina, padre Januário!

— As boas casas foram acabando; agora faltam os exemplos para o povo.

Vasco, percebendo por detrás dos vidros da janela, o avanço da trovoada, aconselhou o padre Januário a que se recolhesse cêdo. O tempo ia traiçoeiro, que tomasse bem conta em si, pois não o queria lá doente, mas forte e fero, para lhe gozar a companhia.

Agradecendo este zêlo de afecto, padre Januário sumia-se no corredor, com um candeeiro na mão.

No quarto de Vasco, esperavam ainda, fechados e pregados, vários volumes que ele não quisera confiar ao Mateus. Aproveitando aquela noite, começou a fazer o desencaixotamento, com vivas pancadas num cinzel. No receio de que outra bomba

viesse reduzi-los a estilhaços, preferiu traze-los de Paris, para os salvar a êsse género de morte violenta.

Eram estatuetas, desenhos, um tinteiro de Sèvres, duas telas da escola de Poussin, e, numa caixa de madeira fina, resguardado como em estojo, o retrato de Miss Betty, oferta de Luís Bastos. Ali o protegeram os melhores cuidados do pintor, após a explosão.

Vasco sentiu a indignação bater-lhe na face, veio-lhe o pensamento de o reduzir a fitas com a folha de um canivete; mas, depois, em respeito a Luís Bastos, fe-lo desaparecer da sua vista, voltando-o para baixo, com desprêzo.

Dois mármores italianos, reproduzindo o *Discóbulo* e a *Venus de Medicis,* apareciam-lhe no Ingarnal mutilados; de entre a confusão de uma caixa, revolvida três vezes na alfândega, surgiam, intactas, uma *Tanagra* e uma táboa com o *San Giovanni*, de Andrea del Sarto.

No entretanto, a trovoada fôra engros-

sando para a serra; os relâmpagos já abriam abismos de fogo entre a terra e o céu, transfigurando em fulgurações roxas a face convulsionada das colinas. Na mudez receosa de todo o sêr vivo, ampliava-se na escuridão um silêncio compacto que os trovões abalavam em ribombos longos, longos, de éco em éco, estrondo sôbre estrondo, como se toda a montanha fôsse um tímpano de bronze, vibrando poderosamente ao tropel de uma cavalgada de titans.

Quando Vasco, agora junto dos vidros que ruflavam na oscilação das paredes, tinha a sensação de ir embarcado, no perigo de um grande temporal, começou a ouvir uma voz aguda, vibrando como lâmina de ameaça, na humidade eléctrica do ar:

Ki, ki, raio! Ki, ki, ráááio!...
Tarima, *tarimou!*
Vale Covo já foi!
Ingarnal acabou!

Esta voz de ave sinistra, ouvia-a Vasco

tão distintamente, como se lhe entrasse pelo buraco da fechadura.

Concentrou-se, em alarme, no pensamento desta cantilena incompreensível que, após cada relâmpago, se repetia trágicamente, dentro da sua alma:

Tarima, *tarimou!*
Vale Covo já foi!
Ingarnal acabou!
...Raio!... Rááaio!...

O neto dos Britos, forte, corajoso, viajado, sentiu no seu sangue passar o terror do ignoto, o sôpro do mistério.

De que poder oculto provinha aquela voz humana, penetrante e ameaçadora como um grito de inferno, a insultar as solidões das estrêlas?

Sem saber para quê, engatilhou a pistola, e com uma vela na outra mão, avançou pelo corredor, a chamar o Mateus.

E através dos vidros, na inquietação de um relâmpago, êle viu, poisado nas altas heras da muralha, um vulto branco e des-

grenhado, de braço erguido, como fantasma de condenado à morte:

Ki, ki, raio!...
Ki, ki, ráááio!...

Vasco julgava-se ali perturbado por uma alucinação violenta. O que êle cuidara ver, para além dos vidros, fôra apenas o reflexo da própria excitação.

Para reagir, continuou a andar, em direcção à cozinha.

Já por toda a casa se ampliava a virtude purificadora do alecrim e do loureiro bento, para afastar dos telhados as pestes e os coriscos. Os dois criados velhos e os rapazes da quinta diziam em voz alta o *Magnificat,* na tradução portuguesa que lhes ensinara D. Joana.

Protestando contra a falta de uma campainha, chamando sempre pelo Mateus, Vasco ia quási entrando no lagedo da chaminé, sem ser pressentido.

Mateus levantou-se e subiu ao corredor onde a voz aflita de Vasco perguntava:

—Vocês não ouvem nada?! Estão a dormir, ou quê?

— O que é, sr. Dr.?

— Então Vocês não teem ouvido gritar aqui à volta da casa, sôbre a muralha? Olha, escuta:

.....
Vale Covo já foi!
Ingarnal acabou...

O velho criado sorriu de seu amo e mais ainda do aparato da pistola:

— É a Marta!

— Qual Marta?

— A Marta-doida. De vez em quando dão-lhe uns ataques e anda aí a saltar, de pedra em pedra, como se fôsse uma coruja. Agora então, desde que o sr. conselheiro faltou, tem sido pior.

— Mas não há caridade para vigiar essa desgraçada?

— Não sei. Ela mora num cardenho, lá para as Lameiras. Levanta-se da cama e vem para a rua em camisa.

— Ó Mateus, eu queria que alguém fôsse recolher essa mulher. É capaz de cair da muralha e aparecer por aí morta àmanhã.

— E quem é que lá há-de ir?... Com o ataque ninguém lhe toca. Nem três homens a seguram! Parece que traz o diabo no corpo. Mesmo os cães passam de largo, ao redor dela.

— É uma doente, coitada! Coitada!

— Depois, em lhe passando o ataque, humilda-se à gente e não se alembra de coisa nenhuma. Mete pena um exemplo dêstes, mas que se lhe há-de fazer?

— Talvez chamando-a. Vão lá dois moços da quinta.

— Não querem, sr. Dr. É o mesmo que nada. Para a trazerem?! Isso!... Ela dá pinchos que nem uma galga!

E nesta palavra persuasiva se conteve o impulso de Vasco, diante do parecer experiente do Mateus.

A voz de Marta, umas vezes abafada nas paredes da castelania, outras, clara e

vibrante como uma sentença, ainda açoitava a escuridão dos ares, enchendo os ouvidos de Vasco, já dentro do seu quarto:

. . . . . .
Vale Covo já foi!...
Ingarnal acabou-ou-ou!...

Uma tarde em que Vasco estava apertando as polainas para um passeio a cavalo a Santa Maria das Graças, fez-se anunciar por um bilhete de visita Zacarias Mendes, que manifestara ao criado muito interêsse em falar ao sr. Dr.

Êste nome era-lhe inteiramente desconhecido. Procurando alguma indicação, Vasco leu ao fundo do bilhete: Covilhã.

Contrariado, disse ao Mateus que o mandasse entrar para o escritório, mas logo acrescentando:

— Ó Mateus, espera, ouve lá. Êsse homem que pessoa é? Assim, de aparência?...

— Êle veio aí três ou quatro vezes a

falar com o sr. conselheiro. E comeu à mesa. Era o sr. Mendes.

— Bem, leva-o lá para o escritório.

Momentos depois, Vasco estava na presença de um homem miúdo, anguloso e macilento, de cujos olhos chispavam friamente os vidros, ao longo da barba ponteaguda.

Vasco estendeu-lhe a mão, gravemente, emquanto Zacarias Mendes se inclinava:

— Eu peço desculpa, eu peço perdão...

— Faça favor, à sua vontade.

— V. Ex.ª desculpe. Eu soube que V. Ex.ª tinha chegado, por uns homens daqui que estiveram ontem lá em casa. Eu fui muito amigo do sr. conselheiro, do pai de V. Ex.ª. Devi-lhe muitos obséquios, muitas provas de consideração. Era um perfeito cavalheiro, o pai de V. Ex.ª. Homem lial, de boas contas. Sim, senhor. O sr. conselheiro Miguel de Brito era amigo do seu amigo, incapaz de dar um prejuízo, fôsse a quem fôsse. Fidalgo dos verdadeiros. Tivemos relações, negócios

e nunca deixámos de concordar. A morte de S. Ex.ª deu-me pena. Perdi um bom amigo. Se êle vivesse... Sempre nos havíamos de entender...

Vasco foi ouvindo curiosamente a longa mesura de lisonja, sem poder fixar-se no intuito daquela visita.

Zacarias Mendes continuava:

— E V. Ex.ª, pelos anúncios que tenho, herdou com o nome as qualidades do senhor seu pai.

Fitando os olhos interrogadores no perfil adunco de Zacarias Mendes, Vasco rematava a sua impaciência e o seu receio:

— Muito agradecido! Muito agradecido!

— Ora eu ouvi lá dizer que V. Ex.ª tenciona demorar-se pouco no país. E tem razão. Isto está pela hora da morte. Ninguém, verdadeiramente, é já senhor do que é seu. Para gente de certa ordem, estas terras são sertões. Não há distracções, nem comodidades. O estrangeiro, para quem tiver alguma coisa para gozar, não há nada que lhe chegue.

— Ainda não sei o que farei, cortava Vasco, com enfado.

— Sim, é natural. Tem por cá as suas coisas. Há que ver primeiro o que lhe pertence. Pois a mim disseram-me e afiançaram-me que V. Ex.ª vinha a Portugal para liquidar tudo. Para reduzir o que lhe ficou de herança a dinheiro de contado.

— Não posso saber quem lhe tenha dado semelhante informação . . .

— É falsa, claro? Logo me pareceu. Pois a mim, lá mo disseram. E mais do que uma pessoa. É que, se assim fôsse, se V. Ex.ª alienasse o Ingarnal, eu . . . sim, eu talvez interessasse nele.

— Mas não penso nisso. O Ingarnal é mesmo a última coisa que eu teria o desgôsto de ver passar a mãos alheias. Foi aqui a origem da nossa família. Todas estas pedras estão cheias de lembranças. Não, bem vê, isso não tem fundamento. É uma fantasia de quem o informou.

Sorrindo com maliciosa doçura, Zaca-

rias Mendes desligava lentamente o atilho de uma velha carteira, para continuar:

—Nesse caso, desculpe V. Ex.ª incomodá-lo; há aqui uns compromissos do senhor seu pai. Temos aqui documentos com a assinatura dele . . .

Vendo desdobrar a seus olhos um pequeno maço de letras, Vasco empalideceu. Zacarias Mendes, pondo umas lunetas adiante dos óculos, prosseguia:

—A assinatura dele bastava, é bem de ver. Para mim, não era preciso mais do que a sua palavra. Mas o senhor seu pai que era homem de boas contas, recto e fidalgo, quís, contra a minha vontade e a da firma, garantir-nos o crédito com uma hipoteca. Tenho aqui a cópia da escritura lavrada em Lisboa. O crédito que lhe abrimos, ia até cincoenta contos. A hipoteca é constituída pela Quinta do Ingarnal com seus logradoiros. . .

E estendia-lhe o documento.

Para dominar a sua surpresa e o olhar de Zacarias Mendes que se fixara nele,

Vasco, chamando a si toda a serenidade, perguntou-lhe:

— E a quanto monta actualmente a dívida que meu pai deixou?

— Vê-se já: três letras de dez contos, duas de cinco, fazem quarenta contos. Caídos e seus juros, até ao dia de hoje, devem andar por dois contos e quinhentos mil réis, salvo êrro. Quarenta e dois contos e quinhentos, elucidou lentamente Zacarias Mendes.

— E quando se vencem as primeiras dessas letras?

— Daqui a oito dias, as de dez contos. Uma das de cinco é paga à vista, não tem data. Na escritura há uma cláusula pela qual, se qualquer letra não fôr paga ou renovada no seu vencimento e tiver de ser protestada, o aceitante fica sujeito à indemnização diária de vinte mil réis, até real embôlso. Está aí, nesse papel.

Mas, desculpe V. Ex.ª, eu não venho afrontar ninguém. Antes de aqui pôr os

pés, sabia que V. Ex.ª era capaz de honrar, até à última, a assinatura do senhor seu pai. Se falei na venda do Ingarnal, foi porque me deram essa notícia. Na minha palavra! Estamos aqui para combinar as coisas o melhor possível. Nenhum de nós quere o prejuízo do outro...

— E o sr. Zacarias aceita reformar as letras por um pequeno prazo, até eu dar balanço à minha vida?

— Se V. Ex.ª assim o precisa, acentuou Zacarias Mendes.

— Depois veremos o que convém fazer. Então, dentro de três dias vou lá à Covilhã e deixo-lhe as letras.

— Mas, se V. Ex.ª quiser... para que ha de ir incomodar-se? Eu trouxe comigo umas letras em branco. Creio que bastam. Podemos renova-las mesmo aqui.

— Pois como quiser. Está bem.

— Mas sempre tenho a dizer a V. Ex.ª, V. Ex.ª desculpe, que não lhe posso deixar o dinheiro a dez, como o tinha o senhor

seu pai. O capital agora anda todo no negócio. Ha pouco dinheiro em caixa, mesmo nos bancos.

— E a quanto pode deixa-lo?

— A doze, o menos a doze por cem. V. Ex.ª queira desculpar, mas é ainda por atender à pessoa que é e à lembrança do senhor seu pai. Se não, a menos de quinze, era impossível. Nenhum negócio se faz agora, com menos de vinte e cinco a trinta de lucros...

Vasco sentia uma repulsão invencível por este homem misterioso que em poucos momentos levantára aos seus primeiros passos a sombra extensa de uma pirâmide. Por mais de uma vez, esteve para lhe chamar ladrão, cara a cara, e mandá-lo apedrejar pelos moços da quinta.

E o que mais pesava na sua indignação era o vexame por que passara, tratando um gatuno, durante meia hora, como se fôsse um homem honrado.

Por último, quando o acompanhava ao pátio, por hábito da velha hospitalidade

do Ingarnal, ainda o convidou a ficar para jantar ou a tomar alguma coisa.

Zacarias Mendes agradecia, mas tinha o seu regimen; e ainda chegava a casa muito a tempo de jantar.

Voltando costas à visita, mas vendo-a cada vez na lembrança, Vasco, ao passar pelo corredor dos retratos grandes, como a conversar com os avós, ia dizendo alto:

— Mas que ladrão! Que judeu!

E a caminho do escritório, pensou em telegrafar logo a Jorge Cabral, para que viesse imediatamente. Depois chamou o Mateus para lhe dizer:

— Procura aí um moçó da quinta que vá à Ramalhosa levar êste telegrama. O sr. padre Januário ainda não voltou?

— Nada, não, sr. Dr. Quando vai dizer missa à Paiagua, sempre lá passa o dia. Á noitinha aí o temos, concluia o criado, levando o papel.

— Olha, espera lá, Mateus. Já não vou hoje ao Vale das Graças. Dá cá o telegrama. Como tenho de ir à Paiagua,

chego logo também à Ramalhosa. É mais certo e mais depressa.

— Sim, é bem entendido.

— Ó Mateus, dize-me cá uma coisa. Tu sabes se o papá tinha algumas contas com êsse homem que aqui esteve ha bocado.

— Eu, sr. Dr., direitamente, não sei. Já lhe disse que veio cá algumas vezes.

Um dia até deram um grande passeio pela quinta, com mais dois indivíduos que trazia na companhia dele. Eu vim aqui ao escritório a trazer uns copos de vinho; então ouvi-os falar com o sr. conselheiro no rendimento da quinta, numa escritura... Mas, como não eram contas do meu rosário, não fiz mais reparo.

— Não ouviste dizer se o papá lhe devia algum dinheiro?

— O povo é que por aí rosnava que o sr. conselheiro estava carregado de dívidas e que um dia ainda a justiça cá vinha a penhorar o Ingarnal.

São as bocas do mundo... é bem de ver.

Quando Vasco chegou ao portão da Paiágua, logo o criado informou de que o sr. padre Januário já tinha saído. Desencontraram-se no desvio que Vasco fizera a caminho da Ramalhosa.

Avistando-o da varanda de vidro, o Dr. Jerónimo Valadares veiu recebê-lo ao jardim, pressuroso e alegremente sincero. Emquanto o abraçava pelo *prazer de o ver naquela sua casa,* mandava uma criada prevenir D. Maria do Carmo de que estava lá o sr. Dr. Vasco.

Conduzindo-o à sala de visitas, aberta sôbre o pomar e a serra, o Dr. Jerónimo procurava conhecer as primeiras impressões de Vasco, como se tinha dado *o senhor nos seus domínios.*

— Por emquanto, as minhas observações são muito incompletas. Preciso de ver, de conhecer, de me adaptar.

Encontrei por lá vandalismos atrozes, o jardim devastado, a capela convertida em

arrecadação de lavoura. Eu creio que já lhe disse ha dias.

— Sim, sim. Isso é natural. Desde que a sr.ª D. Joana faltou, essa pobre gente, não por mal, mas por ignorância, deve ter cometido na casa muitos desacatos.

Nêste momento, D. Maria do Carmo apareceu à porta da sala e Vasco avançou polidamente para ela, inclinando-se a beijar-lhe a mão, em silêncio.

D. Maria do Carmo abraçou-o muito, quási o beijou.

Depois da última vez que a vira, havia doze anos, no jantar da sua despedida para Coimbra, D. Maria do Carmo envelhecera muito. A mesma doçura de gesto, o seu sorriso claro e maternal, mas a passagem dos cincoenta toucaram-lhe de branco toda a cabeça.

— Eu peço-lhe desculpa, minha senhora, de só hoje vir cumprir o dever de...

— ...de nos dar uma grande alegria!

Fale antes assim, cortou D. Maria do Carmo.

— É verdade, é verdade. Temos um grande prazer em vê-lo nesta casa, confirmava o Dr. Jerónimo.

— Mas ha razões que obrigam a reconhecimento especial. Eu sei tudo quanto fizeram por meu pai, sózinho e doente neste êrmo.

— Não insista, meu caro Vasco, não vale a pena.

Lembrando-se da revelação do padre Januário, Vasco olhava fixamente para D. Maria do Carmo, com uma grande ternura.

— Encontra-me uma perfeita velha, sem um cabelo preto, não é verdade?

Vasco, sorrindo, denunciava também as *numerosas advertências* dos seus primeiros cabelos brancos. A vida a todos fugia, levando consigo as melhores esperanças...

— Ha dias, continuava êle, quís vir cá, mas fiquei mal disposto da noite da trovoada. Aquilo foi um pesadelo.

Que surpresa, que susto, aquela apari-

ção da Marta-doida, em camisa, no meio dos relâmpagos!

— Já a viu? perguntava o Dr. Jerónimo.

É uma desgraçada epiléptica que mete dó.

— E mete mêdo, acrescentava D. Maria do Carmo. Eu quando a oiço, fico toda a tremer, como se ela fôsse o demónio. Credo! Parece uma possessa.

Então o Dr. Jerónimo, em meias palavras, perguntou a D. Maria do Carmo pela filha.

— Já aí vem. É mesmo por causa da Marta que ela se demora. Tem lá estado com uma costureira a arranjar um fato para vestir essa pobre de Cristo.

Quando lhe dão os ataques, rasga tudo. Apareceu aí logo no outro dia com uma saia emprestada, coitadinha!

— Uma miséria!, rematava o Dr. Jerónimo.

Então, por sua vez, D. Maria do Carmo perguntou-lhe se se demorava, *se tinha*

coragem de fazer-lhes companhia, ao menos por alguns meses.

Sôbre estas palavras a que Vasco só respondeu com um sorriso, entrava Benedita, séria, timida, uma figurinha débil, o busto contido numa blusa de renda branca, movendo-se levemente.

Para quebrar o silêncio e o primeiro embaraço, D. Maria do Carmo adiantou-se a gracejar:

—Não sei se será preciso apresentá-los...

— Por mim, não! protestou Vasco amavelmente. Ainda hoje vi um retrato seu, da primeira comunhão, oferecido á avó. Está parecidissimo.

— Ha que tempo isso foi!

— Mas conservou o mesmo tipo, creia. As feições não mudaram nada.

— Seriam dois desconhecidos se se encontrassem por acaso, opinava o Dr. Jerónimo.

— Decerto. A sr.ª D. Benedita era uma criança, quando estive a última vez no Ingarnal.

— E a essa criança foi prometida uma boneca por que sempre esperou em vão. Uma boneca do seu tamanho!

— Oh! minha senhora, perdoe-me! Se assim é, e deve ser, sou obrigado a pagar a dívida que contraí pela minha promessa. E a pagá-la com juros, quero dizer, a entregar-lhe a boneca maior que haja no Planeta ou a mandá-la fazer no tamanho actual da minha boa crèdora . . .

Todos riram, à luz desta lembrança distante, emquanto o Dr. Jerónimo observava, por experiência, que as crianças podem esquecer-se fàcilmente do que lhes dão, mas lembram-se sempre do que lhes prometem.

— É um aspecto curioso do seu egoísmo, concluía êle.

Voltando-se fixamente para Benedita, Vasco dizia-lhe a sorrir:

— E já sei que está cumprindo cristãmente uma das mais belas obras de misericórdia, vestir os nus . . .

Contrariada por esta denúncia, olhando os pais com amuado espanto, Benedita

còrou vivamente, antes de dizer num embaraço de modéstia:

— Alguém háde olhar por essa desgraçada. Faz-me um dó!...

Então Vasco, mais completamente, repetiu a narrativa da trovoada e a sua impressão de mistério e de terror, aos gritos e aos uivos da Marta.

Depois, tirando o relógio, pedia licença, era quási noite.

D. Maria do Carmo não consentia que saísse sem jantar. O Dr. Jerónimo, tomando a mão de Vasco, pedia-lhe que lhes desse êsse gôsto.

Vasco desculpava-se. Voltaria brevemente. Esperava um telegrama de Lisboa. Tinha de tratar de coisas lá de casa e com urgência.

Os Valadares não insistiram mais. E quando o Dr. Jerónimo, acompanhando-o até ao portão, ia lamentando que os deixasse com pretextos tão vagos, Vasco parou a meio do jardim, para lhe dizer sèriamente:

— Não são pretextos, meu amigo; são razões fortes. E a tal propósito, queria pedir-lhe o favor de me dizer: conhece o Zacarias Mendes, da Covilhã?

— Apenas de nome, de tradição.

— Que impressão tem dele?

— Em que sentido?

— Da sua seriedade, do seu carácter.

— Sei que é um agiota formidável, pessoa suspeita . . .

— Pois êsse homem esteve hoje lá em casa, para me comprar o Ingarnal. Entrou com êsse pretexto: que lhe tinham dito que eu ia pôr em venda às minhas terras, liquidar tudo. . .

Desmenti-o, que não, que nunca pensara em tal resolução, antes pelo contrário. Depois, já desenganado, apresentou-me cinco letras, aceites por meu pai, somando tudo, com juros, quarenta e tantos contos.

Algumas letras venciam-se dentro de pouco tempo. Aceitei-as eu, renovando-as por vinte dias, mas com taxa mais elevada. Há uma escritura de crédito a uma casa

bancária de Lisboa, com hipotéca do Ingarnal. O Dr. Jerónimo Valadares ouviu-o atentamente, com viva expressão de piedade. Depois disse-lhe:

— Meu caro Vasco, eu não lhe perdôo a precipitação com que tratou dêste caso. Êsse homem deve ter roubado muito seu pai, abusando das circunstâncias e pretende ainda continuar, fazendo-o sua vítima.

— Mas ha de ser por pouco tempo; venho agora mesmo de telegrafar para Lisboa. Há de arranjar-se o dinheiro para se pagar tudo.

— Oiça, Vasco. Eu disse-lhe que não lhe perdôo, porque desejava muito ajudá-lo a vencer esta sua primeira dificuldade. Tem de contar com outras. Queria que, já agora, se tivesse lembrado de mim.

Pedi-lho quando estive há dias consigo no Ingarnal. Lembra-se?

— Sim, nunca me esquecerei. Mas o velhaco queria ir-se embora e eu não tinha ensejo de ouvir o sr. Dr.

— Para lhe dizer a verdade, eu não tenho os quarenta contos ao canto da gaveta. Mas dinheiro há muito.

E em qualquer caso, não venda o Ingarnal, Vasco. Lembre-se do que esta casa e estas terras representam para si. Mais ainda do que a sua independência, esta quinta, que é um domínio, constitui o património histórico e moral da sua família.

Veja o que pode fazer por si; e, quando reconhecesse que não bastavam as suas possibilidades, contava com êste seu amigo. Ficamos entendidos, não é verdade?

Vasco, abraçando-o, dizia-lhe com profunda sinceridade:

— Muito agradecido, sr. Dr. Jerónimo.

E montando a cavalo, o neto dos Britos desaparecia a trote no angulo do muro, a pensar consigo:

— Boa família. Gente sã, êstes Valadares. Bem dizia a avó . . .

Encostado ao portão, sentindo ainda o

tropear da égua, o Dr. Jerónimo voltava-se para D. Maria do Carmo, que pelo jardim viera ao encontro dele:

— Pobre rapaz!

Na janela do seu quarto, Benedita, alongava os olhos pela estrada, prendendo-os ao turbilhão do pó que subia em nuvem, como esperança perplexa, por entre a quietação confusa das oliveiras...

II

VIVVNT MORTVI TVI

Na primeira manhã do Monte Queimado, Manuel Nogueira, antigo feitor dos Menezes, chamara-os bastante cêdo, cumprindo fielmente a recomendação de Jorge Cabral, ao chegarem a essa herdade do Alto Alemtejo.

A grande travessia em carro de mulas por toda a charneca, desde o caminho de ferro, levantara o protesto de Vasco, em nome dos ossos e das vísceras, contra a extensão desmedida das suas terras.

Entre azinheiras e eucaliptos, alvejavam

as paredes desse monte que lhe viera a pertencer pelo último testamento de D. Josefina de Menezes.

Lá os esperavam duas camas pobres e aceadas, fôfas nas suas enxergas de lã e cobertas de colchas de chita com grandes ramagens, florindo em vasos azues, e onde cantavam aves de plumagem multicôr.

Acudindo ao pedido aflito do amigo, Jorge tomara o primeiro comboio para o Ingarnal. E depois de umas informações sôbre a administração da casa, Vasco vinha a conhecer a impossibilidade imediata de realizar a importância devida a Zacarias Mendes.

Muito calmo, Jorge Cabral acrescentava:

— Para tão curto prazo, sem vender, parece-me que não podemos saír desta dificuldade.

— Mas vendemos, Jorge. Vendemos. Eu não posso suportar na face o sorriso maligno daquele judeu. Quero pagar-lhe

no vencimento das letras, tudo quanto êle emprestou e roubou a meu pai.

— Bem vês, vender com vantagem em duas semanas, não é possível. Vender ao desbarato, quando os compradores saberiam que estavas com a corda na garganta, era uma ruina.

— Ou pedimos emprestado a um capitalista, a um banco sério... O Ingarnal está hipotecado, mas tenho livres as herdades do Alemtejo para o crédito que fôr necessário.

Jorge Cabral, sorrindo, aconselhava-o a que não se afligisse com o *pesadelo da insolvência*. As herdades do Alemtejo eram uma providência no seu torrão opulento, embora êle as conhecesse mal, em duas rápidas visitas.

Por sua vez, Vasco declarava que nunca lá fôra, nem sabia a que latitude ficavam...

Foi então que Jorge Cabral lhe impôs aquela jornada ao Alemtejo, para ver e tomar posse do que era seu. Autorizara o

Nogueira, havia dois mêses, a fazer uns cortes de lenha. Era boa ocasião de vigiar de perto êsse trabalho.

Sem discutir, vencidamente, o devedor de Zacarias Mendes partia para as suas terras de herança.

Quando o Nogueira os foi chamar á cama, já as éguas estavam aparelhadas, e ao nascer do sol todos três rodeavam, junto da chaminé, uma alta cafeteira de estanho, trasbordando.

Tinham de caminhar algumas horas a cavalo, o almoço seria no Carvalhal Redondo e o jantar no regresso ao Monte Queimado, segundo o programa do Manuel Nogueira.

Pelo caminho, o feitor, informava Jorge Cabral do estado do corte: tinham já pesado duas mil toneladas; iriam até três mil, pouco mais ou menos.

No seu honrado zelo, o Nogueira esclarecia:

— E o arvoredo até goza. Dá beneficio ao dono e renova em três ou quatro anos.

Perde-se agora a bolota, mas com o tempo, ela torna a pingar.

—A como pagam a tonelada, Nogueira? perguntou Vasco inesperadamente.

Jorge olhava para êle, receoso, com vontade de lhe pedir que mantivesse, calando-se, o seu prestigio de dono.

—Não sei bem. Eu segurei-me. Como o carvão não entra e a lenha tem estado a subir, combinámos que o pagamento se faria pelo preço corrente ao fim do corte. Êles não queriam, que isso não era tratado. Então eu disse-lhes que, se o preço viesse para baixo, tambem cumpria a minha palavra.

Foi assim que êles aceitaram. É para os comboios.

—Lenha desta, a menos de dez mil reis, é mal vendida.

—Também é êsse o meu palpite, sr. Dr. Jorge. Até doze ou mesmo quinze...

Fazendo timidamente um cálculo mental, Vasco concluia em grande júbilo:

—O' Jorge, já não nos falta tudo... Só em lenha, uns trinta contos!

Os olhos do amigo cravavam-se em Vasco, repreensivamente, ordenando-lhe prudência, neste remate de afectada indiferença:

—Depois, no fim, se verá. O que fôr, foi.

Os três cavaleiros dobravam agora uma elevação, coberta de robusto montado.

O verde-negro das azinheiras alastrava igualmente pela extensão de alguns quilómetros, ondeando às curvas do terreno que de espaço a espaço se revelava em ilhas de velho matagal.

Alheios às distancias da planície, os olhos de Vasco eram levados a correr sôbre a crispação silenciosa das arvores que lhe pareciam medidas e todas iguais na composição. O dono da herdade, emquanto Jorge e o Nogueira iam falando e zelando os seus interêsses, pensava sinceramente:

— Que monotonia!

Tendo chegado à maior altura, o Nogueira parou, dizendo para Vasco, com orgulho triunfante na voz:

— Sr. Dr., agora faça favor de olhar em redondo e tudo quanto avistar, é seu!

— Sim, é verdade, concordou Jorge Cabral. Todo o grão da terra, toda a folha verde, todo o animal terrestre, aério ou aquático, daqui te paga o seu tributo. Tens agora a teus pés de senhor, submissos e liais, os três reinos da natureza.

Vasco deixava-se arrastar sinceramente naquela admiração:

— È enorme, caramba! Parece um condado!

O Nogueira sorria, sensibilizado, com as impressões do seu amo, acrescentando:

— E ainda tem mais terra do que esta. Junta, é que não.

Aproximando-se do amigo, em dois passos da égua, Jorge Cabral perguntava-lhe agora a sério, em voz baixa:

— Não te sentes dono, Vasco?

— Olha que não, Jorge. Não me sinto tocado dêsse dom sublime. E é natural. Eu ignoro o que tenho, mas assim não é

possuír. A posse, justa e digna, deve ser um estado de consciência e uma afirmação de força.

— Vá lá descendo adiante, Nogueira! pedia Jorge Cabral.

— . . . Não achas?

— Estou de acôrdo, sim.

Ter terra e não dominar nela, deve ser a primeira condição e até, em boa lógica, a primeira razão de a perder.

— Teóricamente, isso é exacto. Mas a verdade é que, na prática da vida, essa equação moral não pode manter-se.

Seria preciso admitir que todos os homens deviam ser agricultores. E êsse raciocínio levar-nos ia muito longe, para o passado, ou para o futuro . . .

Com a sua vivacidade eloquente, Vasco continuava:

— Antes de chegar ao Ingarnal, não tinha alcançado todas as consequências de ruína da centralização do poder que provocou o absentismo! Lendo os escritores contra-revolucionários, aqueles que

no terceiro Natal do meu exílio para cá te exportei, certas verdades entendem-se por uma razão fácil.

Vivendo uma semana ao contacto da terra e da gente, as mesmas conclusões *vêem-se, sentem-se, tocam* a nossa inteligência.

Aprendi mais em três dias, observando, do que aproveitei em cinco anos de leitura e meditação.

Na primeira encruzilhada, o Nogueira parou a perguntar se queriam ir já para o Carvalhal Redondo ou passar ainda pela Fonte da Mó, para verem as porcas de criação.

— Decide lá, Vasco. Se o almoço já te lembra . . .

— Por mim, não. Posso esperar bem duas ou três horas.

Jorge Cabral voltou a égua para o caminho da Fonte da Mó, emquanto o Nogueira informava, a sorrir:

— Temos lá um porqueiro que é poeta. E tem uma memória! . . .

— Poeta?! Como é isso? perguntou Jorge.

Vasco acudiu logo:

— Ora, como ha de ser! Se estamos num país de poetas líricos, tanto vibra a avena de um porqueiro, como a guitarra de um general de divisão. É um destino eterno.

Por entre as terras já verdejantes de trigo, crescendo com o favor do bom sol de Outono, Fonte da Mó aproximava-se, amostrando as suas sete casas rasteiras, em linha, abrindo para um horto, protegido por uma sébe de piteiras cinzentas.

Abrigada entre rochas, à sombra de duas sobreiras, era a maternidade das porcas do montado.

Chamadas pelo tropel, as mulheres e as crianças saíram ao terreiro, dando os bons dias ao *sr. Nogueira e mais companhia.*

Como levantado do seio da terra, o Bento-porqueiro, com as suiças brancas, a boca aberta largamente na sua máscara lavrada, apresentava-se vestido de safões e pelico, erguendo em respeito a carapuça.

E para o libertar da confusão, logo o Nogueira lhe perguntou:

— Como vamos lá de criação?

— Trinta e três marrãs paridas e doze com a barriga.

— E novos?

— Dez a seis, oito a sete, outras dez a cinco, quatro a quatro e uma a dois, bote-lhe as contas. Olhe, estão aqui riscados no pau...

— Mas diga lá o Bento.

— Se o meu conto sai certo, são cem e mais oitenta e quatro.

Neste momento, tirando mancheias de milho dos alforges, começou a chamar as porcas, uma por uma.

— Então elas acodem pelos nomes?

— Sim, meu senhor. Eu é que lhos ponho, quando elas vêem.

E dobrando-se para cada uma das pocilgas do curral, de um e outro lado:

— Aqui mora a *Janota,* aqui é a *Princesa,* esta é a *Zangarra,* esta a *Charenta,* a *Fosquinha,* a *Lambôna,* a *Zoupeira.*

— Como êle não se engana!, observava Vasco.

Jorge Cabral, sorrindo, explicava:

— Bem vês, são as famílias das suas relações...

— Olhe, ó tio Bento, um dêstes senhores é o patrão, o sobrinho do patrão velho. Veja lá se adivinha qual é?

— É êste, indicou êle, inclinando o pau para o lado de Jorge.

— Não acertou. O patrão é quem aqui está, disse o Nogueira, voltando-se também para as mulheres. É o sr. Dr. Vasco.

Os camponeses, medindo o neto dos Britos com longos olhares de respeito, saudaram:

— Seja por muitos anos e bons!

— Muito obrigado a todos. Bem hajam!, dizia timidamente o dono da Fonte da Mó.

Aproximando-se agora com segura confiança de Vasco, o Bento-porqueiro, mais respeitoso, inclinou-se para um dos covís, dizendo em voz de súplica e protesto ao seu patrão:

— Olhe aqui, senhor, onde dorme o seu servo!

Vasco voltou-se para o Nogueira e depois para Jorge Cabral, a descansar o seu espanto. Sentia vontade de clamar contra a humilhação que se doía na voz do Bento, irmanado na casa e no leito aos suinos da sua guarda.

Jorge Cabral interveio logo:

— O sr. Nogueira vai-lhe mandar fazer uma casita aqui ao lado, só para si.

— E pode vir para cá também a mulher?

— Pois, com certeza! A mulher e os filhos, dizia Vasco, num grande alívio.

— Eu já não tenho filhos, meu senhor. Sou só eu e a velha. O último que tinha, o meu João, lá me ficou agora na guerra da França. Seja por alma das suas obrigações.

Levantando o coração e os olhos para a lembrança do filho, o Bento-porqueiro chorava em silêncio.

Manuel Nogueira, não se esquecendo

de considerar a guerra *uma calamidade inútil*, informava que o pobre homem andara por ali vário e todos cuidavam que ia endoidecer.

Para o distraír, quís saber do Bento se não tinha agora algum verso novo para dizer aos senhores.

— Já me fogem muito da ideia, respondeu êle. Os últimos é que menos me alembram.

— Mas Você sabe muitos antigos. Aquele da despedida . . . Lembra-se?

— O *Adeus do Condanado?*

— Sim, êsse. Diga-o, que é bonito.

— Mas olhe que não fui eu que o fiz. Ouvi-o só uma vez a um rapaz que vinha de soldado. Há mais de quarenta anos. E logo me ficou na cabeça.

— Então, diga êsse, se o sabe, pedia Vasco.

O Bento-porqueiro, com ar recolhido, começou então:

Adeus, Patria querida
Aonde eu fui baptizado;
Adeus, parentes e amigos,
Que desta vou degradado!

Com penas do coração
Aqui me despeço primeiro:
Adeus, grade do Limoeiro,
Adeus, rua do Barão,
Adeus, aljube e prisão
Onde estão moças da vida!
Quero dar a despedida
Nesta ocasião tão boa,
Adeus, ceu de Lisboa,
Adeus, Patria querida!

Santo Antonio da Sé,
Adeus, rua da Padaria,
Peço à Virgem Maria
Que me dê boa maré;
Levo esperança e fé
De por ela ser guiado.
Meu corpo vai desterrado,
Meu coração se inflama,
Adeus, Santo Estêvão d'Alfama
Aonde eu fui baptizado.

Adeus, rua dos Sapateiros,
Manda embarcar quem governa.
Adeus, Igreja da Madalena,
Adeus, rua dos Fanqueiros,
Adeus, rua dos Retrozeiros!
Sei bem o que são castigos,

Cà vou metido nos perigos,
A paixão é que me mata;
Adeus, ó rua da Prata,
Adeus, parentes e amigos!

Se em Angola mouro,
Isso é o que mais custa.
Adeus, ó rua Augusta,
Adeus, ó rua do Ouro,
Adeus, Público Tesouro,
Adeus, Pelourinho gabado
Adeus, Arsenal do Estado,
Adeus, Nova Conceição,
Adeus, Torre de S. Julião,
Que desta vou degradado!

E a voz do Bento terminou em soluços esta melopeia de saudade, em que algum fadista-poeta em má hora se despediu dos encantos de Lisboa, a caminho da Costa d'África.

Dando-lhe os seus aplausos, dispunham-se a montar a cavalo, quando uma mulher velha, vestida de negros andrajos, caiu aos pés de Vasco, a chorar em grandes lamentos:

—Ai! meu senhor! Tenha dó desta desgraçada!

— Que é, mulher! Levante-se! Diga lá!

Era a viuva de um ganhão, falecido havia um mês. Servira trinta anos a herdade. Ali viveram desde o casamento. Disseram-lhe que agora, quando viesse o outro, tinha ela de saír da casa.

— Onde é a sua casa? — perguntou Vasco, muito impressionado.

Á indicação da mulher, todos entraram no casebre de telha vã e térreo, onde estava ondulando ao vento uma cortina de chita azul.

Nêsse interior pobríssimo, reluzia a louça sôbre um poial de tijolos e três estampas religiosas estavam envelhecendo na parede muito branca.

Vasco, em poucas palavras, falou ao Nogueira em mandar forrar e soalhar a casa da viuva, conservando-a ali, emquanto vivesse.

E sôbre esta benemerência larga que ao feitor se afigurava, respeitosamente, um *mau exemplo,* porque o *povo não se cansa nunca de pedir,* continuaram a cortar a

charneca, a caminho do Carvalhal Redondo e do almôço.

Para chegar ao montado onde se fazia o córte da lenha, tiveram êles de andar duas léguas velhas, por entre grandes olivais e campos de seara que, como os de Vasco, também não conheciam os donos.

Ainda longe, por indicação do Nogueira, começaram a avistar as medas de toros e grandes montões de pernadas que ali esperavam transporte, no meio de velhos troncos ensanguentados da messe, que agora erguiam para a luz do Sol, dolorosamente, os cotos esburgados e nús.

Manuel Nogueira aproximou-se do empreiteiro, e, dali por instantes, pediu a presença de Jorge Cabral.

Vasco ficou sentado ao pé de uma azinheira, reparando nas éguas e considerando melancólicamente na sua condição inútil de dono.

Para melhor lhe servirem os interêsses de proprietário, aqueles dois homens, que eram seus amigos, esqueciam-se ou pro-

curavam esquecer-se de que êle estava ali, sentado numa pedra, na mais submissa abdicação dos seus direitos e dos seus deveres.

Aos olhos dos lenhadores, do empreiteiro, dos moços de serviço, êle estava agora passando por um excursionista aborrecido, alheio a toda a realidade proveitosa que o cercava.

Na conversa que a poucos passos se animava de interêsse, concordando ou divergindo, êle seguia sempre o curso da sua inquietação — se seria possível arranjar lenha suficiente para deitar fogo às letras de Zacarias Mendes . . .

Só para conquistar a libertação dêsse pesadelo, daria de bom grado todo o arvoredo. Até áquela idade, nunca tivera crédores, e só agora podia avaliar com quanto proveito e justeza êle aprendera que o verbo pagar derivava do latim *pacare* — apaziguar, aplacar o crédor, conforme lêra um dia num jornal de acaso, em caminho de ferro.

E para de tudo se lembrar, evocava

agradecidamente, a memória da tia Josefina Menezes, que por sua bondade o abrigara de incertezas, na posse daquele vasto património.

Momentos depois, Jorge e Nogueira vinham juntar-se-lhe risonhamente.

Transmitiam uma proposta que lhes acabava de fazer o empreiteiro.

Tratava-se da venda de um pinhal velho, extenso e de bons pés. Eles entendiam que o negócio convinha, eram vantajosas as condições. Restava-lhe a êle, como dono, decidir . . .

— Eu?! Sei lá disso! Se lhes parece necessário, vende-se o pinhal.

E logo, num primeiro assomo de zêlo, por compostura de dono:

— . . . Mas seria bom deixar a terra povoada ainda, e não ficar o arvoredo assim, a meter dó . . .

Para o deslumbrar, Jorge conjecturou desta vez:

— A venda dêste córte e o pinhal devem aproximar-se de cem contos.

— Não é verdade, Nogueira?

— Ou mais. São os meus cálculos.

Vasco, ouvindo ali a voz de tamanha esperança, levantou-se da pedra, abrindo mais os olhos, de pasmo e contentamento:

— Vende, Jorge! Venda, Nogueira! Ainda que fique só a terra, sempre posso encher de notas imundas, a imunda bôca daquele judeu!

Desta vez, o olhar de Jorge Cabral já não foi a tempo de conter a imprudência do amigo.

Na noite em que regressava da Covilhã, alegre consigo e com a vida, aliviado para sempre da ameaça sombria de Zacarias Mendes, Vasco veio encontrar no Ingarnal, conversando familiarmente com o padre Januário, o seu primo Gaspar Macedo, de Figueira Velha. Era um homem de cincoenta anos, entroncado e moreno, que, na continuidade do labor

hereditário, ensacava o pão e colhia a azeitona, na paz das estações.

De boa feição e muito enraízado na Província, por larga parentela, êle era dos que na Beira, em solenes dias, ainda se orgulhavam do sangue virtuoso de Flávio Vamba, Rei dos Visigodos, natural de Egitania.

Ao Ingarnal viera êle para visitar Vasco, *embora sem ter o gôsto de conhecer o primo.*

— Se somos do mesmo sangue, já eramos amigos velhos, primo Gaspar!

E os dois fidalgos abraçaram-se robustamente, esmagando ali antigos ressentimentos de família, dos quais Vasco já não tinha a menor notícia.

— A primeira vez que estive no Ingarnal foi no jantar de formatura do primo Dr. Miguel, ha de haver uns quarenta anos.

— Trinta e nove, precisou o padre Januário. Feitos em Junho.

— Não andava longe. Há um bom par de anos.

Festa como essa, não há memória cá na Beira.

— E de quando datarão as relações do Ingarnal com a casa da Figueira Velha? perguntou Vasco.

O padre Januário logo esclareceu:

— Um seu quinto avô, Alvaro de Brito, se bem me recordo, casou com uma senhora de lá, creio que se chamava D. Teresa Maria. Vai para duzentos anos.

Os dois primos abraçaram-se outra vez, no contentamento de quem selasse de novo um pacto de família:

— Estamos abraçados ha dois séculos, primo Gaspar.

Sempre preocupado com o rigor histórico, o padre Januário elucidava:

— Algumas vezes, as relações foram tensas; houve até uma demanda entre o avô do sr. Gaspar e cá a Casa, por motivo de uma servidão de águas no Barrocal. Essa questão durou anos, mas sempre se respeitaram as duas famílias, como nobres que eram.

Quando o Ingarnal estava de luto, cobria-se também de crépes o brasão da Figueira Velha. Era uma cortesia antiga.

— É verdade, confirmava o primo Gaspar, num contentamento iluminado.

Pois eu, primo, continuava êle, trazia-lhe também lembranças de minha mulher. Ela deseja muito conhecê-lo e que veja lá a gente miúda.

— Quantos, primo?

— Três, conta que Deus fez. Três e mais não disse... E queremos que apareça por lá. Teremos muito gôsto.

— Com certeza; não deixarei de ir ver essa boa parentela.

— E agora, primo, o sr. padre Januário sabe, já falámos, quero-lhe dizer que a nossa grande fortuna está na terra.

— ?... —

— Sim, está debaixo da terra. Toda a riqueza que ha de salvar Portugal andamos nós aos pontapés a ela. Tenho-me fartado de semear, de colher, de tornar a semear e a colher e não passo da cepa

torta. Mas agora estou decidido: ou chego a milionário ou fico a pedir por portas.

— Mas que é, primo Gaspar, qual é o seu plano?

— Então ainda não o percebeu? O sr. padre Januário já sabe . . .

— Pois é muito simples. Revolver a terra, à procura do mineral. O minério é que enriqueceu a Inglaterra e a Bélgica. Porque não há-de salvar Portugal da sua ruína? Estamos nós aqui numa região muito rica, primo Vasco. Temos cá volfrâmio, chumbo, cobre, oiro, urânio — veja, até urânio! — manganés e estanho.

Basta olhar para a terra, logo se conhecem os veios. Aí pela serra, encontram-se amostras de tudo isto. Nunca viu pedras de urânio? Pois aqui as tem. Quem ha de dizer que nesta pequena massa se encerra a maior força transformadora do mundo moderno, o rádio?

Já registei à minha parte, vinte e cinco minas. Cá no Ingarnal, em respeito ao

primo, ainda não fiz pesquisas. Mas aqui deve haver oiro, lá isso deve.

E, se o primo quiser, trago cá o Vaz Lima, o engenheiro, que é meu sócio, e entramos os três na exploração. A terra do Ingarnal deve ter por aí bons filões, o ponto é explorá-los ou registar as minas, antes que outros o façam.

Se não tivermos capital, constituimos uma sociedade por acções, e vamos à vida. Assim, a semear trigo, a podar vides, a moer azeitona, não chegamos longe . . .

Vasco estava pasmado, diante de tão opulenta esperança do seu primo.

Para o atalhar, afirmou-lhe que, no seu modo de ver, a salvação se deveria procurar no regresso à terra, mas à terra arável.

Êsse plano de descobrir riquezas fabulosas poderia promover a ricos três ou quatro aventureiros, mas não era solução. Pelo contrário, o desequilíbrio económico que daí resultaria para a Província, continha em si uma grave perturbação moral.

O padre Januário julgou oportuno prestar um esclarecimento de refôrço:

— E já temos a verificação em três ou quatro freguesias, lá para o rio. Os pobres, vendo-se ricos, deixam de trabalhar. Possuem e não sabem ser proprietários.

Envergonham-se dos pais e dos irmãos que, por não terem abandonado as terras pelas minas, permaneceram pobres.

Com a abundância de dinheiro cresceu o vício e nessas terras praticam-se hoje escândalos e imoralidades de que não há memória nestes sítios.

Gaspar de Macedo, surpreendido com esta atitude, perguntou, em ultimo recurso:

— Então ha de se deixar o minério ao abandono, para o estrangeiro o levar e no-lo vender depois a peso de oiro?

Vasco interveio ainda:

— Olhe, primo, eu não sou forte em economia e todos sabemos que não é exemplar a administração pública. Em todo o caso, parece-me que os tesoiros que o primo está sonhando no sub-solo

da nossa Província, deveriam constituír património colectivo, visto que nunca foram apropriados pelos donos dos terrenos.

Para os prejuizos, haveria as indemnizações, à custa de uma percentagem nos lucros realizados pelo Estado.

Nesta altura, Mateus vinha dizer que estavam lá os carpinteiros, à espera das ordens.

Vasco pedia-lhes que esperassem, mas o primo Gaspar aproveitava para saír. Eram horas. E, vencendo todas as insistências para jantar, para dormir, terminou por perguntar a Vasco se se ia meter com obras.

— Umas reparações na casa, no telhado, na capela. Tornar habitável êste casarão. Dar-lhe um pouco de riso para cá viver com a possível alegria, descobrindo a face antiga e veneranda . . .

E agora sempre lhe quero dizer: deixe lá as minas, primo Gaspar. Cumpra a lei dos nossos avós — a seara, o pomar, o

bardo, a oliveira e a vinha, renovando a fartura em cada ano.

A mesa posta para todos, pela lição dos antigos e pela vontade de Deus.

— Ora, ora! . . . Deixe-se por cá estar dois anos e logo muda a cantiga!

O primo Vasco parece que não vem bom, lá dêsse Paris . . .

E pela terceira vez naquela visita, os dois parentes se abraçaram na certeza forte com que se uniam dois ramos do mesmo tronco.

Numa quieta manhã de sol, Vasco, montando a cavalo, partia alegremente a caminho do Vale das Graças, de onde algumas semanas antes o desviara a presença importuna de Zacarias Mendes.

Na sua *Pomba,* agora com os estribos reluzindo, por cuidado do filho do Carolho, seguia também o padre Januário a quem Vasco ia chamando, a sorrir, o *cicerone de além-tumulo.*

Antes de saírem, o neto dos Britos lembrara ao velho capelão a conveniência de levar alguns papeis ou apontamentos que facilitassem com mais proveito a visita à remota ermida de Mendo e Berengaria.

O padre Januário recusara polidamente o conselho e na sua atitude reservada e silenciosa, alguém poderia ler a sobranceria de um cronista da Casa.

Do Ingarnal até lá, o caminho abria-se em duas relheiras, por entre sombras de pinhais novos e urze florida, alongando-se pelas lombas e cortando ribeiros mansos onde o sol se prendia e inquietava em scintilações claras.

Era por toda a vastidão desigual dos pinheirais, a paz do silêncio e das soidões, entre o mar-largo do arvoredo e o azul purissimo dos montes na distância.

Vasco, a cada elevação conquistada, pensava descobrir o vôo branco da ermida, no desejo de tornar a ver aquele santuário que, na tradição da sua família, era um vasto capítulo de linhagens.

Depois, as referências do padre Januário ao abandono e ruína da capela encheram-no de piedade e fervor por aquelas pedras que os bèsteiros e os servidores de seu avô ali tinham talhado, para o altar da primeira cruz da Reconquista.

Santa Maria do Vale das Graças era uma ermida românica, abrindo-se aos devotos por três arquivoltas de granito, a cachorrada aninhando-se sob o musgo das telhas, o sino pendendo para a terra ao peso dos anos, e o adro em relva florida, toldado de castanheiros e defendido ao fundo por um cais que se aprumava nos flancos da rocha viva.

Trémulo de respeito, padre Januário tirou a chave do bôlso com a devòção de quem fôsse tocar na porta de um sacrário.

Pelas duas frestas, no meio do silêncio duro dos penhascos, o ar vivo da serra entrava com o murmúrio de águas e ecos distantes, e deixava-se ficar, esvoaçando docemente nas paredes, como nas profun-

dezas dos búzios se ouve a respiração do mar.

No seu trono de madeira entalhada, Santa Maria das Graças acolhia os dois romeiros, ajoelhados agora com respeito, no supedâneo do altar.

Por sete séculos em que se acenderam velas a Santa Maria, estava ali defronte da imagem o primeiro dos Britos, em cujo coração a aridez do intelectualismo secara a flama da fé.

Ouvindo a oração do padre, nas pedras bentas daquele altar onde um longo esquecimento deixara murchar as flôres em quatro vasos de estanho, Vasco sentia bem a humilhação da sua inteligência, transviada nos caminhos tortuosos da análise.

Toda a sua vida de consciência, de pensamento e de estudo, não pudera conduzi-lo a uma única certeza, fóra das relações materiais dos sentidos, comuns aos outros sêres.

Naquele momento subia-lhe na alma a saùdade da crença em que medrou a sua

juventude, ao lado da candura de Miana que viveu e morreu de dor, na graciosa pureza de uma comungante.

Por delicadeza de alma, por sincero respeito à fé do padre Januário, Vasco ocultava do velho capelão, como se fôsse um remorso, a confissão do seu agnosticismo; nunca lhe deixara ver, até ali, a distância que o separava de Deus.

Naquele relicário silencioso onde esfriaram as cinzas dos seus avós e onde se condensaram em esperança a luz de milhares de olhos, as orações de tantas bocas fervorosas, as vozes da alegria, a súplica de todas as dores, ao contemplar aquela escultura ingénua, que durante séculos ali se transformara em fonte de consolações, Vasco sentia tocar-lhe a alma um hálito de espiritualidade, como se numa atmosfera de sonho estremecesse a palpitação de outro mundo.

E ajoelhados agora, um elevando ao céu a oração da sua fé, outro vendo tolhido o vôo da sua alma, porque nos

lábios lhe esfriavam as palavras da Ave-Maria, ali ficaram ambos calados, na esperança e na dúvida, mas já unidos a Deus pela comoção da mesma sinceridade.

Padre Januário benzeu-se para se levantar; Vasco sentia sôbre si os olhares de Santo Anselmo e Sam Brás que ladeavam o trono da Virgem Maria, em peanhas doiradas, na mesma adoração secular.

Subindo para o altar desnudado, em que se mostrava a descoberto a face da pedra d'ara, padre Januário sofria na alma a dor de revelar aquele abandono.

Penetrado do mesmo sentimento, Vasco emmudecia. Então o capelão dos Britos, curvando-se sôbre uma sepultura, voltou-se para Vasco:

— Esta é a sepultura dos fundadores. Cá está a inscrição:

AQUY JAS O MUY MAGNIFICO SEÑOR
MENDO DE BRITO,
NOBRE CAVALLEIRO Q. GAANHOU AOS MOUROS
ESTA TERRA TODA E FEZ O CASTELLO DO INGARNAL.
A. D. 1589.

Acompanhando a leitura, Vasco observou:

— Mas não há referência nenhuma à avó Berengária.

Fala muito nela um manuscrito lá da casa e o *Quadro Genealógico*. As cinzas da senhora Dona Berengária foram trasladadas nesta data para junto das de seu espôso, por sua décima avó, Dona Catarina de Brito, que reformou esta capela.

Foi casada com Álvaro de Andrade que, tendo embarcado para a África com El-Rei Dom Sebastião, escapou de ser cativo e foi daqueles que trouxeram para Lisboa a nova triste da batalha do dia 4.

— E é dele que procede o nosso apelido Andrade?

— Assim é. Eu lhe conto. Na batalha de Alcácer, o alferes-mór Dom Luís de Menezes, ferido em uma ilharga, o braço direito caído por um golpe de maça e duas pelouradas no peito, sentindo que já não podia suster a bandeira rial, com a voz em sangue bradava por socorro, mas

não era ouvido pelos cavaleiros em desordem, à procura do Rei.

Então Luís de Brito, vendo o pendão quási de rastos na terra, arrojou-se para a cerração dos moiros, à cutilada, esquecendo a vida; depois, tomou-o ensangüentado do alferes-mór, ergueu-o ainda, mas, carregando nele os infiéis, quebraram-lhe a haste, e arrebataram-lhe uma ponta. Envolvendo-se na bandeira, êle fez haste do próprio corpo, sem que tal visse Dom Sebastião; e quando o Rei lhe perguntou onde estava, Luís de Brito ergueu-a num braço e mostrou-lha pela última vez.

Nesse instante, só lhe disse Dom Sebastião: — Abraçai-vos com ela e guardai-a, que sôbre ela morreremos!

Ora, êste Luís de Brito era primo de sua avó, Dona Catarina de Brito, que no Ingarnal o ficara esperando para com êle se receber, vivendo em companhia de sua ama e de um escudeiro de seu pai. Ainda que alguns querem dizer que Luís de Brito

já era casado, quando se perdeu em Alcácer.

Desta sorte, convindo dar sucessão à Casa, o bispo de Lamego, Dom Frei Diogo, tio paterno de sua avó, e o seu fâmulo entraram uma tarde pelo portão do Ingarnal, montados em ricas mulas, entre duas filas de criados e azemeis, ajoelhados na terra. Depois, fechando-se com a sobrinha numa câmara e lastimando sua desdita, o velho prelado quís propor remédio à solidão de alma em que ficara Dona Catarina e também evitar que nela se extinguisse a linha directa dos Britos.

Aconselhou-lhe então para marido o moço Álvaro de Andrade, dos Andrades de S. Vicente da Beira, que pouco tempo antes vira na Côrte e também era seu próximo parente.

Era também formoso mancebo, e de sãos costumes, porque nunca desembarcara da Índia, conforme fazia notar a propósito Dom Frei Diogo de Brito.

Dona Catarina logo aceitou, e o bispo

seguiu daqui para Lisboa onde os Andrades muito bem acolheram o projecto do casamento que ali ficara assente, embora os noivos nunca se tivessem visto. Mas, conhecendo êle que o Reino se perdia, entre a desgraça da gente nobre e a velhice fraca do Cardial, determinou não saír de Lisboa para as festas do casamento que no Ingarnal se iam preparando. Esperou ainda alguns mêses e, quando Dom António, na Ponte de Alcântara, fazia frente com poucos portugueses às tropas do Duque de Alba, Álvaro de Andrade aí lutou, até ficar ferido num braço. Só depois veio ao Ingarnal receber por espôsa a senhora Dona Catarina.

E por mais que a lisonja o tentasse para ir à Côrte de Dom Filipe, por quem lhe era prometida grande mercê, sempre se escusou a sair das suas terras, o mesmo acontecendo a seu filho Lourenço que também aqui está sepultado.

Pondo a mão nos olhos, padre Januário

procurava nas lages sepulcrais o seu epitáfio, dizendo:

— É êste; cá está. Mal aqui soube da conjuração de Lisboa, subiu às muralhas para conhecer a resistência delas e foi de concelho em concelho, tratando com as vereações de sustentar, a ferro e fogo, os direitos de El-Rei D. João IV.

Depois, como a luta se desenvolvia para o Alemtejo, para lá partiu com seus dois filhos, Lourenço e António, correndo a sorte das armas durante cinco anos, ganhando honras na guerra e perdendo o filho mais novo em Montes Claros.

Quando lhe trouxeram ao acampamento a triste nova, levantou as mãos ao céu e disse: *Graças a Deus Nosso Senhor, que pude dar um filho à liberdade de Portugal!*

Vasco, comovido e pasmado diante do vasto saber do capelão da sua casa, disse-lhe com sinceridade:

— Muito lhe agradeço, padre Januário, a lição de honra e de heroísmo que acaba de me dar, no exemplo dos meus avós.

Eu tinha deles umas noções vagas, dos tempos em que soletrava, às noites, com a Miana, a pedido da avó, as páginas do *Quadro Genealógico*. Era nas férias que passavamos no Ingarnal. Os manuscritos não os li, nem podia ler nessa idade.

— Êles lá estão todos, e alguns até anotados por mim, com referência a outros documentos.

Mas não se admire: a história da sua Casa em todos os períodos entronca na História de Portugal.

E fazendo-lhe notar uma arca de pedra, lavrada em pequenas arcaturas de cofre, num edículo da parede:

— Olhe, êste é seu avô, Afonso Mendes de Brito, segundo senhor da Casa do Ingarnal, que esteve na batalha das Navas de Tolosa com as tropas que lá foram.

É também o segundo dos celebrados nas *Vidas de Sete Varões Insignes*.

Foi perseguido por sua fidelidade a D. Sancho II, quando depôsto, a quem

tinha acompanhado nas expedições ao Alemtejo contra os moiros.

— E êste? perguntava Vasco, parando diante de um túmulo opulentamente lavrado em gótico.

— Oh! Êste é o maior letrado da família, Vasco Mendes de Brito, doutor de Bolonha, que num dos capítulos às Côrtes reclamava para os abusos das autoridades o cuidado e a justiça do Rei, chegando a repetir-lhe um aforismo medieval, tido por audacioso: *Rex noster eris, si recta facis; si autem non facis, non eris.*

— Isso equivale ao *se não, não!* com que uma vez foi advertido outro Rei, D. Afonso IV, creio eu.

— Exactamente. Mas D. João II, que então reinava, não se agastou. Fazendo chamar à sua presença o atrevido doutor, quis galardoá-lo, fazendo-o seu conselheiro privado e entregando-lhe o primeiro estudo da reforma dos forais.

Gloriosa gente! — rematou com solene convicção o padre Januário.

Vasco parou então no meio da nave da ermida. A seus pés alinhavam-se, de alto a baixo, em relevos heráldicos, as campas de seus avós, e junto delas, às vezes, pedras sem inscrição que o padre Januário dizia cobrirem os ossos dos *criados fieis da Casa.*

No altar, a mesma solidão sombria, as flôres murchas, desde a missa do último domingo de Maio.

Pelas frestas, nas vagas das correntes da serra, o vento acordava rumores de mistério, écos de batalha, o sono surdo daqueles Mortos que ali adormeceram no esquecimento dos vivos. Nas paredes, os ex-votos de cera e algumas peles de lobos nas traves testemunhavam intervenções de milagre, à fé dos serranos em Santa Maria das Graças, naquele logar predestinado.

Vasco deixava-se ali penetrar da aragem fria que soprava da morte. Dentro daquele cemitério, o scéptico elegante das noites intelectuáis de Coímbra, o ouvinte

de Bergson, o tradicionalista por espírito scientífico, não podia fechar a alma à emanação misteriosa que o absorvia e dominava.

Como se as sombras da tarde lhe cerrassem os horizontes da inteligência, todo o seu sêr se dilatava em aspiração e desejo indefinidos, projectando-se na evocação de pomposas e reluzentes grandezas que ali se reduziam a realidades efémeras.

Toda aquela coluna de batalhadores de aço, tinha-a êle prostrada diante de si, só porque alguns momentos do tempo separavam as suas vidas sôbre a terra . . .

Nesse instante de meditação, Vasco sentiu-se mais próximo dos que o geraram, compreendeu a fôrça do abraço dos mortos e dos vivos, teve a revelação de se encontrar a si mesmo.

Aproveitando o silêncio, padre Januário, segundo o seu costume, quando vinha ao Vale das Graças, quís sufragar as almas dos que ali estavam sepultados, rezando um Padre-Nosso.

E quando as palavras do responsório tremularam no silêncio frio da nave, e a mão do padre traçou docemente a cruz da absolvição, os mortos ressuscitaram nas lágrimas que dos olhos de Vasco foram caíndo sôbre a aridez das suas campas.

Um lampejo de reflexão crítica deu ao neto dos Britos a consciência do que êle chamaria um impulso de comoção religiosa; mas, se padre Januário conhecesse a crise de espírito por que Vasco estava passando, teria logo visto nas suas lágrimas um eflúvio da graça de Deus.

Emquanto descia a tarde, em suspiros de luz, na melancolia outonal, após a visita ao Vale das Graças, um criado da Paiágua levava ao Ingarnal uma carta do Dr. Jerónimo Valadares, convidando Vasco e o padre Januário, para jantarem com êles no dia seguinte.

Mateus levara-lha ao quarto numa salva,

com a correspondência, acrescentando que o criado ainda esperara pela resposta até quási à noite.

Em sua redacção polida e formalista, o Dr. Valadares exprimia o melhor desejo da sua família, nestas palavras de obsequiosa exigência: *Se tão longe mo permite a amizade, sob nenhum pretexto dispensamos a companhia dos nossos bons amigos. Tratando-se de um jantar íntimo, familiar, nem o seu luto o desculpa.*

Terminada a leitura, voltou-se para o criado, a perguntar:

— Ó Mateus, tu sabes se lá na Paiágua dão alguma festa àmanhã?

— São os anos da menina Benedita, sr. Doutor. Já a Antónia lhe mandou pelo criado uma travessa de créme.

— Bem, bem. Dá-me daí outro fato.

A carta do Dr. Valadares não fazia a menor referência ao aniversário de Benedita.

Mas, depois da manifestação da Antónia, também êle não podia ignorar essa

festa para que o convidavam com tanta insistência e sincera intimidade.

Como andava fóra dos costumes de Portugal e, ainda mais, da Província, ignorava até que limite poderiam avançar, sem segundo sentido, as demonstrações de estima entre rapazes e raparigas.

Parecia-lhe gentil levar consigo para a Paiágua uma lembrança a Benedita; mas a sua resolução prendia-se numa teia de hesitações e receios. Decidiu-se a consultar o padre Januário. E voltando-se para o Mateus que o ajudava a vestir-se:

— Ó Mateus, vai ao quarto do sr. padre Januário . . . Ou, se não . . . deixa, eu lá vou.

Vasco deu a carta a ler ao padre Januário. Por sua parte, o capelão dos Britos não tinha obstáculo. Resolvia-se até a ir com missa, para a celebrar por alma do Mário. Em duas palavras, Vasco relembrou a sua infância e a de Mário Valadares, morto de um desastre numa escola agrícola de Itália.

— E o sr. Dr. vai?

— Sim, estou com tenção de ir. Eles teem sido tão amáveis comigo... Agora queria perguntar-lhe uma coisa, padre Januário.

— Faça favor...

— Eu gostava de levar à Benedita uma lembrança. Mandar vir de Lisboa não há tempo. Se cá por casa houvesse qualquer objecto capaz, que lhe agradasse... Uma jóia de senhora, qualquer miniatura, um marfim, fôsse o que fôsse...

— Certamente a casa tinha muito por onde escolher. Agora, não sei.

— E também queria que me dissesse se isto se póde fazer sem reparo, sim, se estas ofertas de rapaz a rapariga são correntes cá na província.

O padre Januário, medindo a intenção cautelosa de Vasco, sentenciou gravemente:

— Entre pessoas que se estimam, nada é estranho; quanto à gente nova, desde que tudo se faça com permissão ou conhecimento dos pais...

Depois do jantar, Antónia trouxe as chaves da cómoda onde D. Joana guardava as jóias e as melhores lembranças da família.

Nas mãos fieis da criada esperaram até àquele momento que alguém as pedisse, depois da morte da senhora. O conselheiro Miguel de Brito nunca lhe falara em abrir as gavetas.

Para cima do mármore rosado, tirou Vasco dois cofres de sândalo onde encontraria de que se maravilhar: eram velhos grilhões de ouro em estilo pomposo, aneis, brincos, leques japoneses, doze miniaturas, pentes de enfeite com pedras de valia, fivélas de prata e de oiro, a medalha da Vera Efígie que D. Miguel I oferecera a seu avô.

Alguns dos objectos ali guardados por mão de D. Joana, estavam metidos em embrulhos de papel onde se liam notas rápidas, escritas com a sua letra: «*Serviu no meu casamento. Serviram no baptizado do Miguel*».

Diante daquela exposição scintilante, Vasco perguntava, indeciso:

— Mas que ha de ser, padre Januário?

— Em tal abundância, é difícil escolher. Assim uma coisa geitosa, que agrade a uma menina nova . . .

— É verdade, quantos anos faz a Benedita?

— Creio que são vinte e três.

— Eu não sei o gôsto dela. Talvez um leque dêstes, conjecturava Vasco, ao abrir um leque de rendas, em cujas varetas finamente se desenhava uma série de motivos de amor.

— É lindo, dizia o padre. Parece-me próprio.

— E é uma joia de valor. Oxalá que ela o saiba apreciar.

— Lá isso! Com certeza! Disse-me até a superiora das Doroteias que foi ela a melhor discípula que tiveram no Porto.

Pena foi terem fechado o colégio com a República. Só lá esteve três anos.

Depois, o Dr. Jerónimo mandou vir

para a Paiágua duas mestras de Lisboa, uma de música, outra de letras.

Fizeram uma grande despesa, com a educação dela, mas é a menina mais culta que por aqui se tem criado.

E muito boazinha, natural, sem tolice nenhuma.

— Bem, então vai o leque. Estas miniaturas são lindas, mas com Venus e amores, talvez não sejam muito edificantes . . .

— Sim, sim. Nada de paganismo . . .

Entre as caixas que numa das gavetas se amontoavam, Vasco teve a sorte de encontrar o estojo de charão em que viera o leque.

Ficava-lhe assim mais completo o seu propósito.

I

No dia seguinte, à passagem do Ribeiro d'Ordem, a caminho da Paiágua, apareceu-lhe entre os salgueiros uma mulher nova, com uma taleiga à cabeça.

Vasco correspondeu à saudação, mas

ela, tendo reconhecido o neto de D. Joana, adiantou-se a dizer-lhe:

— Desculpe S. Ex.ª. Eu tenho andado para lá ir, a ter uma fala com a sr.ª Antónia. Como o sr. Dr. sabe das leis . . .

Eu sou a Carolina Lapa que esteve a servir com a senhora sua avó.

Parando a égua, Vasco inquiria:

— Que é? Então que queres?

— Olhe, senhor, o meu sogro, antes de eu casar com o meu Joaquim, deu-nos lá um assento de uma casa para nos metermos. Depois, o dinheiro era pouco, eu vendi o cordão e as argolas para ajuda de fazer a casa.

E vai êle agora, o meu sogro, teve lá seus dares e tomares connosco e diz que nos quere tirar a casa, que a casa que é dêle . . . E eu empreguei lá o oiro que tinha e tantos trabalhos me custou a ganhar, e agora êle ameaça e bate o punho nas pedras, a dizer que havemos de ficar sem a casa, que ha de ir à vila meter-nos na justiça.

E a Carolina chorava em cascata, com a taleiga à cabeça:

— Agora queria eu saber se por direito a casa não é nossa, se êle nos pode tirar a casa que nós fizemos.

Má hora em que eu quís êste casamento, para ficar sem oiro e sem casa!

Embaraçado com a consulta, ali no meio do caminho, Vasco pensou em lhe dizer que não sabia nada de leis, que fôsse à vila consultar um advogado, que êle lhe daria o dinheiro do conselho.

Depois, reflectindo naquele caso de direito que tão imprevisto se lhe oferecia, perguntou-lhe calmamente:

— E Vocês teem algum papel para mostrar que o teu sogro vos deu o assento da casa?

— Nada, não, sr. Doutor.

— Isso é que é mau . . .

Mais ansiosamente, a Carolina queria saber:

— Então a casa fica para êle, sr. Dr.?

Prosseguindo no seu questionário, muito

penetrado, do alto da égua, Vasco demorava a resposta, procurando esclarecer-se:

— Quanto podia valer a terra que êle vos deu?

— Uns cinco mil réis, senhor.

— Bem. Então Vocês deixem-se estar na casa, continuam a morar nela. Evitem ralhar com o teu sogro e esperem que êle lá siga os seus direitos...

— E se nos mete na justiça, senhor?

— Não mete, não. Digam-lhe que fui eu quem os aconselhou a que se deixassem ficar.

— Seja por alma do senhor seu pai!

E tocando a égua para a Paiágua, o bacharel Vasco de Andrade e Brito, distinto no seu curso, levava consigo a preocupação e o remorso de ter errado a consulta, facilitando talvez a usurpação da casa pelo sogro da Carolina.

Só depois de se introduzir no meio da alegria e do afecto dos Valadares, êle esqueceu o mau passo da sua estreia de advogado.

Então Vasco, em palavras de um rigor cortês, felicitou os Valadares, deu parabens a Benedita que lhe aparecia levemente, vestida de tonquim branco, um colar de perolas miudas, a cingir-lhe o pescoço de uma tonalidade quente.

Com largas desculpas, apresentava-lhe o estojo, entre a curiosidade risonha da sala:

— É uma velha lembrança, de uma casa velha. Só por isso lhe peço que a aceite...

Benedita, abrindo a caixa com a mão fina e palpitante, ia dizendo:

— É uma lembrança sua que muito e muito lhe agradeço.

— Mas que por certo não vale a prometida boneca de ha doze anos...

— Agora, dou por paga a dívida, aceito a compensação, sorria Benedita, abrindo e analizando interessadamente o leque, que depois foi passando de mão em mão, como uma estranha maravilha.

Para o jantar, vieram os Falcões, do Souto Grande, e a viuva do major Car-

neiro, com duas filhas. E foi ali, por longos momentos, um convívio retraído, em que a presença de Vasco dominava as expansões do costume, como se todos receassem a sua censura escrupulosa de parisiense, limitando-se a enumerar casos de Lisboa trazidos nos jornais do dia, os lutos recentes, os enfêrmos conhecidos, as visitas que vieram a todas as cercanias...

Para animar conversa, o Dr. Valadares, mais uma vez, perguntava a Vasco como se ia dando, se se sentia já com os pés presos à terra, definitivamente.

Foi então que êle contou, num colorido rápido, a visita da véspera ao Vale das Graças, a impressão que lhe fizeram os túmulos, o abandono da capela, sem flôres, nem toalha no altar. Quási lhe parecera tão arruinada como a do Ingarnal.

Benedita, tocada de fervor, ofereceu-se para zeladora da ermida. Podia lá ir todos os oito dias. Além da devoção, era para ela uma distracção. O Dr. Valadares achava muito. O Vale das Graças era

bastante longe e o caminho perigoso. De mês a mês, estando bom o tempo, poderia ser . . . Mais, não.

Com risonha solenidade, Vasco agradecia:

— Por mim, pela glória dos meus mortos e pela ermida de que sou padroeiro, como afirma o padre Januário, aqui lhe rendo louvor por todo o benefício que as suas mãos levarem áquele santuário.

E continuava, animando-se a uma oculta esperança:

— Logo ao voltar de Santa Maria das Graças, ontem à tarde, senti o dever de fazer acompanhar de vivos aquela casa de mortos.

Há nos pequenos vales muita terra vaga que pode produzir. Lembrei-me de que talvez ali se pudessem estabelecer três ou quatro famílias de caseiros.

O Dr. Valadares, muito contente pela revelação daquele interêsse, concordava com entusiasmo. Mas havia terra para mais de uma duzia de colonos. Era uma

êxtensão muito grande, quási toda inculta e inteiramente despovoada.

Vasco, reparando nas flôres da mesa, saudou com um vivo tributo de sinceridade a aparição de tão lindas rosas no Outono.

Então o Dr. Valadares, risonho, informou:

— São a glória de minha mulher!

— De nós todos, sorriu D. Maria do Carmo, emquanto Benedita protestava:

— Eu, por mim, só sirvo para as colher e cultivo fielmente essa especialidade . . .

Num aplauso abundante, todos os convivas repararam na beleza e frescura das rosas e dos crisântemos.

— No Ingarnal não há uma flôr! Devastaram tudo! ia lastimando Vasco.

O padre Januário, cheio de escrúpulos de verdade e sempre zeloso da grandeza do Ingarnal em todo o género de produção, atalhava benévolamente:

— Não é tanto assim! Lá tem sempre flôres no quarto e nas salas.

Ainda ha os alegretes do muro e os canteiros do pátio. Tantas flôres como num jardim qualquer . . .

Risonho e irónico, Vasco concluía:

— Sim, muita abundância! Flôres do mato e papoilas de esteva no seu tempo. Se V. Ex.as quiserem certificar-se . . .

E emquanto todos sorriam, era apresentado na mêsa o créme que Antónia mandara do Ingarnal.

O Dr. Valadares, que fôra o último a servir-se, viu aparecer no centro anversal do prato as armas gloriosas dos Britos.

— Aqui tem outra jóia de família, Vasco: êste prato brasonado . . .

Examinando-o ainda nas mãos da criada, Vasco limitou-se a confirmar:

— Sim, é uma peça do XVIII século.

Deve ser Coímbra. Resto de algum velho serviço, desaparecido na voragem da cozinha . . .

Luís Falcão, já animado e confiante, com seu guardanapo aberto a toda a largura do peito, declarava, em reminiscên-

cia escolar, que preferia o *conteudo ao continente* . . .

O Dr. Valadares e D. Maria do Carmo gabavam o dôce, exaltando o paladar da Antónia; Benedita afirmava que a velha criada de Vasco era uma santa mulher e doida por êle.

Então a viuva Carneiro viu chegado o momento de anunciar o seu parecer:

— Para mim, nada iguala umas espumas bem feitas; nem o melhor pudim!

D. Maria do Carmo quis então conhecer a preferência de Vasco:

— Como bom português, sou guloso; nunca me amargou o que é dôce . . .

— Mas em todas as pessoas ha um paladar especial, deve ter alguma predilecção.

— Dôces de Paris, é natural, conjecturava a viuva Carneiro.

— Se a sr.ª D. Maria do Carmo insiste em conhecer o grande segrêdo, dir-lhe hei que cá na nossa serra prefiro a tudo o velho arroz dôce . . .

— Oh! . . . exclamaram com alto desdém as Carneiros e a mulher de Luís Falcão.

Benedita, para atenuar aquele pasmo reprovador, acudiu:

— Foi pena não se ter feito. Não sabiamos.

Vasco agradecia num sorriso inteligente a intervenção de Benedita.

O jantar ia terminando, sob o ar quente e espesso da sala. Á ordem e explicação do Dr. Valadares, eram servidos vinhos de dez colheitas, pelo espaço de um século. A cada divisão da frasqueira chamava êle uma *decada vinícola*.

Já tinha encontrado na casa a tradição de se guardar vinho de cem anos.

Luís Falcão queria vinho da sua idade, de 1870. Depois, elevando o cálice:

— Para gôsto e alegria dos amigos! Á saúde da prima Benedita e de todos os presentes!

O Dr. Valadares perguntava a Vasco se tambem preferia alguma data histórica.

Lembrava-lhe o ano da Maria da Fonte, ou a revolução de 1820 . . .

— Pois seja! 1820! Deve ser um veneno poderoso. Qualquer gôta é capaz de matar . . .

Reparem V. Ex.as: se eu morrer, fica assente que me suicido!

Recebendo no cálice êsse líquido mole e descorado, Vasco sorria:

— O pior é se me sai algum nectar; fico desacreditado . . .

Perante a espectativa de todos, Vasco declarou aquele licor um vinagre consumado! E, com ar de triunfo, rematou:

— Nesse ano maldito, tudo se azedou em Portugal. Até o vinho!

Erguendo-se todos para tomar o café na varanda de vidro, Luís Falcão quási feliz, vinha perguntar curiosamente a Vasco se o ano de 1820 não fôra a aurora da liberdade.

— Sim, foi. Uma aurora que nos levou logo ao crepúsculo . . .

Luís Falcão desistiu de compreender. Vasco sorria para o Dr. Valadares.

Na ausência de Benedita, D. Piedade Falcão perguntava a D. Maria do Carmo se a filha estaria disposta a tocar um bocadinho.

— Creio que sim.

— Um bocadinho de harpa.

— Sim, harpa, diziam as meninas Carneiros. Ouve-se tão poucas vezes!

— Não sei se estará capaz. O piano, êsse está. Foi afinado ainda na outra semana.

Logo que Benedita entrou na varanda, as senhoras rodearam-na, insistindo. Padre Januário aproximava-se, a dar apoio. Depois, todo o grupo se uniu em súplica.

— Então piano, disse Benedita. Estou muito esquecida da harpa; quási nunca tóco.

Vendo-se notada por Vasco, acrescentou convictamente:

— E acho que a harpa não se fez para tocar as músicas de hoje. A sua voz é de

muito longe. Fica bem a dar umas notas de oiro, no meio de uma orquestra. O mais, é violência.

Vasco, aproximando-se, concordava com aquele modo de ver, mas não era motivo para não fazer a vontade às senhoras. Ele juntava à de todos, a sua petição . . .

E foi no meio desta insistência invencível que Benedita, muito embaraçada, muito nervosa, interpretou na harpa um *lied* de amor, em que se ouvia soluçar um crepúsculo saudoso.

Sôbre a dor dêsse sonho trémulo, dissolvendo-se e renascendo nas últimas frases da harpa, a festa ia esmorecendo, emquanto da Serra descia o silêncio húmido e opaco dessa noite de Novembro.

Antes da despedida, o Dr. Valadares fazia prometer a Vasco que iria jantar com êles em dia de Natal. E até lá, quantas vezes quisesse.

Vasco, agradecendo, lastimava-se de não poder oferecer-lhes a casa, a menos que quisesse sepultá-los em montões de

lixo. Andava o cáos no Ingarnal: carpinteiros, caiadores, pedreiros eram os senhores daquele domínio.

Ele tinha lá um quarto, por favor...

D. Maria do Carmo, maldizendo as obras, antes de concluídas, dizia-lhe:

— Depois de àmanhã, devemos passar-lhe à porta, a caminho das Sesmarias.

— Nesse caso, se se quiserem aventurar... Até lhes agradeço, para pedir às senhoras alguns conselhos práticos. Casa de homem só...

Benedita, relembrando outra vez a sua gratidão pelo *lindo presente do leque*, entregava-lhe um viçoso ramo de rosas em botão que depois do jantar fôra colher, e acrescentava:

— Abrem em água, como se estivessem na roseira. Ouvi-lhe dizer há pouco que não tinha lá flôres...

— Muito e muito agradecido. Eu gosto imenso de rosas. Nêste tempo, a Paiágua, cá na serra, é um milagre de jardinagem. Mil vezes obrigado.

Pela estrada, quando se aproximavam do Ribeiro d'Ordem, Vasco, ao lado do padre Januário, caminhando na sua *Pomba*, muito embrulhado, contou-lhe o conselho que dera à Carolina Lapa e expôs-lhe os seus receios de ter consultado mal.

O padre Januário, possuído do caso, declarava que, à face da moral teológica, o que se dava, dava, e que a rapariga não devia deixar a casa, senão à força.

Mais afoito com esta concordância, Vasco, desoprimido, sentiu-se capaz de gracejar:

—Apósto que o padre Januário já pensou alguma vez em me casar com a Benedita?

—Tinha-os agora a ambos no pensamento. Tem graça! E para lhe dizer toda a verdade, essa é a última ambição da minha vida.

—O padre Januário está trágico!

Não pense mais nisso! Eu sou um filho do século, com todos os defeitos que fariam

a infelicidade de uma rapariga simples, como esta. Deus lhe dê melhor sorte, coitada!

— Se assim estiver escrito . . ., insistia o padre.

— Depois, bem vê, houve essas coisas com meu pai. Era mesmo ridículo: o namôro numa geração, o casamento na outra . . .

Padre Januário que julgava conhecer o coração humano, calava-se, para melhor defesa do seu propósito.

— Talvez já fôsse imprudente esta ideia de lhe levar o leque . . .

— Não se arrependa. Não se assuste, sr. Doutor.

Os Valadares são inteligentes e muito escrupulosos. Acredito que recebessem bem êsse projecto, mas são incapazes de qualquer excesso, da menor precipitação. Depois, estão seguros de que não faltarão à filha bons pretendentes . . .

Moderando o seu receio, Vasco calava-se. Na humidade da noite, o tropel da

sua passagem punha em alarme os cães dos bardos, e dali a pouco entravam ambos em silêncio, pelo portão do Ingarnal.

Depois, para aquietar escrúpulos, mal seguro ainda do bom êxito da sua estreia de advogado, foi logo ao escritório tomar uma nota para escrever a Jorge Cabral, pedindo que lhe mandasse de Lisboa o Código Civil.

No dia seguinte, à sobremesa, Antónia apresentava-lhe risonhamente uma surpresa de arroz dôce, num grande prato em que Vasco logo reconheceu o exemplar de faiança seiscentista que na Paiágua fôra encontrar.

Desenhado a canela, nitidamente, o brasão dos Britos marcava ali o destino do dôce que Benedita preciosamente fizera.

Exaltando tamanha perfeição, a velha criada do Ingarnal atribuía àquela menina *umas mãos de prata;* voltando-se para o padre Januário, Vasco declarava o dôce, que saborosamente ia comendo, um manjar excelentíssimo, embora com muita pena

de estragar o desenho... O padre Januário, sentindo naquele arroz dôce uma mensagem oportuna, ia comentando que não poderia ter inveja à rainha das donas de casa quem apresentava assim aquele primor...

Quando, na tarde seguinte, os Valadares, de passagem para as Sesmarias, cumpriram o desejo de entrar no Ingarnal, Mateus conduziu-os para a saleta de espera, saíndo logo a chamar Vasco que andava nas obras, no outro lado da casa.

Nêsse instante, Benedita via abandonado sôbre o bufete, ao pé de um candeeiro amarelo, o ramo de rosas que lhe dera na noite dos seus anos.

Desceu nos seus olhos a sombra de um despeito amargo, traduzindo no destino obscuro dêsse ramo à indiferença com que a mão de Vasco lho aceitara na Paiágua, antes de montar a cavalo.

Em seu coração abafou a primeira dor, meditando sôbre aquelas flôres murchas e inúteis, em que a sua oculta flama

quisera mandar um sorriso de graça ao escritório de Vasco, para lhe tornar presente a sua lembrança.

Muito a tempo e por favor do acaso, Benedita ficava a saber que um vento de adversidade diluía a nuvem de oiro em que se ampliavam as asas da sua primeira ilusão.

Os Valadares, acompanhados por Vasco, deram volta a toda a casa, visitaram as obras onde ouviram expôr o plano completo da restauração para tornar habitavel a moradia dos Britos, evitando já, por uma intervenção rápida, um perigoso desabamento.

Tinham sido desentaipadas duas varandas com colunas de pedra e reabertas três janelas antigas, junto da tôrre; a face veneranda do solar rejuvenescia com o benefício dos melhoramentos.

Sem se demorarem, sem mesmo se sentarem, os Valadares já vinham andando, entre Vasco e o padre Januário, muito pesarosos ambos daquela pressa.

Benedita ficara para trás a receber o abraço da Antónia que subira ao corredor, afirmando-lhe ali a sua grande afeição, numa voz de sentido cruel:

— Ai! Minha menina! Tomara já vê-la dona desta casa!

Benedita estremeceu dolorosamente nos braços da velha Antónia, e, sem nada lhe responder, desprendeu-se dela, correndo para as escadas do pátio, descendo-as triste e humilhada intimamente, como se tivesse recebido na face uma bofetada ultrajante.

Limpa de dívidas, com as receitas inesperadas do Monte Queimado, a Casa do Ingarnal recebera na presença de Vasco uma aragem de alegria e de prosperidade.

Dia a dia, êle acompanhava e dirigia as obras da capela, ao mesmo tempo que facilitava ao Caronho, a conselho do Dr. Valadares, os meios de intensificar a produção da terra, arrancando moitas, levantando açudes, reformando paredes,

desbravando incultos. Curioso de novidade, decidira também alargar a sementeira do trigo, utilizando as vantagens de um método agronómico recente que na imprensa levantara ruído de esperança.

Ao mesmo tempo, exaltado agora pelo prazer da acção que até ali desconhecera, o primitivo plano de dar alguma vizinhança de vivos aos mortos de Santa Maria das Graças, ampliara-se numa bela ambição do seu espírito, com assentimento e júbilo do padre Januário, que agora vivia quási sempre no Ingarnal.

Vasco convencêra-se de que àquela terra, sagrada pela luz do milagre e pela presença de tantos despojos ilustres, não bastava dignamente o fumo dos lares de dois caseiros. O Vale das Graças continuaria a ser um ermitério.

Aquele domínio de mortos, tão vasto pela redondeza e coberto ainda de matagais virgens, merecia uma verdadeira colónia de povoadores, à maneira das éras afonsinas.

À volta de Santa Maria, o seu esfôrço empreendia erguer uma aldeia, concedendo, por aforamento, a quinze ou vinte famílias a terra necessária para a sua economia.

Nesta actividade foram passando as semanas e os mêses, entre a alegria dos criados e dos mais antigos trabalhadores da Quinta.

De vez em quando, Mateus, sentindo renascer naquelas paredes o espírito da grandeza passada, entrava pelo quarto do padre Januário, a lembrar-lhe que aconselhasse o sr. Doutor a *tomar estado.* Enumerando todas as meninas de haveres e tradição que chegavam ao seu conhecimento, o velho escudeiro do Dr. Afonso de Brito reservava para o fim a referência a Benedita Valadares, acrescentando:

— Uma riqueza e uma fidalguia destas precisam de um herdeiro!

Padre Januário, ocultando o seu pensamento na reserva de um confessor, consolava os cuidados do Mateus, afirmando-lhe

com segurança que *Deus lhe daria o que lhe tivesse destinado . . .*

Para certos arranjos modernos da casa, para comprar bem alguns utensílios de lavoura, era conveniente que alguém os procurasse em Lisboa.

Com o mês de Março entraram no Ingarnal as novas promessas do ano.

A luz era outra, erguendo-se todas as manhãs em estrofes de desejo nas árvores e sôbre a face das colinas. Os horizontes lavaram-se e ampliaram-se pela calmaria do céu. A terra queria florescer.

Sôbre a janela do quarto de Vasco, cruzou-se num beijo o primeiro casal de andorinhas, trazendo a Primavera no seu amor.

Foi então que Vasco de Brito fez as malas para ir a Lisboa.

IV

ENGANO LEDO E CEGO

I

GENTE DE SOCIEDADE

O encontro com Bernardo de Mendonça, logo ao terceiro dia da sua chegada a Lisboa, deveria facilitar a Vasco de Brito a penetração acolhedora naquele repetido grupo de famílias que os registos dos jornais, com toda a convicção, alcunhavam de sociedade elegante.

O tempo de formatura em Coimbra, o exílio de sete anos, a dispersão que as perseguições da política ocasionaram, obrigando muitas famílias a abrigar-se nas suas moradias provincianas ou a procurar

no estrangeiro a ventura da quietação, reduziam Vasco a uma pessoa estranha nos círculos mundanos de Lisboa.

No dia seguinte ao da récita de caridade no Teatro Olímpia, onde conhecera Mariana de Sampaio, Vasco foi almoçar a casa de Bernardo de Mendonça, ao Campo de Sant'Ana, reatando-se nos primeiros momentos de convivência aquela familiaridade que tão intimamente os unira, quando por Coimbra, nas longas aulas e na inspiração das mesmas ruas, ambos se armaram para sempre cavaleiros da ilusão.

Logo depois do almôço, Bernardo, Vasco, Elisa de Mendonça e Miss Dryden entraram no automóvel, a caminho do *tennis* do Dr. Borges de Matos, à Estrela, onde um grupo de jogadoras se exercitava agora para o concurso da Primavera.

E mal o portão se abriu para o pátio calcetado, logo se revelou a Vasco, através da alta rêde, ágil e alegre como ave

gloriosa, a figura ondeante de Mariana, uma bóina côr de vinho a conter-lhe o turbilhão dos cabelos sôbre a fronte, jogando a sua partida e mandando furtivamente para os que chegavam a saudação do seu riso claro.

E sob o coberto branco, onde mais três pares de jogadores esperavam o seu momento, Vasco foi apresentado às raparigas por Elisa de Mendonça, que vaidosamente o conduzia à admiração e convivência de Teresa Borges de Matos, de Delfina Fontoura, de Helena Maldonado, de Leonor da Cunha, de Francisca de Almada.

Reproduzindo com sinceridade as palavras do irmão, Elisa de Mendonça ia procurando impôr, em apreciações de segrêdo a todos os amigos, a superioridade de Vasco, quando êle, após os cumprimentos, se afastou com Bernardo até ao meio do corte.

Como informação decisiva, êle era, no conceito de Elisa, o rapaz de mais talento do curso de Bernardo.

Delfina Fontoura foi a primeira a explodir em desdém:

— Ora, e não me dirão para que serve toda essa treta? Talvez para lhe dar a prôa que o faz tão importante, não?...

Medindo-lhe a figura distinta e calma, Leonor da Cunha comentou:

— Pinoca vem êle! Não sei lá para quem se arma...

Helena Maldonado, julgando poder denunciar Elisa, exprimiu-se numa lástima irónica:

— O pior é para o António Saldanha, coitado! Tanta poesia para isto!

As outras riam, emquanto Helena continuava:

— Eu cá, dêstes rapazes que chamam muito inteligentes, não tomo nada.

Não sei falar difícil. Quando topo algum pela prôa e lhe olho para as ventas, meto-me em copas. Dão-me ideia de que estão sempre à espera de contarem os êrros que a gente fazemos.

Elisa de Mendonça, no meio da curio-

sidade espreitante das amigas, defendia-se: apenas conhecera Vasco na véspera, do teatro. Era o que dizia o irmão...

Prendendo-se ao recurso desta lembrança, procurou o desvio de um assunto novo:

— E a propósito, que sabem Vocês do resultado da récita?

— Houve uma perca de duzentos mil réis.

Não chegou o ganho para a despesa, informou Francisca de Almada.

As outras juntaram-se numa concordância desdenhosa:

— Boa vai ela! Pode limpar as mãos à parede!

— Feze-a fresca!

— Os afogados, se fome tinham, com mais larica ficaram!

— Não vai o tempo para rapiócas!

No tumulto malígno das vozes, interveio por último Helena Maldonado:

— É bem feita! Queria meter figura à borla!... Agora puxe pelos cordões e aguente-se no balanço!

Por entre a gargalhada ruidosa de todo o grupo, ouviam-se comentários de conclusão satisfeita:

— Apanhaste um bom pinhão, querida Virgínia!

— É bem feita!

Bernardo e Vasco conversavam com Joaquim Borges de Matos que lhes expunha o projecto de transformar a entrada, facilitando o acesso de carros. Também era preciso levantar mais o muro e cobri-lo de trepadeiras. Bernardo, confessando em lisonja, que ficaria ali um *retiro simpático e aconchegado,* perguntava:

— E o pai Domingos concorda?

— Sim, já até deu as ordens. Mas estas obras são comigo e com a Teresa.

O *tennis* está a ter muita gente; é uma necessidade arranjar isto.

— O da Palhavã fica realmente longe, muito fóra de mão. É quási preciso fazer testamento. Sobretudo agora, em que a gréve dos eléctricos é permanente...

Em silêncio, enlevadamente, Vasco dei-

xava prender os olhos nos movimentos de Mariana, a toda a ondulação das suas curvas, dobrando-se ao extremo equilíbrio, suspendendo-se e arqueando a linha das espáduas na graciosa leveza dos saltos, para quebrar o vôo rápido da bola sôbre a sua cabeça.

A jogadora, que se sentia observada e admirada, inconscientemente ia realizando sucessivas criações de formas: era uma escultura viva, capricho de tentação, como se dentro dela o sôpro oculto de um génio fizesse palpitar os mais íntimos relevos, confessando-se em desejos, na sedução quente da sua carne de açucenas e morangos.

Naquele instante, Vasco desconhecia-se, admirava-se de si mesmo. Na absorção do seu enlêvo, parecia-lhe que o encanto de todas as mulheres que conhecera vinha refluir, através da sua memória exaltada, na perfeição, na elegância nobre de Mariana de Sampaio.

Aos olhos do seu desejo, os movimen-

tos da adolescente irradiavam uma embriaguez de volúpia, mas acompanhava-os uma certeza triste, a contrariedade do efémero . . .

Quando saíu do corte, abrigando-se no *sweter* que a mãe lhe estendia, os dois rapazes aproximaram-se; as faces de Mariana tingiram-se de rosa na excitação do jôgo, e, ao falar-lhes, a respiração ansiada erguia-lhe os seios por baixo do corpete, em ondulações espumosas de renda.

Perto dela agora, Vasco perdera a facilidade de expressão que era o maior encanto da sua conversa.

A sua admiração era enleada, silenciosa, traída em palavras banais de cumprimento, procurando interessar-se pelo estado dos jogadores, pelos nomes dos últimos campeões de Lisboa.

Mariana respondia, nas vagas côr de rosa do seu cansaço, num sorriso loiro e brando.

Sentindo as fontes bater-lhe com mais ímpeto, ao calor da cabeça, Mariana ergueu

os braços, simétricamente, ç sno uma cariátide, para se libertar da bóina de lã, e fez-se a revelação da polpa rósea dos seus braços, até à intimidade da axila.

Depois, andando já na sombra das olaias floridas, o seu joelho, rompendo a marcha cansada, vivamente avultava sob a saia fina e branca que descia do anel da cintura em graça nobre e antiga.

Como um feiticeiro de milagres, o Sol foi aclamando a sua beleza em scintilações de rôxo e oiro, até um talhão de relva, onde Mariana se recostou entre as outras jogadoras, espreitando.

Do grupo onde se prendera Elisa de Mendonça vinha agora um rumor de alegria, cercando uma figura de andrógino, bem trajada de preto, ao capricho impertinente das curvas. Era uma adolescência tenra, espartilhada, docemente cativa de fatalidades de herança e de vício, com seus olhos de esmeralda, líquidos, distantes, derramando ardores de súplicas e promessas secretas.

No meio dessas raparigas estouvadas, a presença do Luísinho Soares, que todas por instinto, e sem favor, consideravam inofensivo, oferecia-lhes sempre o interêsse misterioso de uma contradição.

A rima dos seus gestos com o sorriso de estudo convidava as raparigas a olhar para êle detidamente, a admirá-lo com inveja, copiando-lhe certas palpitações vermelhas da boca, os movimentos incoordenados do tronco. Dando louvores de sinceridade à sua elegância, consultavam-no proveitosamente sôbre o último receituário da beleza.

Luísinho Soares, no seu alto desdém por todo o motejo, exemplificava com êxito a excelência da farmacopeia de seu uso. Observando a sorrir aquele modêlo de beleza de instituto, Teresa Borges de Matos atrevia-se a perguntar-lhe:

— Luísinho, que perfume usa agora?

A voz fina e cantada de Luísinho Soares escandalizava-se docemente:

— Essa pergunta!... Uma pessoa ele-

gante não usa um perfume; serve-se dos perfumes, como das gravatas ou das *toilettes*.

Erguendo o seu pescoço alvo e recurvo, Helena Maldonado pedia:

— Então diga lá. Pelamo-nos por saber essas coisas.

— Claro que, para escolher ou, antes, para impôr um perfume, concorrem o estado do tempo, a luz, a natureza da distracção que nos espera e até as pessoas com quem tivermos de nos encontrar.

Inteligentemente, Delfina Fontoura, muito chegada a Luísinho Soares, aplaudia:

— Com certeza! Não se leva para um baile o mesmo perfume com que na quaresma se vai à confissão.

— Olha a novidade! Já toda a gente sabia isso! diziam as outras.

Luísinho continuava a preleccionar:

— A Delfina tem razão: a caça, uma regata, um assalto de esgrima, exigem

uma alma diversa da de um concêrto de câmara, de um almôço diplomático, de uma visita de amor . . .

Todos se calaram, inabalavelmente convencidos.

Leonor da Cunha, que era roliça, pedia uma consulta redentora.

— Sabe alguma coisa para emmagrecer?

— Receita clássica para todos, os sais *Clark*. Ainda não encontrei melhor. Dissolvem-se na água do banho.

— E marcas de pó de arroz? perguntava Elisa de Mendonça.

— Isso, tem *Malacéine*. É admiravel. Ou, então, *Teindelys*. Muito subtil, aderente, e dá óptima carnação.

Teresa Borges de Matos insistia:

— Mas o seu perfume de hoje, qual é?

— Uma composição recente. Essência de frutos de Ceilão. Chama-se *Aromina* . . .

Afastados do grupo, mas atentos, Vasco, Bernardo e Mariana tinham ouvido toda a lição, agora interrompida subitamente pela

entrada no pátio de uma figura nova. Era Oscar Nunes, filho de Isaura Nunes e de seu marido.

Apresentava-se um mancebo nédio, bem barbeado e lustroso, olhos pestanudos e maxila preênsil, que de longe voltejava Elisa de Mendonça, desde que no Estoril a vira numa gincâna de automóveis.

A tolerância dos Borges de Matos com a família Nunes derivava de ligações de interêsses. O Manuel Nunes, pai de Oscar, era empreendedor. Fundara a companhia de seguros, *A Progressiva,* montara uma fábrica de peixe em Setubal e tinha na praça uma grande rêde de influência, através dos ministros e dos políticos.

A esta aragem de prosperidade dobrou-se benevolamente o aprumo escrupuloso do antigo par do Reino, cujo nome circulava em anúncios e impressos comerciais, aliado ao do Manuel Nunes, que fôra vogal do directório do seu partido.

Ao encontro de Oscar foi logo Borges de Matos, filho, apresentando-o a todo o

grupo. Houve um silêncio de desdém artificial.

Luísinho Soares, à sua vez de receber a apresentação, nem olhou para o Nunes.

No mesmo instante, Mariana e a mãe despediam-se. Vasco via desaparecer por debaixo das árvores em que madrugavam rebentos a mancha branca e azul da figura de Mariana, com a *raquette* na mão.

Bernardo inquiria da irmã e de Miss Dryden se precisavam do carro.

Elisa alegava a necessidade de dar umas voltas, acrescentando:

— Mas pode ir deixá-los a qualquer parte.

— Não é preciso. Iremos andando, ao acaso dos bons encontros, dizia Bernardo.

Percebendo que os dois rapazes se dispunham a saír, Teresa Borges de Matos aproximou-se amavelmente:

— Então já?! Depressa se aborreceu de nós, sr. Vasco de Brito.

— Oh! minha senhora, não me calunie!

— Gostava que conhecesse o pai. Êle deve estar aí a aparecer.

Joaquim Borges de Matos vinha em apoio da irmã:

— O pai não deve tardar. E é muito cêdo!

Vasco e Bernardo agradeciam. Teresa insistia:

— Demorem-se mais um bocadinho. Deixem lá hoje as elegnâcias do Chiado! O Bernardo é o que o arrasta, não é? O que Você precisava!...

— Eu?! Êle é que me põe a cabeça à roda! Se você soubesse...

Vem lá dêsses *Parises,* dos requintes...

— E qual a sua impressão de Lisboa? Depois de tanto tempo...

— Até agora não pode ser mais agradável.

— Deixe lá as amabilidades. Isto mudou muito. Eu não me lembro, mas toda a gente o diz. Deve causar-lhe surpresa, esta coisa por cá...

— Admiração. Por emquanto, tenho

admirado tudo e muito, com a sinceridade ingénua de um serrano que hoje sou. Há meio ano que vivo no mato, como um selvagem.

Bernardo acudiu logo:

— Não é bem isso: como um náufrago, enjoado de civilização. Assim é que é.

Calculem Vocês que até se mete agora a construtor de cidades, como os heróis gregos.

Esta revelação sacudiu todo o grupo num grande pasmo. Vasco, sorrindo, esclarecia:

— De cidades; não. Sosseguem, que não vou erguer Tebas ou Cartago. Já cheguei fóra de tempo... Simplesmente quero povoar de colonos uma charneca. Levantar umas paredes e abrigar à roda do lume uma dúzia de famílias do povo.

Elisa de Mendonça, em voz baixa, ia informando as amigas de todo o projecto que ouvira durante o almôço. Estava já convidada para a inauguração.

— Mas deve levar ainda muito tempo,

essa coisa... essa ideia, conjecturava Teresa.

— Não. Andam a construir as primeiras casas.

Conto inaugurar a aldeia no último domingo de Maio.

— Dêste Maio que vem?

— Sim, daqui a dois meses, pouco mais. Uma pequena festa religiosa, a benção e a missa.

Elisa, animada com a lembrança do projecto que ouvira, comentou:

— Deve ser muito interessante!

Voltando-se para as outras jogadoras, menos atentas ao Luísinho Soares, Vasco dizia-lhes:

— Se me quiserem dar o prazer de assistir...

Ficaria a cerimónia elegantíssimamente honrada.

Nesse grupo claro e viçoso, houve sorrisos de agradecimento e desdém.

Delfina Fontoura concedia:

— Aquilo ha de ser engraçado!

—Ha de ter muito *chic*, assim a primeira missa numa aldeia nova, dizia Teresa.

Helena Maldonado, nos bicos dos pés, com a *raquette* em pêndulo, prometia:

— Se me deixarem ir, eu cá vou.

Adoro estas fançanatas.

— Depois combinaremos, rematou Bernardo.

E seguindo o seu propósito, tomou o braço do amigo a caminho do portão.

Despedindo-se de Vasco, Teresa dizia-lhe, ao lado do irmão:

— Espero que não se tenha maçado muito. E que não seja a última vez...

Leonor da Cunha que se mantivera sempre calada, mal a porta se fechou pesadamente sôbre eles, voltou-se para os companheiros:

— Apósto quanto quiserem, se êste diabo não está lirú.

Luísinho Soares, registando a frase de espírito, a única daquela tarde, torcia molestamente no prazer do riso o seu tronco arredondado e tenro.

E sôbre o triunfo que se lhe traduzia no aplauso das raparigas, no meio delas ficou, inofensivamente, continuando a pontificar na sua falinha arrastada e gemedora.

Duas semanas depois, celebrando as suas bodas de prata, os Borges de Matos recebiam. O grande palacete da Estrela, com suas nove varandas de pedra, abria-se amplamente, pela primeira vez, desde 1910, ainda na mal segura confiança de que a populaça não insultasse à esquina os convidados e não atirasse pedras aos vidros.

Com bastante antecedência, chegara à mão de Vasco o convite para essa festa.

Na mesma tarde em que pela primeira vez entrara no *tennis,* Bernardo apresentara-o ao Dr. Borges de Matos quando desciam do eléctrico, à porta da Havaneza, onde o antigo par do Reino era certo, procurando o boato político. Nesse instante, por justiça dos seus sentimentos e convi-

cções, o Dr. Borges de Matos deixou passar nos olhos e na fala uma grande saudade pela boa camaradagem que sempre mantivera com o conselheiro Miguel de Brito, recordando alguns episódios da sua vida política que lhe *faziam honra* . . .

Para a festa dessa noite não se estudara programa, anunciavam-se surpresas que andavam na bôca de todos: o Dr. Soares de Carvalho fazia uma palestra, Virgínia Brandão recitava, o poeta Amadeu Guimarães dizia versos de um livro em que trabalhava, torturadamente.

Mas, para Vasco, entre o pitoresco que já pressentia, o único interêsse sério da noite era a esperança de ouvir cantar Mariana de Sampaio.

Ela mesma lho dissera uma tarde em que por acaso a encontrou com a mãe, no *Rendez-vous des Gourmets*.

Revelando esta promessa e espiando nos olhos de Vasco a luz do contentamento, Mariana informava:

— Cai lá o poder do mundo! Os Bor-

ges de Matos não recebem há muito. Verá, que enchente!

— Para aplaudir a sua voz, não serão bastantes todos os convidados.

— Mas quem lhe falou na minha voz?...

A Elisa, com certeza!

— Lá irei também, devotamente, cumprir o meu dever.

— Olhe, se me der palmas, já lhas agradeço.

Ao menos terei um ouvinte e um juiz consciencioso...

A mãe Sampaio levantava-se. Mariana, tomando de sôbre a mêsa o seu saco de contas, ageitava-se dentro do vestido aberto, côr de alfazema sêca, e a sua figura, erecta como a de uma Vitória, acolhia no mais prometedor semblante o enleio que trasbordava dos olhos de Vasco.

D. Clara de Sampaio oferecia-lhe a casa — o marido teria o maior gôsto em o conhecer. Á noite, em geral, estavam sempre. E podia telefonar a saber. Vasco agradecia, trasbordante de ventura.

No ruído da recepção na festa dos Borges de Matos, encostado a uma porta em companhia de Bernardo de Mendonça e António Saldanha, Vasco via agora passar à luz do salão estofado a verde, os felizes convidados que se atropelavam por entre móveis lustrosos e grandes vasos de flôres.

Mal fixando os olhos no turbilhão reluzente, Vasco pedia aos amigos:

— Vocês teem de servir-me de cicerone, nesta selva, no meio de tão preciosas pessoas e coisas . . .

— Para isso viemos, para servir Vossa Alteza estamos! dizia Bernardo.

Neste momento, avançava em sua totalidade, um homem alto, cabelo branco dos anos, sua barba aparada em cunha, seguido de sua esposa, em estilo baroco, dama que todos juravam virtuosa, ladeada de duas donzeletas, frisadas em caracóis negros.

Bernardo elucidou:

— Aí tens, o juiz da Relação, Graça

Simões, com a desgraça da família que lhe pertence, por toda a eternidade.

— Agora! Agora! dizia António Sadalnha.

— Ah! Condessa de Reveles, sacerdotisa de Afrodite, afastada do serviço efectivo do culto, por artes de Mercúrio...

Vasco, sorrindo, dizia o seu receio:

— Fala baixo, Bernardo. Pode ser uma imprudência!

No rodopio dos cumprimentos que envolviam D. Maria José Borges de Matos, passou solenemente o vulto do conselheiro Luís Vidal, cuja voz ia dominando o tumulto da sala:

— Seja por muitos anos e bons! E que cheguem às bôdas d'oiro, metal mais raro e mais precioso...

Ao esbôço de um gesto interrogador de Vasco, Bernardo fez a apresentação.

— O conselheiro Luís Vidal, sobrinho da Carta Constitucional, compadre da República, apóstolo da Liberdade, escravo do Amor, idiota permanente.

— Basta! Basta! Não é da Academia das Sciências? Não tem a Torre e Espada?

António Saldanha concluía:

— Aí está uma injustiça a reparar, numa campanha altiva e nobre. Forçaremos para êle as portas da Academia, rapazes!

A seguir, vinham caminhando a par as irmãs Baptistas, D. Maria do Céu Abrantes, os Vianas d'Almeida.

E atrás deles, ondas de convidados de quem já era impossível fazer as apresentações.

Interessadamente, Vasco começou a observar os móveis, socorrendo a sua miopia com um monóculo discreto, emquanto António Saldanha se juntava a Elisa de Mendonça e Bernardo era atraído para a sala do jôgo.

Parando junto de um contador indiano, em dois corpos, servindo de cariátides quatro Budas de marfim, D. Maria José vinha perguntar-lhe, muito satisfeita:

— Gosta dêste contador?

Em surpresa, Vasco voltou-se:

— Imenso! É uma linda peça.

— Temos ali outro, no escritório. Há quem o prefira a êste. Quere vê-lo? Não se maça?

— Oh! minha senhora! Muito lhe agradeço.

D. Maria José, tomando o braço de Vasco, com êle saíu da sala, entre olhares curiosos e deferentes. As damas mais atiladas pensaram que seria Vasco o futuro genro do Borges de Matos.

Outros queriam saber quem era aquele rapaz, tão fino...

Quando tornaram à sala, depois de uma volta por toda a casa, com a precipitação do Dr. Borges de Matos o programa começara a cumprir-se. Sôbre o silêncio abafado do salão, em cujos tetos avultavam alegorias de Pedro Alexandrino, ainda puderam ouvir a voz de Virgínia Brandão nos últimos versos de um soneto:

. . . . . .

. . . . . .

Mal que por nenhum bem nossa alma troca:
Chama brilhante que arde e não sufoca,
Fogo de amor louco, vivaz perfume!

Sentir no coração, brasa de lume,
A sêde eterna de sorver sua boca,
Neste desejo a vida se resume . . .

As palmas abafaram o último verso.

D. Maria José correu a felicitá-la. António Saldanha, junto de Vasco, ia dizendo, por entre dentes:

— *Matroca!* Á matroca deixas tu os versos! Você não reparou nisto?

Do meio do salão, ouvia-se poderosamente o parecer do conselheiro Luís Vidal:

— É um belo soneto de amor! Intenso, moderno! Bravo! Bravo!

— Magnífico! É magnífico! aplaudiam vozes anónimas, rodeando a autora.

D. Maria José perguntava-lhe como se

chamava o soneto. Não ouvira o título. A poetisa elucidou:

— *Amante!*

— Não foi publicado?

— Não. Ainda não.

— Se me quisesse mandar uma cópia, agradecia-lhe.

— Oh! D. Maria José! Não vale a pena, mas cumprirei as suas ordens!

Nesses catorze versos, eu quís apenas tentar definir o que todas sentimos, o anseio da mulher que ama e espera, o fogo do coração apaixonado...

O Dr. Borges de Matos ousava dizer:

— Qual será o ditoso homem que mereça tal primor?... É belo! É belo!

Virgínia Brandão sorria:

— Segredos de nós mulheres que os senhores nunca souberam nem saberão compreender...

Foi nesta altura que o poeta Amadeu Guimarães fez avançar o seu monóculo e o seu cumprimento:

— Este soneto, minha senhora, não

podia deixar de ter sido inspirado em Gaspara Stampa, essa grande intérprete do amor, naquele seu verso célebre:

Vivere ardendo e non sentire il male!

Virgínia Brandão sacudia-se de surpresa.

Em toda a roda correu um sôpro de enfado.

A poetisa não conhecia Gaspara Stampa, nunca lhe lêra um verso.

O Dr. Soares de Carvalho, que até ali ficara calado e rendido, como um devoto secreto, sentiu doêr-lhe na alma a humilhação que o poeta Amadeu preparara à autora do soneto.

Então, interveio com vivacidade:

— Creio, por minha parte, que não há paridade alguma ou mesmo possível confronto que possa motivar uma insinuação...

— Mas eu...

— Perdão! O sr. Amadeu Guimarães

dizem que é um poeta. A sr.ª D. Virgínia Brandão é uma poetisa. A sua inspiração, o seu estilo, ninguém de boa fé os pode pôr em dúvida.

A sua consagração está feita nas salas da capital e na imprensa de todo o País.

— Mas eu... quero... Eu...

— Agora, dê-me licença. Estamos aqui à boa paz. O sr. Amadeu Guimarães, que deixou os códigos pelas letras, não póde negar aos outros que cultivam códigos e letras o direito de livre crítica. Os livros estão escritos, a luz do espírito é Deus que a dá e não os cosméticos dos barbeiros!

Nêste momento, o Dr. Borges de Matos puxava conciliadoramente pela casaca do seu ilustre amigo.

Virgínia Brandão sentia-se desoprimida, e naquele transe amou profundissimamente o Dr. Soares de Carvalho.

O poeta Amadeu que trouxera para recitar o seu poemeto — *Dor de Narciso,* vergava humilhadamente ao efeito de tão desastrada petulância. Mas, num recurso

de audácia, ergueu a voz, inclinando logo a fronte, teatralmente:

— Peço perdão a V. Ex.ª, minha senhora, mas que não mo aceite o seu procurador...

— Oh! seu idiota! Lá fóra ajustaremos contas!, ameaçou Soares de Carvalho, com os óculos a scintilar de fúria.

O alvorôço ampliou-se em toda a sala, acordando em muitos a prudência:

— Scht! Scht!...

Sem nunca perder o seu momento, o conselheiro Luís Vidal deixou caír entre os contendores o gesto da sua grossa mão, como benção de paz:

— Tudo isto são liberdades poéticas! Vamos lá, ó Dr.! Por quem é!...

Todos riram. Virgínia Brandão já sorria, na sua palidez indignada, e os rumores finais da tempestade escoavam-se em murmúrios pelos corredores.

Vasco, que assistira, mudo e quêdo, a toda aquela demonstração, voltava-se para António Saldanha:

— Mas esta mulher não tem marido?

— Está lá dentro, a jogar. Como a literatura não é dele, é dela...

Bernardo, que vinha regressando, esclareceu logo:

— E casaram com a separação de bens passados e de males adquiridos...

Vasco contou-lhe em poucas palavras o motivo daquela agitação que êle ainda não tinha compreendido. Bernardo concluia:

— Bem te dizia eu! Isto é brilhante!

— E êsse poema — *Dor de Narciso,* já o Amadeu mo impingiu uma tarde no Grémio. Perdi lá três horas a ouvir a leitura e a receber a iniciação do símbolo.

— Qual símbolo? inquiriu Vasco.

— Êle mesmo. *Dor de Narciso* é a tortura da perfeição que não se póde amar a si mesma e que, para ser o que é, tem de se deixar amar pelos outros. A novidade do Amadeu consiste em transpôr o velho mito do reflexo nas águas e, portanto, da ilusão clara, para a realidade dos sentimentos e das fórmas.

Bernardo, abrindo muito os olhos, exclamava:

— Isso deve ser literatura de amor para solitários. Cá por mim, não entendo.

— Eu também não, sorria Vasco que nêsse momento via entrar Mariana de Sampaio, ao lado da mãe.

— Vem linda, pensou êle.

Abandonando os amigos, Vasco foi logo ao encontro de Mariana, cujo olhar se inquietava ao longo da sala, sem o ver.

Com surprêsa, êle aparecia-lhe pela porta do fundo, junto do piano.

No sorriso em que o recebeu, Mariana justificava-se de chegar um pouco tarde. Tinham tido gente a jantar. Uns maçadores!

— Uns tiranos! dizia Vasco.

— Como quiser... Eu já estava tão arreliada...

— E eu tão inquieto!

Sem saber de onde, Vasco sentia que irradiava de Mariana um esplendor novo. Nessa, noite ela pusera maior cuidado em

avivar na face a frescura da sua mocidade; com um leve traço negro afundara os olhos; e, para promessa de sedução, a rosa da sua bôca floria em sangue de cinabro.

Os cabêlos, flamejando à luz, deixara-os irrequietos e fôfos; a brancura transparente da pele morria na doçura lilás de um vestido gracioso e amplo, em que se disfarçava a maravilha fragante da sua adolescência, fulgurando-lhe nas extremidades as scintilações dos bordados a prata.

Para dissipar o seu despeito de instinto, Teresa Borges de Matos ia junto de Bernardo perguntar-lhe — se não ia acudir ao amigo, salvá-lo...

— Então êle afoga-se?

— Mas queima-se, com certeza! Olhe para aquilo. É um embasbacamento!

— Dele, dela ou de ambos?

— Dele, homem! Você não vê? Toda a gente já reparou, menos Você.

— Já agora, hei de morrer ingénuo. Eu só percebo as coisas que me dizem, e não são todas...

— Pois basta abrir os olhos...

— E se êles os abrem também e nos descobrem nêste *tête-à-tête* sentimental que até parece um *coeur à coeur?*...

— Sempre estás com uma febre!...

E dali se foi a perguntar a António Saldanha, só e tristonho, vendo agora o Oscar Nunes a conversar com Elisa de Mendonça, — se queria que o apresentasse a algumas raparigas, acrescentando com intenção:

— Para se consolar. Olhe que tristezas não pagam dívidas...

— Muito agradecido. Como não sei dançar, bem vê...

— Não sabe?! Pois já teve muito tempo de aprender!

— Impossível. O talento é pouco: não me chega até aos pés.

— Ai! êle é isso?... Que bonito!... Êstes poetas! Aposto que Você está mortinho por ir recitar. Talvez disparando um soneto lhe acerte no coração...

Eu já vou dizer à mamã que lhe peça.

— Pelo amor de Deus! Fujo, suícido-me ou salto para o telhado. Não faça isso, Teresa!

— Bem, bem! Sossegue lá o mau humor. Para bernarda poética, já basta a que foi.

— Deu tudo em prosa.

— Melhor assim. Veja lá que sarilho se podia aí armar!

Quando acalmaram os comentários, D. Maria José sentou-se ao piano. As primeiras notas de ensaio caíam já na atenção deferente de quantos esperavam.

Mariana de Sampaio avançava para o meio da sala, torcendo nas suas mãos brancas e longas, um lenço de rendas. E voltando-se para o piano:

— Quere *Lust?*

— Sim, êsse! dizia D. Maria José, abrindo num caderno de Schumann o *Frülingslust.*

E então a voz de Mariana, desferindo lenta na saudade de si mesma, foi cortando com frescura o silêncio opaco das respirações, abraçando-se à música com

a puresa e a candura de duas irmãs que caminham num prado florido.

Senhora de todos os impulsos, bem colocada, essa voz que Vasco não conhecia, derramava a carícia das suas inflexões quási infantis, nas almas e nos corações, dôce, cheia de cadências, ágil como onda de perfume, leve como asa de luz, alma do próprio som, vida da própria alma.

Os últimos suspiros do piano esmoreciam e rolavam nos corações como escravos mansos que pedissem abrigo, flutuando ao mesmo encantamento que continuava a descer dos olhos, da bôca vermelha e fremente de Mariana.

Aprumada em suas linhas de ânfora, solene como uma deusa, a doçura lilás da sêda abraçando-lhe em carícia o contôrno da perna — assim a cantora se calava, para que a festejasse a exaltante sinceridade de todos os ouvintes.

D. Maria José levantava-se do piano a beijá-la, dando-lhe a mais autorisada sagração da sua alma e do seu carinho.

Mariana pediu-lhe então que cantasse. Convidou todos a que lhe pedissem também; e não houve pretextos nem desculpas diante da imposição rumorosa de toda a sala. Então a dona da casa, vencidamente, decidiu-se a cantar, ao acompanhamento de Mariana, uma canção de Borodine.

Na ante-sala, o sexteto esperava a hora do baile, e a mocidade, no ardor dos seus desejos, protestava em disfarce contra a demora.

Depois de aplaudida com a sanção consagradora do conselheiro Luís Vidal, que declarava ver *a sr.ª D. Maria José tão nova e formosa, como faz hoje vinte e cinco anos*, a dona da casa ia ocupar-se de Isaura Nunes, esquecida entre duas poltronas, ao fundo da sala.

Como não conhecia ninguém, D. Isaura olhava aquela confusão rutilante, sentindo que às vezes examinavam de passagem o seu ser estranho.

Por alguns minutos, a esposa do antigo par do Reino e a filha do cangalheiro de

Sam Bento proveitosamente conjecturaram sôbre os negócios em que os maridos eram parceiros.

D. Isaura, a um cumprimento ao grande colar de pérolas que se lhe enterrava nos refegos da pescoceira, desdenhava sinceramente os cincoenta contos que por êle pagara em Madrid. Com saborosa ufania, declarava a D. Maria José o preço de um par de leitos, informando que o automóvel que agora encomendaram, havia de ter cem cavalos.

Acomodando-se com mais solidez na cadeira, acrescentava em despeito orgulhoso:

— As outras não são mais ca mim.

D. Maria José comprazia utilmente:

— Pois, de-certo. De-certo. As coisas pagam-se com dinheiro e quem o tem é que o deve gastar.

D. Isaura, vendo-se compreendida, animava-se:

— Sempre assim ha de ser, emquanto o mundo fôr mundo.

António Saldanha e Bernardo de Mendonça fixaram-se no apreço com que estava sendo recebida Isaura Nunes, achando indecorosa semelhante intimidade.

— *Business is business...*, dizia Bernardo. Tudo se vende, amigo, a consideração, a honra, a vergonha. E quási nunca o negócio é lucrativo para quem compra...

António Saldanha esclarecia:

— Mas o marido daquela tartaruga pertence a um dos partidos republicanos.

— Se pertencer, queres melhor razão de crédito comercial? De maior facilidade em vencer obstáculos?

Como fôsse passando ao lado do Dr. Borges de Matos o antigo deputado Cândido Martins, logo Bernardo observou:

— E êste? Não é um *adesivo* pomposo que não perde as suas ligações antigas?

— Sim, êle foi já na República ministro das Colónias ou de qualquer coisa. Parece que o toleram, porque êle não é republicano a valer. E protegeu muito os monarquicos, presos no último movimento.

— Farça, amigo! Tudo isso é farça. O que não há é respeito pela própria dignidade. Deixa-me agora falar um momento a sério. Mas olha que eu penso que os republicanos devem ainda ter por nós mais desprêzo do que mêdo. E o que nos tem perdido, o que nos desacreditou até hoje, foi a falta de aprumo moral, essa altivez política, mais fácil de encontrar em antigos polícias do que nos velhos deputados e ministros da Coroa.

— Tive também o desgôsto de o verificar em vários processos de que tenho tratado.

— Êsses monarquicos não tinham convicções e não as adquiriram depois. O que os afasta da República não é o barrete frígio, mas o receio do chicote.

Teresa Borges de Matos, passando com Helena Maldonado:

— Aqui conspira-se... Silêncio!

— Façam favor de entrar, dizia António Saldanha.

Bernardo, por sua vez, reforçava o convite:

— Venham, meninas. Talvez a coisa manejada por mulheres dê melhor efeito. Nós já estamos desacreditados. Com uma beleza como Você no comando e a Helena por chefe do estado maior, nenhum homem, que o fôsse, deixaria de ir até ao cabo do mundo. Sempre era morrer por si... Ou pela Helena, para arder Troia pela segunda vez.

— Deixe-se lá de tretas e repare para aquilo. Olhe também Você, António Saldanha, além, aqueles *rapariguitos*...

— O Luísinho e os seus discípulos. Muito bem. São os homens, perdão, são... os elementos que triunfam, na sociedade e nos corações.

— Lá de quem é... Dos homens...

Bernardo começou a gracejar:

— Aposto que a Helena gosta do Julinho...

— Ai! Credo! Eu?!... Chamam-lhe para aí os rotos, dizia ela com malícia.

António Saldanha interveio:

— Deve ser uma sociedade de benemé-

ritos. Percebe-se isso pelo grande acolhimento que lhes fazem nas salas...

Teresa, sentindo-se atingida, observou:

— Toleram-se, êsses meninos. Que remédio! Êles são quási tantos como as famílias com quem a gente se dá.

A ironia de Bernardo continuava a fuzilar:

— E dão uma nota de elegância moderna, de requinte moral e corporal... Eu nunca vi raparigas mais esmeradas no vestir do que êles. Sinto-me um lôrpa, a olhar para tal perfeição.

Helena Maldonado sentenciava:

— Eu acho-os nojentos, de bonitos!

— Sim, há lá caras lindas, peles bem tratadas. Vocês, às vezes, devem ter uma inveja!...

No mesmo instante, rompia do sexteto o primeiro *fox-trot*.

Teresa increpou-os:

— Seus jarrões! Agora venham dançar!

É verdade, o António Saldanha disse que não sabe. Há tanta falta de rapazes!

— Para dançar em *modern style*, tinha de ir convidar o Luisinho Soares ou Mr. Ashley. Ou pedir conselho ao poeta Amadeu.

Vocês devem dançar umas com as outras...

Bernardo, perdendo o tom irónico que era do seu gosto, ia exclamando:

— Que gente! Que crápula, êsses meninos!

Rindo-se do mau génio de Bernardo, Teresa perguntava-lhe:

— Mas quere ou não quere dançar comigo? Resiste ao meu convite? Que gentil!

— Agora, não. Talvez logo. Nós veremos, depois falaremos, como manda a argúcia italiana. A gente tem de se dificultar, bem vê. Os homens são cada vez menos...

E na grande sala contígua, para onde entraram as duas raparigas, Bernardo e António Saldanha viram Vasco a dançar com Mariana e viram Elisa de Mendonça

reclinada no peito do Oscar Nunes, cuja maxila se lhe afundava nos cabelos.

Bernardo estremeceu a um pensamento súbito; António Saldanha ficou lívido e retraído, como se o coração se lhe tivesse congelado.

Depois de alguns minutos de silêncio, para fugir ao receio de ver lido em voz alta o seu pensamento, António Saldanha notou:

— Parece que o teu amigo Vasco se atira de cabeça. É mesmo o caso da noite, aquela côrte insistente.

— Já no *tennis* também me pareceu isso, há poucos dias. Êle nunca foi amorudo, mas pode-lhe chegar a vez de perder a tramontana. Dizem que assim acontece a todos.

— Mas, se tu o estimas tanto, não seria humano adverti-lo, dizer-lhe alguma coisa...

— É muito difícil, bem vês. Por mim, não sei nada de positivo. Depois, ela é a companheira mais constante da Elisa.

— Com ou sem razão, a rapariga não gosa de muito boa fama. Deves ter ouvido.

— E também sei que em Lisboa a málíngua cobre de baba as melhores reputações. É verdade que da Mariana se rosnaram umas coisas, no verão passado, com um oficial inglês. E eram graves.

— Já antes. Então o namôro dela com o António Prado? O que aí se falou!

— Êle também andou tão mal...

— Péssimamente. Mas isso não interressa para o caso.

— Mas no dito caso, amigo Tónio, eu não intervenho. A não ser que êle o pedisse à minha lialdade de amigo.

— Eu também não posso dizer nada de positivo. E há sempre exagêros. Apenas me lembro de lhe ver fazer uma coisa que me pareceu excessiva. Pelo menos.

— Que foi?

— O ano passado, na Parada. Ela vendia tabaco, charutos, numa quermesse. Oferecia graciosamente, insistia com fumadores e não fumadores. Os charutos eram

a dez mil réis. Ninguém os queria. Então ela, pegou num e humedeceu-o na bôca demoradamente, imitando de longe a baroneza de Isola... Depois voltou-se para o João Lacerda, a dizer-lhe maliciosamente:

«Então, agora também não quere?»

— Tu viste?

— Vi e ouvi. Depois, o rapaz quís ser generoso e deu cincoenta mil réis. Dali a pouco não havia charutos.

— Mas tu vês nisso perversidade?

— Talvez não. Mas o que não descubro é inocência.

— Seja como fôr, eu não lhe digo nada.

— Eu ainda menos. Sim, é muito melindroso, concordo.

— Deixemos as coisas ao Acaso, que é rei do mundo e senhor dos destinos.

No seu cuidado de dona da casa, D. Maria José veiu então convidá-los a acompanharem para a ceia algumas senhoras. Que ajudassem o Joaquim, como amigos. Como era muita gente...

Os dois rapazes, curvando-se, obedeceram risonhamente, indo cada um para seu lado.

Sôbre a madrugada, ia a dança no maior furôr. Os Sampáios despediam-se e Vasco não podia prender-se ali á esperança da *Dor de Narciso,* de Amadeu Guimarães, nem à palestra sôbre Sorôr Mariana, prometida pelo Dr. Soares de Carvalho.

Atrás dos Sampáios despediu-se êle também, e no corredor, junto do vestiário, ajudou Mariana a abrigar-se no amplo casaco de veludo. Os seus dedos, nervosos, afloraram docemente na passagem a pele das espáduas altas de Mariana, e ficou suspenso, alarmado, como se esperasse ver vibrar na carne branca o sôpro da comoção, um eflúvio dos seus sentidos.

D. Clara de Sampáio sorria-lhe, nas suas faces gôrdas, amavelmente:

— E agora apareça.

Fernando Sampáio dizia-lhe também:

— Quando quiser. Dá-nos muito prazer.

Também quero ir cumprimentá-lo um dêstes dias. Desculpe. Várias coisas lá no Banco e na Companhia.

— Pelo amor de Deus! Não se incomode V. Ex.ª.

Depois, na rua, quando o carro dos Sampáios arrancava para os lados de Buenos Aires, aos olhos de Vasco ainda se ergueram em adeus, detrás do vidro, três dedos da luva de Mariana, onde êle bem viu e sentiu esvoaçar um coração...

II

AO SVBIR DA ESPERANÇA

As três semanas que Vasco ainda passou em Lisboa, aonde fôra por oito ou dez dias, abriram no seu horizonte sombrio uma estrada nova de claridade. Os passos sentia-os mais firmes, agora caminhando para um destino concreto da existência, desde que sentira inclinado para a sua esperança o coração de Mariana.

Fôra num dia tenro de Abril, no Jardim da Estrela, quando a tarde pendia em desmáios rôxos, através de chorões

e plátanos, que entre êles se dera a palavra definitiva. Deixara-os a distância o descuido benévolo da prima D. Henriqueta, que acompanhara Mariana a uma devoção em Sam Luís.

E emquanto a boa senhora se demorava em irremediáveis lembranças, os cisnes pretos do lago iam alvoroçando a face da água inocente em sua comédia de amor.

O acolhimento em que, logo de comêço, os Sampáios lhe abríram a porta, certificavam-no de um aplauso que não consentia qualquer surpresa de hostilidade ao plano da sua ventura.

Ouvindo-o, de olhos no chão, picando a relva com a ponteira da sombrinha, o rosto iluminado sob a protecção de um chapéu de palha onde tremia um laço de flta azul, Mariana respondera por fim, a um silêncio longo e opressivo de Vasco:

— Se a sua ventura depende de mim, também eu quero e desejo ser feliz a seu lado.

A firmeza com que estas palavras foram ditas, o carinho de irmã com que Mariana lhe ouvira a lástima da sua vida, deram a Vasco um sentimento novo de admiração pela franqueza, pela energia voluntária e pela lialdade daquela rapariga que logo entendera a sua alma, e que, sem hesitações teatrais, sem dissimulação ou reserva, lhe entregava a alma e a vida.

E todos os dias que se seguiram, quando já do Ingarnal a presença de Vasco era pedida pelo mestre de obras e por padre Januário, todos êsses dias correram para êle dôces, como afagos, tornando-lhe a alma mais aberta e clara, os homens mais suportáveis e até os negócios mais fáceis.

Só consigo, no quarto do hotel, à mêsa, no eléctrico, como um colegial entontecido e surpreso pela madrugada dos sentidos, Vasco recordava concentradamente o olhar de Mariana, o geito do sorriso em que se transfundia a ventura nos céus da sua face, na primeira noite em que foi recebido na sala dos Sampáios.

No seu dever de irmão, escreveu logo a relatar tudo a Jorge Cabral e a pedir-lhe o seu conselho.

E assim, quási pesaroso de se ver tão contente, o neto dos Britos, com a voz de uma alta esperança a esvoaçar-lhe no peito, regressava ao Ingarnal.

As reparações na casa iam no fim, e quando Vasco entrou no pátio já a alegria de seus olhos pôde ver a ressurreição inteira da galeria arcada que se destinava a ligar, de manhã e à tarde, por uma estrada de sol, os dois principais corpos do solar.

Derruída a taipa, arrancados os barrotes, a cantaria do colunário e dos arcos abatitidos reaparecia em seu sorriso moço, por entre a cal fresca que já ia alastrando de alto a baixo, sob as colheres que a alisavam.

Livre do entulho dos séculos, bem tratadas as molduras das janelas, o telhado refeito dos aleijões antigos, a casa do Ingarnal recebia em sorriso de festa o seu dono, como a dizer-lhe que adentro dos seus mu-

ros, confiadamente poderia acolher-se a ventura e a esperança da sua eleita.

Dos altos cumes dos beirais, dos reflexos dos vidros, dos folhedos que alvoresciam nas pontas dos ramos, dos vôos das pombas na muralha, da paz e da alma atenta das coisas parecia-lhe que estavam descendo vozes de saudação e amor:

— Bemvindo sejas! Serás feliz na tua habitação!

Nessa tarde, o padre Januário apresentava-lhe um novo colono.

Eram já sete, além do filho do Caronho, cuja casa fôra a primeira a erguer-se, a par de Santa Maria das Graças.

Outros a quem na Oles falara, *estavam muito apegados aos bocaditos que lá tinham*, informava êle.

— E Vocemecê não tem nada, lá na terra?

— Nada, não, sr. Doutor. Saiba V. Ex.ª que vivo só do meu jornal.

— É claro que é casado. Quantos filhos tem?

— Quatro, senhor. E agora também a

mulher . . ., dizia o montanhês, rolando o chapéu, de olhos baixos, emquanto a vergonha subia.

— Bem, melhor! O que se quere é família, dizia Vasco, trocando um sorriso com o padre Januário.

— Nunca esteve em Lisboa?

— Nunca, meu senhor. Tenho assistido sempre por cá.

— Melhor é assim. Aqui o sr. padre Januário já lhe disse tudo. Vocemecê bem conhece as condições. Agora, veja se se sente com ânimo de ir morar lá para Santa Maria das Graças.

— Eu, por mim . . . A dúvida será lá pela mulher. Eu tinha até tenções de abalar para o Brasil.

— Deixe lá o Brasil! Temos muita terra que é nossa para cultivar. Em Santa Maria vão ficar bem. Verão. Missa todos os domingos, médico uma vez por semana e quando mais seja preciso.

As sortes da terra já estão feitas. Agora falta só ver aquela que calha a cada um.

O homem, vencido à persuasão, queria saber:

— E a primeira semente é por conta da casa ou à minha custa?

Então o padre Januário interveiu, pacientemente:

— Já lhe disse como era. A primeira semente é descontada nas duas primeiras searas que lá fizer.

O homem ia acenando com a cabeça chamorra.

— Como se chama? perguntou Vasco.

— António Magueijo, senhor.

— Pois então, sr. Magueijo, fale lá com a sua mulher e venha dar a resposta ao sr. padre Januário.

— Ás ordens de V. Ex.ª

Vasco perguntou ao padre Januário:

— Êle vem abonado, não é verdade?

— Deu-me boas inculcas o Alexandre Pereira. É bastante.

— Bem. E agora não é preciso mais nada.

O colono desceu para o pátio.

No fim do jantar dêsse dia, Vasco comu-

nicou ao padre Januário o seu projecto de casamento com Mariana.

O velho capelão dos Britos ouviu-o com o peso de um grande preságio no peito.

No fim de um longo silêncio, diante da alegria e do enlêvo de Vasco, ainda pôde encontrar coragem para lhe dizer:

— Deus lhe traga nessa menina a virtude e o amor para si, a paz e a ventura para esta casa.

Depois, Vasco anunciou-lhe a visita dela ao Ingarnal. Mariana viria com algumas amigas e gente de Lisboa para assistirem à consagração da aldeia de Santa Maria das Graças.

— Antes do casamento?!

— Decerto. Pois a festa é daqui a um mês... E a propósito, padre Januário, esqueceu-se do meu pedido sôbre o nome que daremos à povoação?

— Não me esqueci. Eu não me esqueço. Mas é que ainda não encontrei. Um nome que lembrasse qualquer feito, uma glória da família... Assim, de repente...

— Santa Maria das Graças é a padroeira. Tem de ser.

— Sim, isso nem admite dúvida.

— Sabe? Eu lembrei-me de um nome que me parece bem. Êle reúne as lembranças de minha avó e de minha irmã.

O padre aguçava a sua atenção, incrédulo, abrindo mais os olhos.

— Recorda-se de como eu, o Mário Valadares e os criados aqui chamavamos minha irmã, quando ela era pequenina?

— Miana?!

— Aí tem. Êsse nome é que há de ser.

E o padre, comovido, a seguir o seu pensamento afogado em ternura saudosa, ia dizendo, quási rezando:

— Freguezia de Miana . . . Santa Maria das Graças! . . . É lindo! É lindo!

— Assim, emquanto viver gente na aldeia, o nome de Miana viverá!

— E cada pessoa que o disser, invoca duas santas . . .

Calaram-se. Para romper o silêncio, Vasco começou a pedir informações das

casas novas, da altura a que iam as paredes.

A do Caronho faltava apenas solhada. Já tinha as portas e o telhado. Padre Januário fôra ao Vale das Graças três dias antes. Queria até comunicar a Vasco que fizera por sua conta uma alteração necessária no projecto.

— Em quê, padre Januário?

— Traçámos e fizemos casas para os vivos; esquecêmo-nos da morada dos mortos.

— O cemitério?

— Isso mesmo. Entendi que a casa e a sepultura são habitações contíguas: ninguém deixa de viver numa sem logo entrar na outra.

— Tem razão. É justo. E que fez para o cemitério?

— Mandei vedar um terreno. Uma porta e uma cruz. Pronto. Foi na terra chã, à entrada do pinhal. O local ajudou-mo a escolher e a marcar o Dr. António Faria. É verdade: êle deve vir aí àma-

nhã falar-lhe, por causa de um rapaz mutilado da guerra. A ver se o poderá proteger, lá por Lisboa.

— Êle passa de manhã ou de tarde?

— Com certeza, de tarde, no giro.

— Então podíamos ir ao Vale das Graças depois do almôço, depois do correio...

Contra o que previra o padre Januário, o Dr. António Faria entrava na manhã seguinte no escritório de Vasco, conduzído por Mateus que logo foi chamar o padre Januário.

O médico era um homem sêco de maneiras, tristonho, materialista em filosofia, honrado, bondoso, caminhando atrás dos doentes com o ar sombrio de quem sentisse o destêrro da vida.

Mal recebera as desculpas de Vasco, o Dr. Faria começou logo:

— Desta vez não venho, felizmente, prestar serviços; venho pedi-los a V. Ex.ª

— Sim, aqui o padre Januário já me falou.... Se eu puder...

— Mas, se mo permitem, eu desejo fazer a apresentação dêsse rapaz que se me afigura um símbolo de força moral, raríssimo. A história dêle é curta.

— Tenha a bondade, Dr., dizia Vasco, convidando-o a sentar-se.

— É de gente pobre. Nasceu lá em Vale Moreno. Fez o curso militar e saiu alféres. Há cinco anos, quando se tratava de arrolar os bens da Igreja, tocou o sino a rebate contra os homens da comissão que no templo entraram e se sentaram sem respeito, a fumar e de chapeus na cabeça. Êste procedimento provocou um protesto tão exaltado do povo, que dois ou três de nós só com grave risco da vida evitámos que êles fôssem assassinados dentro da Igreja.

— Lembro-me bem dêsse motim, dizia o padre Januário.

— Sim, o caso fez rumor em toda a redondeza. Uma semana depois, voltava nova comissão, acompanhada agora por uma força de infantaria que êste rapaz

comandava como alféres, o alféres Cardoso. Mandou ensarilhar as armas no adro onde antigamente fôra o cemitério, emquanto dentro da igreja se procedia ao inventário.

Tinham já separado, para irem para o museu da cidade, uma cruz de prata, que escapou à rapina dos franceses e servia nos entêrros, e uma alfaia bordada pelas freiras do velho convento.

O povo tinha-se reunido à volta das armas e não cessavam os comentários hostis ao govêrno e aos soldados.

Num momento, o prior da freguezia, com os braços erguidos e trémulos, apareceu no adro, a dizer: *Já roubaram a cruz! Malvados! Já levam a cruz!*

O alféres Cardoso aproximou-se dêle a pedir-lhe prudência; eu corri também a acalmá-lo, para evitar uma desgraça certa. Então o prior, que era o padre Fernandes...

— Conheci-o muito bem, cortou o padre Januário.

— . . . Então o prior subiu-se numa pedra que está debaixo da amoreira do adro e ali disse ao alféres Cardoso: *Tu, que naquela igreja por minhas mãos fôste baptizado, pisas com armas a terra sagrada dêste adro! Maldito sejas tu que profanas as cinzas dos teus avós!*

Nada mais pôde dizer o velho padre, quási asfixiado da comoção. Não sei descrever tudo quanto depois se passou. Daquela massa de gente levantou-se um tumulto de soluços, de gritos e de pragas.

O alféres Cardoso, rodeado de confusão, com os soldados dispersos, ficou no meio do povo, erguendo a espada, fóra de si, e ouvindo de todos os lados:

— *Maldito! Maldito! Cão sem vergonha!*

Tudo isto foram instantes.

Depois, como em desatino, rompendo por entre o povo que recuava, amedrontado, o alféres aproximou-se de uma sepultura alta e foi partir a espada na aresta da campa.

Ninguém ali se compreendia naquele instante. Na mesma cegueira, o rapaz chamou o sargento e disse-lhe:

— *Comande Você êsses homens; leve-os daqui para fóra e diga lá no quartel que eu já não sou alféres!*

Amparado por alguns homens, o padre Fernandes avançou poucos passos, até que a sua garnacha e a farda do alféres se uniram num prolongado e silencioso abraço.

Chorando e rindo, todo o povo se uniu a êles nesse momento de loucura ou de beleza moral, não sei.

Esta scena presenciei-a eu.

— Isso é extraordinário!, dizia Vasco. Pensei que em Portugal...

— Foi caso único!, esclarecia o padre Januário.

Sem atender, no mesmo entusiasmo, o Dr. Faria continuou:

— Depois, sucedeu o que era de prever: o rapaz foi preso e condenado.

Quando no tribunal da Divisão lhe

falaram em deveres de disciplina e honra militar, respondeu estas palavras: *Não conheço honra nem disciplina contra a lei e a voz dos meus mortos.*

Os julgadores riram-se dêle e serenamente o condenaram a alguns anos de presídio em Santarem e a prisão no Forte de Elvas.

Recebendo lá a notícia da guerra que teriamos de sustentar nas colónias, ofereceu-se para servir em África, numa carta que os jornais publicaram.

A seguir, passados mêses, venderam-no para França, no segundo contingente.

Ferido gravemente por uma granada na perna e na mão esquerdas, foi-lhe dada baixa ao serviço e mandado para casa, sem sôldo.

Até hoje é esta a sua situação.

Demorando-se numa pausa, bastante impressionado, o médico concluía:

— Infelizmente, não tenho fé religiosa, nem creio em Deus. Mas chorei ou chorou alguém dentro de mim, perante a

grandeza simples daquela inesperada comoção no adro da igreja de Vale Moreno e que para sempre ficará pesando no destino dêsse pobre rapaz.

Lembrei-me de falar a V. Ex.ª, a ver se é possível empregá-lo em qualquer coisa, numa companhia de seguros. Há aí tantas...

— Mas é um dever. Julgo isso um dever, sr. Dr. Faria. Êsse rapaz tem uma alma antiga. É preciso dignificar o seu exemplo. E quem o amparou, durante êsse tempo de prisão?

— Foi o prior, coitado. Mas, depois, emquanto o alféres esteve na guerra, morria êle ao pé da igreja.

Como não tem ninguém de família, a não serem uns primos pobres, vive há duas semanas em minha casa.

— Pois, bem. De pronto, nada lhe posso prometer que valha. Mas o rapaz precisa de ganhar a sua vida e eu tenho agora necessidade de quem me ajude aqui em trabalhos de escrita. Êle pode já fazer alguma coisa?

— Perfeitamente. A mão direita está bem.

— Então o sr. Dr. Faria terá a bondade de lhe dizer que venha entender-se comigo, quando quiser.

Depois, trataremos com vagar da colocação. Falarei também ao Dr. Jerónimo Valadares. É um homem digno e prestável.

O médico levantou-se para apertar a mão de Vasco e dizer-lhe com gravidade:

— Muito lhe agradeço. Honra V. Ex.ª o seu nome e os seus sentimentos.

Para verificar o estado das obras e activar o seu avanço, Vasco e o padre Januário partiram para Santa Maria das Graças.

Pelo caminho, Vasco ia pensando na melhor maneira de conduzir à ermida, no dia da festa, aqueles convidados de Lisboa que não vencessem a caminhada pela serra, desde o Ingarnal. O padre Ja-

nuário, referindo-se a outros tempos, lembrava práticamente um carro de bois, toldado e enfeitado.

— Sím, à falta de liteiras, por estas estradas de lobos, só o boi oferece garantias para aquelas vidas frágeis.

Neste momento, o padre Januário, obedecendo com prudência à sua ideia fixa, voltou-se para Vasco:

— Se me quisesse fazer a vontade, eu pedia-lhe uma coisa.

— Que é, padre Januário?

— Era que não desse ainda parte ao Dr. Jerónimo das suas intenções de casamento.

— Lá vem o padre Januário com a sua teima! Eu já uma vez lhe disse. Um homem como eu, era com certeza uma desgraça de marido para Benedita, sobretudo porque ela é inteligente.

Depois, se essa ideia anda no ar, se alguem a levantou, acho preferível desiludi-los quanto antes.

— Emfim, seja o que Deus quiser.

— Eu tencionava até pedir à D. Maria do Carmo que nesses dias viesse para o Ingarnal com a Benedita, a fazer as honras da casa, como donas.

— Mas isso é pior ainda!

— Oiça. Depois, sem surpresa, muito naturalmente, viriam a perceber que entre mim e esta senhora de Lisboa existe qualquer entendimento definitivo.

— Eu, por mim, não digo nada. O que há de ser a Deus pertence, concluía o desânimo do padre.

Andaram calados alguns instantes, Vasco, guiando a égua pelas veredas, atrás da *Pomba* que, com dôce e cautelosa prudência, ia levando o padre Januário.

Já então a Primavera passara por entre as estevas, pedindo às flôres que acordassem. Campaínhas, lírios bravos e margaças sorriam ao feitiço dos arroios, por onde os pilriteiros, de riba em riba, ressuscitavam o milagre da neve caída.

Santa Maria das Graças começava a avistar-se, e não longe, a pender sôbre o

vale, os cunhais da casa do Caronho, cortados em granito novo, duas janelas com suas madeiras claras, risonhamente prometiam à vetusta ermida o amparo de uma companhia certa, pela desnevada e pelos soes de Agosto.

Na mesma linha, de um e outro lado, assentos marcados, alicerces abertos por entre o mato, fazendo rua; paredes que se aprumavam na lomba jacente a Santa Maria, onde uma dúzia de pedreiros trabalhava.

Entraram na casa do Caronho, um réz do chão muito claro onde o sol enrolava uma poalha de prata, a envolver dois carpinteiros que alternadamente martelavam.

O Caronho e o filho apareceram ali, trazendo suas novas. Vinham de carregar a pedra grande para o lar.

No dia seguinte deixavam-na assente, e já sôbre ela se podia acender o lume.

Depois, no mesmo contentamento, o Caronho velho voltou-se para o filho:

— Anda, fala agora ao sr. Dr.

— Que é? Alguma coisa mais?

— É que... É que...

— Êle, senhor, é muito acovardado. Um homem não se envergonha, senão de roubar e fazer más acções!, sentenciava o Caronho, increpando o filho.

Nasceu-lhe lá um pequeno e queria pedir a V. Ex.ª a esmola de ser padrinho dêle. Veio ao mundo há oito dias.

— Pois, está bem. Eu serei o padrinho.

— E era para se combinar com o sr. prior, para irmos lá à igreja.

Então o padre Januário intèrveio:

— Mas o pequeno pode aqui baptizar-se.

— Já se pode?

— Ontem mesmo, eu já lhe disse, vieram as licenças do prelado para ser considerada igreja paroquial a ermida de Santa Maria das Graças.

— Nêsse caso, baptizava-se aqui no dia da festa.

— Assim deve ser, assentia o padre Januário.

Com o pensamento em Mariana, Vasco perguntava aos Caronhos:

— E a madrinha? Já falaram? . . .

— A madrinha, nós tinhamos cá pensado ir pregar para ser a menina do sr. Dr. Jerónimo. Para ir com V. Ex.ª era a mais própria que por aqui havia.

— Bem. Está muito bem. Vão lá, rematou Vasco, contrariado.

Então o filho do Caronho quís saber se podia vir morar na casa para a semana que entrava.

Vasco, pensando um pouco, tornou-lhe:

— Eu acho melhor que cá fiques só no dia da festa.

O padre Januário, reforçando o parecer:

— E a casa havemos de benzê-la, fazer aqui umas rezas.

— É bem entendido, é, dizia o Caronho velho.

Vasco e o padre Januário continuaram a examinar as obras. Desobstruída da terra e dos calhaus das aluviões, a fonte

arcada que os velhos Britos ali tinham mandado fazer no comêço do século XVI, enchia de água clara o seu reservatório rectangular, oferecendo-se com límpida abundância aos romeiros e caminhantes que tivessem de dobrar a serra.

Esquecida durante os últimos anos, na dor e ruína dos seus arcos mutilados, sempre a água ali fôra fiel, brotando à fé dos milagres, como a vida de uma esperança imortal.

Na parede interna, agora limpa dos lôdos e dos musgos, Vasco percebeu umas letras, abertas na face lisa da pedra. Chamando a atenção do padre Januário, puderam lêr com algum esfôrço estas palavras latinas: FLEO TRANSIS.

Sob a abóbada da fonte, ecoavam agora alternadamente as vozes de Vasco e do padre Januário: *Fleo, transis . . . fleo, transis . . . fleo, transis . . .*, demorando-se a conjecturar o sentido oculto da inscrição.

Á incerteza das duas vozes respondia na humidade o éco do mistério.

Padre Januário, traduzindo à letra as duas formas — *eu choro, tu passas,* declarava que as palavras, assim, não faziam sentido.

Vasco que, como latinista, traduzira as odes por cábulas, no liceu do Carmo, via na junção daquelas expressões um puro enigma. Talvez houvesse outras letras, hoje desaparecidas, pensava êle.

O padre Januário não desdenhava a hipótese, referindo-se no entanto, com acerto, às dificuldades do estilo epigráfico.

— Aqui está um guloso prazer para o Vaz Ramos, disse Vasco. Quando êle aí vier, no dia da festa, já podemos pô-lo à prova. Com certeza, o sentido das palavras vai saltar da fonte, como um jacto de água clara.

O padre Januário quís saber quem era Vaz Ramos.

— Um rapaz humanista, meio telhudo, que agora conheci em Lisboa. Parece que vive ou sonha no mundo romano de há vinte séculos. Quando falamos com êle,

chegamos a ter esperança de que nos vá dizer: *ouvi ontem Cicero no Forum contra Verres,* ou coisas como esta: *encontrei a liteira de Cesar na Via Sacra* . . . Verá . . .

Depois, prosseguindo no exame às obras, por entre terra cavada e em desordem, um dos cabouqueiros tomou de próximo da cêsta do almôço duas pedras que veio apresentar a Vasco, como cabeças de santos.

O neto dos Britós, tomando-as na mão, viu-se com duas pedras efigiadas que lhe revelaram piedosamente, naquele monte, a lembrança de outros adoradores.

Por sua expressão e forma, os fragmentos de estátuas a que Vasco ia sacudindo a terra escura, acusaram-lhe logo a inspiração do paganismo. As cabeças não eram de santos, eram de ídolos, que daquele logar predestinado haveriam feito um larário de consolações, desde que a flôr do mito ali se abrira, em promessas de melhor vida.

Sôbre a serra, seria aquele monte esco-

lhido para acordar as almas e os povos para as altas revelações do mistério. Na terra dos seus pés rolariam as últimas aras, reduzidas a poeira confusa.

A fé antiga que fôra pura, sobrevivia aos sacrifícios e à sorte dos deuses, cujos nomes já foram sorvidos no oceano enganoso das idades.

Á vista daquele exemplo, tocando com sua mão branca e sagrada a fronte do falso deus, padre Januário referia-se ao crepúsculo dos ídolos, quando na vida e milagres de Nosso Senhor brilhou a luz da verdade religiosa.

No pensamento de Vasco passou a lembrança e a dôr saudosa por quantos inutilmente ali rezaram e queimaram perfumes, até ao dia do milagre cristão de sua avó Berengária.

E para não ser importuno, dispensou-se de perguntar ao padre Januário se todo êsse anseio de almas poderia ser na bondade de Deus um tumulto de perdição; se todas as mãos que sinceramente se

erguem ao céu invocando deuses falsos, não devem tocar o verdadeiro Deus.

E para cortar esta cogitação que poderia ser suspeita de blasfema, no escrúpulo teológico do padre Januário, sentindo sôbre aquelas pedras um piedade saudosa, chamou o Caronho, para que as fôsse guardar com cuidado na sacristia da capela.

No regresso ao Ingarnal, à tarde, Vasco desejou saber se não poderiam variar o caminho, indo pela Serra Verde.

Era mais uma légua e nunca o neto dos Britos fôra a essa propriedade que dos seus declives quási a prumo, sôbre o rio, lhe mandava anualmente fartas carradas de castanha e centeio.

O padre concordou. Nessa primavera de montanha, a tarde era já afável e tépida, envolvendo a terra em seu ar de força e saúde, na trepidação da luz que se ampliava sôbre o contôrno das colinas, alinhadas e firmes.

Os cavaleiros iam andando com demora aos tropeções do caminho, para ganhar o alto da Barrenta de onde já avistariam a Serra Verde e o limite do Ingarnal.

Num momento, a égua que Vasco montava teve um estremeção e deu uma galopada ao estrondo de um tiro, a pouca distância dêles.

Atrás do éco em que se assustava o fumo, por sôbre os arbustos, levantava-se agora uma gritaria confusa, vozes de homens e de mulheres que por entre as giestas negrejavam e fugiam.

Vasco e padre Januário olharam-se e pararam, defronte do perigo.

De roçadoiras no ar, já para êles correm dois homens, como a persegui-los.

O primeiro pensamento foi correr, evitar os malvados, não viessem êles cegos pela sanha de os matarem ali, sem defesa. Mas a *Pomba* e o padre Januário não garantiam uma retirada vantajosa em que fôsse lei a velocidade.

— Eh! Eh! Eh! lá! — ouviram êles.

— Os homens veem para nós! — dizia o padre Januário com voz de medo.

Tirando-a do bôlso, Vasco engatilhou a pistola. Depois disse:

— Esperêmo-los.

Do meio das giestas onde se erguiam as roçadoiras, os gritos tornavam:

— Eh! lá, cavaleiros! Alto aí, seus malandros!

Preparando-se para o artigo de morte, o padre Januário dizia em voz alta, como se fôsse por êle e por Vasco, o acto de contrição.

Ao longo do caminho, na chã de areia clara, continuava a gritaria, o tumulto.

De vez em quando, o fumo de um tiro ficava pairando entre as flôres do mato e novas vozes rompiam, ameaçadoramente:

— Morram! Morram!

Então Vasco, esticando as rédeas, avançou com a égua a trote, ao encontro daquelas cabeças terrosas e hirsutas, aonde latejava o pensamento criminoso de o matarem, sem saber porquê.

O padre Januário descera da *Pomba* e junto do animal inocente ficara, a dizer de mãos postas, com fervor:

— Santa Maria das Graças! Santa Maria das Graças, valei-nos!

Em face de uma agressão certa, sentindo passar-lhe na espinha o sôpro de um perigo de morte, Vasco, aprumado no selim e erguendo a pistola, disse para os latagões que resfolegavam na corrida a poucos metros dêle:

— Aquele que der mais um passo, leva um tiro!

Os homens não ouviram, não pararam.

No mesmo instante, a primeira bala passou, levando às cabeças dos dois a sua ameaça sibilante. As roçadoiras hesitaram; um dos farsolas deu um grito, sacudindo a mão direita ferida, emquanto o outro berrava:

— Ah! ladrão, que me deitas a perder!

Sôbre a égua inquieta, aos galões, Vasco gritava-lhes, num tremor alucinado:

— Façam alto, senão mato-os!

Os homens detiveram-se, num momento de receio. Depois, reparando melhor em Vasco, o ferido perguntava:

— O senhor não é o administrador?

— Qual administrador?

— O administrador da Ramalhosa.

— Não sou!

— E aquele, além?

— Também não.

— Nós cuidavamos que era. Então quem são?

— Sômos dois homens de paz que querem seguir o seu caminho.

Já sem mostras de agressão, os serranos foram-se aproximando. Entre êles trocavam-se palavras de altercação que Vasco escutava, à espera.

Então o ferido, afirmando-se melhor no cavaleiro, que tinha o chapéu inclinado contra a luz, quís saber:

— V. Ex.ª não é o fidalgo do Ingarnal?

— Sou.

Os homens calaram-se, envergonhados, descendo as roçadoiras para a terra.

E avançaram ambos, a pedir-lhe perdão. Fôra uma cegueira do inimigo, para se deitarem a perder!

Vasco descia da égua, rápidamente, prendendo-a a um pinheiro.

O padre Januário, percebendo que havia tréguas, puxou pela rédea da *Pomba* e veio seguindo por entre os carreiros do mato.

Do outro lado, um grupo de homens em mangas de camisa, corria, corria em auxílio dos seus.

Os das roçadoiras ergueram de cá os braços em sinal de paz.

Então começaram a explicar. Êles eram da Anta e andavam à bulha com os da Malhada.

Vasco, vendo que o sangue corria da mão do homem, quís examinar o ferimento, enternecido de cuidado.

A bala atravessara-lhe a palma da mão, mas o ferido olhando para o sangue, fazia-se valente:

— Isto não é nada!

Pegando no pulso do homem, Vasco mandava-lhe mover os dedos. Todos os movimentos estavam livres.

— Bem. É preciso estancar o sangue.

E com dois lenços fez ligaduras, emquanto o outro ia narrando:

— O caso começou na romaria da Senhora da Estrela, segunda-feira de Páscoa.

Um rapaz da Malhada dizia que andava de namoro lá com uma pequena da nossa terra, a Inês do tio João Branco. Mas ela não lhe dava confiança, nem às claras, nem às escondidas. Então êle, para se vingar, deu-lhe um beijo no meio do terreiro e começou a desafiar com o pau todos os da Anta, um por um.

Uma daqui, outra dali, porque torna, porque deixa, lá êles começaram a apedrejar o moleiro e a dar pancada nos pastores.

— E essa gente, êsses tiros que nós ouvimos?...

— São do nosso lado e do dêles. Há que vencer ou morrer.

— Mas só por causa do beijo na Inês?

— Saiba V. Ex.ª que isto do beijo foi um pé que se arranjou. Nós tinhamos contas a ajustar, há mais de quatro janeiros.

O administrador, como agora nos votos foram lá pelos do lado dêle, disse-lhes que malhassem á vontade, que da justiça os livrava êle . . . E vai daí o nosso engano. V. Ex.ª ha de perdoar.

Vasco compreendeu com espanto o episódio de ferocidade em que jogara a sua vida e a daqueles brutos que ainda continuavam a batalhar na lomba às pedradas, aos berros e aos tiros.

Contra o parecer e vontade do padre Januário que lhe recomendava prudência, Vasco quís saber dos homens se estavam prontos a ir com êle falar com os da Malhada.

Para desgraça, já bastava. Disseram-lhe então que havia mais feridos, um homem com um tiro numa perna, outro com uma pedrada na cara.

Outros trabalhadores da Anta vieram-se aproximando, desconfiados, com suas caçadeiras ferrugentas. Em face da proposta de Vasco, olharam-se, hesitantes. Uma voz falou ali pela mudez raivosa de todos:

— Para pedir perdão, não vamos lá! A razão está do nosso lado!

— Mas não pedem perdão. Sou eu que peço a uns e outros que acabem com esta vergonha, imprópria de gente honrada.

Mais animado, o padre Januário fortalecia as razões de Vasco:

— Vergonha indigna de almas cristãs!

Vasco insistia. Os homens justificavam-se. Um e outro alegavam pretextos novos.

Então o neto dos Britos, como um avô feudal, perguntou-lhes os nomes, acrescentando:

— Eu quero saber agora quem é que toma aqui a responsabilidade de tudo quanto possa vir a acontecer! Quem a quiser, deve considerar-se um assassino!

Por um engano de má-ventura, êle ia matando ou sendo morto ali mesmo!

Os defensores da honra de Anta não podiam responder. As suas vozes de protesto eram rumores confusos. Por fim, batendo com as coronhas nos seixos — má raios! — obedeceram à palavra, à autoridade de Vasco, cada vez mais altivo e enérgico no meio dêles.

No mesmo instante, partiam uns para o arraial dos de Anta, a avisá-los da trégua, emquanto o grupo dos homens, rodeando Vasco e padre Januário, todos a pé, se encaminhavam para o campo dos de Malhada.

Avistando de longe esta embaixada de paz, subiram aos penedos, a espiar a atitude em que se conduziam.

Alguém descobriu Vasco, todos conheceram o padre Januário. E os homens da Malhada, quási todos jornaleiros do Ingarnal, ficaram suspensos, dominados pelo respeito do que ali representava, no nome e no sangue, o velho Dr. Afonso de Brito.

A voz de Vasco alevantou-se ali, mais indignada e justiceira. Á sua volta, vinham agora agrupar-se as mulheres e as crianças que por detrás das penhas seguiam a sorte dos combatentes.

Os varapaus quedavam-se, inofensivos, e apenas nos olhares e em palavras soltas, se dissolvia a raiva que levara duas aldeias a batalhar frente a frente.

Para tudo acabar em bem, o padre Januário entendia que a moça devia casar com o rapaz que lhe dera o beijo, acrescentando:

— Se êle a beijou, é porque gostava dela.

Os da Anta e da Malhada, ali juntos, já se riam da lembrança, concordando.

Depois, a concórdia e a alegria adoçaram aquelas cabeças terrosas, expandindo-se em abraços repetidos e violentos, os parentes e compadres que durante horas ali foram inimigos de morte.

Unindo-os na mesma generosidade, Vasco convidava-os agora a assistir à

festa de Santa Maria das Graças que era dali a duas semanas. Os serranos ficaram surpresos e agradecidos. Lá os queria juntos e contentes, bandeira com bandeira, folia com folia, tambôr com tambôr, para beberem um copo do seu vinho.

E foi assim, na doçura viçosa de um entardecer de Primavera, que o neto dos Britos alcançou a paz naquela contenda.

Vendo-o montar a cavalo, rodeado de um respeito longínquo, uma voz gritou:

— Viva o fidalgo!

— Viva! Viva!

Em seus vagares, despedindo-se de conhecidos, o padre Januário, já risonho, foi içado para a albarda da *Pomba* pelos braços duros dos campónios.

Depois, caminhando ao lado de Vasco, o velho capelão sentia um nobre orgulho pela coragem, pela decisão, pela boa-estrela do fidalgo novo do Ingarnal. Em seu entender, orgulhoso e consolado, o sangue dos Britos de que era o último

cronista, escrevera uma página heroica que merecia ser acrescentada ao *Quadro Genealógico.*

E já afastados, ao prazer das saudações que subiam no ar lavado e fresco da serra, padre Januário ia comentando:

— Como nós escapámos desta!

Os dias de Vasco, desde que viera de Lisboa, sucediam-se na mesma exaltante ventura.

Havia primavera nos prados e no seu coração; e parecia-lhe que todo o canto de ave, toda a corola de flôr, todo o sorriso de sol celebravam a sua encantada esperança.

As cartas de Mariana, dôces de modéstia, confessando a humildade de não poder elevar-se ao sonho do seu espírito, agitavam para mais alto a flama do coração de Vasco. Essa correspondência, longa, fiel, tecida de todas as bagatelas supersticiosas em que o amor alevanta torres de

ilusão, absorvia-lhe os melhores momentos do dia e as horas do silêncio, nos largos serões.

Logo de manhã, apenas Mateus entrava no quarto, era pelo correio a primeira pergunta, sem respeito ao escrúpulo do horário. E na impaciência ansiosa de todos os dias, uma a uma via passar as horas no relógio, até poder levantar de entre outros papeis o sobscrito azulado, em cujo fecho se batia, em lacre de oiro, o brasão dos Sampáios.

Numa dessas cartas, à insistência de Vasco, Mariana respondia-lhe que o grupo das senhoras não excederia oito: ela, a mãe, Elisa Mendonça, Teresa Borges de Matos, Leonor da Cunha, Helena Maldonado e *Miss* Dryden.

As outras estavam em dúvida.

As mães, não podendo ir, recusavam escrupulosamente cometer a outrem o encargo de lhes guardar as filhas.

Vasco sorria, num desdém irónico.

Mais livre agora, com a escrituração da

casa entregue ao alféres Cardoso, êle sentiu-se aliviado dos cuidados de rendas e contas que lhe eram fastidiosos.

Por seu lado, naquela porta que se lhe abriu, o mutilado da guerra pensou ter dado o primeiro passo no atalho da ventura, reconhecendo no fidalgo do Ingarnal o protector e o amigo que constantemente lhe recordava o sacrifício glorioso.

Nos Valadares da Paiágua encontrara também Vasco os melhores cooperadores daquela cerimónia na serra. Benedita, num bilhete, mandara-lhe dizer que podia ir ver as toalhas dos altares e da credência, e examinar o enxoval do futuro afilhado.

Por lembrança do padre Januário e ditados em seu estilo conventual, o alféres Cardoso escrevia os convites para os parentes da Casa. Em conselho geral dos criados fazia-se o rol das compras, num cuidado brioso. Antónia, suspeitando que os hóspedes poderiam chegar a vinte, alarmava-se numa exaltação de lágrimas, sem

saber o que havia de fazer com aquela tormenta de gente.

O Dr. Valadares, querendo ligar a sua amizade e o seu nome à nova consagração da ermida do Vale das Graças, mandava ao Ingarnal um cálice com dedicatória no friso do pé, destinado a celebrar a primeira missa paroquial.

A oito dias da festa, Vasco ia à Paiágua agradecer a Benedita e ao Dr. Valadares. E nessa tarde, mostrando-se preocupado com os deveres da hospitalidade, pedia às senhoras da Paiágua que por amizade, dizia êle, transferissem por uns dias o seu domicílio para o Ingarnal...

Elas fariam as honras da Casa às senhoras de Lisboa, numa casa onde senhora não havia para dignamente as receber.

Contra a prevenção do padre Januário, Vasco caminhava direito ao seu propósito. Se êle nunca fizera a côrte a Benedita, nem a delicadeza o obrigava a ter atenções de reserva com os Valadares, num

assunto que, para mais, estava definitivamente resolvido. Depois, tudo quanto vissem e ouvir pudessem, lhes daria a persuasão e o desengano, se para êle razões havia.

As senhoras da Paiágua aceitaram de bom coração o encargo que a estima de Vasco lhes quisera entregar. D. Maria do Carmo, num cuidado previdente, queria já saber quantas pessoas eram.

Vasco conjecturava:

— De Lisboa, creio que umas doze, entre senhoras e rapazes. Senhoras de idade, uma ou duas. As outras, raparigas, todas.

Na sua voz demorada, em que se dissolvia uma dôce malícia, Benedita comentava:

— Ha de ser uma festa bonita. E elegante . . .

No mesmo pensamento de dona de casa, a mãe de Benedita lembrava a conveniência de ir ao Ingarnal, para ver o que lá havia.

Assim, para tanta gente . . .

Era possível que faltassem coisas e da Paiágua iria o que fôsse necessário.

Vasco agradecia com efusão. Nem lhe era dado prever até que ponto fôra temerário, convidando tanta gente.

D. Maria do Carmo tranquilizava-o: a casa era muito grande, a boa-vontade não tinha limite, tudo se havia de remediar!

Vasco, sentia-se melhor, concordando.

— E quando a senhora D. Maria do Carmo quisesse, aquela casa era sua . . . Sua pela amizade e pelo sacrifício que lhe pedira.

Lembrou-se então das toalhas e do enxoval. Vasco queria ver êsse trabalho maravilhoso e devoto que a mão de Benedita bordara durante dois mêses do Inverno.

E, quando o linho se estendeu das mãos de Benedita para as de D. Maria do Carmo, Vasco foi seguindo, de olhos admirados, a bordadura, aberta sôbre o traçado rigoroso de um desenho românico.

Vasco não demorou a sua admiração sincera:

— É maravilhoso, isto! Louvores às mãos que fizeram nascer estas arcaturas floridas!

Benedita, còrada, num protesto venturoso:

— Que exagêro! Procurei um debuxo românico, não o encontrei. Se é verdade, como uma vez li, que as rendas foram o modêlo para a pedra das catedrais, aqui fiz eu o contrário: pedi às pedras de Santa Maria das Graças, aos capiteis e aos ornatos dos túmulos, os motivos para êste desenho.

— Não sei como hei de agradecer-lhe. Estilisou as toalhas! É admiravel o que fez!

— Como vê, é simples o trabalho...

Vasco, olhando para os bordados e para os olhos calmos de Benedita, admirava-se e surpreendia-se da lembrança e do labor.

D. Maria do Carmo recebia em silêncio

e ventura esta expansão de Vasco para sua filha.

Depois, num grande açafate de vime, uma criada trouxe o enxoval para o neto do Caronho, que seria baptizado no dia da missa, em Santa Maria das Graças.

Para obedecer ao costume da região, Benedita mandara fazer um número certo de cada uma das peças do vestuário. Sôbre todas elas, dobradas em pilha, alastrava o vestido branco, em cujas rendas Vasco tocou por deferência, palidamente, a dizer:

— É lindo! Muito lindo!

Procurando-lhe o olhar, risonhamente Benedita perguntava:

— E como se ha de chamar o nosso afilhado?

— Não sei. Veja lá...

— É rapaz. Compete ao padrinho, dizia D. Maria do Carmo.

— Não sei. Não sei. Delego na Benedita êsse direito. Lembra-se de algum

nome que prefira? Em homenagem à madrinha, talvez Benedito . . .

É o nome do Papa.

— Não, não! Coitadinho! É feio! Eu lembrei-me de um . . . Esse é que deve ser.

— Diga, Benedita.

— Por minha vontade, seria Miguel, em lembrança de seu pai.

— Tem razão. Muito lhe agradeço. Pois será Miguel. É verdade: sabe o nome que queremos dar à nova aldeia?

— Não sei. O padre Januário há tempos que andava a revolver papeis antigos, à procura de um nome histórico, lá da família. Disse-nos êle aqui.

— Sim, é da família, mas não é histórico. Fui eu quem se lembrou, e o padre Januário logo disse que concordava.

— Então como é? Diga.

— Miana.

— O nome da sua irmã! Que linda lembrança teve! Ela ha de pedir no céu a Deus pela sua aldeia.

— Não podia ser melhor!, dizia D. Maria do Carmo comovida.

Depois de um silêncio em que o vulto virginal de Maria Joana passou entre êles, Benedita concluía:

— Tenho muita pena de não ter sido eu a madrinha!

— Mas é e será sempre a bemfeitora...

E assim fechou essa visita de Vasco à Quinta da Paiágua.

III

MIANA

Sôbre tarde, na ante-véspera da festa, quando Vasco voltava da Ramalhosa, aonde fôra assegurar-se dos transportes e mandar para Lisboa os últimos telegramas, encontrou no escritório o seu antigo condiscípulo José de Campos.

Desde o abraço de formatura que não o vira, e no estrangeiro, uma só vez lera o nome dêle, entre as notícias confusas dos movimentos armados da Galiza. José de Campos era então governador civil e tornara-se exemplar o seu zêlo em inven-

tar e perseguir conspiradores, apreendendo telegramas inocentes e levando ameaças de morte a todas as aldeias no motor do seu automóvel e nas pistolas de dois sicários de fama que o acompanhavam na administração do distrito.

Mateus dera-lhe entrada quando José de Campos, para vencer qualquer reserva, alegou a qualidade de companheiro do sr. Dr. Vasco, em Coimbra.

Vendo adiantar-se na porta o vulto do neto dos Britos, o ántigo governador civil ergueu-se da cadeira de sola e correu de braços abertos para êle, no velho hábito de camaradas.

Num sorriso forçado e fino, Vasco deixou-se abraçar, suportando-lhe as expansões:

— Gosto de te ver, homem! Há bons sete anos que nos separámos.

— É verdade, é verdade, dizia Vasco.

— E bem fizeste em vir, que demónio!

O teu exílio não tinha razão de ser:

nem tu hostilizaste a República, nem o regímen te incomodou a ti ou aos teus.

— Não estou de acôrdo, Campos. A República hostiliza-nos a todos na vergonha de todas as horas e na ruína nacional a que está dando causa. Se não a tenho até agora combatido de armas na mão, decerto não é junto de ti que devo justificar-me . . .

— Claro. Isso é claro. Mas tudo passou, já lá vai. A República entrou na consciência nacional, é um facto contra o qual nada podem maquinações de ambiciosos ou planos de traição à Pátria!

— Olha, Campos: não me obrigues a lembrar-te que sou monárquico e que não posso consentir . . .

Perfilando o bigode encerado, Campos amenizava-se:

— Bem, bem! Desculpa, Vasco. Eu não vim a tua casa para discutir contigo e muito menos para te irritar. Queria ver-te, abraçar-te. A gente, apesar destas ques-

tões, nunca pode esquecer-se dos nossos anos de Coimbra.

— Tempos de melhor vida, de paz, de sossêgo, de alegria ....

— Sim, se quiseres, tudo isso. Mas o caminho é para diante, e para trás não se volta.

— Também assim o julgo, porque a mistificação ficou bem descoberta, já não ilude ninguém. Esperemos a decomposição...

— São teorias, amigo. O facto é o facto. Está em Portugal a República, vamos com ela, a caminho de um futuro glorioso. Eu compreendo até certo ponto a tua atitude e a de outros. Chega a ser um dever familiar, sagrado. Esta renúncia às honras e aos cargos públicos, tem nobreza, tem linha. Confesso. Muita linha. Mas a atitude e alguns *snobs* que por aí se encontram, é ridícula e desprezivel. Não achas, Vasco? Por exemplo, o nosso condiscípulo Santos Pereira!

Um tipo que nunca pôs o pé no Paço, a dar-se agora ares de cortesão!

— Mas eu sei que êle arriscou a vida em Chaves. E quando uma atitude pode equivaler à perda da vida, não é fácil distinguir onde acaba o papel do *snob* e começou a sinceridade e o dever do homem digno.

— Ora bem, para encurtar razões, eu vinha também pedir-te um favor.

— Dirás.

— Há daqui a três semanas umas eleições de deputados.

— Não sei.

— Pois há. Tu andas fóra destas coisas. O meu partido impõe o meu nome cá pelo círculo, e eu vejo-me obrigado a aceitar, visto ser daqui e ter algumas relações e diversas influências que me apoiam.

No tempo do govêrno provisório fui governador civil, depois tornei a ser mais duas vezes. Fiz por aí muitos favores a toda a gente.

— Sim, bem sei . . .

— Nunca persegui ninguém; fui tolerante com as coisas religiosas, apesar de ser livre-pensador, e poupei por aí alguns figurões, que depois boa paga me deram...

Vasco agitava-se de impaciência e incerteza:

— E então?...

— Vinha ver se poderia contar com a tua influência, com o teu apoio ao meu nome...

— Eu?!

— Bem entendido: tu não, já se sabe! Os teus rendeiros, os teus criados, os teus eleitores.

— Eu não tenho eleitores, Campos. Se os tivesse, pedia-lhes que deixassem de o ser, para não colaborarem numa farçada indecorosa.

— Lá tornas tu com as teorias! Toda a gente sabe que o sufrágio ainda não chegou à sua perfeição. Atraso do povo. Ignorância dos tempos da Monarquia. Mas, com os anos, o voto ha de tornar-se

um dever cívico consciente. E depois, não se descobriu nada melhor . . .

— Nem se inventou nada pior. Mas eu não tenho votos, Campos. É mercadoria em que não faço negócios. Neste momento chego a sentir desejo de os ter, para tos negar. Aproveitaria a ocasião de dar a essa pobre gente uma lição de bom-senso, de inteligência e de saúde moral.

— Julgava que não te merecia êsse desdém, êsse rancor . . .

— Não é rancor, amigo Campos. Estou apenas marcando lialmente as nossas posições de adversários.

— Mas olha que não fazem o mesmo alguns bons influentes do tempo da Monarquia, o Visconde da Malhada, o Dr. Lourenço Ribeiro, que até foi par do Reino. Esses já prometeram auxiliar a minha eleição.

Depois, a verdade é que todos teem pretensões, por um ou por outro, e a gente para alguma coisa serve. Mesmo lá

por cima, sou capaz de me lembrar dos amigos...

— Mas eu nada tenho de comum com êsses senhores: nem as ideias políticas, nem a moral.

— De sorte que...

— De sorte que perdeste os passos, vindo pedir-me um favor contra os meus deveres de português e a dignidade da minha inteligência.

— Não percebo, palavra d'honra!

— Nem é preciso.

— Mas explica-te, que diabo! Eleições sempre as houve. Teu pai várias vezes foi eleito deputado e ninguém por tal motivo o julgou criminoso.

— Peço-te que na minha presença não procures apreciar a conduta política de meu pai, que já morreu.

— Bem, desculpa, rapaz. Mas podias dar liberdade à tua gente e eu depois manobrava. Tu mantinhas a intransigência e eu sempre levava os votos... Cá me entenderia com os feitores.

Levantando-se, já acêso em ira, Vasco disse-lhe com energia:

— Não consinto que me insultes em minha casa! Se foi para isso...

— Bem, bem! Nesse caso...

— Neste caso, pomos aqui ponto na questão!

O candidato José de Campos erguera-se também, embaraçado para compor um sorriso conciliador.

— Estamos entendidos, Vasco. Para me fazer eleger, dispensarei os teus eleitores!

— Já te disse que não tenho eleitores.

— Pois bem, a tua influência, os votos dos teus amigos, como quiseres. E sempre te torno a dizer que não tens motivos para tanto ódio à República que nunca te fez mal. O seu êrro, talvez o seu crime, tem sido a grande generosidade com os inimigos.

A quatro tentativas contra ela, corresponderam outras tantas amnistias a delinqùentes que nunca desarmam.

— Não discutamos a República, não falemos nela, Campos. Sôbre êsse assunto, nós estamos entendidos, porque nunca poderemos entender-nos. Para mim, Democracia traduz-se na lei das inversões e no preconceito do número, duas mentiras sofrivelmente ofensivas do senso-comum. Como ideal, seria hoje a bancarrota da Inteligência; como solução nacional, um suicídio em lama ensanguentada. Isto sem ofensa, porque te julgo ainda sincero.

— Sim, mas . . . a Democracia é um facto indestrutivel ou ha de sê-lo por muito tempo. Temos de contar com ela em todo o mundo, e Portugal está livre de tornar a ver cabeças coroadas. A Europa mesmo não tarda que as veja desaparacer todas. Não somos velhos, mas já pudemos ver duas vezes transformarem-se monarquias em repúblicas e ainda não assistimos à operação contrária . . . Isso é que é certo!

A nossa república está na fase da adaptação, encontra obstáculos. Mas ha de

vencê-los e conduzir para melhores dias os destinos da Pátria Portuguesa.

Repara ainda agora na situação internacional que conquistámos com a nossa entrada na guerra.

Sem tempo para ajuizar da ingenuidade ou da audácia destas palavras, Vasco exaltava-se outra vez:

— Isso é uma vergonha negra!

— Vergonha?! Glória, devias tu dizer!

— Sim, glória para os que pessoalmente se sacrificaram, servindo as ambições de um partido, em nome da Nação!

E abrindo imediatamente a porta da sala contígua:

— Ó Cardoso, faça favor!

Diante do candidato José de Campos apareceu humildemente o que na guerra fôra o alféres Cardoso.

Vasco apresentava-os com fala irónica:

— O sr. Dr. José de Campos, intervencionista da guerra, o antigo alféres Manoel Cardoso, mutilado, condecorado e demitido...

E depois de um silêncio, continuou:

— A intervenção foi isto: heroísmo obscuro, dôr sem gloria, sacrifício inútil e ultrajado...

Voltando-se para José de Campos, Manoel Cardoso disse-lhe brandamente:

— Eu sei que V. Ex.ª defendeu em vários comícios a intervenção de Portugal na guerra. Li-o nos jornais.

— É verdade. Estava então e estou cada vez mais persuádido de que era o único meio de salvarmos as colónias. Consegui que mudassem de opinião vários oficiais e muitos voluntários partissem para o campo de batalha. Esse era o nosso interêsse, além de um belo ideal de justiça e liberdade.

Num leve sorriso de desprêzo, a ironia do mutilado comentava:

— E decerto foi por um motivo muito poderoso que V. Ex.ª deixou de levar pessoalmente às trincheiras o seu entusiasmo, a sua fé intervencionista...

Para evitar doêr-se, o candidato José

de Campos preferiu justificar-se, esclarecendo:

— Eu não era oficial e exercia nessa altura o meu mandato de deputado.

Partir para a guerra era limitar a representação de um partido, diminuindo-lhe a possibilidade de governar.

Consultei os meus chefes, ouvi a voz da minha consciência, e convenci-me de que o dever era ficar no meu logar do parlamento, servindo nele a Pátria e a República.

— A fazer discursos, emquanto o exército era vendido para batalhar em terra alheia, deixando-se as colónias abertas à invasão do inimigo!, atalhou Manoel Cardoso.

— O senhor é insolente!

— E V. Ex.ª é um covarde!

Aos movimentos de agressão que se esboçaram, Vasco interveiu — não queria ali conflitos em casa. A Manoel Cardoso pediu que fôsse para a sua mêsa, afastando-o diante de si.

Depois, voltou-se para José de Campos:

— Tu desculpa esta sensaboria. Mas o desespêro do rapaz compreende-se. Um mutilado de guerra, demitido, mandado para casa . . .

— E quem o obriga a ser monárquico? A atraiçoar a farda?

— Já o era, quando aceitaram o seu oferecimento, bem vês . . .

Enfurecido, Manoel Cardoso voltou-se para trás:

— O sr. Dr. desculpe. Mas eu quero dizer a êsse . . . a êsse cidadão, que a minha mão direita pode ainda suster uma espada ou engatilhar uma pistola. Estou às suas ordens.

— Ó Cardoso, peço-lhe que se cale. Já lhe disse. Isto tem de acabar aqui. Não se fala mais em tal assunto.

E acompanhando com afabilidade o seu condiscípulo, foi com êle descendo até à porta do pátio, concordando ambos, ao acenderem os cigarros, que fôra uma exal-

tação escusada. Vasco esforçava-se agora por que os seus deveres de dono de casa e a lembrança dos tempos de Coimbra fizessem esquecer ao adversário político o tom de hostilidade e frieza em que decorrera a sua visita.

Já muito familiar, pondo a mão no ombro de José de Campos, ia-lhe dizendo:

— Para manigâncias eleitorais, não, meu caro. Mas, para aquilo em que pessoalmente possa servir-te, manda sempre.

José de Campos, aguilhoado ainda pela ofensa de Manoel Cardoso, lastimava-o. Era um verdadeiro maluco, com a mania da perseguição. E acrescentava:

— Talvez já te tenha feito a lamúria de que lhe não deram a Torre e Espada.

— Nunca me falou nisso.

— Pois a Torre e Espada, segundo me informaram em Lisboa, não lhe deve ser conferida por a isso se opôr a legenda — *Valor, lialdade, mérito* . . .

— ? —

— Sim, compreendes: ninguém podia

acreditar na *lialdade* do Manoel Cardoso à República . . . Eu conheço-o muito bem. Todos o conhecem na tropa e cá na Província . . .

Vasco, por um prodígio de esfôrço não sorriu, nem se indignou, só preocupado em despedir a bem o candidato.

No seu comodismo mole, José de Campos ia notando que estas coisas é que tornavam insuportável a vida portuguesa. O que êle queria era liberdade e tolerância para todos.

E quando seguiam ao longo do muro do jardim, pela quelha enramada e florida de sabugueiros, toparam com a mulher dos telegramas que vinha da Ramalhosa. Vasco rasgou o sobrescrito e leu a resposta de Bernardo: *Tribu sete cabeças.*

José de Campos perguntava se era alguma notícia de cuidado.

— Não; é do Bernardo de Mendonça, dizia Vasco, passando-lhe o telegrama. Vem aí com umas pessoas amigas de Lisboa.

Sorrindo à leitura, no seu antigo faro policial, José de Campos ia dizendo:

— Parece um telegrama cifrado. Se fôsse aqui há um ano, já tinhas às costas uma carrapata.

— Ora aí tens. Como autoridade, já te cabia o dever de me pôr a ferros.

— Com certeza . . .

— Pois nada mais símples. Para dizer o número das pessoas que veem — o Bernardo ha de ser sempre assim! — arranja toda esta complicação. Se o empregado do correio lesse hidra em vez de tribu, era completo.

— Mas, desta vez, livro-te eu, Vasco. Sempre é bom ter um condiscípulo influente, antigo deputado . . .

— E futuro deputado, apesar da minha teimosa e inabalável indiferença.

Despedindo-se à pressa para ir ganhar a diligência na estrada, José de Campos apertou muito a mão de Vasco:

— Adversários, sim, mas sempre amigos!

— Adeus, Campos. Boa jornada. Espero e desejo que não leves qualquer ressentimento.

— Não falemos mais nisso! Adeus.

Nesse domingo de Maio, logo de manhã, emquanto os convidados de Lisboa reparavam as fôrças nas largas camas do Ingarnal, Benedita, tendo enfeitado na Paiágua um carro de bois, toldando-o de cobertas de chita, partia com uma criada e três crianças para Santa Maria das Graças.

Iam no carro dois cestos de flôres, um gomil e um prato para o baptizado, além dos paramentos da missa que o padre Januário fôra escolher, dias antes, à capela da Paiágua.

No seu zêlo de padroeira e na aspiração de se tornar a colaboradora de Vasco na nova consagração da ermida, ia florir de rosas e de cravos as banquetas do altar e vestir de anjos as filhas dos caseiros da sua quinta.

Já pelas veredas da serra subiam em magotes os romeiros, — branquejavam por entre as giestas as camisas dos homens, e detrás dos penhascos, em vozes de alegria e esperança, cantavam os corações ao bater dos adufes.

Nas franjas verdes do pinhal, apontavam as bandeiras das folias do Espírito Santo, que no velho rito, anualmente, proclamavam a graça cristã da terra, entoando o louvor da terceira Pessoa Divina, num cancioneiro de rudeza primitiva, à voz parda dos tambôres.

Era uma manhã de ressurreição, toda em pompas de claridade, em que os olhos das plantas e das flôres ficavam extáticos de sol, a derramar nas almas e no coração das penhas o milagre e a virtude da Primavera.

Esperando os que vinham do Ingarnal, Benedita subira, para lobrigar o caminho.

E mais gente de todos os lados acorria para a hora da missa.

Á sombra, sôbre um carro de bois, parara a pipa de vinho que do Ingarnal viera para o povo. Nas mãos de raparigas namoradas, avivavam-se contra o azul das penhas os ramos de flôres do campo, trazidos por devoção oculta a Santa Maria. Á volta da capela, algumas penitentes arrastavam-se de joelhos, cumprindo seus votos, inundadas de lágrimas e de graça.

Em corações, em vozes, em flôres, acordava a alma da Montanha, trôno de nuvens, altar de Deus florido de castanheiros, sorrindo sôbre as alcatifas brancas das maias, na claridade do dia-santo.

Na assomada, vinham caminhando agora os quatro carros do Ingarnal, toldados de branco, lentos como coches, por meio das estevas e sargaços da canada.

Eles traziam os amigos de Vasco, Bernardo de Mendonça, António Saldanha, Vaz Ramos e as senhoras que honravam a sua promessa, D. Clara de Sampáio e Mariana, Elisa de Mendonça, Tereza Bor-

ges de Matos e Helena Maldonado, que conquistara por fim a licença de vir; neles seguiam também o Dr. Jerónimo e D. Maria do Carmo, o padre Januário, o Manuel Cardoso, os primos Macedos, da Figueira Velha e, por último, os criados das Quintas, o Mateus e a Antónia, ladeando os cestos do farnel.

Jorge Cabral desculpara-se em telegrama com um caso clínico de gravidade.

Benedita ouvia do alto o rumor da alegria e sôbre o seu coração continuava a caír e a pesar a sombra negra de uma certeza pressentida. A confiança íntima de Vasco e Mariana, na hora da chegada ao Ingarnal, dera-lhe um rebate doloroso. Eles não pretendiam ocultar-se nem iludir ninguém. Vasco de nenhuma outra pessoa parecia ocupar-se e Mariana vinha linda. Era como quem lia uma sina...

Tudo quanto a sua discreção fizera, toda a revelação do seu interêsse por êle se lhe afigurava naquele momento uma excessiva reserva, que se traduzia na mais

perfeita inutilidade. Com certeza — sentia-o bem duramente! — nunca o coração de Vasco entendera a chama dos seus olhos, indiferentes lhe foram os movimentos traídos da sua inquietação de alma. Benedita, que tantas vezes se acusava de ter excedido os limites que a sua defesa de mulher requeria, desde a chegada de Vasco ao Ingarnal, compreendia agora que nenhum dêsses impulsos, de tão eloqùente denúncia, havia acordado, embora leve como sôpro de fogo fátuo, a sensibilidade de Vasco.

Eram assim os homens . . .

E da sua alma, branca para comungar à missa, elevava-se para Deus um pensamento audacioso, quási repreensivo, por ter criado sêres tão grosseiros, incapazes de pressentir o hálito dos corações, como aqueles viandantes que pisam, entre as ervas do caminho, a violeta que lhes perfuma os passos.

Nos carros que agora estavam subindo para a ermida, Vasco e Mariana vinham

sentados juntos, talvez de mãos dadas, olhando-se nas almas, amando-se.

No seu sentimento ignorado, na humildade obscura da sua alma, escravizando-se à dignidade de virgem cristã e de mulher, Benedita havia de ter ali a fôrça heróica de se dominar, de parecer contente, de se apagar, fazendo refluír à volta do seu coração a esperança que já nele chorava.

Nesse instante, os anjos que pouco antes vestira vieram rodeá-la de alegria inocente. E Benedita, beijando-os, a sorrir, de lágrimas nos olhos, foi-os guiando até à capela, para os instruir nas cerimónias, pela última vez.

Ao sol, entre o povo que rodeava em admiração os convidados de Vasco, sob o arco românico de Santa Maria das Graças, o padre Januário vinha receber o novo cristão para o seio da Igreja, bafejando-o três vezes no rosto, para dele expelir o espírito imundo, antes de lhe traçar na testa e no coração o sinal da cruz: *accipe*

signum Crucis tam in fronte, quam in corde, sume fidem coelestium praeceptorum...

No ar luminoso e amplo da serra ecoaram os primeiros foguêtes.

Entre o grupo atento, a cerimónia continuava na claridade scismadora da manhã. Docemente, na frescura da capela voavam de céu em céu as orações purificadoras do sacramento.

Depois, a mão trémula do padre ia repetindo as cruzes sôbre o sal, para que a benção do céu o transformasse em remédio perfeito contra a corrução do corpo e da alma daquela criança, ali trazida para lhe serem quebrados os grilhões que a escravizavam à lei do pecado e que agora começaria a renascer para a graça de Deus: *Accipe sal sapientiae...*

Para a lavar da impureza do contágio diabólico, nos lábios do padre Januário passava o fervor das súplicas e exorcismos, e o seu polegar traçava na fronte do infante o sinal do resgate, para que, à vista

dele, nunca mais o inimigo ousasse violar a sua virtude.

Novas orações imploraram, na ordem do rito sagrado, a graça celeste para o menino, e o padre Januário, cobrindo-o com a sombra da estola, com paternal doçura o acolheu na comunhão dos eleitos, dizendo-lhe: *Michaël, ingredere in templum Dei...*, Miguel, já podes entrar na igreja de Deus...

Junto da pia baptismal, as palavras solenes da fé subiram na nave de granito; outras orações voavam ao céu no mesmo alado fervor; pela voz de Vasco, o infante renegava de Satanás, renunciando às suas obras, às pompas dos seus enganos.

Aquela flôr de carne, rósea e tenra, ia ser santificada pelo óleo bento, rebrilhando em cruz sôbre o peito e entre as espáduas, a fortalecer o corpo do novo atleta de Deus para os combates do mundo, no caminho da vida eterna: *Ego te linio oleo salutis...*

Na voz da liturgia, vinha chegando o

momento da transfusão da graça: o padre Januário tomava risonhamente a estola branca, para formular as preguntas finais à fé do baptisando.

Como, na fiança do padrinho, Miguel desejasse ser salvo, Vasco e Benedita sustiveram-lhe o corpito palpitante, e a mão do padre Januário ergueu o gomil de prata, derramando-lhe lentamente na cabeça a cruz da água baptismal, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.

E para que Miguel viesse a conhecer o nome e a dignidade de cristão, que desde aquela hora lhe ficara pertencendo, o santo óleo do Crisma lhe era imposto no alto da cabeça, como nova luz de santificação.

Depois, aquela carne já baptisada, foi coberta pela sobrepeliz, a vestidura cândida, que sempre abrigasse a inocência do novo eleito da graça e com ela imaculada se apresentasse deante do tribunal divino, na aurora do novíssimo dia...

Por último, na mãosinha em novêlo de Miguel poisou o círio acêso, e por êle,

a luz da fé da sua alma renascida resplandeceria nas trevas do mundo, aos olhos enganados de gentios, herejes e infieis.

Todo o ciclo da nova vida cristã estava traçado, quando o voto final da Igreja descia nas palavras do sacerdote, naquela iniciação da Graça:

— Vai em paz e o Senhor seja contigo!

Antes de mais ninguém, Benedita curvou-se, sorrindo, a beijar o afilhado, na ternura da sua adopção.

Vasco imitou-a, com gravidade ritual.

As raparigas de Lisboa aproximaram-se com curiosidade do pequeno, declarando-o *engraçadinho*. Os Caronhos choravam de alegria venturosa, inundados na luz que santificara a alma e a vida de Miguel.

O padre Januário, tendo consultado Vasco ali mesmo, sôbre a benção da casa do Caronho, saíu da capela, seguido do sacristão da Malhada.

Atrás deles, iam todos para a consagração religiosa de que o capelão dos Britos

quisera fazer preceder a vida de um lume novo.

Rodeando o grupo, a gente do povo caminhava num silêncio alvoroçado e curioso. O Caronho abria a porta, de chapéu na mão; o sol ia rolando sôbre o soalho branco, numa alegria viçosa que scintilava na cantareira e afogueava de rubor humano a face das cadeiras e da arca de pinho.

Benzendo-se, o padre Januário invocava, na letra do Ritual, o nome e a protecção de Deus. O sacristão da Malhada ia respondendo.

Depois, o padre, abrindo uma cruz na claridade da janela, começou a lêr pausadamente:

Benedic, Domine, Deus Omnipotens, domum istam: ut sit in ea sanitas, castitas, victoria, virtus, humilitas, bonitas, et mansuetudo, plenitudo legis, et gratiarum actio Deo Patri, et Filio, et Spiritui Sancto; et haec benedictio maneat super hanc domum et super habitantes in ea nunc et semper.

Então a água benta partia do hissope sôbre o lar, espalhava-se no sobrado, purificando todos os recantos, como chuva de milagre em que já caíssem os primeiros dons da oração.

Teresa Borges de Matos perguntava baixo a Vaz Ramos se êle sabia o que queria dizer aquele latinório... Helena Maldonado também se mostrava interessada.

— Muito simples, disse êle sorrindo. Pede-se a benção de Deus para que as virtudes da puresa, da humildade, da paz, da graça, venham morar nesta casa para sempre.

O que o padre fez, reduz-se a uma súplica de santificação para êste lugar e seus moradores.

— É interessante, dizia Teresa. Sempre é bom ter um amigo clássico que nos instrua...

Helena Maldonado admirava-se de nunca ter visto em Lisboa tal cerimónia. Completando o seu esclarecimento, Vaz

Ramos, com seu riso de ironia distante, rematava:

— E não é latinório... É uma oração do Ritual Romano, onde se guardam também as palavras que dão o nó cego do matrimónio...

No momento em que o padre saía, o Caronho, por indicação do pai, queria beijar à força a mão de Vasco, seu bemfeitor. O neto dos Britos aprumou-se mais, num movimento enérgico de recusa, para logo abraçar o seu servidor e compadre, e depois a mulher dêste, com Miguel nos braços, dizendo-lhes ali o seu voto de comoção sincera:

— Deus vos dê saúde e boa fortuna nesta casa.

António Saldanha, presenciando através do monóculo esta scena do tempo antigo, assombrava-se de que ela pudesse vêr-se, à distância de doze horas do Rossio...

Bernardo de Mendonça não perdeu ocasião de sentenciar:

— O rebanho é bom; faltam-lhe os pastores que o guiem. Desenganem-se!

Atrás dêles vinham os cumprimentos de D. Clara Sampaio e de Mariana: — uma linda e comovedora cerimónia, grande na sua singeleza!

Depois, os Valadares, Benedita, os primos Macêdos, os homens da Malhada, todos ali aclamaram a sua benemerência.

Por sôbre rumores de tanto aplauso, a voz de Bernardo erguia-se com alarido:

— És um senhor feudal, Vasco amigo! Os povos agradecidos te rendem vassalagem e tributos de glória!

Na confusão da sinceridade e do gracejo, Vasco, muito sério, declarou que os maiores louvores pertenciam a Benedita. Sem a sua dedicação, aquela festa não teria carácter, ficaria sem ternura.

Benedita, surpreendida, fez-se escarlate quando todos os sorrisos se voltaram para ela. Depois, em tom modesto, mas decisivo, o seu protesto não demorou:

— O Vasco não tem razão. Á sua iniciativa pertence a fundação da aldeia de Miana; ao seu bom-gôsto e actividade ficamos todos devendo o prazer do dia de hoje...

Á margem dos aplausos, a voz de Helena Maldonado ia para Elisa de Mendonça:

— Tósca-me aquela, se não parece o padre António Vieira a falar!

— Que menina! Que genero! Ah!...

Por ordem do padre Januário, o sacristão puxava a cadeia do sino, tocando a última, e pelo portal musgoso de Santa Maria das Graças iam passando os chapéus floridos das raparigas de Lisboa, ao lado de Benedita, débil, séria, a côr mimosa e branca, o seu vestido créme atado pela cinta num grande laço azul. Os homens do povo abotoavam as véstias, os lenços das mulheres compunham-se sôbre os chailes domingueiros, entrando e tomando água benta com devoção.

Do cimo do adro e por todo o vale florido de Santa Maria das Graças, na glória

das estevas, das maias e rosmaninhos, dilatava-se uma serenidade de êxtase, como se penhas e troncos se inclinassem para adorar, em maior quietação e enlêvo.

No silêncio opaco da capela, através das frestas, o louvor da água vinha cantar, tombando em cascata nàs rochas, por entre a verdura de altos fétos e medronheiros.

Quando nas mãos do padre Januário a Hóstia Consagrada se ergueu, os anjos que Benedita vestira levantaram-se debaixo do arco cruzeiro, cantando seu hino, como à missa conventual da freguesia da Oles:

Prostrai-vos por terra,
Filhos do Senhor,
Que hoje vos mostra
O seu santó amor!

Em côro, compactas e poderosas, as vozes de todo o povo, cortadas pela campaínha, respondiam, abaladas pela como-

ção do alto mistério, com as invocações da sua fé:

Louvado sejais,
Deus sacramentado!
Jesus escondido!
Senhor adorado!

E outros versos estremeciam na ternura da luz, difundindo-se no azul oceânico do ar, ecos ardentes de corações, vozes da terra cristã subindo em súplica para as nuvens brancas, aonde sempre vive e se esconde a esperança.

Após a missa, os rebanhos foram descendo para o adro e cada pastor, depois de beijar lá dentro o retábulo de alabastro com a fuga para o Egito, junto do altar de Santa Maria, vinha envolver a capela num anel vivo de ovelhas, correndo umas após outras, incessantemente, para que o favor celeste abençoasse também aquelas criaturas de Deus, que para rezar não tinham voz.

Sôbre um relvado sobranceiro à ermida,

no sítio onde os Britos acamparam durante séculos nas tardes de romaria, Mateus, Antónia e duas criadas da Paiágua desdobravam para o almoço uma grande toalha de linho.

No adro, os foguêtes em rudes trepidações, diziam à redondeza o fim da missa e a alegria da festa, e os seus ecos dobrados, de colina em quebrada, como tambores aéreos, ruflavam longamente, inquietando a luz, espavorindo as cotovias e os vôos vitoriosos dos milhanos.

Os maiores cuidados de Vasco e de D. Maria do Carmo iam para D. Clara de Sampaio. Infinitas desculpas acompanhavam e envolviam a vasta refeição, para que contribuíram gordamente várias espécies de aves domésticas e duas rêses tenras do Ingarnal.

Os que regressavam ao terreiro na procissão do vinho, erguiam para o grupo dos senhores os seus chapéus, mandando-lhes um reconhecimento expansivo e alegre.

O primo Macêdo, enchendo de novo o

seu copo, projectava erguer uma saúde, contra os protestos mímicos e os puxões prudentes da esposa. Por último, limitou-se a dizer para Vasco:

— Á saúde de todos nós! Á glória dos nossos mortos, primo!

Todos acompanharam aquele voto profundo.

Á volta de um adufe, junto do alpendre, a mocidade sentia subir impulsos fogosos de bailar, de voar para ilusões febrís dos sentidos, e, à falta de pares que se esperavam do extremo do adro, um ou outro mocetão já batia as palmas e alternava os pés, em impulso incerto e impaciente, à procura do ritmo.

Bernardo de Mendonça, declarando aquele almôço um *festim olímpico,* queria saber por que poderosa razão não viera música a dar mais solene ruído à festa.

O padre Januário, para se desculpar, declarava que ainda lembrara a *Filarmónica União,* da Ramalhosa. Vasco esclareceu então:

— Eu queria aqui uma solenidade simples e não um batuque atroador.

Tinha de dispensar a filarmónica, por amor da música e em respeito aos ouvidos dos meus caríssimos convidados...

Vaz Ramos aplaudiu logo com calor:

— Fez bem, Vasco. Podiam vir aí tocar as *Cartolinhas* ou o *Fado do Ganga!*

Por sua vez, António Saldanha, no seu gosto da frase redonda, classificava estas sociedades musicais como *verdadeiras associações de malfeitores,* acrescentando:

— Num país onde houvesse zêlo verdadeiro pela belêsa, essa gente deveria incorrer no rigor da lei. Andam a corromper impunemente o instinto musical do povo.

Mariana, a quem não escapara, aos primeiros momentos, o interêsse de Benedita por Vasco, perguntava-lhe agora, muito docemente, se ela tinha a música com que foram cantados os versos. Sorrindo, Benedita dizia-lhe:

— Aquilo nem chega a ser música; é uma toada popular antiqùíssima. Pareceu-

-me que para dar carácter à primeira missa conventual de Miana, deveria ouvir-se nela o cântico antigo. Só tem êsse valor...

Escutando-a com simulada avidez, Teresa Borges de Matos voltava-se para Leonor da Cunha:

— Mas que bem que fala esta menina!

— Que possidónia, Pai do Céu! É bom não continuar... Se não...

Longe da rivalidade perigosa de Oscar Nunes, António Saldanha procurava interessar Elisa de Mendonça no plano de um livro novo. No intuito de acender o entusiasmo pelo amigo na face murcha de Elisa, Vaz Ramos concordava em que êsse poema seria uma alta flôr de lirismo a que se prenderia para sempre o nome do António.

Ela, sorrindo, limitava o interêsse pela literatura do seu admirador a estas palavras condescendentes:

— Deve fazer muita vista, o seu livro...

Nêsse instante, para admirar as duas rodas de bailadores e ouvir de mais perto

a folia de gaitas e berimbáus que zumbiam à volta da capela, todos desceram para o terreiro do adro. A dança viva e fogosa, em rodopios e saracoteios, desenvolvia-se em círculo, voltando-se os pares em movimentos alternos, para que a cadeia do entusiasmo a todos prendesse na lida em que se lhes inflamavam as vozes e os corações.

Observando essa coreia, em seu desenho simples, o reparo erudito de Vaz Ramos denunciou logo a Vasco e Mariana, unidos risonhamente, uma puríssima floração plástica, sobrevivência de danças pastorís de eras longínquas em que bailar era rezar...

E ná mesma penetração conjecturava:

— Assim celebrariam seus cultos ao Tauro os Lusitanos do tempo de Viriato; nessas rondas que aí passam vivas, devem ter-se cantado as bailias dos cancioneiros, filhas do mesmo impulso de alma, e com certeza não eram outras as danças dos autos de Gil Vicente.

Vasco lastimava-se mais uma vez de que se afogassem num esquecimento irremediável tantos documentos do folclore, emquanto Vaz Ramos se insurgia duramente contra os govêrnos de políticos ignorantes e corrutos. Era a dissolução das melhores expressões da fisionómia da nacionalidade.

Padre Januário, colhendo êste momento de entusiásmo, lembrou a Vaz Ramos verem agora a capela, como combinaram no carro, pelo caminho.

Vaz Ramos seguiu-o, chamando Bernardo de Mendonça e António Saldanha.

Na capela entraram também D. Clara, Teresa Borges de Matos, o Dr. Valadares e Benedita.

Padre Januário, voltando nas mãos o seu grande lenço, deteve-se defronte do edículo onde assentava sombriamente a arca de pedra de Afonso Mendes de Brito, e começou a dizer em respeitosa narrativa:

— Êste foi o segundo senhor do Ingarnal.

Por honra do Rei e seu dever de vassálo fiel, sendo ainda moço, vai com Dom Afonso às Navas de Tolosa. Depois, reinando já Dom Sancho II, por sua ordem e serviço, aparece à frente dos seus bésteiros nas expedições ao Alemtejo, onde uma lançada o arremessou do cavalo. Quási com o ânimo a saír-lhe, junto ao fôsso do castelo, gritava para El-Rei: *A ellos, Senhor, que nos perdem!*

Para sarar das feridas, em dez jornadas o trouxeram ao Ingarnal, aonde lhe chegaram boas novas no comêço da outra lua. Lá o diz o manuscrito da livraria — *Vidas de Sete Varões Insignes*...

— De quando é êsse manuscrito?, perguntou Vaz Ramos.

— O actual é do século XVII, mas foi copiado de outro com perto de trezentos anos. Lá o tem. Logo lho mostro. Pois êste senhor que aqui jaz, por ter ficado fiel a Dom Sancho, quando o Papa man-

dou sagrar D. Afonso, sofreu perseguição em sua terra, mas cumpriu o juramento feito.

E tanto êle como seu filho resignaram-se a viver sempre em seus domínios, longe da côrte e dos conselhos dos outros nobres, porque nunca deixou de pesar neles o desagrado do novo Rei.

Os assistentes estavam maravilhados.

Bernardo de Mendonça vinha à soleira da portada increpar Vasco, como *rebento indigno de seiva tão altamente louvada nas crónicas.*

Sorrindo para Mariana, aproximaram-se ambos para ouvirem melhor a repreensão do amigo, — se era lícito a um Brito manter-se distraído, emquanto uma voz sábia ia proclamando, como crónica viva, a glória da sua Raça!

Padre Januário, saboreando aquela afectuosa censura, repetia uma frase que lhe era cara:

— Nada se parece tanto com a história de Portugal, como os feitos desta Família

Depois, à insistência dos seus ouvintes, o velho capelão continuava:

— No princípio do século XIV, o Ingarnal era menos povoado do que cem anos atrás, e na inquirição que às terras da Beira Dom Diniz mandou tirar, o termo era declarado *escasso e frio*, para que houvesse esperança de virem morar nele novos colonos, que então se dirigiam para as lezirias da Borda d'Agua.

E quando El-Rei veiu ao Sabugal, aonde mandou reformar o castelo e levantar a tôrre das cinco quinas que ainda lá existe, querendo acudir à desgraça da terra, fez do Ingarnal couto de homiziados, para juntar mais gente às famílias de casaleiros e servidores de Martim de Brito.

Tendo-lhe o Rei feito muitas mercês, tomou e cumpriu sempre o bom propósito de as honrar, especialmente o direito de pendão e caldeira nas terras de doação e conquista, e o privilégio de serem dispensados, êle e os seus, do juramento de fidelidade nas alcaidarias que servissem.

Vaz Ramos voltava-se para Vasco:

—É muito, muito interessante a crónica da sua casa.

—Preciso agora de começar a estudá-la. Dêsses nobres feitos que o padre Januário sabe como o Padre-Nosso, apenas tenho pálidos lampejos na memória...

—É indecoroso!, rugia Bernardo. Devia haver também uma lei de expropriação das tradições de família. Para te castigar!

Vaz Ramos quís saber como se manifestara o Ingarnal na sucessão de Dom Fernando. E acentuava:

—Cá na Beira houve bastantes divergências.

O padre Januário teve um sorriso de vitória:

—Quando Lisboa aclamava o Mestre de Aviz Defensor do Reino, a exemplo da Sertã, de Castelo Branco, Monsanto e Pinhel, o castelo do Ingarnal arreia para sempre, à passagem do primeiro arauto, o pendão de Dona Beatriz.

E depois, em toda a porfia dos castelos da Beira que pelo Mestre tomaram voz, nenhum mais firmemente suportou a ameaça de Castela, resistindo a um cêrco de dois mêses e reconhecendo, antes ainda de Aljubarrota e das Côrtes de Coimbra, a rialeza de Dom João.

Inclinando a cabeça, Bernardo de Mendonça adiantou-se numa saudação irónica:

— Rapazes, veneremos o maior fidalgo de Portugal!

O Dr. Valadares, gravemente, louvando a memória e o saber profundo do padre Januário, concordava em que *poucos nobres poderiam ostentar mais glorioso brasão.*

Vasco agradecia, sempre ao lado de Mariana, emquanto nos olhos de Benedita se adensava uma sombra de lágrimas. Depois, querendo revelar interêsse, voltou-se para o padre Januário:

— Se não estou em êrro, também houve um Brito em Seuta, um cavaleiro

ainda moço. Tive sempre certa simpatia por êle. Eu e a Miana, coitada!

O padre Januário não se demorou a elucidar os presentes:

— Chamava-se Rui de Brito. Envelheceu nas guerras de África e era muito querido de Dom Afonso. Foi companheiro e amigo de Dom Duarte de Menezes; e junto dêle estava no campo quando o grande capitão, sem qualquer cerimónia mais do que levantar a espada, armou cavaleiro a Dom Sancho de Noronha, depois de uma corrida heróica sôbre Tetuão.

Vasco lembrou então a leitura da inscrição da fonte. Pelo caminho, emquanto o padre Januário percebia referências à sua *vasta erudição,* o que lhe dilatava o peito de ventura, ia informando Vaz Ramos de como essa legenda aparecera. Depois, voltando-se para as senhoras, que em seus vestidos claros eram milagres de aparições por entre o verde-negro das estevas, quis preveni-las da fadiga e do tédio:

— Talvez para V. Ex.as não seja esta peregrinação um saboroso encanto...

Elas protestaram, abrindo as sombrinhas e pondo-se a caminhar.

Teresa Borges de Matos retorquia-lhe prontamente:

— Por muito que isso môa os homens, também as mulheres têem inteligência...

E logo Bernardo acudiu:

— Mas quási sempre fechada a cadeado, cautelosamente, minha rica prenda!

Isto com perdão da sr.a D. Clara, se bem que a sentença só se refira a meninas solteiras. Quanto ao mais, há Santos Padres da Igreja que duvidam, outros que negam terminantemente.

Não é verdade, sr. padre Januário?

— A mulher é uma obra do Criador, como o homem. E Êle sábiamente distribuiu por ambos as faculdades da alma e os dons da graça.

Tinham chegado à fonte. Sôbre a pedra húmida da parede, as letras avivadas ofereciam-se ali como um tranquilo enigma.

Vaz Ramos fixou as duas palavras em alguns momentos concentrados.

Depois disse:

— Parece-me que não devemos atribuir à inscrição um sentido preciso, inabalável. Pode ser uma banalidade ou esconder um conceito profundo, o que ali está gravado. Século XVI. Sim, há quatrocentos anos.

O padre Januário, mais que ninguém, estava atento. Vasco pedia uma tradução razoável, a luz do mistério . . .

— Traduções há muitas, proseguia Vaz Ramos.

A interpretação é que deve ser uma só. A mais simples seria ver nas palavras a fala da própria fonte, o murmùrio da Náiade que nela habita, na animização mitológica. Se na alma da fonte vive um génio, — *fleo, transis* — é a expressão do seu pensamento ou da sua dôr eterna.

Bernardo, para dizer alguma coisa, afirmava que tal versão era literal e sêca.

E sempre ouvira dizer que a letra mata

e o espírito vivifica . . . Reclamava-se mais luz!

Vaz Ramos, anotando com um sorriso esta exigência do amigo, fingindo submeter-se a ela, continuou:

— Vocês escolham: *Suspiro à tua passagem; Choro por ti.* Ou então: *Emquanto choro, tu passas na vida; Eu estou chorando, tu passas sem me ouvir.*

Podemos ainda conjecturar mais longe, noutro sentido:

O meu pranto, a minha dôr não te detem; Tu já não viverás e eu continuarei a chorar; A tua alegria é efémera, a minha dôr excede os limites da vida . . .

— Tudo isso em duas palavras?! Apre!

Que eloquência comprimida, a dêsses latinos!, clamava a voz de Bernardo.

Vasco, reparando na seriedade do padre Januário e do Dr. Valadares, pedia-lhe que deixasse falar a sabedoria.

Agradecendo, num olhar irónico, Vaz Ramos pacientemente esclarecia, em tom professoral:

— Como vêem, pode dar-se uma grande extensão ao conceito, traduzindo-o por numerosas interpretações. Seja como fôr, o homem desconhecido que mandou gravar aquelas letras : . .

— Foi com certeza o senhor Vasco Mendes de Brito, doutor de Bolonha!, cortou logo o padre Januário.

— . . . quem mandou fazer aquela inscrição queria advertir-nos da rapidez da vida humana, em contraste com a identidade, com o espírito eterno das coisas . . .

Poderá ver-se aqui um reflexo da mística do Cristianismo sôbre a alegoria das formas pagãs.

A fonte fixa e permanente, mas cuja razão de ser se define em movimento constante, relembraria a nossa vida, que às vezes queremos supôr assás longa e firme, para fundar nela uma esperança . . .

Segundo me parece, a esta desilusão conduz o pensamento da fonte, no aviso da sua inscrição.

Vamos, pois, mais devagar . . .

O padre Januário estava suspenso. As raparigas, que já tinham baptizado Vaz Ramos em Lisboa com a designação amável de *dicionário falante*, queriam saber como podia êle meter assim tantas coisas na cabeça.

E ali deixaram a velha fonte, gemendo no coração da pedra, deslumbrada de côres ao sol, indiferente e serena como esfinge, sem a palpitação do alvorôço de quem sentisse de perto o perigo de lhe quebrarem o encantamento, tocando a alma e a vida do seu segrêdo...

Quem de Santa Maria das Graças subisse a trezentos metros, alcançava, numa das maiores altitudes da Serra, um dos seus gloriosos horizontes.

Já dali, o extenso vale caminhando entre bastiões azulados, levava os olhos atrás das grandes irmandades de amieiros, presos de uma e outra márgem, à encantação da corrente clara.

Trepava-se quási a prumo, entre pinheiros novos, a fazer colunário sôbre os abismos, e a cada escalada se ia desdobrando o jardim das giestas floridas, ondeando ao favor do vento ligeiro e oferecendo ao Sol e à Terra a gala pomposa do seu velário de oiro.

Para aquela prova de alpinismo amável, a que Vasco e o Dr. Valadares prometiam uma recompensa opulenta de scenário, apenas se aprestaram os rapazes, o Manuel Cardoso, Mariana, Helena e Benedita. Tereza e Elisa, por não confiarem no calçado, deixaram-se ficar no arraial, acompanhando D. Maria do Carmo e D. Clara de Sampaio.

O Dr. Valadares e o padre Januário iam examinar as obras, demoradamente, parando junto das paredes meio erguidas das outras casas em construção, que os futuros colonos andavam olhando amorosamente.

Mateus, a mandado de D. Maria do Carmo, reunira os criados para regres-

sarem no primeiro carro ao Ingarnal, onde os esperava o trabalho do jantar.

Os que subiam mandavam para o adro os seus adeuses brancos, de entre as penhas azuladas. Cada vez que se voltavam para trás, a vista ganhava encantos novos, como se ante os olhos fôsse abrindo altas cortinas a mão feiticeira de um génio.

As exclamações abençoavam, de instante a instante, a grande comoção da altura: É lindo! Que beleza!

Vasco, venturoso, como se fôsse dono e senhor da glória da sua serra, ia-lhes dizendo:

— Poupem a admiração! De outro modo, emudecem todos em breve tempo. E quando quiserem descansar...

Helena desejava sentar-se um pouco: parecia-lhe que lhe faltava a respiração.

Todos a rodearam, estendendo-se lassamente sôbre troceiras de rosmaninho em flôr. Ao fundo da planura, todos os olhos tocaram na face sombria de Castelo

Branco, amostrando entre cinzas trémulas a sua velha fortaleza; para alêm, a nascente, as serras que muralham a fronteira no curso superior do Tejo, e no arco do mesmo horizonte, pela calmaria do céu, desmaiavam em azul as campanhas da Idanha, o morro heróico de Monsanto, a terra gloriosa de Egitania, a vila e castelo de Penamacor. Aos pés da serra, a planície rastejava em verdores de seara e olivedo, humilhada e rasa, olhando o trono da montanha e aquietando-se em manchas claras de aldeias que sorriam entre os seus abrigos de folhagem.

Na suspensão daquele vôo sôbre a terra baixa, quási ninguem falava. Manuel Cardoso, mais certo dos logares, ia informando dos nomes, emquanto os binóculos passavam pelas mãos, de desejo em desejo.

Ao mesmo tempo exaltava-se a admiração de todos, repetindo-se nas mesmas palavras:

— É maravilhoso! Que beleza!

Vasco limitava-se a ferir um contraste:

— A serra de Sintra não passaria aqui de um brinquedo de gigantes; e estes montes são obra de Deus...

— Só a montanha é grande, meus irmãos! Só a montanha é grande e Vasco de Brito o seu Profeta!, clamou de entre as estevas o entusiasmo de Bernardo de Mendonça.

Mas era preciso subir mais ainda, ganhar a cumeada para avistar o vale do Zézere. Amparada a António Saldanha, Helena declarava-se pronta a continuar. Benedita, no seu dever de hospitalidade, vinha animá-la: faltava pouco.

Os passos recomeçaram mais lentos.

Meia hora depois, o vento fino da altura trazia-lhes à face a saudação das neves da Estrela, alongada e massiça, como se fôsse muralha de titans, coroada de branco, a suspender as nuvens por maravilha.

Sôbre os seus flancos, avultavam perfís sérios de povoados e quintas, pacíficamente respirando, no oceano côncavo dos vales.

O rio, em sua mansidão submissa, abra-

çava e fecundava a terra baixa, toda florida em promessas de pomares e searas.

Junto de Benedita, Helena Maldonado louvava sinceramente os lindos sítios, numa convicção amável:

— Para sempre, não; mas gozá-los às temporadas, no Verão ou na Primavera, deve ser um encanto. Um apetite!

Tocada na sua ternura de beiroa, Benedita comunicava-lhe alegremente a sua surpresa:

— Eu pensava que estas serras, assim agrestes, sem transportes nem hoteis elegantes, seriam um suplício para a gente de Lisboa...

Como Vasco e Mariana se tivessem afastado, para se afirmarem num ponto mais distante, a malícia de Helena pôs-se a gracejar cruelmente com Benedita:

— Olhe-me para aquele derrete!... Está mesmo por aqui, pelo beicinho...

Benedita calava-se, doída no seu despeito.

Helena continuava, em voz baixa:

— Parece-me que o Vasco está muito na lua: a Mariana não é mulher para gramar a pasmaceira do campo. Tem os seus hábitos de pequena. E a vida que ela tem levado! Ainda esta manhã lhe ouvi dizer que, se a coisa se fizer, cá pelas berças do Ingarnal, uns oito ou quinze dias, o máximo!

— Mas o Vasco andou a arranjar a casa, a dispôr tudo....

— Ela logo o vira. Descanse! Disse-me que êste *gôzo* de estar toda a noite a ouvir a música dos cães e das corujas — lá isso que não toma nada...

Manuel Cardoso afirmava a Bernardo que a serra mais distante para o Sul era a de Castelo de Vide.

Helena voltou-se, quís ver, tinha lá uma tia. Bernardo passou-lhe o binóculo, e Helena, como se avistasse a respeitável senhora, alegrou-se ruidosamente.

Como António Saldanha também tentasse ver, sem resultado, declarou-lhe com mau modo, que não descortinava

serra nem tia. Tomando-lhe o binóculo, Helena voltou-se para êle com enfado:

— Não vê?... Pois se você é pitosga!

E continuou a procurar Castelo de Vide:

— Olhe, lá está! Aqui por cima dêste monte! Vê?

Vasco, inclinando-se, colheu no chão, entre os sargaços em festa, pequenas flôres lilás que vinham abrir-se como beijos de seiva na face da terra. Depois, à vista de todos, entregou-as a Mariana, dizendo-lhe:

— Em nome desta serra lhe ofereço o mais delicado dos seus dons...

Sorrindo, Mariana ajuntou as flôres, prendendo-as no peito junto à pele, com um fulgor de agradecimento no olhar:

— Louvada seja a Serra e bem haja o seu procurador!

Depois, as suas vozes abrandaram-se em carícia; os outros vieram andando; e às últimas palavras de Vasco, os ouvi-

dos de Benedita puderam sentir a dôr da resposta enternecida de Mariana:

— Nunca mais!...

Ao lado dêles, protegendo as piçarras, um castanheiro longal abria os braços, floridos e perfumados, como um gigante entre as árvores.

Vasco apontou-o a todos com ternura, com orgulho:

— A árvore da minha serra, a minha árvore!

— É admirável!, apoiaram vozes sinceras.

Animando-se, na comoção rural dêsse momento, Vasco continuou:

— Deus fez o castanheiro para as montanhas; êle protege e defende a terra, suporta o pêso das rochas, à beira dos precipícios. O castanheiro é lial e forte, emquanto moço; generoso como um avô, abre os ramos em pálio e o tronco em abrigo, quando a morte luta com a sua velhice. Em flôr, é um vaso sôbre o altar; encontrá-lo na sazão, é ver a ár-

vore dos novelos de oiro, das pernadas de prata de que se contentou a nossa imaginação de meninos nos contos de fadas. As suas folhas em punhal, são o último adeus em que empalidece o Outono; o seu fruto é a abundância pronta, a providência dos pobres que se prolonga nos caniços e arcazes, pelo ano inteiro. Os seus maiores troncos, nos adros das aldeias, acendem-se em fogueiras na glória da noite do Natal; às suas traves se apoiam os tectos dos palácios e das cabanas; as suas vergônteas se unem para os berços; das suas tábuas se talham os esquifes; com as suas flôres se tecem as capelas para coroar na morte a pureza das meninas e pastoras...

Árvore da minha raça, milagre da serra, eu te saúdo!

— Bravo! Bravo!, clamaram todos, emquanto as palmas se perdiam fluidamente na claridade sonora.

— Boa tirada, Vasco!, comentava Ber-

nardo. Só eu acredito que seja de improviso... Os outros...

As raparigas protestaram; Bernardo era agora atingido pela censura geral.

Helena apedrejava-o violentamente, com flôres de rosmaninho:

— Seu invejoso!...

Presos ainda à persuasão da voz de Vasco, todos mandavam para a árvore em festa os olhares do seu carinho:

— Que lindo, o castanheiro! Que maravilha!

Para as bandas de um regato, de entre uma espessura de écloga, elevava-se sôbre o gotejar dos chocalhos a pastoral de um pífaro.

Mariana inclinava-se a ouvir:

— Escutem! Escutem! Scht!...

E sôbre o mesmo motivo, claro como respiração de nascente, a alma dum pastorinho ia florescendo em melodia, ampliando-se e suspendendo-se no ar, à espera de que a terra a ouvisse e entendesse.

Pela voz daquela avena, falava e chorava o coração da serra; no olhar das flôres, que estrelavam as relvas, sorria a sua alma oculta e scismadora.

Ouvindo de novo o pastor, agora erguido como pupilo de Silvano, sôbre a prancha de um rochedo, Mariana pedia um lápis e papel. Os rapazes procuravam, de bolso em bolso, obsequiosamente.

Em vão! Ninguém encontrava.

Por último, Manuel Cardoso vinha dar-lhe uma ponta de lápis; papel, não tinha, não havia...

— Um livro de mortalhas, ao menos! suplicava Mariana. Depressa!

Os rapazes abriam as carteiras, procurando. Só havia em todo o grupo cigarros feitos.

— Tenho papel, mas timbrado a côres, sorria Bernardo, desdobrando uma folha.

Mariana quís iludir o lôgro:

— Uma nota de cem mil réis! Dê cá. Há de servir!

— E olhe que não esperava tê-la para função de tão grande utilidade. Confesso.

— Agora esteja calado, tornou-lhe Mariana.

E assim, estendendo a nota sôbre o saco de Benedita, ela pôde escrever em música essa flôr de som, aberta puramente na luz da montanha.

Dobrando depois a nota, entregando o lápis, Mariana sorria da sua colheita feliz, emquanto Bernardo gracejava:

— Fique lá sabendo que não dou a nota pela cantiga, apesar de serem sete as notas de música. Cem milreisinhos!...

— Eu restituirei, seu avaro!

Descendo agora todos para Santa Maria das Graças, quando já o sol pendia em fulgurações roxas, Mariana e Benedita vinham relendo a música, alternadamente, como a prolongarem, de nota em nota, um suspiro misterioso.

Do adro abalavam os últimos romeiros. Seguiam-nos para casa mulherucas redondas, de sapatos à cabeça, sôbre os chailes

dobrados. Dando vivas ao fidalgo, tirando os chapéus na alegria do vinho, os mais devotos oscilavam por meio do mato, de cacheiros ao ombro.

Junto dos toldos, vultos esperavam que o dia findasse. E dali a pouco, pela fresca azul da tarde, os carros toldados reconduziam os hóspedes de Vasco ao solar do Ingarnal.

IV

CINZA E NADA

Nessa época de Cascais, por meados de Setembro, o motivo de mais fogosa maledicência na praia e na Parada, era a rivalidade dos dois grupos, que ferozmente disputavam a primazia da inteligência e da graça, no tumulto mundano da estação.

Até ao casamento de Virgínia Brandão, pelas apreciações da Cidadela e em toda a ribeira dos Estoris, ninguem ousára abalar a tranqùilidade em que pairava o prestígio de D. Maria da Conceição

Menezes, como organizadora de festas de caridade, a que a Família Rial dava sempre o aplauso e agrado da sua presença.

No meio de recitativos, era certo incluir-se o nome do actor Alfredo Pinho, do Teatro de D. Maria, que tinha o dom eficaz e sublime de deleitar a Côrte e as nobres famílias do veraneio com poesias dulcerosas de Fernando Caldeira, ao mesmo tempo que garantia, contra possíveis dichotes e cavilações de desafectos ao Paço, um firme cunho de arte a todas as festas.

Mas Virgínia Brandão casára e logo começou a receber com ruído, afirmando livremente, por cima de ideias feitas e de pessoas consagradas, a rebeldia do seu desdêm. Uma vez, mais exaltada, em casa de D. Clara de Sampaio, numa discussão sôbre hábitos velhos de sociedade, proclamou bravamente o seu propósito de *sacudir o caruncho e desterrar os manteletes...*

Nesse ano, justamente, mais autorizada e altiva com o êxito da *Vitoriosa*, no Teatro Olimpia, ela planeára abalar de assombro e irritação a dormência parnasiana de Cascais, pondo em scena, em benefício do Instituto Branco Rodrigues, um acto de teatro moderno, intitulado — *Ginette des bas bleus*, que no último inverno vira representar em Paris.

E para que não ficasse retido além das fronteiras o bom espírito gaulês, nos equívocos e embaraços de uma tradução aleijada, decidiu logo dar a peça, saborosamente, no próprio original.

Na sua ambição crescia e avultava êste plano de arte e caridade, quando subitamente a tocou um vento de desgraça: Eugénio Brandão morria de um desastre de automóvel para os lados do Lumiar, por onde passava numa noite de prazer, com outros amigos e três belezas andaluzas, que bailavam no Salão Foz. Mas, para descontentar o secreto regosijo de D. Maria da Conceição Menezes e a

rogos do seu grupo, consentiu em proteger e auxiliar pessoalmente a récita, aquietando o escrúpulo dos crepes com o fim beneficente dos seus esforços.

Para a substituir, na aparência, prontificára-se D. Madalena Fontoura a promover a festa. Nos jardins da Parada, às tardes, Virgínia Brandão cortava o ruído das mesas e dos jogos com o sulco negro do seu vestido, e ao encontro dela vinha fielmente o Dr. Soares de Carvalho, que num zêlo excessivo lhe tratava do inventário, consolando-a ao mesmo tempo na sua viçosa viuvez.

Comentando-se muito essa intimidade assídua, o conselheiro Luís Vidal, arqueando as guias do bigode, ia dizendo em confidência que o *inventário era menos aos móveis e imóveis do que aos semoventes, mais à pessoa que aos bens*...

Por outro lado, D. Conceição Menezes, favorecida em condições de triunfo pelo luto de Virgínia Brandão, activava o seu projecto de levar à scena — *Os amores da*

Avòsinha, que ela discretamente escrevera sob a direcção espiritual e literária do padre Maia Lopes, afamado prégador.

Quando os ensaios começaram, uns de manhã, outros de tarde, no mesmo palco, os dois grupos ficaram marcados pelos nomes de *brandistas* e *menezistas,* e ninguem da boa roda cascalina podia deixar de tomar partido e sustentar a sua posição.

Muitas semanas antes, Mariana de Sampaio prometera ajudar Virgínia Brandão nos ensaios dos coros, e êsse dever arrastára Vasco ao extremo de enfileirar ao lado do Dr. Soares de Carvalho e do conselheiro Luís Vidal, que a todo o propósito se intitulava amigo do pai Brandão.

A condessa de Reveles, D. Maria do Céu Abrantes (que classificava de maluca Virgínia Brandão e tirára a Rosinha dos ensaios da *Vitoriosa*), D. Cristina Maldonado e as três filhas eram fieis a D. Conceição Menezes. Na praia, Vasco passava as manhãs na barraca dos Sampaios, onde

o pai Fernando só aparecia nos domingos, por causa do Banco.

A pedido de Vasco, Bernardo de Mendonça e Elisa resolveram naquele ano interromper o velho hábito de Sintra, alugando também em Cascais metade de uma casa, velha e escura, por cedência de um empregadóric da câmara.

Depois, sempre alagado de poeira, e com o vento a açoitá-lo desvairadamente todas as tardes, enfurecia-se de arrependimento, censurando Vasco, à hora do chá:

— Por tua culpa, meu traste! Aqui não logram os olhos reflexos de arte ou dons da natureza.

Isto só é apreciável para conhecer de perto a estupidez bem trajada! Que horror!

Então Vasco, em defesa, lembrava-lhe a barra, a baía, o farol, os chalés do Estoril e outros atractivos consagrados.

— Para ti, sim. Tens cá os encantos!...

— Mas tua irmã tem-se dado bem, parece. Ainda ontem ela me disse que gostava muito desta variante. Agradeceu-me até a lembrança. Em Sintra, que era uma pasmaceira de adormecer, logo ao pôr do sol...

Vasco queria aludir à côrte de Oscar Nunes a Elisa de Mendonça.

Fingindo não compreender, Bernardo rematava em justificação:

— Ora! As raparigas, logo que lhes toquem piano, à vista de três alféres que dancem, não requerem mais nada! Mas Sintra é outra coisa. Ao menos, respira-se ar e bebe-se água que não deve ser falsificada. Aqui cheira-se o aceio municipal, que é medievo, e come-se poeira nos intervalos das refeições. Marrocos puro!

Nas manhãs de bom mar, quando a água, por favor de Neptuno, não marulhava em lôdo, o encanto e o interêsse mais picante da praia era a revelação dos corpos, devida à generosidade americana de alguns fatos de banho.

Contra a regra dos costumes latinos, que manda vestir a mulher de espêssos roupões para receber em castidade o abraço do mar, Cascais insurgia-se em três ou quatro corpos de protesto que nessas manhãs se revelavam com vantagem e audácia.

A mais famosa das banhistas adolescentes, a que roubava horas de sono a meia dúzia de filhos-famílias lustrosos, que à pressa se levantavam nos hoteis do Monte, só para adivinharem sôbre a areia o pequeno resto oculto no fato, chamava-se Mary Salgueiral, era filha de uma judia inglesa e do capitalista Vicente Salgueiral, muito querido em Lisboa.

António Saldanha, que veraneava em Sintra com os pais e ali vinha, um dia por outro, na ilusão supersticiosa de Elisa, vendo-a um dia entrar no banho, lançára-lhe o madrigal camoneano de *loira Tágide*.

O poeta Amadeu Guimarães concebera uma poesia que tivera a audácia de ler

um domingo na praia, quando Mary repousava de uma ferida de côncha num dedo do pé direito. A sua lira celebrava a ambição dêsse *vil calcáreo,* que pretendia a glória de promover-se a unha da *Ninfa de Ticiano.*

Rapidamente a poesia transitou em cópias, de carteira para carteira, e cada novo possuidor lhe adulterava um verso em sentido mais picante, até a transformarem num epigrama bocageano.

Quís vê-la Mariana de Sampaio, mas a edição que Vasco pôde obter excedia a menos rigorosa decência. Disse-lhe que a perdera no combóio para Lisboa.

Noutros dias a praia era tranqùila e a vista abraçava as curvas da barra, voando às ribas desmaiadas da Outra Banda e, na passagem, subindo com as gaivotas que vigiavam gulosamente os barcos de peixe, a recolherem do mar alto.

Vasco e Mariana alheavam-se dos grupos e muitas vezes, tomando os jornais e acompanhados do *Smart*, *fox-terrier*

muito mimoso dos Sampaios, iam andando por toda a praia, ao favor da maré baixa.

As irmãs Bátistas, que detestavam Mariana e abominavam metódicamente todos quantos viam avançar para o sétimo sacramento, meditaram o plano sinistro de aniquilar pelo ridículo aqueles namorados, alcunhando-os de *Tristão* e *Isolda*.

— Ela é loira e já bebeu o filtro... o que nós sabemos... E êle, com aquela cara caída, sombria, quási sempre triste, é mesmo um Tristão! Fica-lhe bem — *Tristão*..., confessavam elas à condessa de Reveles, perdidas de riso, em triunfo.

Ás irmãs Bátistas não faltavam colaboradores na demolição dêste castelo de ventura. Os rapazes de Cascais relembravam casos e anedotas em que a pureza de Mariana era salpicada de lama, já nos tempos da primeira comunhão.

Joaquim Borges de Matos afirmava que se ela não fugiu com o inglês, no

ano passado, foi porque êle não quís. Sempre o ouvira dizer.

Os outros apoiavam, enumerando novos exagêros, num improviso fértil de circunstâncias.

No meio dêstes rumores, que se dissolviam e acumulavam na mesma inconsistência, o maior encanto de espírito que Vasco descobrira em Mariana fôra, desde logo, a assimilação instantânea das idéias, a compreensão exacta dos seus planos literários, do seu conceito de família, na expressão eterna: pai e mãe que se amam, reùnidos com os filhos à roda do lume.

Nesta representação clássica, queria êle significar a unidade moral, identificando-se com a comunidade do sangue — o lar cristão.

Cautelosamente, quási em súplica, inquiria se para os hábitos dela não seria violento sacrifício ir viver no Ingarnal, pouco menos do que à lei da natureza, entre vale e serra, fazendo da vida um protesto de saúde e de quietação.

Mariana, que nunca deixára de aplaudir e completar os acerbos comentários de Vasco à *falência e à mediocridade opaca dos salões,* inesperadamente o alegrava com a mais risonha concordância e as mais inteligentes certezas.

Para ela, obrigada por deveres e convenções a circular no rodopio mundano, também a vida de Lisboa se afigurava muitas vezes uma *cadeia de montanhas de tédio.* Sem lho revelar, Vasco gosava com delícia a facilidade com que Mariana desenhava naturalmente, em conversa, recortes líterários na frase.

Dois anos de convívio, uma escolha cuidadosa de leituras, e tinha encontrado, na futura mãe dos seus filhos, a mais completa e doce companheira de espírito.

Assim o confessava, em seu enlêvo, a Bernardo de Mendonça, na tarde em que lhe participou, com demorada solenidade nas palavras, que resolvera e combinára pedir Mariana, logo depois do regresso de Cascais.

O arranjo do Ingarnal, a conquista do imprescindível confôrto numa casa *atrazada três séculos em comodidade,* obrigaram-no a retardar êsse passo, para além do qual êle via ampliar-se o seu melhor destino.

Parecia uma criança.

Já em Lisboa, nas manhãs dêsse verão, êles tinham feito com D. Clara repetidas romarias às lojas de antiquários, recolhendo miudezas *para animar as salas,* descobrindo aqui e alêm sanefas de damasco e tamboretes joaninos que eram conduzidos para o hotel.

E, embora sem necessidade, porque de móveis era farto e rico o Ingarnal, resolveram, por vício, comprar na rua de Sam Bento, um par de cómodas de laca, de um vermelho estridente.

Para o alto das escadas encontrára Vasco um lampião, e nêsses vagares da praia, deitados na areia, ia-lhe descrevendo a forma, arcadas solenes, grande solidez, emfim, uma peça de berlinda nobre...

— Bem sei: como uns que eu vi em Mafra!

Sensível à justeza da observação, Vasco enternecia-se, e desta concordância de gostos, cada vez mais acusada, subia-lhes na labareda dos corações uma scintilação nova, uma radiante ilusão.

As noites de Cascais iam-se todas em danças enérgicas para a juventude, em ócios de boas digestões, através de ronceiros *bridges*, em que a verdade e a improvização, num saboroso encanto, andavam tecendo a crónica escandalosa das famílias, sem protesto de ninguem, o que persuadira Bernardo de Mendonça a classificar o *Sporting Club* como *o laboratório de calúnias mais fecundo de todo o Planeta.*

Algumas vezes, quando a lua se ausentava por favor ao aparelho, Domingos Reis trazia de casa a sua lanterna mágica e oferecia no jardim, a toda a elegância, o cinematógrafo de uma colecção saùdosa de instantâneos.

Antes de começar, nunca se dispensava

de repetir com dôr teatral na sua voz gorda:

— Lembranças de melhores dias! Tempos que lá vão!

Depois, fielmente, passavam figuras mortas ou esquecidas, a côrte, os infantes, as festas de outrora, as regatas na baía, e por êste dom mecânico de evocador, pela sua bonomia roliça, bonacheirona, mas principalmente pela generosidade satisfeita com que dos seus bolsos desenterrava pacotes de bonbons caros, Domingos Reis, filho de um rico negociante de ferro, tornára-se popular e até querido da mocidade de Cascais.

E sendo inacessível, por sua ventura, a toda a noção do ridículo humano, tinha um feitio amável, obsequioso para as senhoras, comprando-lhes as mais miúdas encomendas em Lisboa ou levando-lhes os agasalhos nos passeios, à noite.

Assim conseguiu completar logo no primeiro ano o curso de admissão na Parada, emquanto outros prolongavam seu esfôrço

e ambição por três ou quatro, sem resultado profícuo.

Como pregoeiro dócil e convicto, Domingos Reis ia anunciando do alto de uma escada:

— Aspecto da recepção no aniversário de Suas Majestades. Lá se conhecem os senhores condes da Fonte Nova e também o sr. conselheiro Matos Guedes.

— Fóra! Fóra! Êsse aderiu à República! clamavam duas ou três vozes.

— Então não torna a aparecer, deixem lá...

Ao lado, Armando Travassos, que fazia nos jornais os registos da sociedade elegante, informava:

— Cá por mim, êsses cavalheiros que aderiram e ainda dizem mal do Rei, corto-os sempre! É como se não andassem na vida mundana. Morreram para a sociedade.

Na sua tarefa de cronista, o da lanterna prosseguia:

— O banho na praia de Cascais em

1906. Figuras bem conhecidas, algumas até estão na assistência...

— Olha, olha! A Micas Buarcos, o Ernestinho, o José Valverde.

— E isto agora?, perguntava enigmáticamente Domingos Reis, emquanto revelava um ajuntamento composto de fardas e plumas.

Todos se calaram, a imaginar hipóteses, lançando-as tímidamente. Ninguem acertava. Então êle, mais importante do que nunca, deixou caír do alto de si mesmo a preciosa decifração:

— Juramento do Príncipe Rial!

— Ah!...

Com esta prestante aptidão, que entre os grupos lhe ganhava familiaridade, Domingos Reis tornára-se o mais feroz defensor e guarda dos privilégios daquela selecção da boa-roda que, à luz do seu instinto, consistiam principalmente na maior amplitude com que damas e donzelas podiam invadir, em tom de elegância, as esferas do pecado.

No contentamento e orgulho da posição conquistada, êle era tão humilde e nobremente lisongeiro para as famílias em cujos nomes reluziam esmaltes heráldicos, como rude e insolente contra todos aqueles que, por mão benévola ou subôrno do velho porteiro, logravam pisar o reservado recinto do *Club*.

Por estas sólidas razões, ninguem bramou mais alto do que êle, na tarde em que D. Maria José Borges de Matos entrava no jardim, trazendo ao lado, muito familiarmente, Isaura Nunes e o Oscar, seu filho.

— Parece incrível!, dizia êle, enfurecido. Daqui a pouco transfere-se para cá o Clube Estefânia!

E caminhando para todos os lados, de mãos nos bolsos e a olhar de esguelha para os intrusos, passava da mesa dos condes da Fonte Nova para a de D. Clara Sampaio, encolhendo os ombros e pedindo-lhes que reparassem para *aquela lindeza!*

A sua indignação inflava-o mais ainda, rugindo contra a cangalheira, contra a nova-rica que pretendia impôr-se como fidalga miliciana.

—É o afidalgas! Um dia aparecem aí nas árvores uns editais com o estendal da vida dos senhores Nunes. É o que está a pedir!

Com a sua autoridade, a condessa da Fonte Nova declarava esta admissão um abuso.

— Um abuso, senhora condessa. Tem razão. Um abuso e uma afronta a V. Ex.as, a todos nós!

D. Maria José Borges de Matos avançou para o *tennis* a chamar Teresa, começando depois todos a atravessar os arruamentos, e os Nunes a receber atentamente as indicações essenciais que convinham à frequência de tal lugar.

Caminhando para a mesa onde estavam jogando D. Maria da Conceição Menezes, a condessa de Reveles e D. Lucrécia de Medeiros (a quem chamavam *Lucrécia Borgia*, por afinidades com o modêlo his-

tórico), as cadeiras deslocaram-se, a ranger em protesto, e os corpos destas senhoras fofamente ficaram de costas para as outras que passavam...

Algumas damas tímidas, pressentindo perigo de apresentação, abrigavam-se longamente debaixo dos chapéus, mergulhavam em profunda leitura de jornais velhos, ou escapavam-se em renovados desvios aos encontros fatais à sua defesa.

Lucrécia de Medeiros, mal os iniciados se afastaram, rompeu logo:

— Que me dizem Vocês a êste descaramento da Maria José? Querer impôr à sociedade uma matulona daquelas!

A condessa de Reveles, com voz muito indignada, ia observando:

— Já também estranhei vê-la em casa dela êste inverno. Mas, emfim, cada qual manda em sua casa. Agora, aqui! É desafôro! Se o Borges de Matos arranja bons negócios, lá de sociedade com o Nunes ou o que é, celebrem essas pechinchas em família!

Daqui a nada, entram-nos por aí a peixeira e o padeiro.

Ora a pândega!

Passaram duas semanas. D. Maria José insistia. Com o pretexto de um grande auxílio para a sua obra das *Filhas da Caridade*, levou Isaura Nunes a casa da condessa do Rechoso. A velha fidalga acolheu-a com bondade simples e risonha, e Isaura Nunes, muito agradecida, contou sôbre a mesinha redonda, ao olhar contente da condessa, um conto de réis de esmola.

No dia seguinte, quando D. Maria José tomava chá com Isaura Nunes, a condessa do Rochoso passou, seu vestido de vidrilhos pretos, um ar sério de antiga distinção. Elas levantaram-se, e toda a Parada viu com assombro a nobre dama beijar a face madura e morena de Isaura Nunes.

Crendo talvez irremediável o destino de vir a sér cunhado do Oscar, Bernardo de Mendonça dizia num círculo que mais atónito se mostrára:

— Vocês admiram-se! Então deviam ser coerentes e fazer da nobreza uma casta, como as da India. Mas o que se tem visto aí? Miséria! Veniaga! Rendição ao vil metal. Nada mais. Vejam lá quantas menimas destas recusarão abrir lugar nos seus brazões à azagaia hereditária de qualquer mulato, desde que êle saiba falar bem inglês.

E fazia o gesto antigo de passar moeda pelos dedos, rematando:

— Eram até capazes de ir beijar o negro à senzala do sertão...

Os outros calavam-se, com as *raquettes* debaixo do braço, em mangas de camisa.

Ora, nessa mesma tarde, um episódio providencial, mas sangrento, espavoriu por instantes os rumores da má-língua, concentrando cuidados e receios. O Pedrinho Abrantes, filho de D. Maria do Céu, seguia com a gaiola sôbre o muro do jardim um canário que se aventurara a pequenos vôos de liberdade.

Mas, tendo-lhe faltado um pé, deu um

grito e despenhou-se irremediávelmente, como um fardo, sôbre as pedras duras.

Imóvel no solo, diriamos às portas da morte, Pedrinho perdera a fala.

Os gritos de socorro varavam o jardim:

— Acudam! Acudam!

Emquanto o alarme ondeava trágicamente pelos grupos, o pequeno lá jazia com a cabeça a manar sangue.

Vasco e Mariana, sentados ali perto, entre o buxo, correram a levantar o Pedrinho, que se tornara uma massa inerte e pesada. Mas era necessário um socorro imediato que reanimasse a criança. Mariana, segurando Pedrinho pela cabeça e ensanguentando o vestido claro, pedia que chamassem a Chica Melo, que era enfermeira da Cruz Vermelha e quisera partir para a guerra.

Do fundo do jardim onde estava lendo, à sombra, a Chica Melo apareceu em sobressalto, correndo para o grupo aflito que sucessivamente crescia. Mas, deparando com Pedrinho nos braços de Ma-

riana, lavado em sangue, estremeceu, soltou dois gritos alucinados e desmaiou no chão, abandonadamente.

No meio dos alvitres confusos, Vasco pediu um automóvel. Bernardo e John Salgueiral tomaram o corpo de Pedrinho. Oscar Nunes, por intermédio de Joaquim Borges de Matos, oferecia o carro, tímidamente:

—Está lá à porta...

E correram a pôr o motor a trabalhar, emquanto no trajecto muitos lenços se ofereciam para estancar o sangue na ferida. Ouviam-se ali os passos da morte. Comtudo, meia hora depois, Pedrinho, pensado e reanimado, estava a gemer sob a vigilancia de sua mãe, já com a certeza dada pelo médico na farmácia de que não havia motivo para *recear qualquer fatalidade.*

Vasco, Bernardo e John Salgueiral voltaram contentes com essas boas novas.

No Jardim havia uma agitação febril de conjecturas. A propósito dos perigos,

Lucrécia de Medeiros, sentada junto da Chica Melo, que acabava de recobrar o ânimo de enfermeira, censurava a direcção que nunca se lembrára de montar ali um posto de socorros:

— Jogos e mais jogos. Tolices umas sôbre outras! Mas do que é necessário, nada!

Não tendo reparado em Manuel Fontoura, quís então retraír-se, mas êle acudiu logo, bravamente, em defesa da direcção a que pertencia:

— Creio que não estamos numa praça de toiros ou num concurso hípico, para pedir a presença da Cruz Vermelha. E, se alguêm há que julgue necessário aqui serviço de saúde permanente, monte-o, porque não lhe falta tempo para isso! Nós não temos essa obrigação.

— Nem eu, entende? Mas sempre podia ser mais bem criado...

— Não preciso das suas lições de educação. Nem dos seus exemplos! Ainda menos!

— Ora essa!... Quem somos nós? Quem

é Você? Se não tivesse casado com a lambisgoia da Madalena, nunca tinha aqui posto o pé!

— Oh! sua..., dizia Fontoura, avançando em grande cólera.

— Bata-me! Insulte-me! Deve ser o seu forte!

Mas já braços conciliadores tinham desviado Manuel Fontoura. Delfina, a chorar, pedia ao pai que se calasse, que fôssem para casa.

Viera acudindo mais gente, o conde da Fonte Nova, as irmãs Bátistas, Virgínia Brandão. Por último, abriu-se na nuvem do charuto o sorriso pacificador do conselheiro Luís Vidal:

— Acomodem-se, que demónio! Estas questões ficam sempre mal. E recáem sôbre nós todos. Lembrem-se do que poderão dizer os jornais republicanos... Do que já teem dito...

Vasco e Bernardo concordavam com o sr. conselheiro; era razoavel.

— Ámanhã, continuava êle, as más-

línguas rosnarão que o mais aristocrático recinto do nosso Portugal, está transforformado num ajuntamento de arruaceiros e colarejas.

O conde da Fonte Nova, dando-lhe apoio, gravemente, entendia que era preciso evitar o escândalo.

Então o conselheiro Luís Vidal, vendo tanta gente da mesma opinião, ainda lançou uma frase de concórdia:

— Que afinal, estes equívocos provêem simplesmente do sincero desejo de uma parte e de outra, da D. Lucrécia e do Fontoura, em promover o progresso desta instituição.

— É verdade! É isso mesmo!, disseram muitas vozes à volta.

— Diferença de critérios, nada mais!

E enfiando o braço pelo de Manuel Fontoura, convidou-o para um *whisky*.

Os ensaios dos *Amores da Avòzinha* e da *Ginette* iam avançando, entre a des-

confiança hostil dos dois grupo de amadores, seus parentes e aderentes. De um e outro lado, galopinava-se afanosamente, para trazer às festas a concorrência rendosa de toda a linha de Cascais até Lisboa.

D. Maria da Conceição Menezes já mandára vir o actor Alfredo Pinho para os últimos retoques; por sua vez, não querendo ficar atrás, Madalena Fontoura, a conselho de Virgínia Brandão, escrevera ao glorioso Luís Eduardo, que logo se prontificou a coadjuvá-los, numa carta correctíssima.

A rivalidade de menezistas e brandistas revestia-se dos mais inesperados aspectos, estalava a todos os pretextos.

Uma tarde, o pequeno Tomás Fontoura, que tinha ficado distinto no quinto ano do liceu, trouxe a um grupo do *tennis*, onde estava a irmã, a cópia do papel de *Berta* nos *Amores da Avòzinha*, em que se lia esta rúbrica: «*Fica sem dar a côr de si*». O rapaz, ao achar o papel caído junto de um banco, entendia que lá

devia estar escrito: «... *acôrdo de si.*» Todos lhe deram razão e com triunfo celebraram a esperteza daquele aliado prestimoso.

E mal um brandista avistava um menezista, logo o gracejo sibilava atrevidamente no ar:

— Dás a côr ou não dás a côr?...

E vindo a verificar-se que a letra era da Rosinha Abrantes, D. Maria do Céu, muito piedosa, muito tímida — não houvesse alguma sensaboria na noite da récita — dirigiu-se a D. Conceição Menezes, levando pela mão o Pedrinho, ainda de cabeça atada, para lhe declarar, entre açucaradas desculpas, que *não podia contar com a pequena.*

Muito contrariada, D. Conceição Menezes perguntava-lhe se queria que ela fizesse os papeis de meninas de dezoito anos e, num assômo de desânimo, reconhecia sinceramente que *não havia gente para nada.* Mais tarde veio a saber-se que, em desabafo, para Mrs. Salgueiral,

D. Maria do Céu confessára a verdadeira razão do seu procedimento: ela não podia admitir nem suportar que a Rosinha aparecesse na peça como criada da filha da Carolina Pereira.

— A minha filha não nasceu para criada, nem mesmo no teatro!, dissera ela com furor à inglesa complacente.

Sobretudo, indignava-a a circunstância de que por tão desastrada distribuição de papeis, a Rosinha viesse a servir *uma badameca que ainda há dez anos tinha a avó a vender ovos numa tenda, em Belem.*

Alêm dêste irremediável amuo materno, outros desgostos martelaram a paciência tenaz de D. Conceição Menezes que, num rasgo supremo de energia, cerrou ouvidos aos clamores famintos das *Filhas da Caridade* que a virtuosa condessa do Rochoso protegia. E por mais heróico esfôrço, sufocou a sua benemérita vaidade e as esperanças festivas do padre Maia Lopes, recolhendo *Os Amores da Avòzinha* à escuridão de uma gaveta.

Iam os fados propícios para os brandistas.

O Dr. Soares de Carvalho, exultando, recitava a Virgínia Brandão e a Madalena Fontoura, pelas sombras discretas e distantes, alguns trechos mais burilados da sua conferência — *Jardim de Pedra,* que era o louvor do Convento dos Jerónimos e simultâneamente o panegírico das glórias da Navegação.

Na *Ginette,* o primeiro papel coubera a Leonôr da Cunha que, na opinião do actor Luís Eduardo, o interpretava *com a consciência e a intuição de uma profissional.*

Mas a oito dias da representação, Luís de Vilhena, namorado de Leonôr, que até ali dera todas as facilidades, que desde o princípio assistira aos ensaios, veio a compreender que algumas scênas obrigavam a protagonista a amar outro rapaz, mais do que êle podia permitir em pùblico.

Subiu-lhe então à fala um bravo ciúme: protestou, ordenou, impôs-se, incitado por outros.

Quando Leonôr da Cunha pretendia ainda demovê-lo, convencendo-o com boas e brandas razões, êle disse-lhe rudemente:

— Já te disse: não consinto que faças papeis de *cocotte*, diante de quem quiser ver! De mais a mais, por dinheiro!

E ao rumor imperativo desta frase submissamente se inclinou o coração de Leonôr, rolaram para os abismos do nada, sem remédio, os planos triunfais de Virgínia Brandão e Madalena Fontoura, escondeu a face a nova estrela em que refulgia a glória do Dr. Soares de Carvalho.

Entre tantas almas sombrias e revoltadas contra o poder divino do amor, no forte partido de Virgínia, só dois corações se alegravam, no desafôgo de uma libertação: Vasco e Mariana.

Os ensaios a horas incertas ou prolongando-se às vezes até à noite, tinham perturbado a lenta doçura do seu noivado.

Agora já podiam ser melhor, e por mais tempo, um do outro.

Dos amigos próximos de Vasco, António Saldanha recolhera-se tristemente, *a acabar o livro,* logo que vira triunfar de si e do seu talento, no coração de Elisa, a horrenda maxila, a cabeça lustrosa e o automóvel de Oscar Nunes.

Bernardo de Mendonça perdera a veia do gracejo, desde o dia em que a irmã e Miss Dryden, na companhia de D. Maria José Borges de Matos e dos filhos, partiram no automóvel dos Nunes para um almôço em Santo António dos Capuchos, na Serra de Sintra.

Em todo aquêle turbilhão de destroços, firme como coluna de oiro, elevava-se a esperança no coração de Vasco.

Falando dêle a Vaz Ramos, que num domingo deixára os clássicos e fizera assomar o seu *smoking* a uma das portas do baile, Bernardo melancólicamente o informava, como se se tratasse de um defunto, que *o nosso ilustre amigo renunciára aos dons da inteligência no sortilégio daquela paixão fatal . . .*

Por curiosidade, nessa noite, já que caíra em ir, Vaz Ramos gostava de conhecer algumas máscaras célebres. Via por ali uma fruta nova de muito apetite . . .

A um canto, ao lado de Mariana que resplandecia, Vasco lá estava a gozar, sem noção de tempo, a sua beatitude, mandando para Vaz Ramos um leve sorriso de cumprimento.

Prosseguindo no exame da sala, Vaz Ramos queria saber quem era uma dama ruidosa, dura de linhas, que parecia ter ali dentro um grande prestígio.

— Lucrécia de Medeiros. Deves conhecer . . .

Toda a gente . . .

— Sim, de nome. Muito bem.

— De nome e de feitos que a fama canta.

Vês além aquela *mignonne* loira, redonda, vestida de azul?

— Vejo.

— Pois é agora a íntima dela. São íntimas . . .

Compreendes... É uma escola neo-sensualista.

— Ah! Sim... Se não tiver corpo, tem espírito clássico, ao menos. E o *Eroterium?*

— O quê? Que diabo é isso?

— Sim, o templo, a escola...

— Ah! êsse é em Lisboa. Aqui há apenas uma sucursal. Mas concorrida...

Na sala rompia agora um fogoso *fox-trot* em que os corpos se colavam e fundiam, às rajadas que vinham da música, sob a claridade crua.

Sorrisos, promessas, anseios de febre, recordações, tudo ondeava nessa hora acêsa e tumultuária. Os dois amigos, para espairecer e refrescar as faculdades, decidiram ir tomar cerveja ao ar livre.

Emquanto esperavam, numa mesa de jôgo, junto dêles, duas senhoras de idade iam altercando:

— Faltam aqui cinco mil reis, já disse!

— Não sei, não sei...

— Ainda agora aqui estavam!

— Veja dêles. Procure . . .

— Eu ganhei-os. São meus!

Outra senhora acudia do lado:

— Talvez estejam no chão.

— Qual chão! Tiraram-nos! Êles cá estavam, no meio destas notas!, clamava a vítima, erguendo-se.

E rosnando surdamente, cada uma das jogadoras se afastou para seu lado.

Vaz Ramos, depois do primeiro golo de cerveja, queria saber o que era aquilo, não compreendia . . .

— Uma bagatela. Questiúnculas sôbre o sétimo mandamento. Casuística . . .

— Mas então?!

— Sim, homem! Não esgazeie os olhos!

O que valeria guardar êsse e não seguir nenhum dos outros? . . .

— Tu estás paradoxal, Bernardo!

— Não estou tal; tu é que és ingénuo, eu sou justo. Mas não é tudo assim, nota bem. Há aí gente séria, com princípios de moral, com linha. Gente que chora diante do filho de um pescador, morto no mar.

Corações capazes de se apaixonarem, de terem um rasgo nobre. Os homens, os mesmos que tu conheces, pastores ou empregados públicos, mas sempre poetas líricos.

Sôbre mulheres, bem sabes: toda a mulher portuguesa, condessa ou corista, é sempre um poço de ternura onde vive a alma de uma costureira.

Escravas dóceis da sensação, se quiseres, mas só poderás ver desvairamento ou leviandade onde outras seriam perversas. Nós somos assim, todos ternura . . .

Vaz Ramos olhava para êle, admirando-o neste entusiásmo faiscante:

— Mas tu nunca tiveste semelhante opinião, Bernardo. Que eu saiba . . .

— Sim, talvez. Mas então brincava, agora falo sério. Temos de castigar, mas distinguindo sempre, para julgar e punir com acêrto.

É preciso refazer tudo, concordo. Ideias, moral, costumes, inteligência. Andam as coisas do avêsso em Portugal.

— E que queres tu? De onde virá a providência que acabe o pesadêlo? Não vejo...

— Não sei, não importa. Há de vir! Será o caos? Pois que o caos se faça e da desordem renascerá a ordem. Sempre ficarão a terra e o sangue, para reconstruir a Nação na sua fôrça e dignidade.

Sôbre estas últimas palavras, diante dos rapazes que reentravam, novo tumulto de dança rompia na sala, com a violência bárbara de quem pisasse com os pés as antigas graças de salão.

Vaz Ramos, vendo o relógio, declarava ter só vinte minutos para apanhar o combóio especial.

Inclinada e muito unida ao peito de Oscar Nunes, Bernardo via passar sua irmã, no contentamento de uma ilusão firme e prometedora.

Vaz Ramos, percebendo-lhe a contrariedade, despedia-se.

— Não esperas para falar ao Vasco?

— Hoje não posso. Dá-lhe cá um abraço.

— Então, adeus. Desculpa-me. Eu tenho de ficar ainda, para acompanhar a Elisa a casa, no fim do baile . . .

Malograda tristemente a segunda récita por tão indomável tirania amorosa, Madalena Fontoura não quís deixar de acautelar o futuro, apertando os laços dos partidários de Virgínia Brandão. Não se faria representação para o público, mas havia de haver festa para êles. Assim ficára decidido na tarde seguinte áquela em que, no palco, Leonôr da Cunha se despedira muito lacrimosa, confessando que não podia suportar o Luís *com aquela tromba.*

Já então Outubro se anunciára, brandamente aspergindo a sua palidez nos ramos assetinados e deixando sôbre o mar, à tardinha, grandes barras de enxôfre, tarjando as águas mortas. O pretexto da reunião seria um chá para os pinhais, na estrada do Cabo Raso.

Iriam depois do almôço, e lá longe, a

salvo de indiscreções e de murmúrios da Parada, amigos e aliados passariam essa tarde em convivência doce e vingadora.

Em respeito ao luto de Virgínia Brandão, que D. Madalena não dispensava, esse momento passaria sem ruído, numa pacatez familiar, entre um bosque, o mar e o céu.

Mas, feitas todas as exclusões com rigor, afastada a presença de Leonôr da Cunha, da mãe e do noivo execrando, ainda perto de vinte pessoas rodearam a mesa dêsse chá campestre, em que as mais lindas rendas alastraram como neve, sôbre a humildade da urze e dos piornos.

O que o brio despeitado de Madalena Fontoura ali fizera trazer por dois moços, era uma sólida refeição que contentava os olhos de todos, naquele momento de apetite saudável.

Mais uma vez se demonstrava que só às cinco da tarde, após o esfôrço de um passeio a pé, chegava a hora decente de se comer alguma coisa.

Mariana, por mais que, a pedido de Vasco, procurára desculpar-se, não conseguiu ver-se dispensada, sobretudo contra a opinião de D. Clara que, no seu maduro critério de mãe, achava que *parecia mal*.

Irremediávelmente, êles teriam de suportar, durante horas, a impertinência literária de Virgínia Brandão, os galanteios do Dr. Soares de Carvalho, lustrosos como o seu bigode, os dichotes murchos dos meninos, a loqùela perfumada e eriçada das raparigas.

E sem saber porquê, ao espírito de Vasco acudia a certeza de que a fórmula — *parece mal* — provinha de um éco de claustro de freiras, através de todas as gerações de mulheres. Nesse momento, odiou a regra e as convenções, como nos seus tempos de demência jacobina.

Agora, ali estava êle, junto de Mariana, defronte de Soares de Carvalho e de Virgínia Brandão.

Mariana de Sampaio vestia singela-

mente um fato de flanela, a cabeça abrigada num largo chapéu branco, uma pulseira de escrava correndo sôbre a alvura setinosa e rósea do braço.

No peito, como sempre, pregara a caravela de oiro e esmalte em fundo azul, que em preciosos cuidados Vasco encomendára na ourivezaria Leitão, com motivos por êle escolhidos, em velhas gravuras. Vendo aparecer essa joia na Parada, por entre a estranheza de tal ostentação, quando não se declarára ainda o noivado de Mariana, Lucrécia de Medeiros disse logo, entre risos faiscantes, que *aquilo era o bote em que o Vasco embarcava...*

Mas, embora lhe chegassem ruídos de motejo, Mariana reincidia bravamente, lembrando-se das palavras da carta em que Vasco, num símbolo adocicado, *lhe enviava a caravela para irem à conquista da ventura...*

Do mar vinha agora uma ondulação de aragem, acre e esperta.

Em torneios lassos, sôbre a humidade

dos rochedos, boiavam gaivotas, em brancos adeuses para a terra.

Muito ao longe, uma vela persinava-se, para adormecer, no carinho moribundo do sol. O pinhal, já preso de mistério, ia ensaiando em naves de sombra, scismadoramente, o seu nocturno.

A toda a roda dos convivas, os croquetes, as sanduiches, os pasteis loiros desapareciam, e o fundo lustroso dos pratos descobria-se no meio de um silêncio consolado.

Uma criada abria sucessivas garrafas de Bucelas, empilhadas, a reluzir sôbre uma pedra.

Madalena Fontoura, alegando falta de tudo, pedia que desculpassem; com tantas dificuldades, era o que tinha podido arranjar.

O Dr. Soares de Carvalho, informado de que os croquetes eram de casa de Madalena Fontoura, louvava-lhes a excelência:

— São de um paladar finíssimo, ce-

leste!, acentuava êle, com um copo na mão.

Depois, generalizava-se o elogio, em agradecida concordância.

As criadas sorriam daquele entusiasmo suspeito, emquanto Madalena Fontoura protestava, declarando-os humildemente um produto de indústria caseira.

Dois rapazotes, a par, animando-se na expansão, cochichavam com as suas namoradas, muito novas, muito frescas, agitando os garfos com veemência fulgurante.

Quando o champanhe surgiu do fundo de um cesto e as taças se foram espalhando na toalha fôfa, em todos os olhos clareou uma alegria cantante.

Soares de Carvalho, declarando-se ali, por dolorosa confissão, o mais velho daquela *encantadora assembleia* e espiando num lampejo de óculos o sorriso de Vasco e de Mariana, saudava a sr.ª D. Madalena Fontoura, rainha daquela festa e criadora de graça e de beleza nas almas...

Uma boca que ainda mastigava, deixou caír um comentário:

— Estás como um cacho, filho!...

Cumpria-lhe a êle e a todos lembrar e profundamente sentir a ausência do marido, o sr. Manuel Fontoura, legítimo representante da alta finança honrada.

Todas as taças se ergueram, num entusiasmo ressoante e sincero.

Outras saúdes se fizeram que o sorriso de Madalena Fontoura agradecia, devolvendo as honras a Virgínia Brandão. Por sua vez, a autora da *Vitoriosa,* mais pálida no seu luto, mostráva-se muito sensível, em acenos graves, quási fúnebres.

Então Delfina Fontoura, com seu ar atrevido, a testa cortada por uma boina côr de salmão, dirigiu-se ao Dr. Soares de Carvalho:

— O sr. Dr. é que devia agora ser mais uma vez amável e dizer-nos aqui a conferência...

Um aplauso festivo cobriu as palavras de Delfina. Era verdade, podia dizer-lhes

ali a conferência, como a melhor conclusão da festa. Soares de Carvalho, muito tranqùilamente, desculpava-se: era-lhe impossivel corresponder a êsse convite de tão linda boca, obedecer à mocidade que lhe era tanto mais prestigiosa, quanto de mais longe a via... Mas não tinha consigo o manuscrito e não sabia de cór duas páginas seguidas.

Virgínia Brandão dobrava-se para Delfina, promovendo conjura. A rapariga, vivamente, insistia:

— Mas sabe bocados, os melhores com certeza.

A mãe Fontoura aplaudiu Delfina: — o Dr. devia saber algumas tiradas.

Muitas vozes, rodeando o Dr. Soares de Carvalho, pediam conferência.

Estavam todos de pé. Na mansidão da tarde, as últimas sombras corriam atrás do sol que nas águas do mar gravava um sulco rutilante de violeta e oiro. Livre da barra, um grande vapor despedia-se na sereia, avançando para o largo, com seus dois

canos amarelos. Sem esperar vencer a resistência do Dr. Soares de Carvalho, os rapazes e as raparigas, com o sangue a pulsar mais forte, espalhavam-se pelo pinhal e pela quietação da estrada, em seus diálogos cortados e ansiosos.

Vasco e Mariana foram andando também ao acaso, ganhando distância.

Entre a comitiva, as senhoras continuavam a reclamar, não prescindiam da eloqüência de Soares de Carvalho. Por fim, deixando-se vencer, pedia apenas o tempo de se afastar a rapaziada, até ficarem *en petit comité*.

Emquanto o facundo advogado e conferente, erguido numa pedra, de olhos para o mar, repetia em largo gesto a passagem a que Virgínia Brandão chamava o *Hino das colunas,* os passos de Vasco e Mariana tinham vencido a curva da estrada, já no meio do pinhal, perdendo-se ao olhar benévolo de D. Clara Sampaio.

Mais animada, com uma audácia vibrante na voz e nos gestos, Mariana, pelo

braço de Vasco, comprimia-se contra o corpo dele, transmitindo-lhe o calor de uma excitação inquieta.

Com dificuldade, falava da sua impaciência, da grande distância a que ficava o casamento. Depois o que já diziam... Cercavam-na rumores e segrêdos de mau agoiro, tudo ilusão, que nada era feito... Tão custoso esperar o fim das obras...

Vasco desconhecia-a naquela inquietação aguda, de uma sinceridade excessiva, mas queria-lhe ainda mais. Todo aquele estremecimento de alma, aquela emanação de desejo, morna e lânguida, era por êle, pelo seu amôr.

Então Mariana queria falar-lhe numa coisa, Vasco havia de dizer-lhe que sim, que lho prometesse...

Inclinado para ela, Vasco deixava irradiar um sorriso de promessa, fôsse qual fôsse...

— Quero que faças o pedido, antes de saírmos de Cascais. Sim?...

Vasco, turvado na sua ventura, respon-

deu com um beijo, com outro e outro, nos olhos e na face de Mariana.

E ali ficaram parados, suspensos do mesmo desejo, alguns instantes.

Diante deles, através dos troncos azulados dos pinheiros, encrespava-se a flôr do mar, onde começara estremecendo a irradiação do farol da Guia.

Era alta a respiração de Mariana, falava pouco, mas todas as palavras caíam no coração de Vasco e lá ficavam brilhando e palpitando, como a voz da própria ventura.

Sem dar por isso, tinham-se sentado num cômoro de erva sêca, face com face. No céu escurecia mais, como se na tardinha fôssem diluindo, subtilmente, novas camadas de tinta.

Vasco tomava-lhe a mão com maior fôrça, sentindo proclamar-se, nesse firme contacto, a união inquieta dos corações.

Em silêncio, de novo as faces se encontraram, florindo em desejo, e Mariana, resolutamente introduzia na boca de

Vasco um beijo longo e sábio... Sentindo-lhe o alarme da carne em fôgo, a sua mão incerta procurava ainda..., quando Vasco por impulso repentino se ergueu, num protesto tumultuoso de todo o seu sêr.

Da beira da estrada, caíndo sôbre a mudez que ali os distanciava, a voz de D. Clara atravessou, como eco de cemitério, o negrume abafado do pinhal:

—Vamos, meninos! Basta de poesia!...

E eles foram andando, andando, um ao lado do outro, receosos de tombar nos sepulcros em que se lhes abriram as almas, aliviando os passos sôbre as pedras e os ramos, para não sentirem estalar os estilhaços dos proprios corações...

Tres dias depois, já no Ingarnal, Vasco levantara-se tarde. De véspera, pedira a Mateus que não o acordasse, nem mesmo para levar o correio.

Mas, pela manhã alta, através de uma

porta mal fechada, o sol ia gritando num espelho o seu brilho vivo e implacável. Na meia sonolência, Vasco ouvia as duas horas, que da sala contígua lhe mandava em seu minuete, um relógio de bronze Luiz XV.

No cansaço e torpor com que abria os braços e a boca, ecoava a exclamação fatídica de Luís Bastos em Paris. Levantou-se vacilante e, embrulhado num roupão, assim atravessou o escritório, à procura de jornais. Sôbre a pasta em que escrevia, esperava uma carta. Era de Bernardo. Vinha contar-lhe o alvoroço escandaloso da sua partida inexplicável de Cascais.

Não se falava agora de outra coisa e as conjecturas eram desfavoráveis para os sentimentos de Vasco.

Ainda ontem, escrevia Bernardo, *no chá da condessa de Reveles, o caso era comentado acerbamente. Eu declarava ignorar tudo. Ninguém me acreditou.*

A Lucrécia Medeiros, contando em meias palavras qualquer coisa que se aproximava

da verdade, produziu em todas as damas um espanto desdenhoso. Então a condessa de Reveles, com aplauso geral, resumiu a sua apreciação nesta frase, sorrindo:

—« Ora, se êle acabou o namoro por causa disso, é porque não é um rapaz de sociedade... »

Aqui tens, meu caro, o juizo irremediável da tua condenação: não és um rapaz de sociedade...

Do mais que se passar irei dando conta, se tais novas te interessam.

Vasco dobrou a carta, com sorriso amargo e vencido, para dizer a si mesmo em eco triste:

— Está bem.

Depois, encostou-se à mesa, esmagado no seu abandono, sofrendo ali a inutilidade de tudo quanto o rodeava. Sentindo-o levantado, Mateus abriu a porta, trazendo um cêsto de rosas brancas.

— V. Ex.ª dá licença? Passou melhor a noite?

— Obrigado, Mateus.

— As senhoras da Paiágua, a sr.ª D. Maria do Carmo e a menina, com muitos cumprimentos, mandaram agora saber se V. Ex.ª tinha chegado bem. E que ofereciam estas rosas, para o escritório do sr. Dr.

— Que lindas flôres, Mateus! E que viçosas!

— São lindas, meu senhor. E muitas.

— Pois, dize lá que... que cheguei bem, sim, e que muito agradeço o cuidado das senhoras e as flôres... Que são lindas!

— Sim, meu senhor.

— E olha, Mateus, mete-as já em água, para não murcharem. E compõe por aí a casa com elas. Arranja-as bem. Como são muitas...

O criado saía com o cesto para o corredor.

— Ó Mateus!

— Senhor doutor.

— Ou, se não, deixa aí ficar as flôres e traze para aqui as jarras e os solitários.

— Para aqui?!

— Eu mesmo as quero compôr. Deixa ficar.

— O sr. Dr? Ora esta...

— Sim. Vai lá dentro buscar um jarro de água.

No silêncio que se alongou, para alêm do escritório, pela calmaria do céu, voava, tonta de luz, a estrofe alacre de um côro de vindimadores.

E emquanto o criado não voltava, Vasco debruçou-se para o cesto florido, na alma aspirando a pureza virginal e perfumada daquelas rosas de Outôno...

1919-1921.

LISBOA — Torre de S. Julião da Barra.

Casa da Fonte — S. Vicente da Beira.

ÍNDICE

I — VASCO DE BRITO 9

I — AQVI SE VÊ LISBOA 11
II — LARARIO DE VIRTVDES 71
III — PODER DA LÓGICA 119

II — PARIS ! 187

I — OLHOS PARA VER 189
II — A FALLEN IDOL 225

III — RESSVRREIÇAO 269

I — A CAMINHO 271
II — VIVVNT MORTVI TVI 343

IV — ENGANO LEDO E CEGO 417

I — GENTE DE SOCIEDADE 419
II — AO SVBIR DA ESPERANÇA . . . 467
III — MIANA 517
IV — CINZA E NADA 581

BINDING SECT. MAR 2 8 1968

PQ
9261
R32S4

Raposo, Hippolyto
Seara nova

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 14 012 3